# Viagem Mitológica através da Astrologia

*LUCIA SCAVONE*

# Viagem Mitológica através da Astrologia

Série Diversos

*Direção*
JAYME SALOMÃO

Imago

© 1995 Lucia Scavone

*Capa*
LUCIANA MELLO

*Colaboração (texto e pesquisa)*
REGINA MARIA F. DE NORONHA
MÔNICA FOMM RIVERA

*Ilustrações*
MARCELO CASÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Scavone, Lucia
S315v Viagem mitológica através da astrologia/Lucia Scavone; [colaboração (texto e pesquisa), Regina Maria F. de Noronha, Mônica Fomm Rivera]. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995
264p. (Série Diversos).

Inclui bibliografia.
ISBN 85-312-0458-5

1. Astrologia. 2. Mitologia. 3. Ciências ocultas. I. Título. II. Série.

CDD – 133.5
95-0780 CDU – 133.52

Reservados todos os direitos
Nenhuma parte desta obra poderá ser
reproduzida por fotocópia, microfilme,
processo fotomecânico ou eletrônico
sem permissão expressa da Editora.

1995

IMAGO EDITORA LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A – Estácio
20250-430 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 293-1092

Impresso no Brasil
*Printed in Brazil*

# Sumário


AGRADECIMENTOS 7

PREFÁCIO 9

INTRODUÇÃO 11

DIVINDADES PRIMORDIAIS 15

DOS MITOS DO ÁRIES 23
*Ares; Robin Hood; Jasão; Amazonas*

DOS MITOS DO TOURO 41
*Afrodite; Deméter; Teseu; O Touro Ferdinando*

DOS MITOS DO GÊMEOS 61
*Hermes; Cástor e Pólux*

DOS MITOS DO CÂNCER 75
*O Caranguejo Gigante; Eurínome e Ofião;*
*Gaia, a Grande Mãe-Terra; Ártemis; Aquiles*

DOS MITOS DO LEÃO 99
*Hélio; Apolo; Héracles e o Leão da Neméia; Ônfale; Narciso*

DOS MITOS DE VIRGEM 125
*Hermes Hefestos; Héstia; Asclépio*

DOS MITOS DA LIBRA 145
*Afrodite; Palas Atena; Hera; Páris*

DOS MITOS DO ESCORPIÃO 173
*Hades; Orestes; Héracles e a Hidra de Lerna*

DOS MITOS DO SAGITÁRIO 191
*Zeus Pather; O Centauro; Quíron*

DOS MITOS DO CAPRICÓRNIO 209
*Cronos; Pã, Sátiros e Faunos; Vertumno e Pomona; Bodhisatwa*

DOS MITOS DO AQUÁRIO 225
*Urano; Prometeu; Deucalião e o Dilúvio*

DOS MITOS DO PEIXES 239
*Poseidon; Tifão; As Sereias; Dioniso*

BIBLIOGRAFIA 259

# Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, ajudaram na criação deste livro. Aos meus alunos, clientes e amigos que foram, muitas vezes, a fonte inspiradora das histórias que relato e que sempre foram um estímulo para continuar o caminho! Em especial agradeço a Marcelo Frederico Freitas Casé, que gentilmente cedeu as ilustrações deste livro.

Reconheço agradecida o apoio de minha família, da minha filha, dos amigos mais próximos, do Almte. Noronha e de D. Heloísa, que nos cederam o espaço onde este trabalho foi feito.

Agradecimentos especiais ao meu companheiro de vida, A.C. Scavone, por seu amor, seu esteio, sua paciência e pelas inúmeras contribuições valiosas que me ajudaram a concluir este livro.

E, finalmente, quero agradecer – muito especialmente – a Regina Maria de Noronha, que desde o início forneceu a infra-estrutura e a organização, além de seu tempo e dedicação, elementos sem os quais este livro não teria sido possível. A Mônica Rivera, cujo apoio e habilidade ajudaram neste parto. E agradeço ao Universo a chance desta vivência!

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1994.
Lucia Scavone

# Prefácio

Você sabe, é só recordar.
*Hermes Trismegisto*

Percorrendo o Caminho do Zodíaco, Lucia Scavone nos leva a um confronto direto com os mitos relacionados a cada signo, seus mistérios e suas possibilidades de integração.

De Áries a Peixes a estrada está sinalizada: cada curva, cada lombada, cada perigo é previamente assinalado de forma a manter o viajante apto a escapar das armadilhas do percurso.

Nessa Viagem cheia de imprevistos e aventuras, o leitor se identificará ora com um ora com outro herói deste fabuloso panteão mitológico. Ao longo da vida, os trânsitos astrológicos (movimento dos planetas fazendo contatos com os planetas de nosso mapa natal) se encarregarão de nos propiciar a vivência de mitos diversos, diferentes do mito natal. Assim, durante um trânsito de Plutão (planeta regente de Escorpião) aprendemos a lidar com as tarefas mitológicas próprias aos escorpianos. Sem os trânsitos, a experiência dos outros signos permaneceria uma eterna incógnita.

Mais cedo ou mais tarde, todos os signos serão visitados...

Viagem Mitológica Através da Astrologia abre um portal para o autoconhecimento, para a terra desconhecida de nossos anseios, desvelando o propósito de nossa alma.

A narração do mito desperta uma indefinível ressonância em nosso íntimo: "Já conheço esta história, já vivi alguma vez, em algum lugar..." Esse tempo impreciso, esse lugar indeterminado é o Inconsciente Coletivo onde moram todos os arquétipos.

O mapa de viagem apresentado por Lucia Scavone é uma preciosa indicação para a descida a este Inconsciente. Cada vez que mergulhamos em suas águas profundas voltamos revigorados, cheios de vida e de prazer. Neste vasto oceano de mitos e heróis está a fonte de toda criatividade. Um mergulho na superfície não alcança o significado da vida e o ato criativo é abortado. Só o mergulho em profundidade, a busca do propósito da alma, do objetivo do Si-Mesmo, a fome de autoconhecimento podem conduzir o herói a salvo.

Nesse sentido, o presente volume é fonte inesgotável de respostas a todos os que buscam. O desenvolvimento de um mito acompanha de muito perto o processo de individuação de todo ser humano.

Com formação em Psicologia e Astrologia, Lucia Scavone constrói pontes facilitando o encontro dessas duas linguagens aparentemente distantes. Generosamente, ela oferece a seus leitores, clientes e alunos os meios de transitar livremente em ambos os continentes. Boa Viagem!

*Maria Luiza de Castro Andrade*

# Introdução

"Mitologia é a música das esferas, a verdadeira canção do Universo.
É a música que todos dançamos, mesmo sem saber seu tom."
Joseph Campbell, *The Power of Myth.*

## Dos Mitos

Mitologia significa, literalmente, um tratado de fábulas. Se examinarmos a História Universal, perceberemos que todas as tribos e civilizações possuem seus conjuntos de Mitos, ou seja, sua Mitologia.

Dependendo do grau de cultura e de civilização, essas histórias variam no requinte de sua tapeçaria. Mas sempre se constituem numa forma imaginária de narrar a história humana, sem se preocupar com a cronologia dos acontecimentos ou seu espaço. A magia que emana de cada fato é captada e preservada numa outra memória, a mítica, e espelha a eternidade do arquétipo presente no cotidiano da vida.

Através dos arquétipos, que são princípios essenciais permanentes na raiz da sua história, o homem comunga com o Cosmos e sente-se participante do Universo.

A Mitologia faz com que a raça humana se sinta imortal e livre dos laços que a prendem ao transitório. Suas histórias se repetem através dos séculos, trocando os nomes dos personagens e ilustrando sua desgraça e grandeza. Seu fabulário permite que mergulhemos no oceano infinito da essência do homem.

Estudando os mitos, elevamos nossa consciência a um nível que é espiritual, porque eles são a chave para a potencialidade espiritual mais profunda. Eles nos mostram que a eternidade tem seu lugar certo aqui e que seu momento certo é agora. Experimentar a eternidade do aqui e do agora é o grande desafio da vida humana.

Dentre todas as Mitologias, a Mitologia Grega ocupa um lugar especial. Ela sintetiza todas as histórias, lendas e mitos da Antigüidade e é, sem dúvida, a mais arraigada e próxima de nossa civilização ocidental. É através dela que estudaremos a relação entre os signos e os mitos. Cada um dos doze signos zodiacais

representa uma parte de um todo que é o círculo do Zodíaco, símbolo do Grande Relógio Cósmico – eterno ciclo do Ser e Existir.

Compreenderemos melhor a essência de cada signo e sua função dentro do Todo, resgatando sua raiz arquetípica contida na Mitologia. E, através dessa compreensão, nos aproximaremos mais de nossa própria essência.

Os mitos podem nos levar à transformação da consciência, ensinando-nos a ver a vida poeticamente e nos convidando a participar dela ativamente, em sintonia com o grande **ritmo universal.**

## Dos Signos

Certamente, na leitura deste livro, podemos nos identificar com aspectos de outros signos diferentes do nosso signo de nascimento, também chamado signo solar. Aqui estamos falando de histórias arquetípicas, portanto armazenadas em algum lugar do inconsciente de cada um, que são universais e fazem parte tanto da História da Humanidade, como das jornadas individuais.

O Mapa Astrológico não é estático, nem fechado. Cada pessoa tem, no seu Mapa Natal, uma combinação de energias planetárias e zodiacais, que envolve os doze signos e todos os planetas com seus diversos aspectos, que são os caminhos de circulação dessa energia. Cada um dos signos possui um signo oposto e complementar, que corresponde a sua sombra, com quem perfaz um Eixo Zodiacal. Ao todo, são seis eixos do zodíaco: Áries – Libra; Touro – Escorpião; Gêmeos – Sagitário; Câncer – Capricórnio; Leão – Aquário; Virgem – Peixes. Eles fazem parte dos ensinamentos da mestra Emmy de Mascheville, e estão descritos em seu livro *Elementos Básicos de Astrologia.*

Quando nos referimos a *signos enfatizados,* estamos falando não apenas dos nativos desse signo, mas também daqueles que o têm como signo Ascendente, ou ainda que possuem vários planetas, especialmente os chamados pessoais: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus e Marte no signo em questão. Às vezes, um planeta no Ascendente, ou em conjunção com o Sol, pode imprimir de tal forma sua energia que a pessoa expressa as características desse astro misturadas com as de seu signo solar. Outras vezes, a presença da Lua em determinados signos pode se tornar tão forte que esse passa a funcionar como um signo subjacente, e a pessoa se identifica com ele tanto quanto com seu signo natal.

Quando falamos em *planetas enfatizados* estamos nos referindo às posições angulares, isto é, que correspondem aos quatro pontos cardeais: Ascendente, Descendente, Fundo do Céu, e Meio do Céu, e também à presença do planeta

no signo ou casa que ele rege, ou ainda em conjunção com os planetas pessoais, especialmente com o Sol e a Lua.

Neste livro estudamos a relação entre os Signos Zodiacais e a Mitologia. Os Mitos nos ensinam a ver a vida poeticamente e a participar dela ativamente, rompendo os laços da efêmera transitoriedade e resgatando nossa comunhão com o cosmos. A Astrologia nos ajuda a entrar em contato com a essência do que somos, e a traduzir e transformar esse potencial em ação concreta. Porém está em nossas mãos manter contato com a essência, e aprender a viver em harmonia interna sem perder a conexão com o ritmo cósmico.

# Divindades Primordiais

*"No princípio era o **caos**", conta Hesíodo, o poeta. No caos está contida a essência de todas as coisas. Como o inconsciente, é amoral, disforme, atemporal, pura extensão ilimitada.*

*Da acumulação de partículas dispersas surgiu a primeira forma: **Gaia**, a Grande Mãe-Terra, a primeira realidade sólida, o princípio de toda Criação. Do caos surgiram ainda o **Érebo**, a Morada das Sombras, a parte escura e não iluminada da Terra, e a **Noite** que engendrou o **Éter**, a Luz dos Deuses, e também o **Dia**, a Luz dos Mortais.*

*Gaia reinou plena e absoluta durante muito tempo, mas sua solidão levou-a à criação de **Urano**, o céu estrelado, um companheiro que a cobria completamente todos os dias. Criou também as montanhas, as ninfas e **Ponto**, o mar.*

*Por esse tempo rondava no Caos uma poderosa força primitiva: **Eros**, o amor universal. A partir dele, nenhuma força poderia mais fecundar sozinha. Assim, a união de Gaia e Urano foi provocada por esta energia básica e universal. E do casamento do Céu e da Terra nasceu a raça humana.*

*Pronto o palco, surgem os personagens. Os primeiros foram os Ciclopes, criaturas gigantescas, selvagens e disformes, com um só olho; e os Hecatônquiros, monstros de cem braços. As primeiras formas, pouco evoluídas, distanciavam-se ainda das características humanas. Posteriormente surgiram os Titãs e as Titânias, forças violentas que povoaram o mundo e iniciaram a longa e penosa história. Alguns destacaram-se por seu poder, outros pela tragédia. Os mais importantes são os seguintes:*

***Têmis:** A Justiça. Sua tarefa era manter o equilíbrio eterno do mundo.*

***Mnemósine:** A Memória Universal, a lembrança conservada tanto nos monumentos quanto na alma dos homens.*

***Tétis:** A Alma Feminina do Mar, que uniu-se a seu irmão **Oceano**, e juntos geraram 3000 filhos — todos os rios do mundo.*

***Hipérion:** Aquele que vive nas alturas. Casou-se com Téia, a Divina, e juntos geraram **Hélio**, o Sol, **Selene**, a Lua, e **Eos**, a Aurora.*

***Jápeto* e *Clímene:*** *Tiveram quatro filhos infortunados, cuja glória foi alcançada através de imensos sacrifícios.* ***Atlas****, o gigante condenado a carregar o mundo nos ombros.* ***Menécio****, o ousado guerreiro que enfrentou Zeus.* ***Prometeu****, o mais famoso, que desafiou o poder olímpico junto com seu irmão gêmeo* ***Epimeteu****, pagando tragicamente por isso.*

***Cronos:*** *Conhecido, pelos romanos, como Saturno, representou o papel mais importante. Deus do tempo, que tudo regula, comanda e devora, sem piedade ou apego. Construía o futuro. Lento, revolucionava a natureza, de forma constante, às vezes quase imperceptível. Sobrepôs-se ao seu próprio pai, alterando o palco da vida, criando uma* ***Nova Ordem****, fundando uma* ***Nova Era.***

***Réia:*** *A deusa Lua, foi a mulher de Cronos.*

*O temperamento de Urano era muito difícil. Ele rejeitava os Ciclopes e os Hecatônquiros, famosos por sua brutalidade e rebeldia. Obrigou-os, então, a viver no Tártaro, a treva profunda da Terra, sem nunca verem a luz.*

*Gaia sofria com a reclusão dos filhos e com a fecundidade contínua que Urano lhe impunha. Todas as noites Urano cobria Gaia com seu manto e a Natureza era, então, novamente fecundada. A cada dia, novas criaturas nasciam, pois sendo o Céu, o Infinito, Urano rege a criação ilimitada.*

*Gaia, com muita raiva, engendrou uma terrível vingança. Pediu a ajuda dos filhos, mas todos se recusaram. Apenas Cronos atendeu. Sequioso de poder e revoltado com o sofrimento da mãe, partiu para a ação.*

*Durante muito tempo, Gaia preparou uma foice de sílex, que se transformaria no instrumento do seu plano. De posse dela, Cronos, escondido, esperou o pai aproximar-se da mãe para uma nova fecundação. Atirou-se contra ele, e, graças a sua maior agilidade, conseguiu dominá-lo, e o castrou.*

*Mas tal era o poder de fecundação de Urano que o sangue jorrado fecundou novamente a Natureza. Dele nasceram as Meliades, ninfas dos carvalhos, e as Erínias, as deusas da Vingança, que vieram para vingar os crimes consangüíneos. Foi em vão: Cronos já concentrava todos os poderes do mundo.*

*Ao jogar os testículos do pai ao mar, formou-se uma espuma do seu sêmen, e dela emergiu* ***Afrodite****, a deusa do Amor e da Beleza. Nascendo longe de Gaia e sendo uma mistura do Céu e do Mar, Afrodite foi transportada por Zéfiro, o vento, para a Ilha de Chipre, que lhe foi consagrada. Era mais uma demonstração da imensa força criadora de Urano.*

# A Ordenação do Caos

*Cronos manteve os Ciclopes e os Hecatônquiros prisioneiros nos subterrâneos, passando a reinar absoluto. Instaurou e fundou uma nova era:* ***a Era de Ouro de Saturno.***

*Nesse tempo, a Terra produzia, espontaneamente, todo o necessário para a nutrição dos homens. Tudo era distribuído igualmente, num clima de paz, muito trabalho e bastante progresso.*

*No entanto, Gaia, pivô de toda a história, não estava contente. Na verdade, não queria a morte de Urano, seu primeiro filho e apaixonado amante. Desejava apenas assustá-lo com o intuito de libertar seus filhos e deter a avalanche da fecundação contínua. Ela não imaginava que Cronos avançasse tanto na sua sede de poder e ainda mantivesse seus filhos prisioneiros. Lançou-lhe, então, uma maldição: um de seus filhos haveria de subjugá-lo e tomar-lhe o trono, como ele havia feito com seu pai.*

*Cronos desposou Réia, sua irmã, e tiveram muitos filhos. Para evitar que a maldição de sua mãe se cumprisse, devorava-os quando nasciam. Assim foi com Hades, Poseidon, Deméter, Héstia e Hera.*

*Mas um filho,* ***Zeus,*** *conseguiu escapar desse holocausto. Réia, auxiliada por Gaia, fugiu para as montanhas da Arcádia para parir o filho e entregou-o à Mãe-Terra, que o acolheu e confiou sua criação aos pastores e às ninfas da Ilha de Creta. No lugar de Zeus, Réia, entregou a Cronos uma pedra envolta nos panos da criança, que foi imediatamente engolida. Cronos percebeu o logro e partiu, furioso, em busca do filho. As ninfas protegeram o bebê com o canto dos pássaros e a flauta dos pastores, para que ele pudesse sobreviver e cumprir a profecia.*

*Adulto, Zeus voltou para enfrentar o pai. Réia preparou uma poção, que ele misturou ao leite, e deu-a para Cronos beber. O pai caiu em sono profundo e vomitou todos os filhos engolidos. Agradecidos, os irmãos acataram a liderança de Zeus e pediram que este, junto com os Titãs que o apoiavam, travasse uma luta contra os Titãs fiéis a Cronos, liderados por Menécio.*

*A guerra já durava 10 anos, quando Zeus, cansado, procurou Gaia e, sob a condição de libertar seus primeiros filhos, conseguiu seu apoio. Os Ciclopes, em agradecimento, deram-lhe o poder sobre os raios; a Poseidon, deram o tridente; e a Hades, o capacete da invisibilidade. Eram as armas da vitória.*

*Uma vez vencido, Cronos foi expulso para o Tártaro — ou para a Terra dos Homens, segundo a versão de Hesíodo.*

*Zeus firmou seu poder dividindo o Universo com seus irmãos. Poseidon recebeu o reino das Águas e dos mares; Hades, o reino dos Ínferos, dos mortos;*

*Zeus tomou para si tudo o que estava acima da Terra e nos ares. Separou os deuses dos mortais. Criou o* ***Olimpo*** *e instaurou uma nova era:* ***a Era Olímpica.***

*Em síntese, podemos observar que a História da Criação apresenta até aqui três momentos distintos. No primeiro, Gaia, sozinha, criou Urano e juntos começaram a história da criação. É o movimento da própria força criadora em direção à multiplicação.*

*No segundo, Cronos, fruto desta criação, rebelou-se contra o pai, instaurou uma nova ordem e uma nova era. Porém, isso aconteceu no mesmo plano, o plano da terra. É o movimento da criatura rompendo o condicionamento do seu destino e fortalecendo o poder da mãe.*

*No terceiro, Zeus, filho de Cronos, dividiu o Céu e a Terra. Os deuses passaram a morar no Olimpo e os homens foram entregues a sua própria sorte, na Terra. É o movimento que rompe uma hierarquia, quebrando uma determinação do destino, mostrando a força do livre-arbítrio. Coincidiu com a passagem do matriarcado para o patriarcado. De uma grande Deusa-Mãe de todas as criaturas, passamos a ter um grande Deus-Pai.*

## As Quatro Idades da Terra

*Segundo o poeta Hesíodo, em sua obra intitulada Teogonia, Cronos, depois de vencido, perdeu sua condição divina e foi reduzido a um simples mortal. Condenado a viver entre os homens, na terra, iniciou um novo ciclo. Escolhendo a Itália como refúgio, reuniu lá as tribos selvagens que viviam espalhadas nas montanhas e tornou-se seu primeiro rei. Deu, então, início às quatro grande Idades da Terra.*

*A primeira dessas idades,* ***a Idade do Ouro****, foi o apogeu do reinado de Cronos. A Terra era um bem comum. A natureza, generosa, produzia tudo o que os homens precisavam para viver. Não existia a propriedade privada e nenhum ser humano podia ser colocado a serviço de outro. Imperava o respeito à igualdade, à harmonia e à abundância. A morte era considerada um "doce sono" e os mortos transformavam-se em guardiões dos mortais.*

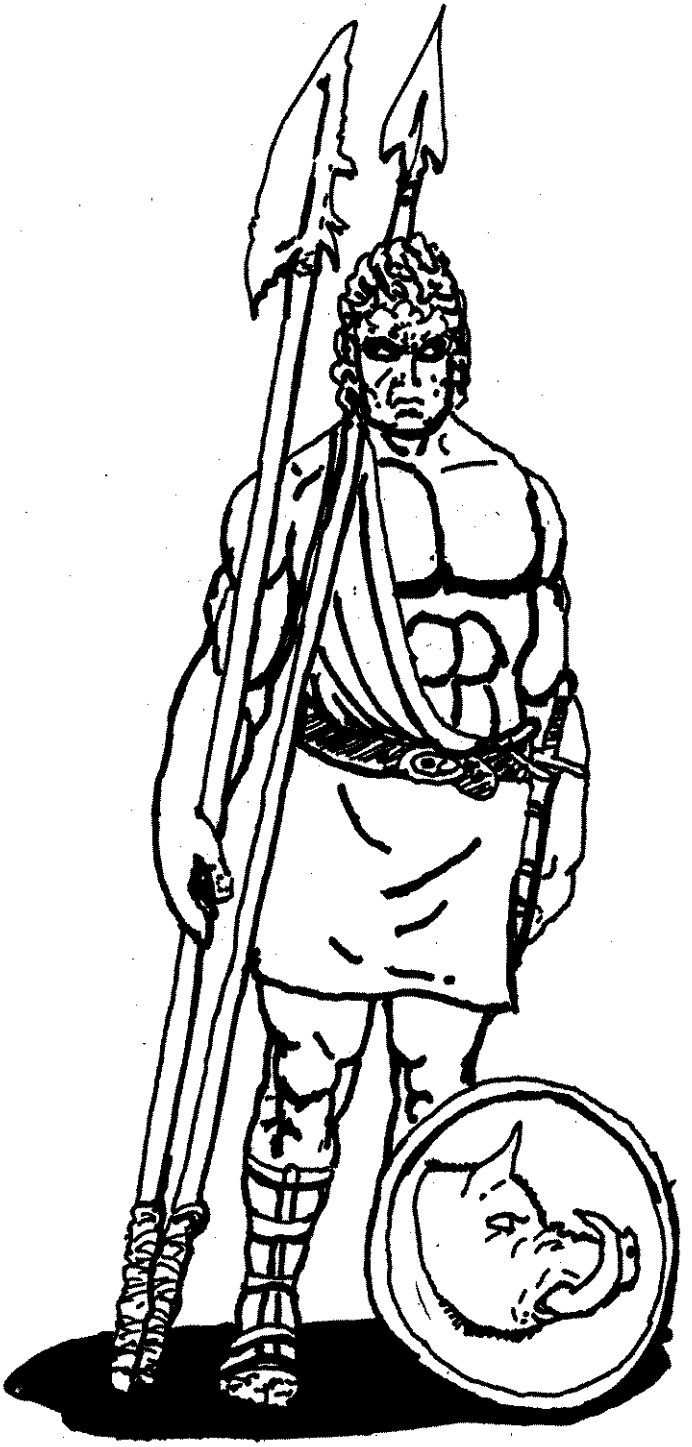
*A segunda idade foi denominada* ***Idade da Prata.*** *Nela ocorreu o enfraquecimento de Cronos, que já não era mais divindade primordial e eterna. No final do seu reinado, a Terra, cansada, já não produzia alimentos para todos. Nessa Idade, o homem precisou aprender o cultivo da terra. Esse trabalho gerou a divisão em propriedades e se iniciou uma série de disputas entre proprietários e trabalhadores. A perversidade tornou-se tônica dominante e começou a tomar conta do coração dos homens.*

*Na terceira idade, intitulada* ***Idade do Bronze****, assistimos ao desaparecimento de Cronos. Ele é, então, eternizado nas estrelas, transformado em arquétipo. Sem líder, a iniqüidade tomou conta dos homens e passou a dominar com suas disputas e combates; a Terra deixou de ser um bem comum, a propriedade privada foi instituída e com ela as leis e os castigos. Os primeiros metais foram descobertos e seu uso foi orientado para a fabricação de armas.*

*Segundo Hesíodo, antes da* ***Idade do Ferro*** *teria existido a dos Heróis, quando aconteceram as Guerras de Tróia e de Tebas. A Idade do Ferro foi marcada pelas guerras, injustiças e crimes. A vida humana tornou-se dura e entrou em progressiva decadência. Essa Idade se estende até os dias de hoje.*

*A divisão em Idades encontra similares em outras culturas. Na Hindu, por exemplo, eram chamadas Yugas. Segundo eles estaríamos agora na Kali Yuga, uma época de muita destruição, semelhante à Idade do Ferro.*

*Esta é a forma como os povos antigos explicaram a decadência da Humanidade. Ela começou com a divisão entre o Céu e a Terra. Daí nossa necessidade de resgatar esta conexão entre o macro e o microcosmo. Para tanto, é preciso conscientizar-nos que esses deuses celestes fazem parte de nós. E na busca da sintonia perdida estaremos refazendo essa imensa estrada de duas mãos: o caminho do macro para o micro e vice-versa, a plenitude do grande* ***TAO.***



# Dos Mitos do Áries

Áries, o primeiro signo, pertence ao elemento **fogo**. Sua representação na natureza é a **faísca**, a ignição, a fagulha que pode gerar um grande incêndio.

A imagem que melhor o representa é o Aríete, tronco de madeira, geralmente, com cabeça de carneiro na ponta, usado nas guerras para abrir à força os caminhos, derrubando os obstáculos, conquistando novos rumos. Além desta, outras metáforas também estão associadas a este signo: a primavera, o amanhecer, a semente, o chapéu, o clarim, o arauto, o foguete, as chaves, a Fórmula 1, os telhados, os heróis, os objetos fálicos. Seu animal símbolo é o **carneiro**. E o galo, sua ave consagrada. Sua arma favorita é a espada curta, símbolo da luta pessoal e do corpo-a-corpo. Outras armas que também o representam são: o revólver, a catapulta e a baioneta. No corpo humano, Áries rege a cabeça e o rosto.

Seu planeta regente é Marte, e tem como principais características: aceleração, impulso, iniciativa, pioneirismo, afirmação do ego, individualidade, liderança, coragem, franqueza, honestidade, fidelidade, entusiasmo, energia vital, amor à vida, impaciência, precipitação, ingenuidade e ação. É chamado a criança do Zodíaco.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Ares

*Filho de Zeus e Hera, era chamado o grande **deus da Guerra**. Para os romanos, que o chamavam **Marte**, ele era o pai de Rômulo e Remo, fundadores de Roma, sendo assim muito cultuado por eles. Para os gregos, era sinônimo de força bruta e cega. Era o Espírito da Batalha, que se rejubilava com a carnificina e o sangue. Sófocles chamava-o "flagelo dos homens, o bebedor de sangue".*

*Era odiado por todos os olímpicos, com exceção de Afrodite. Palas Atena considerava-o a "encarnação do mal". Seu pai, o grande Zeus, condenava seu rude comportamento e sempre se colocava contra ele. Havia uma versão na qual ele era somente filho de Hera. Na verdade, nas representações mais antigas, pré-helênicas, Ares seria o título do chefe militar de Hera, cujo*

*emblema era um javali selvagem. Quando o culto olímpico foi instituído, a função do deus da Guerra foi atribuída ao chefe militar.*

Sendo Áries um signo de fogo, eles costumam lidar com suas emoções de forma distanciada. Assim, essa rejeição que os olímpicos tinham com relação ao deus não o afetava. Os arianos enfrentam seus problemas sentimentais com a mesma coragem que encaram as batalhas; logo encontram uma solução. "A questão tem que ser resolvida, mesmo que o que você resolva esteja errado." Esta é uma frase tipicamente ariana. Têm sempre disposição para começar de novo.

*Uma vez foi queixar-se de Atena com Zeus. Este, porém, olhando-o com desdém, replicou:*

> "Não venhas choramingar perto de mim, inconstante. És, para mim, o mais detestável dos deuses que moram no Olimpo, pois amas sempre a discórdia, a guerra e as batalhas. Tens o espírito intolerável e teimoso de tua mãe Hera. Mal consigo contê-la com palavras. Penso, portanto, que foi por causa dela que sofreste desse modo. Não permitirei, porém, que sofras, pois és meu filho. Se, insolente como és, fosses filho de qualquer outro dos deuses, terias sido rebaixado de há muito entre os filhos do céu."[1]

*Seu* habitat *preferido era a Trácia, país selvagem, de clima rude, rico em cavalos e percorrido por hordas de violentos guerreiros. Lá viviam as terríveis Amazonas, tidas como descendentes do deus.*

*Ares movia-se pelo impulso e pelo uso da força. Não valorizava a ideologia. Era um mercenário por excelência. Seu reino eram os campos de batalha. Nestas, era acompanhado por um cortejo de divindades terríveis: Ênio, a destruidora das cidades; Eris, a discórdia; Deimos, o terror; Fobos, o medo e, segundo alguns autores, Queres, os gênios da morte. Na Guerra de Tróia, algumas versões contam que ele descia do Olimpo em seu carro de fogo e lutava indiscriminadamente, ora pelos gregos, ora pelos troianos. Trocava de lado para manter acesa a chama da batalha, refazendo sua energia através da luta.*

Áries é um signo que conta sempre com a própria força para vencer os obstáculos e abrir os caminhos. Marte, seu planeta regente, representa a energia vital. Como o deus, os arianos refazem sua energia em ação; sendo assim, o desafio é sua força motriz.

---

1 Homero. *A Ilíada*, p. 64. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

*Outros autores defendem que o deus teria lutado ao lado dos troianos, embora não estivesse preocupado com a justiça da causa que defendia. Provavelmente escolhera esse lado por causa de sua amada Afrodite. Não agia com a razão, reagia emocionalmente.*

O arquétipo de Ares está presente nas reações intensas e apaixonadas. Um ímpeto emocional requer uma ação física imediata. Este é um arquétipo reativo que vive o eterno aqui e agora. Este caráter é representado pela enorme energia vital dos arianos e por seu amor à vida, que os torna corajosos e destemidos mesmo frente a grandes dificuldades.

*Os gregos cultuavam Palas Atena, deusa da sabedoria, inteligência e equilíbrio, e desprezavam Ares, criando uma imagem negativa do deus. Mesmo sendo o Senhor da Guerra, foi derrotado várias vezes por Atena, vencido por Héracles, ferido por Diomedes. A deusa escarnecia, desafiava e insultava-o, os gregos clamavam a superioridade de Palas. Ares era o menos respeitado e cultuado dos olímpicos.*

*Na* Ilíada, *Homero colocou os dois deuses em confronto direto.*

> "...eis que Ares, o trespassador de escudos, tomou a dianteira e foi o primeiro a investir contra Atenéia, empunhando a lança de bronze. E disse, enfurecido: 'Então, mosca de cão, lanças os deuses uns contra os outros, com tua tempestuosa coragem? Porque teu grande coração te incita? Lembras-te de quando incitaste Diomedes, filho de Tideu, a ferir-me e tu mesma, abertamente, empunhaste tua lança e arremessaste contra mim e cortaste minha carne? Acho, portanto, que deves pagar pelo que me fizeste'."[2]

*Em seguida, furioso, arrancou-lhe das mãos o escudo. A deusa retirou-se estrategicamente, mas jurou vingar-se do adversário. Aguardou o momento adequado, atirou uma pedra ao pescoço de Ares, o deus da Guerra caiu e suas armas se espalharam pelo chão.*

> "Palas Atenéia deu uma risada e, vangloriando-se, disse estas palavras: 'Pobre tolo, não tinhas compreendido ainda quão superior me gabo de ser: quiseste medir forças comigo. Assim pudeste justificar plenamente a censura de tua mãe, que, em sua ira, deseja-te mal, porque abandonaste os aqueus e defendes os insolentes troianos'."[3]

2 Ibid., p. 233.
3 Ibid., p. 234.

*Ares foi uma divindade que pouco inspirou os artistas gregos. Suas representações foram poucas e simples. Era figurado como um guerreiro, armado da cabeça aos pés. Não existiam moedas com seu cunho, porque nenhuma cidade grega fez dele o seu protetor. Naturalmente, possuía poucos templos.*

*Em Tebas, era tido como ancestral dos descendentes de Cadmo e, por isso, era-lhe sagrado um culto especial. No Peloponeso, em função do militarismo espartano, Ares tinha mais simpatizantes, possuindo até um templo em Esparta. Em Atenas, onde todos os deuses eram celebrados, seu culto era feito num santuário pequeno e modesto, que estava associado com Afrodite. Consta que também possuía templos em Trezena e na Ilha de Salamina. No entanto, seu culto é considerado pobre em relação aos outros deuses.*

*Em Roma, Marte era a divindade mais importante e seu culto superava, inclusive, o de seu pai. Inicialmente, era uma divindade agrícola, chamada* Mars Gradivus, *associada às tempestades. Mais tarde, os romanos fizeram dele um deus guerreiro, protetor em suas lutas e conquistas, e nenhum empreendimento militar era planejado sem uma consulta prévia ao deus. Na época das grandes conquistas e expansão do Império Romano, o deus da Guerra suplantava todas as outras divindades. Depois de cada vitória, eles realizavam festas celebrando o caráter militar da divindade. Os romanos admiravam Marte e o descreviam como um deus forte, brilhante e honrado pelos olímpicos, embora soubessem de seu caráter cruel e violento. O deus defendia Roma dos ataques estrangeiros e protegia os guerreiros corajosos.*

*Séculos mais tarde, o grande poeta Luís de Camões escreveu o poema* Os Lusíadas *e nele fez várias referências ao deus da Guerra, como protetor dos bravos e dos conquistadores portugueses. Homero, em alguns versos de seus* Hinos, *também ressaltou seu lado positivo, numa Prece a Marte:*

"Marte audacioso, Marte sob o qual se dobra teu carro, Marte do capacete de ouro, Marte do coração indomável, Marte do escudo, Marte salvador das cidades, Marte encouraçado de bronze, Marte da mão poderosa, Marte infatigável, Marte da forte lança, Marte muralha do Olimpo, Marte pai da vitória, Marte auxiliar de Têmis, Marte que subjugas os rebeldes e comandas os justos na paz, ó príncipe do valor guerreiro, cujo globo refulgente gira entre os sete astros que cumprem sua trajetória sobre nossas cabeças, cuja órbita, percorrida por teus cavalos de fogo, ocupa o terceiro lugar no céu, escuta, ó socorro dos mortais de quem a juventude obtém a bravura como dom, lá do alto ilumina com pacífico fulgor o curso de minha existência. Que um favor digno de Marte, preservando-me da covardia, não deixe também de reprimir em minha alma a impetuosidade que a faz perder-se e de conter a paixão que me leva às contendas cruéis das batalhas. Dá-me, bem-aventurado olímpico, ao mesmo

> tempo que a coragem, a graça de viver em paz na segurança das leis, e de escapar aos assaltos dos maus e aos estímulos da violência."[4]

*Ares era um grande conquistador, simbolizava o princípio masculino. Ninfas, nereidas e mortais não escapavam ao seu poder de conquista. E aquelas que tentavam fugir, ele tomava à força. Assim, teve muitas aventuras amorosas e muitos filhos. Estes foram, na maioria, violentos e de sorte funesta.*

Uma pessoa muito tipicamente ariana, ou que tem o planeta Marte em posição proeminente no Mapa Natal, tende a se identificar com o arquétipo e, dificilmente, desenvolve a habilidade de se observar. Não consegue compreender as reações do outro, ou do meio, como projeções de sua própria maneira de lidar com o mundo. Este traço pode torná-los grandes egoístas. Precisam da energia de Vênus, seu planeta oposto e complementar, para aprenderem a conviver, a aceitar e a respeitar o outro com seus desejos e necessidades.

*Com Pirene teve três filhos: Cicno, Diomedes Trácio e Licaon. Todos, de índole violenta e sanguinária, foram mortos por Héracles. Cicno era um salteador, que assaltava os devotos no caminho de Delfos. Diomedes, que alimentava seus cavalos com carne humana, fez parte de um dos Doze Trabalhos de Héracles. Licaon, rei de um povo da Macedônia, tentou impedir o herói de chegar ao país das Hespérides, atacando-o. Assim foi eliminado.*

*Com a ninfa Dótis teve Flégias, também de destino trágico. Pai do terrível Ixíon e de Corônis, amante de Apolo e mãe de Asclépio, que foi morta pelo deus. Flégias, para vingá-la, tentou incendiar o templo de Delfos. Apolo matou-o a flechadas.*

*Com Aglauco, filha de Cécrops, teve Alcipe. Um dia, Ares surpreendeu Halirrótio, filho de Poseidon, tentando violentar Alcipe junto a uma fonte na colina de Atenas. Furioso, o deus matou, ali mesmo, o agressor de sua filha. Poseidon, então, arrastou-o a um tribunal, composto por doze deuses olímpicos, que se reuniram na colina onde o crime fora cometido, situada em frente à Acrópole. Ares foi absolvido e o lugar passou a chamar-se Areópago, isto é, "colina de Ares ou colina de homicídios". A partir desse episódio, todos os crimes passaram a ser julgados nesse local.*

*Seu par mais famoso foi Afrodite, deusa do Amor e da Beleza, que representa o princípio feminino. Embora fosse casada com Hefestos, Ares era o seu parceiro preferido.*

---

4 Homero. "Prece a Marte", citado por Ricci, A. (org.), *Mitologia*, Vol I, p. 256. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1973.

*Apaixonado, Ares era um amante dedicado e carinhoso. Nos braços da amada tinha o merecido repouso do guerreiro. Eram seus únicos momentos de relaxamento. À noite, enquanto Hefestos trabalhava, encontravam-se sob a guarda do amigo e escudeiro Alectrião, cuja função era acordá-los antes que Hélio, o Sol, surgisse no horizonte.*

*Certa noite, vencido pelo sono, o escudeiro adormeceu e Hélio, que detestava segredos, surpreendeu os amantes e avisou Hefestos. Ares, enfurecido, transformou sua negligente sentinela em galo e deu-lhe a eterna tarefa de despertar os homens ao nascer do sol. Desde então, esse animal foi consagrado ao Deus da Guerra.*

*Sendo um hábil artesão, o marido traído criou uma armadilha: uma rede de ouro tão resistente quanto invisível e colocou-a no leito. Na primeira chance que tiveram, os amantes se encontraram e quando deitaram na cama foram apanhados. Ares, apesar de divino, não sabia lidar com a magia e o oculto. Assim, não conseguiu se soltar da rede invisível e ficou exposto, com Afrodite, ao flagrante forçado por Hefestos. Só alcançaram a liberdade após Poseidon ter pago um resgate.*

*Ares e Afrodite tiveram quatro filhos: Amor e Harmonia, simbolizando o lado belo da união, e Deimos e Fobos, respectivamente o Terror e o Medo, que passaram a acompanhar o pai em todas as lutas.*

O padrão amoroso mais compatível com os arianos é o tipo de relação de amantes que havia entre Ares e Afrodite. Muito sensuais, gostam de fazer amor, preferem pessoas maduras e sexualmente liberadas, que gostem de sexo tanto quanto eles. Precisam manter acesa a chama da paixão. Quando imaturos, sua sexualidade é puramente instintiva e amoral. Desejando ardentemente alguém ou alguma coisa, não medem esforços na conquista, não param para pensar nas conseqüências e não chegam a considerar as reações do parceiro. Ígneos, encarnam a impaciência, desrespeitando os limites do outro. Fugazes, precisam agir antes que o fogo se apague.

Os arianos são pessoas simples e, às vezes, ingênuas. Sentem-se felizes quando têm relações sexuais satisfatórias, um bom trabalho, amigos com quem se divertir e uma vida familiar que lhes dê segurança e amor, sem tirar-lhes a liberdade.

A energia de Áries pode se expressar nos dois aspectos da luta. De um lado, a força bruta e a raiva cega, que os torna vulneráveis a serem derrubados até mesmo por uma simples pedrada. De outro, o impulso positivo rumo à conquista da independência, o anseio de expressão da matéria viva, o poder que impele a semente para germinar.

## Robin Hood

Herói fora-da-lei, expressa o lado heróico, típico de todo ariano. O fato de não se enquadrar em nenhum padrão ou regra, seguindo sua própria força individual, torna-o único, o primeiro. Cavaleiro corajoso, elegeu-se defensor dos fracos e oprimidos e inimigo número um do poder corrupto: era, sem dúvida, o Cavaleiro Ariano.

*Líder, Robin Hood era o chefe de um grupo alegre. Não se apresentava como um bandido sinistro, escondido em escuros becos. Como o ariano, se expunha à luta e uma chama de vida e alegria o acompanhava. Sabia divertir-se, mesmo perante o perigo. E irradiava um enorme prazer de viver.*

O cenário da história de Robin Hood é também muito ariano. *Havia um rei bom — Ricardo Coração de Leão — ausente, lutando nas Cruzadas. Havia um irmão mais jovem, perverso e ambicioso, rei João, que usurpou o trono de Ricardo. Havia, ainda, os pobres e oprimidos em contraste com os ricos e arrogantes. Não faltava a figura obscura do xerife de Nottingham, símbolo do arquétipo eterno, representando a autoridade vazia de sentido, a lei sem piedade, a sociedade de classes sem direitos. Nem a donzela Marion, que estava sempre em perigo e precisando ser salva.*

*No final da história, o rei Ricardo revelou sua verdadeira face. Não era tão bom, nem merecia o empenho apaixonado de Robin Hood.* Porém, para o ariano, isso pouco importa. O que realmente conta é a luta em si, a ação, que para eles é sinônimo de vida.

Para Áries, o mais importante é a arrancada. Por ser o primeiro signo, não entra na questão de valores, do certo ou errado, porque ainda está em formação. É considerado uma manifestação da criança universal.

## Jasão

*Era filho de Éson e Alcímede. Seu pai, legítimo herdeiro do reino de Iolco, foi destronado e teve seu reino usurpado por seu meio-irmão Pélias. Este manteve Éson preso no palácio, obrigando-o a renunciar a todos os seus direitos.*

*Jasão, ao nascer, foi abandonado no Monte Pélion e, lá, educado por Quíron, o sábio centauro. Assim, foi treinado para se tornar um governante. Aprendeu desde as artes marciais até as curativas. Ao final de sua Iniciação, já aos vinte anos, o jovem herdeiro deixou seu Mestre, desceu as montanhas e voltou a sua terra natal.*

*Quando chegou a Iolco, vestia uma túnica de couro e uma pele de leopardo e havia perdido uma das sandálias. O rei usurpador preparava um sacrifício na praia quando viu o jovem estranho. Lembrou-se de um aviso que recebera do Oráculo, segundo o qual deveria temer o homem que tivesse apenas uma sandália, porque este viria para destroná-lo.*

*Jasão ficou alguns dias com o pai e depois apresentou-se ao tio para reclamar o trono usurpado. Pélias declarou que, de bom grado, abdicaria em favor do sobrinho, sob a condição que o jovem libertasse, primeiro, o país de uma maldição. Este era assombrado freqüentemente pelo fantasma de Frixo, que fugira dali montado num carneiro sagrado, para escapar de um sacrifício, indo esconder-se na Cólquida. Esse carneiro foi imolado a Zeus e eternizado na constelação do signo de Áries. Quando Frixo morreu, ninguém quis enterrá-lo; segundo o Oráculo de Delfos, Iolco não prosperaria até o dia em que a sombra de Frixo fosse trazida de volta junto com o Velo de Ouro do carneiro sagrado. O Velocino jazia suspenso de uma árvore no bosque sagrado de Ares, na Cólquida. Era guardado noite e dia por um dragão que jamais adormecia.*

*O herói não podia recusar-se a tamanho desafio, e* – como Áries jamais foge a uma boa briga – *ordenou que o arauto convocasse, por todas as cortes da Grécia, todos os príncipes e heróis disponíveis para a grande aventura. Também ordenou a Argos, o artesão, que lhe construísse um navio de cinqüenta remos. Pronta a nau, Atena fixou o nome Argo à proa do navio. Os companheiros de Jasão passaram a ser chamados Argonautas.* "E nem no passado, nem no futuro, se viu tão brilhante assembléia reunida no mesmo barco."[5]

Este desafio simboliza o objetivo final e maior de todo ariano: a realização da própria individualidade, a prova que ele é um indivíduo único, autêntico, merecedor de todas as glórias que cabem a um herói.

*O Argo foi lançado ao mar na Tessália e sua trajetória foi de muitos desafios. Um dos mais difíceis foi a travessia das Simplégades – rochedos azuis que se entrechocavam toda vez que alguma coisa passava entre eles. Para saber se a embarcação podia atravessar, era preciso primeiro lançar uma pomba na direção das rochas. Se ela tivesse êxito, significaria que o caminho estava aberto. A pomba que foi lançada do Argo conseguiu atravessar e só as pontas das penas de seu rabo ficaram presas. Da mesma forma, os Argonautas fizeram a travessia, mas a popa do navio ficou danificada. Com esta vitória, as duas rochas foram fixadas no fundo do mar, e o caminho ficou livre para todos os navegantes.*

---

5 Graves, Robert. *Os Mitos Gregos*, Vol 3, p. 61. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.

As Simplégades simbolizam as dificuldades que podem ser vencidas através da coragem e da firme decisão. O fato da pomba atravessá-las representa a vitória sobre a morte, a chegada a um novo patamar, porém suas penas presas e a popa do Argo danificada indicam que os heróis ainda não tinham alcançado o nível iniciático requerido para essa missão.

Coragem e firme decisão são traços arianos. Impulsivos, mesmo não estando num nível iniciático desejável, são os únicos que se lançam ao perigo, confiando que poderão vencer.

*Chegando à Cólquida, os Argonautas puderam respirar aliviados por alguns dias. Era Jasão que deveria resgatar o Velocino de Ouro. O herói dirigiu-se à corte do rei Eetes e comunicou-lhe sobre sua missão. O rei prontificou-se a lhe devolver o Velocino desde que ele cumprisse quatro tarefas, impossíveis para qualquer ser humano. Eram elas: domar e colocar no mesmo arado dois touros de cascos de bronze, que lançavam fogo pelo nariz; arar uma vasta extensão do Campo de Ares; semear os dentes do dragão que Cadmo matara em Tebas; matar os gigantes que nasceriam desses dentes e, finalmente, eliminar o dragão que guardava o Velocino no bosque sagrado de Ares.*

Jasão ficou estupefato diante das tarefas impossíveis, que deveriam ser realizadas todas num único dia. Já estava a ponto de reunir seus homens para voltar a Iolco, quando surgiu Medéia, a feiticeira filha do rei. Eros havia lançado uma de suas setas no coração de Medéia e esta se apaixonara pelo herói. Propôs-se a ajudá-lo, porém sob o juramento solene de casamento, e de levá-la consigo para a Grécia. Jasão jurou por todos os deuses do Olimpo que lhe seria fiel eternamente.

A tarefa de resgatar o Velocino de Ouro, ordenada por Pélias, representa o combate heróico, presente em muitas lendas, exigido pelo rei mítico, que simboliza o espírito em busca de evolução. Eetes, da Cólquida, também representa o rei mítico. Este exige outras quatro tarefas que colocam à prova as conquistas do herói. A viagem do Argo fora apenas o começo da trajetória, o primeiro desafio. Aqui, a tarefa tornava-se mais árdua, e Jasão precisaria do auxílio da magia, por ele desconhecida. Os arianos têm a tendência de achar que podem resolver rapidamente seus desafios. Quando surgem novas dificuldades dentro da mesma situação, seu ímpeto é abandonar a tarefa e partir para novas aventuras. Sua função é dar a partida.

*Medéia preparou-lhe um bálsamo para untar o corpo e as armas, que o tornava invulnerável ao ferro e ao fogo. Com esta artimanha, venceu os touros, atrelou-os ao arado e pôs-se a lavrar a terra demarcada. A feiticeira recomendou-lhe também que tão logo nascessem os gigantes dos dentes do dragão, o herói jogasse uma pedra no meio deles, como fizera Cadmo em circunstâncias idênticas, fazendo com que os monstros se acusassem mutuamente, e lutassem*

*entre si até se exterminarem. Jasão cumpriu fielmente as ordens de Medéia, vencendo suas provas até ali. Para cumprir a última tarefa, a feiticeira fez o dragão adormecer, Jasão atravessou-o com sua lança e resgatou o Velocino de Ouro.*

*Quando retornou à corte de Eetes, o rei recusou-se a cumprir a promessa feita e ainda ameaçou incendiar o Argo. Jasão fugiu, carregando o Velocino e Medéia, que levou seu irmão Apsirto como refém. Descoberta a fuga, o rei colocou-se, imediatamente, no encalço da nau. Porém, a feiticeira, que previra esta perseguição, esquartejou Apsirto e espalhou seus pedaços no mar, em diversas direções. Assim, o rei precisou recolher os pedaços do filho para dar-lhe um enterro digno, e o Argo se distanciou. Esse crime hediondo despertou a cólera dos deuses e a viagem dos Argonautas não teve mais a mesma sorte e proteção no retorno a Iolco.*

*Depois de enfrentar muitos infortúnios, tempestades e o canto das sereias, Jasão consagrou a nau a Poseidon, para aplacar a fúria dos deuses, deixando-a em Corinto. Só então retornou a Iolco e entregou o Velocino de Ouro a Pélias, que se recusou a cumprir a sua parte do trato. Medéia, chamada a "vingadora de Iolco", resolveu eliminá-lo. Convenceu as filhas de Pélias que, se elas cozinhassem o pai em pedaços, num caldeirão de bronze numa poção mágica que só ela conhecia, ela o reconstruiria mais jovem e forte. Para provar seu poder, demonstrou-o num velho cordeiro que se tornou um cordeirinho. As jovens, sem hesitar, seguiram a receita de Medéia, que omitiu as palavras mágicas para que o rei não renascesse.*

*Com a morte do rei, Jasão e Medéia foram banidos de Iolco por Acasto, filho de Pélias, que assumiu o poder. O casal buscou asilo em Corinto, reino de Creonte. Lá viveram em paz até que o rei decidiu casar sua filha Gláucia com o herói dos Argonautas. Jasão, ansioso por novas aventuras e pelo poder, aceitou o casamento real, repudiando Medéia, que foi expulsa por Creonte.*

Esta é uma questão que Áries precisa aprender a enfrentar: uma vez alcançado seu objetivo, costuma esquecer e descartar aqueles que o ajudaram, partindo para novas conquistas. Este mito mostra o quanto o poder e o valor feminino foram subestimados pelo herói. É comum esta atitude nos arianos. Mostra também a necessidade de incorporar o feminino, a *anima*, o inconsciente disfarçado capaz de encontrar soluções onde o ego não consegue. Ao trocar a aliança com a *anima* interior por uma mulher símbolo do poder coletivo – *animus* – Jasão perdeu sua força. Medéia, que mobiliza os poderes ocultos através da magia, simboliza o poder feminino que o ariano precisa integrar, aceitar, respeitar e comungar para tornar-se o herói pleno.

*A história que se seguiu foi pontuada pelo ódio, ressentimento e vingança. Medéia, que era provavelmente um Escorpião, jamais toleraria ser tratada dessa maneira. Pediu ao rei para ficar só mais um dia, para despedir-se dos*

*filhos. Ao invés disso, preparou um véu envenenado e deu-o de presente à noiva, dizendo que ele a tornaria mais bela e atraente para Jasão. A jovem ingênua e vaidosa vestiu-o e foi consumida pelo fogo que surgiu imediatamente. O pai veio socorrê-la e também morreu queimado. De volta à casa, deu aos filhos uma comida envenenada e feriu Jasão numa briga. Sua intenção era deixar o marido na mais completa solidão e desgraça. Depois de completar sua vingança, Medéia fugiu para Atenas, num carro puxado por dragões alados.*

Para os arianos, o mundo é habitado por heróis e guerreiros; por isso esquecem o valor da gentileza, da paciência, do compromisso. E assim acabam perdendo sua batalha mais importante. Jasão incorpora todas as características necessárias ao herói mitológico: é jovem, destemido, tem um reino para resgatar e desafios a cumprir. Porém deixa-se vencer pela vaidade e pelo desejo de poder. Ao invés de agir como o sagrado carneiro dourado, passa a se comportar como uma ovelha estúpida. Perde sua condição mítica, identifica-se com a fraqueza humana, tentando tirar proveito de sua glória, o que leva à banalização do personagem. O verdadeiro herói tem por finalidade simbolizar os anseios que levam à vitória e à redenção do grupo social, e não apenas ao sucesso transitório do indivíduo.

*Jasão jamais recuperou seu reino e nem a glória de herói. Permaneceu em Corinto. Num dia muito quente, descansava à sombra de sua nau, que havia sido retirada do mar para consertos, quando uma viga caiu sobre sua cabeça, matando-o.*

A nau Argo simboliza a esperança juvenil de feitos heróicos que levam à vitória. Jasão, vencido, desejou repousar à sombra de sua glória, acreditando que ela seria suficiente para justificar sua trajetória frustrada. A nau deteriorada transforma-se em símbolo da ruína final de sua vida, o castigo pela banalização.

Estes dois mitos – Robin Hood e Jasão – tocam profundamente as necessidades e motivações da natureza ariana. Eles precisam de um objetivo, uma meta a conquistar. Sem isso, a vida perde o significado. Áries é um signo de novas idéias e o portador da Nova Vida, portanto deve promover a mudança, a conquista de novos rumos e o enfrentamento – sem medo – do futuro.

## Amazonas

*As Amazonas formavam várias tribos de mulheres, descendentes de Ares e da ninfa Harmonia. Seus reinos situavam-se ao Norte, na Trácia, no Cáucaso, na margem esquerda do Danúbio e na Lídia. Eram independentes e governadas por uma rainha.*

*Segundo Junito Brandão, o vocábulo amazonas sempre foi interpretado pela etimologia popular como não-seio. Diz a lenda que estas guerreiras costumavam amputar o seio direito para melhor manejar o arco, e que deixavam o seio esquerdo descoberto. Porém, suas representações iconográficas mostram-nas como mulheres fortes, belas e de seios intactos.*

Vários aspectos das Amazonas identificam o signo de Áries. Os nativos deste signo não medem esforços para conquistar seus objetivos. "Os fins justificam os meios." As mulheres arianas, quando assumem seu lado profissional e executivo, não hesitam em abrir mão daquilo que a sociedade considera como principais funções femininas: a maternidade, a amamentação e as lidas domésticas. Muitas vezes agem como os homens, mostrando sua capacidade de liderança, sua eficiência e produção executiva, competindo com eles em pé de igualdade.

*De acordo com sua tradição, o casamento, os homens e filhos do sexo masculino não eram valorizados. Os homens eram excluídos de seus reinos ou apenas tolerados para fins de procriação. Mantidos como escravos, eram-lhe atribuídas apenas tarefas banais. Quanto aos meninos, ao nascer, tinham seus braços e pernas atrofiados para que não pudessem usar armas, e dessa maneira ficar inofensivos e submissos ao feminino dominante, ou, segundo algumas versões, eram sumariamente assassinados. As filhas tinham o seio direito cauterizado logo após o nascimento, para que pudessem usar livremente o braço correspondente no manejo do arco e arremesso da lança.*

> "De acordo com Estrabão, uma vez por ano, durante dois meses da primavera, as Amazonas viveriam com um grupo de homens nas montanhas, praticando freqüentes relações sexuais no escuro da noite, a fim de que se conservasse o anonimato dos futuros pais. Depois desses encontros ocorria um sacrifício comum a Ares e à sua deusa principal, Ártemis de Tauros que, como caçadora divina, não escondia sua própria condição de amazona, perseguindo as cabras selvagens e os cervos em Taigetos e Erimanto."[6]

Os arianos, em geral, sabem viver muito bem sozinhos. Isto é, não precisam de "casa, marido, filhos" para se sentirem realizados e felizes. Gostam da companhia dos amigos, da equipe de trabalho, dos colegas de classe. Organizam seu tempo e suas atividades de maneira a não dependerem dos outros, porque, em geral, não sabem pedir ajuda. Não têm muita paciência para explicitar e esperar que o outro faça aquilo que necessitam, preferindo agir sozinhos.

---

6 Malamud, René. "O Problema das Amazonas", In: *Encarando os Deuses*, James Hillman (org.), p. 65. Editora Cultrix, São Paulo, 1992.

*A paixão das Amazonas era a guerra. Não apenas defendiam seu próprio território, mas também invadiam as terras vizinhas. Assim, fundaram diversas cidades e santuários no Ponto, na Eólia e na Jônia.* Lutar, conquistar novos domínios, dar início a novas fundações são características arianas, imprescindíveis em todas as sociedades. *Eram tidas como guerreiras selvagens e temíveis. Combatiam a pé ou a cavalo e suas armas eram a lança, o arco de bronze, o machado duplo e um escudo curto em forma de meia-lua. Vestiam-se com peles de animais selvagens e usavam elmos protegendo a cabeça. Em tempos de paz, ocupavam-se com a criação de cavalos, com a caça, e simulavam combates. Nessas ocasiões treinavam suas filhas para exercerem essas mesmas atividades quando adultas.* As mães arianas, em geral, ensinam suas filhas desde pequenas a valorizarem a educação, o desempenho e a profissão como meios de se tornarem independentes economicamente, para que não venham a precisar de um homem que as sustente.

Sem dúvida, as Amazonas são um reflexo da cultura matriarcal. Supõe Bachofen, citado por Junito, que elas pertenceriam a segunda fase da ginecocracia. "Estágio agressivo da mulher, uma espécie de imperialismo feminino."[7] *O escudo, em forma de meia-lua e o machado duplo que usavam eram símbolos da Grande Mãe. Nas representações antigas dessa deusa em todas as culturas, desde o Egito até a África, ela era associada com a caça e a guerra. Seus rituais eram sangrentos e suas celebrações orgiásticas.*

> "A deusa protetora das Amazonas era naturalmente Ártemis, arqueira virgem, com quem as filhas do deus da guerra têm muito em comum, não só o seu desdém pelos homens, mas sobretudo por sua vocação de guerreiras e caçadoras. A elas se atribuía, por isso mesmo, a fundação da cidade de Éfeso e a construção do templo gigantesco e riquíssimo consagrado à irmã de Apolo."[8]

*Representavam uma inversão dos papéis sexuais predominantes na Grécia Clássica. As mulheres gregas viviam uma espécie de escravidão, presas aos afazeres domésticos e sem direito à educação formal. Podiam, inclusive, ser vendidas como escravas pelo pai ou pelo irmão, assim como confiadas à morte.* As Amazonas são a antítese desse papel feminino. Simbolizam uma imagem da *anima* que não está disposta a lançar-se aos pés dos homens, que é auto-suficiente e independente dele. "Ela violenta a imagem em voga da rolinha mansa, frágil e assustada que, sem falta, atesta a seu homem que ele é o

7 Brandão, Junito. *Mitologia Grega,* Vol II, p. 231[121], 4ª edição. Editora Vozes, Petrópolis, 1991.
8 Brandão, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega,* p. 59. Editora Vozes, Petrópolis, 1991.

coroamento de toda criação."[9] A cauterização do seio direito representa a renúncia ao puramente feminino e a integração do masculino, ou seja, o *animus*, como vontade e ação.

O signo de Áries, primeiro do zodíaco, é um pioneiro por excelência. Assim sendo, eles estão geralmente na liderança de movimentos de independência e de contestação. As Amazonas representam muitas das atitudes da mulher ariana que, na maioria das vezes, não é compreendida, assustando os homens mais tradicionais.

*Muitos episódios contam histórias das Amazonas com os heróis. As que mais se destacaram foram Hipólita, Antíopa, Pentesiléia e Mirina.*

*A pedido de Admeta, filha de Euristeu, Héracles, em seu nono trabalho, foi enviado à terra das Amazonas para buscar o cinturão da rainha Hipólita, símbolo do poder temporal que ela exercia sobre o seu povo. A rainha se apaixonou pelo herói e por isso concordou em entregar o cinto, sem maiores resistências. Com este gesto, renunciaria ao poder, e abriria mão de sua condição de Amazona. Hera, que perseguia Héracles e não admitia seu sucesso, disfarçou-se de Amazona e espalhou o boato que os estrangeiros vinham com a intenção de raptar a rainha. As guerreiras, exasperadas, atacaram o barco. Héracles, achando que havia sido enganado, matou Hipólita e arrancou-lhe o cinto e suas armas. Depois lutou contra as Amazonas, matando várias líderes, promovendo um violento massacre, antes de retornar à Grécia.* A rainha, não acostumada com as artimanhas da sedução, rapidamente entregou-se ao herói. Agiu de forma ingênua e precipitada, como muitas vezes fazem os arianos. Seu comportamento é reto e direto, não sabem fazer os jogos da conquista. As guerreiras, que também não conheciam as tramas da política, acabaram caindo na mesma armadilha.

*Teseu, que acompanhava Héracles na sua expedição, raptou Antíopa. Com ela teve um filho chamado Hipólito, de quem falaremos nos mitos de Touro. Para vingar-se do rapto e porque o herói abandonou Antíopa para casar-se com Fedra, as Amazonas investiram contra Atenas, instalando-se na colina do Areópago. A batalha aconteceu aos pés da Acrópole, e as guerreiras foram vencidas pelos atenienses, liderados por Teseu. Antíopa morreu nesta batalha.*

*A rainha Pentesiléia comandou um contingente guerreiro, enviado a Tróia para apoiar Príamo. Esse contingente chegou ao local durante o funeral de Heitor, príncipe de Tróia. Entraram, ferozes, na luta contra os gregos, até*

9 Malamud, René. Op. cit., p. 72.

*que Aquiles feriu, mortalmente, a rainha. Na hora da morte, ela descobriu o rosto e seu olhar derradeiro inflamou o herói de amor.*

*Mirina foi a grande vitoriosa da guerra contra os atlantes. Esse povo vivia às margens do Oceano, num país vizinho da Líbia. Comandando uma infantaria de três mil Amazonas e uma cavalaria de vinte mil, Mirina conquistou o primeiro dos dez reinos da Atlântida. Rumando para a capital, arrasou-a, matando todos os homens e levando as crianças e as mulheres como escravas. Diante dessa manifestação de poder, os outros nove reinos capitularam prontamente. Numa atitude política, Mirina aliou-se a eles, reconstruiu a cidade que havia destruído, dando-lhe seu próprio nome, e permitiu que esta fosse povoada por todos seus prisioneiros.* Mirina é uma típica guerreira ariana. Lidera os regimentos mais "arianos" de seu exército: a infantaria e a cavalaria, que marcham na frente e lutam corpo-a-corpo com o inimigo. Vencida a batalha, podem assumir atitudes políticas e refazer o reino. Para eles, a luta não é uma questão pessoal nem ideológica, é parte de seu desempenho.

*A rainha voltou a guerrear quando os atlantes lhe pediram ajuda na luta contra as Górgonas. Apesar de vitoriosa, muitas inimigas escaparam. As Górgonas prisioneiras conseguiram roubar as armas das sentinelas e liquidaram várias Amazonas. Recuperando-se, as guerreiras, finalmente, massacraram essas Górgonas. As Amazonas que morreram na guerra receberam honras de heroínas, sendo construído um magnífico túmulo em sua memória, conhecido como Túmulo das Amazonas. Mirina continuou sua vida de conquistas, vindo a falecer idosa, assassinada pelo rei Mopso.*

Constante na vida dos arianos está a necessidade de agir com devoção, de usar positivamente a agressão, de criar autoridade interna e personalidade, para lidar responsavelmente no reino que habita. Sua luta por princípios, territórios e direitos deve ser protagonizada por um herói compreensivo, que serve para governar e governa servindo, que encontra o lugar certo para cada relacionamento na vida, que alimenta, protege e conforta para que o crescimento possa acontecer num campo de amor e integridade.

# Dos Mitos do Touro

O segundo signo, Touro, pertence ao elemento **terra**. Sua representação na natureza é o **húmus**, responsável pela manutenção da fertilidade e preservação da vida. Seu animal símbolo não poderia ser outro que não o próprio **touro**, com suas quatro patas bem assentadas na terra, sua força e capacidade de reprodução. Os objetos sólidos, estáticos e densos como o monolito, as estátuas, os cofres, as lápides, as cômodas são exemplares taurinos. A Arquitetura, as casas de tijolo aparente, a terra cultivada e as moedas são outras de suas metáforas. No corpo humano, Touro rege o pescoço, a garganta e a voz.

O signo de Touro está diretamente ligado à Mãe-Natureza. Durante aproximadamente 2.000 anos, o símbolo do touro e da vaca eram os ícones religiosos mais importantes da Era de Touro – que ocorreu, aproximadamente, entre 4.000 e 2.000 a.C. Eram considerados símbolos da fertilidade da terra. Foi também nessa Era que emergiram as grandes civilizações agrícolas, nas margens dos rios Tigre, Eufrates e Nilo. As grandes pirâmides egípcias, construções do mesmo período, que por sua forma captam a energia cósmica e a trazem para o chão, sintetizam bem a função taurina: a fundamentação.

É regido pelo planeta Vênus. Suas principais características são: fertilidade, estabilidade, produtividade, obstinação, fixação, posse e paciência. Ao Áries, primeiro signo, cabe a função de lançar a semente; ao Touro, cabe fixá-la para que germine.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Afrodite

*Quando Cronos castrou seu pai, Urano, jogou seus testículos no mar. Da espuma formada pela mistura do sêmen com a água nasceu Afrodite, cujo nome significa "nascida das espumas". A mais bela das deusas emergiu das águas amparada por uma concha de madrepérola. Foi soprada pelo vento Zéfiro até a Ilha de Chipre, onde foi recebida pelas Horas, exultantes de alegria. Flores e grama brotavam do solo à sua passagem. Elas vestiram e adornaram a deusa com um traje imortal e singelas violetas. Depois apresentaram-na à Assembléia dos deuses.* "Houve um clamor geral de admiração. Mesmo no

mundo divino, jamais tinha sido vista tão sedutora e graciosa formosura."[1] *Foi aceita, incondicionalmente, por todos os deuses.*

*A deusa escolheu Pafos, na Ilha de Chipre, para sua morada. Até hoje lá estão seus templos mais importantes. Em Roma era cultuada como* ***Vênus****, a* ***deusa do Amor e da Beleza****. Em tempos e lugares diferentes, era conhecida por diversos nomes. Na Suméria, era chamada Inana; na Babilônia, Ishtar. Os persas cultuavam Anahita e os cananeus, hebreus e fenícios cultuavam Astarte. No Egito seu nome era Ísis e na Lídia, Cibele.*

Afrodite representa um dos aspectos do arquétipo matriarcal da Grande Deusa, que gera a vida e reina sobre o amor e a paixão. "A beleza, a sedução e o prazer por ela outorgados são os meios para um 'esporte celestial' no âmbito dos sentidos, assim como o colorido da flor, que apesar de tudo serve para a multiplicação das espécies."[2] Simboliza as forças irrefreáveis da fecundidade, que visavam não apenas os frutos, mas também aplacar o desejo ardente que essas mesmas forças despertavam em todas as criaturas. *A fertilidade era uma atribuição de Deméter ou Réia. Afrodite era a divindade do prazer pelo prazer e do amor universal, porque era a deusa das sementes, que precisavam ser inevitavelmente fecundadas, não importando quem fosse o fecundador.*

*Cultuada em todas as regiões como a deusa protetora do amor e da beleza das mulheres, Afrodite usava uma cinta mágica para seduzir os homens. Fazia o que queria e gostava, tratando de vingar-se quando contrariada. Era a mais indolente e caprichosa das divindades olímpicas, sempre preferindo o prazer e o conforto ao trabalho árduo, características taurinas.*

> "As Parcas atribuíram à Afrodite uma única função divina: a de amar; mas um dia, Atena, surpreendendo-a a trabalhar num tear, queixou-se de que lhe haviam usurpado as suas prerrogativas, ameaçando abandoná-las de todo. Afrodite desfez-se em desculpas, e doravante nunca mais tocou no que quer que fosse de trabalhos manuais."[3]

*Para satisfazer seus caprichos ou castigar um mortal que a ofendera, Afrodite usava o amor como uma arma. Quando Eos, a Aurora, se enamorou de Ares, atraiu o ciúme e a cólera da deusa do amor, que vingou-se tornando-a uma apaixonada eterna, com inúmeros amantes.* A simples ameaça ou a perda efetiva daquilo que os taurinos acreditam possuir provoca reações emocionais intensas. Para defenderem seus objetos de amor, são capazes de lutar tenazmen-

1 Ricci, Angelo (org.) *Mitologia*, vol I, p. 129. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1973.
2 Neumann, Erich. *Amor e Psiquê*, p. 71. Ed. Cultrix, São Paulo, 1990.
3 Graves, Robert. *Os Mitos Gregos*, Vol 1, p. 68. Publ. Dom Quixote, Lisboa, 1990.

te; ou quando se sentem traídos não hesitam em usar todas as suas armas contra o rival, jamais contra o ser amado.

*A deusa sentia-se ofendida por Hipólito, filho de Teseu, que não a cultuava, pois era devoto de Ártemis. Para puni-lo, insuflou em Fedra, sua madrasta, uma paixão incontrolável pelo enteado, o que gerou terríveis conseqüências, culminando com a morte de Hipólito. Esta história está contada no mito de Teseu. As mulheres da Ilha de Lemnos, que negligenciavam o culto de Afrodite, também foram alvos de sua vingança. A deusa impregnou-as com um odor insuportável, provocando a rejeição de seus maridos, que passaram a procurar estrangeiras ou escravas. Sentindo-se traídas, mataram todos os homens da ilha e fundaram uma república de mulheres. Foi, então, que os Argonautas, a caminho da Cólquida, fizeram sua primeira escala em Lemnos, uniram-se a elas e lhes deram filhos.* Os doces e ternos taurinos, quando feridos em seu orgulho e vaidade, acionam o Escorpião – que habita em suas sombras – e mostram-se capazes das mais cruéis armadilhas vingativas. A deusa regente deste signo sabia usar seus atributos como armas, engendrando vinganças cruéis.

*Para ganhar um concurso de beleza disputado com Hera e Atena, Afrodite usou a sedução e o amor como armas. Prometeu ao juiz Páris o amor de Helena, a mulher mais bela da Grécia. Novamente, a paixão insuflada pela deusa teve conseqüências funestas, contribuindo para eclodir a Guerra de Tróia. A própria Helena, que abandonara sua pátria e fugira com Páris, mais tarde, deplorava sua loucura e cegueira.*

O caráter competitivo é muito presente neste mito. *Ela era fortemente feminina e por isso despertava a cobiça e o desejo dos homens e dos deuses. E também a raiva, a inveja e o ciúme das mulheres e das deusas. Na verdade, todas gostariam de ser iguais a Afrodite, possuir seu poder e sua cinta mágica.* "Ela transforma até mesmo o juízo de Zeus, o deus dos raios, o mais poderoso de todos os Imortais; embora seja tão sábio, a deusa faz dele o que quer..."[4] As pessoas taurinas ou aquelas que têm o planeta Vênus acentuado em seus Mapas Natais parecem fazer jogos de sedução o tempo inteiro. Este comportamento costuma gerar mal-entendidos e conflitos, muitas vezes não justificados. Costumam canalizar sua energia para propósitos de significado pessoal, valorizando a troca emocional e afetiva. As relações amorosas são fundamentais para eles, mas fogem dos compromissos duradouros.

*Afrodite era, muitas vezes, chamada de "dourada". Não apenas por seu brilho, mas simbolizando a pureza, uma vez que o ouro é um metal não*

4 Homero. "Hinos Homéricos", citado por Brandão, J., *Mitologia Grega*, Vol I, p. 223, 7ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

*corrosivo.* E também representando a consciência de sentimentos e das relações. "Bachofen defende que o tipo de consciência de Afrodite não é espiritual, é material e exaltado na mais alta pureza."[5] A deusa simboliza aqueles aspectos da natureza feminina que se manifestam na matéria: beleza física, consciência corporal e a capacidade de conectar emoções profundas com os vínculos, mesmo quando não são permanentes. Os taurinos precisam primeiro da experiência concreta, onde aprendem utilizando os sentidos, para obterem uma compreensão mais ampla de qualquer aspecto de sua vida, desde a aprendizagem escolar até seus relacionamentos.

*Seu poder sedutor, irresistível, resultava em atração magnética e desejo de união acima de tudo, fosse essa física ou não.* Embora o impulso venusiano possa ser puramente sexual, a motivação é sempre mais profunda; é uma demanda psicológica e espiritual. A união pode ser mental, afetiva, espiritual, desde que promova crescimento nessas áreas. Os relacionamentos influenciados por Vênus podem ter vários níveis, desde um amor platônico, a conexão de alma, até o amor romântico e sexual. Onde houver crescimento, suporte, criatividade – como nas relações terapêuticas, de professor com seus alunos, de pais e filhos – haverá a influência da deusa no comportamento das pessoas envolvidas.

*Afrodite nunca foi vítima e nem exposta a sofrimentos. Em todas as suas relações o desejo era mútuo, nunca sofreu uma rejeição. Diferenciava-se dos outros deuses pelo fato de aparecer sempre nua. Isso porque, para ela, o corpo e o ato sexual eram naturais e sagrados.* Embora seja o princípio feminino, é a imagem da igualdade sexual, assumindo papel ativo na corte e na sedução. Fêmea ativa, nunca foi violentada ou atacada por um macho. Sua preocupação não era com as estruturas e códigos morais de uma relação, mas com a alegria conjugal, a fertilidade, e, principalmente, o êxtase. Era padroeira das cortesãs e do sexo apaixonado dentro do casamento.

*Embora Afrodite escolhesse livremente seus parceiros, foi obrigada por Zeus a casar-se com Hefestos, o feio e coxo filho de Hera, grande artesão do Olimpo.* Este curioso casamento representa a união do feminino, sedutor e belo (Afrodite), com o masculino, criativo e engenhoso (Hefestos).

O trabalho criativo nasce de um envolvimento intenso e apaixonado com alguma coisa que pode ser uma pintura, uma composição musical, uma coreografia, um livro, uma escultura, um poema, uma nova teoria ou invenção, que por algum tempo nos absorve e fascina totalmente. Para os taurinos, este é um processo sensual, uma experiência no aqui e agora envolvendo o toque, o som,

---

5 Qualls-Corbett, Nancy. *The Sacred Prostitute*, p. 58. Tradução livre do autor. Inner City Books, Toronto, 1988.

o visual, às vezes também o cheiro e o gosto, que despertam a sua imaginação criativa. Todas as experiências sensoriais são regidas por Vênus e pelo signo de Touro.

*Hefestos fazia belíssimas jóias para enfeitar a vaidosa deusa e tudo mais que fosse preciso para agradá-la. Porém, ela traiu esse esposo compulsório de todas as maneiras. A grande traição foi com Ares, e desta união nasceram quatro filhos: Eros e Harmonia, Deimos e Fobos. Depois com Poseidon, a deusa teve dois filhos: Rhodes e Herófilos. De um caso rápido e tempestivo com Hermes nasceu Hermafrodito, de duplo sexo. Com Dioniso, o deus do vinho, teve Príapo — grande, feio e de enormes genitais, por castigo de Hera à promiscuidade do casal.*

*Para a deusa do amor, não havia distinção entre deuses e mortais. Quando desejava alguém, partia para a conquista e usava os mais diversos artifícios. Foi assim no caso com Anquises, filho de Cápis e da troiana Temiste. Afrodite o viu quando ele pastoreava seus rebanhos no cimo do Monte Ida. Sentiu uma atração irresistível e foi ao seu encontro. Primeiro, passou em seu santuário em Pafos, e as Graças untaram seu corpo com óleo perfumado e ornamentaram-na com as jóias mais preciosas.*

Sua escalada ao Monte Ida, foi descrita por Homero em seu Hino à Afrodite:

> "Quando escala o Ida de mil fontes, seguem-na, acariciando-a, lobos cinzentos, fulvos leões, ursos, velozes panteras, ávidas de procriar. Ao vê-los, a deusa se enche de alegria e lhes instila o desejo no peito. Então dirigem-se todos, para se acasalar à sombra dos vales."[6]

*Afrodite aproximou-se do belo Anquises, fazendo-se passar por uma princesa da Frígia. O herói não percebeu o disfarce, apenas sentiu um desejo irrefreável de possuir tão fascinante criatura. Imediatamente, convidou-a para partilhar seu leito quente e macio, e a deusa naturalmente aceitou o convite. Depois de uma noite de intensos prazeres, Afrodite acordou Anquises, que dormia extasiado, e mostrou-se em todo o seu encanto. O herói sentiu terrível angústia quando percebeu seu engano. Ser amado por uma deusa gerava duros sofrimentos e morte. Para os imortais, era sinônimo de decadência, porém, ela não soubera dizer não aos apelos da paixão. Então, combinaram guardar segredo para não sofrerem as conseqüências, e Afrodite foi se purificar no santuário de Pafos.*

---

6 Homero. Citado por Brandão, J., Op. cit., p. 223.

*Alguns dias depois, Anquises bebia com unś amigos e, sob efeito do álcool, contou-lhes seu encontro com a deusa do amor. Zeus ouviu a conversa e acertou Anquises com um de seus raios, tornando-o coxo ou, segundo outras versões, cego. Dessa união nasceu Enéias, que a deusa protegeu durante a Guerra de Tróia, não deixando que nada lhe acontecesse. Depois da cidade tomada, Enéias salvou o pai – então com oitenta anos – do massacre e do incêndio. Levou-o consigo na sua viagem errante, onde Enéias novamente teve a mãe como escudo e bússola. Essas aventuras do herói foram descritas na* Eneida, *de Virgílio.*

Desejo irrefreável e prazer intenso são fatores que mobilizam a energia dos taurinos. Costumam agir sem medir as conseqüências de seus atos para as outras pessoas. Tamanho é seu poder de sedução, que o utilizam por puro prazer e para obterem o que desejam. Na verdade, estão buscando a experiência arquetípica do amor, sem exatamente perceber ou ter a intenção de machucar e usar o outro. Para romper com este padrão inconsciente, precisam aprender a amar e aceitar o outro como um simples mortal, sujeito a falhas e acertos. Geralmente a experiência e o tempo ensinam essa lição a este que pode ser o mais teimoso dos signos. Só então estarão prontos para viver uma relação duradoura, onde os erros humanos – seus e do amante – passem a ser aceitos, revelando a dimensão humana do amor e dos vínculos.

*O grande amor da vida de Afrodite foi Adônis. Filho da bela princesa Mirra, que disputava em beleza com a deusa, provocando sua cólera. Esta lhe inspirou uma paixão incestuosa pelo próprio pai. Ajudada por sua ama, Mirra conseguiu enganar o rei, unindo-se a ele durante doze noites. Porém, na última noite o rei percebeu que tinha sido enganado e, chocado, perseguiu sua filha de faca em punho para matá-la. A princesa pediu a proteção dos deuses que a transformaram na árvore da Mirra. Dez meses depois, a casca da árvore se abriu e dela saiu Adônis. Foi encontrado por Afrodite que o entregou em segredo a Perséfone para ser criado.*

*Tornou-se um belo jovem, desejado por todas as imortais inclusive pela rainha dos Ínferos que se recusou a devolvê-lo. Zeus foi o árbitro deste litígio, decidindo que o jovem viveria uma terça parte do ano com Afrodite, outra com Perséfone e a restante com quem quisesse. A deusa do amor usou sua cinta mágica e irresistível para seduzi-lo, e Adônis passava oito meses com ela.*

A disputa entre Afrodite, signo de Touro, e Perséfone, deusa dos Ínferos, reino de Escorpião, mostra a eterna luta em busca da integração entre esses dois signos opostos e complementares. Afrodite, embora seja a deusa do amor e da beleza, tem também o seu lado vingativo, reflexo de sua sombra, o lado escorpiônico.

*Perséfone, enciumada, contou a Ares que Afrodite, agora, possuía um novo, forte e belo amante e que não o queria mais. Depois, lançou um feitiço em Adônis para que este se apaixonasse pela caça e não ficasse ao lado da amada o tempo todo, como era seu desejo. Ares transformou-se num javali feroz, atacou e matou o jovem rival. Afrodite, tentando socorrer seu amante, na pressa, feriu seu pé com um espinho de rosa. Esta flor que inicialmente era branca, tingiu-se de vermelho, e passou a ser símbolo da deusa do amor. Para homenagear Adônis, fez nascer, do sangue de seu amado, a Anêmona, uma efêmera flor, a primeira a surgir na primavera.*

*Afrodite sentiu a mesma dor lancinante que seu amante sofreu ao morrer.* "Perdas, mortes e abandono são também parte do reino de Afrodite. Entretanto, é através destas sombras que seu brilho radiante se torna uma criação completa, com seu sorriso imortal e também com os olhos imortais que contemplam a morte. A permanência pertence ao mundo de Hera, não de Afrodite. É do domínio dessa deusa uma profunda aceitação que o amor apaixonado não dura para sempre; e também uma igualmente profunda aceitação que o homem é feito de amor."[7]

A amplitude de emoções desta deusa – desde o amor e o prazer até a dor e o luto – é muito mais extensa que das outras deusas. As emoções envolvidas no processo do amor são partes integrantes do seu ser. Sua força está na capacidade de abrir mão daquilo que lhe é mais precioso, em nome do crescimento e da regeneração. A transformação só pode acontecer quando velhos padrões e atitudes dão lugar a novos. Sua força não é fria e calculista, que nega a emoção; pelo contrário, ela vive as emoções mais profundas e não reprime sua dor.

Adônis, que é considerado o grande amor de Afrodite, não pode conviver com ela o tempo todo. Uma das características, talvez a mais importante, desta deusa é sua liberdade de escolha, a disseminação e promoção do encontro entre opostos. Amar e ser amada no momento em que o amor acontece, sem se preocupar com a continuidade. Esse aspecto reflete um modo de agir de Afrodite que pode ser chamado "ame-os e deixe-os".

Essa característica aparece com maior freqüência nas pessoas venusianas do que nas taurinas. Estas têm mais dificuldade para finalizar seus casos amorosos, por medo de perderem sua segurança. Os venusianos são capazes de se apaixonar com facilidade, acreditando que – desta vez – encontraram o par ideal. E sabem fazer o outro sentir-se como o centro do universo, o melhor e mais importante, como os amantes da deusa. Até o dia em que passa o encanto, o par é abandonado e, rapidamente, substituído por um novo amor. Este

7 Qualls-Corbett. Op. cit., p. 60.

comportamento deixa atrás de si uma série de ex-amantes, que se sentem usados e descartados, e podem se tornar vingativos.

Ainda que Afrodite se manifeste mais através das relações físicas, esta deusa é a inspiradora dos poetas e oradores, e simboliza o poder criativo e transformador do amor. O taurino precisa viver suas relações primeiro no plano físico, e deste evoluir para o emocional e anímico. Para isto seu grande instrumento é o *amor*, que pode mudar radicalmente sua calma e rotineira vida.

## Deméter

*Deméter, denominada* ***Ceres*** *pelos romanos, tem similares em todo o mundo antigo. É uma das três filhas de Cronos e Réia. Como seus irmãos, ela também foi devorada pelo pai e depois "devolvida" quando Zeus o enfeitiçou. Ficando ao lado do irmão, ela tornou-se uma das mais cultuadas divindades olímpicas, porque tinha a sublime função de proteger, abençoar e garantir a fertilidade da terra, dos animais e das mulheres. Era a deusa maternal da Terra e a divindade da terra cultivada.*

Deméter era a Mãe-Terra, matriz universal, e um de seus epítetos era a ***Mãe do Grão.*** *Essencialmente, personificava a deusa do trigo, porque ensinou aos homens a arte de semear, colher e fabricar o pão. O culto a Deméter estava vinculado ao ritmo das estações e ao ciclo de semeadura e colheita do cereal.*

*Nunca se casou, escolhia seus parceiros quando deles precisava e depois seguia seu caminho. A deusa não pertencia a ninguém. Alguns autores antigos lhe atribuíram a maternidade de Pluto, o rico em grãos, também chamado Riqueza. Mais tarde, incorporado ao mito de Plutão, o rico em almas.*

"Deméter divina entre deusas gerou Riqueza,
Unida em amores ao herói Iásion sobre a terra
Três vezes lavrada na gorda região de Creta.
Boa Riqueza por terra e largo dorso do mar
Anda e a quem encontra e chega às mãos
Ela torna próspero e dá muita opulência."[8]

O signo de Touro é aquele que acumula riquezas e vela pelos tesouros. Suas posses não se referem necessariamente a bens materiais. Seu domínio são os

8 Hesíodo. *Teogonia. A Origem dos Deuses*, p. 161, v. 969 sqq, 2ª edição. Ed. Iluminuras, São Paulo, 1992.

dons e os valores éticos, morais e ideológicos. Porém, sendo um signo de terra, esses dons geralmente aparecem de forma concreta, isto é, tudo aquilo que para eles é um valor, é cercado de cuidados que garantem a sua segurança. Por isso costumam adquirir casa própria, ampla e confortável para abrigar sua família; e cultivam uma conta de poupança que lhes permita novas aquisições, quando necessárias.

*Conta a lenda que antigamente, à época das semeaduras, acontecia um tipo de união rústica representado na história de Deméter de Olímpia, chamada Caminéia, isto é, aquela que está na terra. Segundo essa tradição, o camponês e sua esposa dormiam sobre a terra nua que deveria ser cultivada, a fim de provocar a brotação, como havia feito a deusa quando se uniu a Iásion sobre um terreno lavrado três vezes.*

*Deméter era a deusa encarregada de prover a humanidade com a habilidade agrícola e com a abundância das colheitas.* Alimentar as pessoas é um grande prazer para os taurinos, que unem sua qualidade como anfitriões a seus dotes culinários. Gostam de receber e oferecer lautos banquetes. Se forem mais identificados com o lado Mãe-Natureza da deusa, não hesitam em trocar a cidade pelo campo, onde podem plantar, fazer o próprio pão, preparar geléias e compotas, que se comprazem oferecendo aos amigos, como presente.

*Outra lenda conta que Poseidon, fascinado pela beleza de Deméter, perseguiu-a nos campos de Telpusa. Para escapar, a deusa disfarçou-se em égua. Então, o deus tomou a forma de um garanhão e, acasalando-se com ela, gerou o cavalo Arion.*

*Com Zeus, teve sua única filha: Perséfone, superprotegida pela mãe e juntamente cultuada. Acontece que Hades, o Senhor dos Ínferos, desejava a jovem para esposa. Então, com o auxílio de Zeus, planejou seu rapto. Um dia, quando Perséfone colhia narcisos no campo, Hades surgiu das profundezas em sua carruagem puxada por cavalos negros, e arrastou-a consigo para o mundo ctônio. A jovem deu um grito agudo pedindo ajuda a seu pai, que não lhe deu ouvidos. A mãe ouviu seus gritos e correu para o campo, mas a filha havia desaparecido sem deixar vestígios.*

*Durante nove dias e nove noites, a deusa procurou em vão por todos os lugares. No décimo dia encontrou Hécate que tinha visto a jovem ser raptada, mas não reconhecera o raptor. Foram as duas falar com Hélio, o deus Sol que tudo vê e revela, e este contou-lhes a verdade. Irritada com Hades e Zeus, a deusa não voltou ao Olimpo, abdicando de suas funções divinas de proteger a terra, até que Perséfone fosse devolvida.*

Este mito simboliza a grande fertilidade do signo de Touro, que traz consigo um imenso potencial de nutrição. Como a Mãe Terra, quando plenos de amor, os taurinos derramam suas bênçãos sobre os seus; cegos de ódio, privam-nos de

seus nutrientes. Administrar com equilíbrio suas riquezas é um dos desafios deste signo.

Sendo fixos, os taurinos são obsessivos na sua necessidade de possuir e proteger aqueles que amam. Esta tendência leva-os ao ciúme e à paixão desequilibrada. Teimosos em suas idéias e opiniões, mostram-se turrões na forma de brigar pelo que querem. Quanto mais rígidos se tornam, mais chances oferecem para que a sombra, Hades-Escorpião, se manifeste, seqüestrando seu bem mais precioso e arrancando-lhe o chão dos pés. O desapego é de suas lições a mais difícil, porque esquecem que, às vezes, é preciso perder para poder ganhar.

*Deméter, disfarçada de velha, iniciou uma busca pela filha por toda a terra. Um dia, maltrapilha e cansada, chegou à Elêusis, onde o rei Celeus, que era muito bom, acolheu-a em seu palácio, convidando-a a permanecer para cuidar de seu filho Demofonte, "o rico em povos ou o que brilha entre o povo", recém-nascido. Ela aceitou o convite, porque era uma forma de compensar a filha perdida.*

*A deusa desejava tornar o bebê imortal e eternamente jovem. Para tanto, todas as noites, cobria-lhe o corpo com ambrosia, que o tornaria imortal, e o escondia no fogo. O menino se tornava cada dia mais belo e parecido com os deuses. Uma noite, a mãe da criança surpreendeu-a, no meio do ritual, e começou a gritar desesperada. Deméter, então, surgiu em todo seu esplendor e devolveu a criança, que deixou de ter privilégios imortais. E, pesarosa, exclamou:*

> "Homens ignorantes, insensatos, que não sabeis discernir o que há de bom ou de mau em vosso destino. Eis que tua loucura te levou à mais grave das faltas! Juro pela água implacável do Estige, pela qual juram também os deuses: Eu teria feito de teu filho um ser eternamente jovem e isento da morte, outorgando-lhe um privilégio imorredouro. A partir de agora, no entanto, ele não poderá escapar do destino da morte." [9]

*Antes de deixar o palácio, Deméter solicitou que em Elêusis fosse erguido um templo em sua homenagem, onde ela, pessoalmente, ensinaria seus ritos aos humanos.* Deméter simboliza o arquétipo materno. Ela representa o instinto da maternidade que busca satisfação através da gravidez ou da nutrição física, psicológica ou espiritual dos outros. A identificação com esta deusa torna os taurinos nutridores, generosos, protetores; porém, quando sua necessidade de

9 Homero. Citado por Brandão, J., Op. cit., p. 291.

nutrir é rejeitada ou mal-entendida, eles podem, como a deusa, entrar em depressão, reprimindo essa capacidade.

*Pronto o santuário, Deméter refugiou-se nele e provocou uma seca terrível que se abateu sobre a terra. Zeus enviou mensageiros pedindo sua volta ao Olimpo. A deusa, irredutível, recusava-se a retornar e a permitir que as plantas crescessem enquanto a filha não fosse trazida de volta. Como a ordem do mundo corria sério perigo, Zeus enviou Hermes para negociar com Hades.* Esta história ilustra uma das faces da Grande Mãe, que se recusa a deixar o filho crescer e ter o próprio caminho. Como Deméter, que obstinadamente queria Perséfone de volta. Muitas mães taurinas dedicam suas vidas aos filhos e a seu bem-estar. Quando eles crescem e saem de casa para construir suas próprias vidas, é comum que essas mães sintam-se abandonadas, e sintam que sua principal função já não tem valor. Elas vivenciam a autonomia dos filhos como uma perda emocional e se deprimem. Como geralmente não sabem expressar seus sentimentos, reagem retirando o carinho e até a nutrição que sempre deram aos filhos. Podem passar muito tempo assim, até que consigam resgatar o filho de volta ou compreender sua nova função.

*O Senhor dos Ínferos não tinha como desobedecer às ordens de seu irmão. Assim, Perséfone pôde retornar à Terra. Antes de partir, Hades deu-lhe sete sementes de romã, que a jovem comeu.*

*De volta aos braços e abraços saudosos da mãe, tudo parecia ter voltado aos seus lugares. Porém, as sete sementes selavam seu compromisso com Hades. Por isso, ficou decidido que a cada primavera ela viria para a companhia de Deméter e, no outono, retornaria aos Ínferos, onde seria a rainha.* Assim, Perséfone ganhou uma certa independência e passou a fazer a ligação entre o mundo externo, concreto (taurino) e o mundo interno, inconsciente (escorpiônico).

*Depois de resgatar a filha, Deméter voltou ao Olimpo, a Terra tornou-se novamente fértil e coberta de verde. A deusa convocou Celeus e Triptólemos, o filho mais velho do rei, e a este último confiou o grão da vida, com a missão sagrada de levar o grão de trigo a todos os povos, e ensinar-lhes a prática do trabalho. Assim os homens aprenderam a cultivar a terra e a fazer o próprio pão.*

*Deméter fundou os Mistérios Eleusinos em seu santuário de Elêusis. Através desses ritos ocultos, as pessoas descobriam razões para viver em alegria constante e não mais temer a morte.* Segundo Junito Brandão, o Hino homérico a Deméter pode e deve ser considerado como o discurso sagrado do Santuário de Elêusis. Nele, a deusa da terra é consagrada como a maior fonte de riquezas e alegrias. Este "Hino a Deméter" promete a felicidade para seus devotos e, indiretamente, punição para aqueles que ignorarem os Mistérios:

"Feliz aquele que possui, entre os homens da terra,
a visão destes Mistérios. Ao contrário, aquele que não foi iniciado
e aquele que não participou dos santos ritos não terá,
após a morte, nas trevas úmidas, a mesma felicidade do iniciado."[10]

Como experiência arquetípica, a história de Deméter e Perséfone ilustra a capacidade de crescer através do sofrimento e de aprender a lidar com as mudanças humanas sazonais. Os sólidos e estáveis taurinos adquirem, como a deusa, uma sabedoria telúrica que espelha os ciclos da natureza. Assim, aprendem a lidar com as perdas e com as inexoráveis mudanças que o crescimento provoca.

Deméter representa muito bem o lado mais terno e doce dos taurinos, que é o maternal, que pode também se transformar em posse e obstinação. O signo de Touro traz em seu cerne a possibilidade da continuação da vida em toda a sua diversidade, como era função da deusa da fertilidade. Com ele aprendemos a utilizar os sentidos e alimentar o corpo; preservar a vida e admirar a natureza, conhecendo e respeitando seus eternos ciclos.

## Teseu

Esta lenda ateniense mostra a trajetória do herói taurino. Todos os seus elementos e personagens representam uma faceta deste aparentemente simples, mas internamente complexo, signo.

*Sob a forma de um touro branco, Zeus raptou Europa. Carregando a donzela em seu dorso, atravessou o mar e chegou a Creta. Junto a uma fonte, à sombra dos plátanos, os amantes se uniram. Dessa união, nasceram três filhos: Minos, Sarpédon e Radamanto. Zeus deu a Europa muitos presentes e casou-a com Astérion, rei de Creta, que adotou os filhos do deus. Após sua morte, Europa recebeu honras divinas e o touro, no qual Zeus se transformara, foi eternizado na constelação do signo que leva seu nome. Minos, sendo o mais velho, depois da morte do rei, proclamou-se soberano e expulsou seus irmãos para reinar sozinho. Casou-se com Pasifae, princesa de um reino vizinho, e iniciou seu reinado.*

*Minos possuía um rebanho formidável de touros, dedicado a Poseidon. Para provar ao povo que era amado pelos deuses, mandou erguer um altar de sacrifícios, invocou o deus e pediu-lhe a primazia dos mares, em troca do*

10 Ibid., p. 293.

*sacrifício do seu mais belo touro branco. O deus – ele próprio retratado em forma de touro – assentiu e Creta prosperou, consolidando o reinado do novo soberano. Na hora de fazer sua parte, Minos não cumpriu o prometido, sacrificando um touro de qualidade inferior.*

A atitude de Minos usurpando o trono de forma avara e ambiciosa é uma expressão típica do lado negativo deste signo. O sacrifício do touro branco em homenagem a Poseidon simbolizaria sua submissão a uma unidade maior, representando um aspecto de renúncia, pois o deus dos mares desprezava a ambição e o apego. Ao invés disso, Minos transformou um acontecimento público em ganho pessoal, servindo apenas a si mesmo. Minos, como típico taurino, tinha muita responsabilidade, tanto para com sua família como para com seus subalternos, e esta foi traída em benefício próprio.

*Para vingar-se do gesto mesquinho e dar uma lição ao rei, Poseidon pediu a Afrodite que enfeitiçasse Pasifae para despertar nela um desejo incontrolável pelo touro branco. Vítima do feitiço e incapaz de conter o desejo, a rainha pediu a Dédalo – o arquiteto do reino – que criasse um disfarce para ajudá-la. Ele construiu, então, uma vaca de madeira oca sobre rodas. Pasifae, escondeu-se no interior do animal de madeira e, assim, pode acasalar-se com o touro, satisfazendo seu desejo. Dessa união nasceu o* Minotauro, *com corpo de homem e cabeça de touro, que se alimentava de carne humana. O Minotauro é símbolo da natureza selvagem, da fera, que existe no interior de cada ser humano.*

*Sendo o Minotauro a prova concreta da vergonha de Minos, foi encerrado num labirinto complexo e impenetrável – construído por Dédalo – do qual jamais poderia fugir. O alimento da fera era obtido através de uma dívida de guerra de Atenas com Creta. Minos obrigava os atenienses a enviarem sete rapazes e sete donzelas (virgens), a cada lua cheia, para serem sacrificados ao monstro. O luto e a saudade tornaram-se permanentes em Atenas, até que o jovem e intrépido Teseu se dispôs a enfrentar o Minotauro para libertar seu povo.*

Existe em cada taurino um conflito básico entre o lado humano e heróico (Teseu) e o lado fera com seu apetite voraz (Minotauro). O desejo é uma força dominante no Touro, seja por comida, bebida, satisfação sexual, dinheiro, *status*, etc. Obcecado, nada poderá detê-lo. Se for preciso, derrubará montanhas e lutará com dragões para conquistar seu objeto de desejo. A lição a ser aprendida pelo taurino é a de colocar essa força a serviço do seu crescimento como ser humano e de sua evolução espiritual, e não apenas para satisfazer a fera.

*Teseu era filho de Etra, princesa de Trezena, filha mais velha e solteira do rei Piteu. Numa visita de Egeu, o rei de Atenas, ela engendrou um plano para arranjar um casamento. Depois de embriagar e seduzir o visitante, a*

*princesa fugiu e ofereceu um sacrifício aos deuses à beira-mar para que seu plano surtisse efeito. Poseidon, ao vê-la seminua, avançou sobre ela, violentando-a.*

*No dia seguinte, Egeu desconfiou do que havia acontecido. Como não tinha herdeiros, resolveu preparar um desafio que só poderia ser vencido por um filho seu. Retirou as sandálias e a espada e escondeu-as sob uma grande pedra oca, conhecida como o Altar de Zeus o Poderoso. Seu filho deveria ter força e coragem para viver seu destino, e se conseguisse resgatar os objetos escondidos, poderia procurá-lo em Atenas que seria reconhecido como herdeiro do trono.*

*Assim, Teseu nasceu filho de um mortal (Egeu), mas também de um deus (Poseidon), e protegido por este. Criou-se em Trezena, sob os cuidados do avô Piteu. Conta a lenda que, ainda criança, já mostrava sinais de sua valentia. Um dia, quando Piteu jantava em companhia de Héracles, este havia retirado sua pele de leão, deixando-a sobre um banquinho. Quando entraram na sala e viram a pele do animal, as crianças do palácio berraram de medo e fugiram. Mas Teseu saíra da sala apenas para buscar um machado, e voltou, confiante, pronto para atacar o animal que ele acreditava ser verdadeiro.*

O principal herói ateniense tem, em sua vida, três momentos distintos. O primeiro é sua Ascensão.

*Teseu tornou-se um jovem forte, sábio e prudente. Etra contou-lhe sobre o pai e os objetos sob a pedra que garantiriam sua herança. Sem dificuldades, o jovem recuperou a espada e as sandálias, e a partir desse dia a pedra passou a se chamar a "Rocha de Teseu".* Como bom taurino, o herói tratou de recuperar aquilo que lhe pertencia e que, principalmente, garantiria seu futuro. *Depois, partiu em busca do pai e do trono, preferindo ir para Atenas por terra.*

*Como nessa época Héracles estava exilado na Lídia com a rainha Ônfale, o caminho entre Trezena e Atenas estava infestado de bandidos. Teseu decidiu acabar com os bandoleiros, dando-lhes a punição de acordo com seus crimes, conforme faria Héracles, seu ídolo. No caminho enfrentou muitos perigos, e a todos venceu. A fama de sua coragem chegou à Ática antes dele. Jamais começava uma luta, mas também jamais fugia e castigava seus opositores duramente.* Os taurinos geralmente pacíficos não provocam uma briga, porém o ditado: "Dou um boi para não entrar numa briga, e uma boiada para não sair", cabe-lhes muito bem.

*Em Epidauro enfrentou e venceu o terrível Perifetes, filho de Hefestos, que atacava com uma clava de bronze. Teseu passou a usar a clava como símbolo de força.* Não por acaso, no Zodíaco Árabe, a clava é a arma atribuída ao signo de Touro. *Quando chegou em Atenas, Egeu reconheceu a espada e*

*as sandálias e recebeu o herói como filho e herdeiro, acolhendo-o em seu palácio com todas as honras.*

*Nessa época, a dívida de guerra já estava sendo paga, e Atenas vivia em constante luto. Penalizado com essa situação, o herói se ofereceu como voluntário para ser vítima do Minotauro. Egeu, muito preocupado com o destino do filho, deu-lhe uma vela branca para que fosse hasteada em seu regresso, caso retornasse vitorioso.* O Minotauro simboliza a humanidade eclipsada pelos desejos violentos, capazes até mesmo de devorar a carne humana. Minos, seu Minotauro e o herói Teseu são aspectos de um mesmo arquétipo. Todos se relacionam com Poseidon. Minos comete uma afronta ao deus; Teseu precisa redimi-la, para isso enfrenta a besta, levado por um interesse maior: a libertação dos jovens de Atenas.

*Ao chegar em Creta, Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se assim que o viu e lhe propôs um trato.* "Posso ajudar-te a matares o meu meio-irmão Minotauro, se no teu regresso me levares contigo para Atenas, e fizeres de mim tua mulher."[11] *Então, entregou ao herói um novelo mágico de fio de ouro, feito por Dédalo, com o qual Teseu poderia entrar e sair do labirinto, sem perder o rumo.*

O segundo momento é o Apogeu. *Teseu, usando o fio de Ariadne como guia, entrou no labirinto. O novelo desenrolou-se naturalmente, fez curvas e recurvas até chegar ao recanto mais secreto onde se escondia o Minotauro. O herói seguiu o fio, enfrentou a fera, matou-a com sua clava e saiu vitorioso.*

Teseu pôde enfrentar o Minotauro porque recebeu o fio de Ariadne, que significa planejamento e objetividade. O labirinto representa o inconsciente e o intrincado turbilhão de emoções humanas que, muitas vezes, assustam o taurino. Com o fio, ele pode seguir, seguro do retorno, enfrentando corajosamente o labirinto das relações humanas e a fera do seu interior. Touro, o segundo signo, é aquele que segue o líder. Precisa de um guia para enfrentar seus desafios.

*Teseu partiu com Ariadne apressadamente para Atenas. No caminho de volta, abandonou-a na Ilha de Naxos, onde tempos depois Dioniso encontrou-a e casou-se com ela.*

> "Teseu abandona Ariadne não por uma razão precisa, ou por outra mulher, mas porque Ariadne sai de sua memória, num momento que é todos os momentos. Quando Teseu se distrai, alguém está perdido."[12]

---

11 Graves, Robert. Op. cit., Vol 2, p. 73.

12 Calasso, Roberto. *As Núpcias de Cadmo e Harmonia*, p. 17, 2ª edição. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

*Já chegando em Atenas, Teseu se esqueceu da promessa de hastear a vela branca. Egeu, que esperava ansioso o filho, no alto da Acrópole, ao avistar a vela negra, desmaiou e caiu no mar que recebeu seu nome: Mar Egeu.*

*Em Atenas, Teseu tornou-se rei, revelando-se um grande governante e instituindo uma política federal que serviu de base para o bem-estar de Atenas no futuro. Seu primeiro ato foi a unificação da Ática, até então dividida em doze comunidades. Convenceu os grandes senhores de terra a abolirem a monarquia e a substituírem-na por uma democracia, porém Teseu continuou a ser o comandante chefe e o juiz supremo, centralizando o governo. Criou uma Assembléia e um Tribunal, e se absteve de mexer nas leis que regiam a propriedade privada. Teseu foi o primeiro rei a cunhar moedas, gravando em cada uma delas a imagem de um touro.*

Os taurinos, como Teseu, se preocupam com o bem-estar de sua comunidade, pois esta é uma extensão de sua família. O poder centralizado parece-lhes mais seguro e estável, desde que garanta uma melhor administração pública, facilitando e protegendo a propriedade privada. As moedas passaram a receber a face inequívoca do Touro, signo que simbolizam.

*Como seu governo trouxe paz e prosperidade ao reino, o herói resolveu seguir seu caminho de lutas e conquistas.* Esta era sua forma de acumular troféus, aumentando seu patrimônio de aventuras. Na verdade, encobria sua resistência ao amadurecimento. Muitas de suas histórias têm um caráter irresponsável. A grande insatisfação que Teseu sentia e que o movia a buscar novas conquistas era, na verdade, a busca do sagrado que ele confundia com seu desejo material. Ele nasceu filho de um mortal e de um deus, trazendo portanto a centelha divina em sua essência. No entanto, distanciou-se dela e tentou resgatá-la fora de si mesmo, quando deveria ter ido em busca do autoconhecimento, porque lá está o divino. Muitos taurinos agem dessa forma. Não conseguem caminhar na terra conectados com a dimensão cósmica, a única que pode dar sentido e plenitude à existência.

*Na terra das Amazonas, conquistou Antíope, a rainha, e com ela teve Hipólito, seu primogênito. Mas logo cansou-se, abandonou-a e partiu em busca de novas aventuras, levando o filho consigo. Para manter a aliança com Creta, casou-se com a jovem Fedra, que também era filha de Minos, e com ela teve dois filhos. Para evitar qualquer disputa entre seus herdeiros, enviou Hipólito para morar com o bisavô Piteu, que fez dele seu herdeiro ao trono de Trezena.*

*Hipólito, seguindo o exemplo da mãe, tornou-se devoto de Ártemis. Mandou erigir um templo para a deusa da caça em Trezena, lugar onde Afrodite era a divindade mais importante. Esta, para vingar-se do insulto, insuflou em Fedra uma paixão obstinada pelo jovem. Numa viagem de Teseu, Fedra tentou conquistar Hipólito, escrevendo-lhe um bilhete.*

"Nós, as mulheres da Casa Real de Creta estamos indubitavelmente condenadas a conhecer as desventuras do amor: vede só os exemplos de minha avó Europa, de minha mãe Pasifae, e por último da minha própria irmã Ariadne! Ah, desventurada Ariadne, abandonada por vosso pai, o infiel Teseu, que depois assassinou a vossa mãe real – como é possível não vos castigarem as Fúrias quando dais provas de tão pouca filial indiferença pelo seu destino? – e há-de um dia assassinar-me a mim! Espero bem que vos vingueis dele prestando comigo homenagem a Afrodite. Não poderíamos fugir e viver juntos, por algum tempo, pelo menos, e dar como desculpa uma caçada, sei lá? Ninguém iria suspeitar dos nossos verdadeiros sentimentos um pelo outro. De resto, já habitamos sob o mesmo teto, e a nossa afeição surgiria aos olhos dos outros inocente, quase diria louvável."[13]

*O jovem, horrorizado, queimou a carta e foi falar com Fedra em seus aposentos. Ao vê-lo entrar, a mulher rasgou suas roupas, abriu as portas e gritou que estava sendo violada. Depois se enforcou na soleira da porta, e deixou uma carta onde incriminava Hipólito e, que, por não suportar a vergonha, decidira morrer. Quando Teseu voltou e encontrou Fedra e a carta, pediu a Poseidon que castigasse seu filho. O deus fez surgir um monstro do mar, que assustou os cavalos de Hipólito. Esses caíram do penhasco, matando-o.*

O terceiro momento é a sua Queda. *Teseu, depois desse episódio dramático, ficando desorientado, partiu para novas aventuras e passou a não cuidar mais dos assuntos do reino. O povo passou a considerá-lo culpado pela morte de Hipólito e pela decadência da cidade. Teseu foi exilado em Ciros, onde ainda possuía algumas terras. O rei Licomedes que já havia se apossado dessas terras, não pretendia devolvê-las. Então, com o pretexto de mostrar ao herói as divisas de seu território, levou-o para o alto de uma montanha e empurrou-o do precipício. Teseu não conseguiu ultrapassar os limites da matéria e, portanto, não pôde receber a imortalidade.*

Outro mito, que ilustra a busca do autoconhecimento e a integração com a parcela divina no signo de Touro, é um conto budista. Neste, os vários estágios de desenvolvimento de um homem são descritos através da domesticação de um touro. Esse animal é uma força primitiva, e quando dirige o homem pode levá-lo à destruição, pois deixa-o à mercê de seus desejos. Reprimir essa força também não soluciona o problema. A fórmula budista diz que o homem e o touro devem aprender uma dança, desenvolvendo um padrão de respeito mútuo, para que o

13 Ovídio. *Heróides*, citado por Graves, R., Op. cit., Vol 2, p. 88.

touro se torne mais humano, e o homem, mais animal. Assim, ambos desaparecem e revelam-se como partes da mesma unidade divina.

Para a tradição budista, o Buda nasceu e se iluminou na Lua Cheia do signo de Touro. Ele é um exemplo do taurino capaz de fazer seu caminho na Terra e integrar-se com seu lado divino.

Na verdade, existem dois conceitos-chaves para o Touro: o poder do desejo, no plano material e a iluminação, no plano espiritual. Esta emerge num estágio mais avançado, quando a pequena vontade pessoal entra em sintonia com a Ordem Cósmica. Então, o Touro deixa brilhar o "olho iluminado", que se concentra na luz da meta final, a da continuidade da consciência.

## O Touro Ferdinando

Esta história infantil pode nos esclarecer muito a respeito deste signo. O touro Ferdinando é um taurino perfeito. *Nascido gordo, forte e bonito, destinava-se a ser feroz e reprodutor. No entanto, era uma criatura adorável, que passava seu tempo cheirando as flores, ouvindo os pássaros, sentindo a brisa. Não fazia quase nada, contentando-se com pouco e sentindo-se em casa no meio das pastagens. Manso como uma vaca, pastava e engordava, não usando todo seu potencial, para desespero do dono da fazenda.*

*Até que um dia, passeando no campo florido, sentou-se para cheirar as flores. Numa delas havia uma abelha, que picou Ferdinando nos genitais, rompeu sua placidez e o pôs a correr campo afora, derrubando cercas e fazendo com que usasse, afinal, seu potencial represado.*

Como Ferdinando, todo taurino é passivo, tranqüilo, bonito e quer viver sua vida pacatamente. Mas um dia, encontrando a sua abelha, quebrará o constante ciclo repetitivo e sairá da pasmaceira. Essa abelha pode ser uma pessoa ou um acontecimento muito significativo, por exemplo, uma mudança de cidade, que força o taurino a se mexer. Ela representa sua sombra, o Escorpião, o signo oposto e complementar de Touro. É ele o responsável pelas grandes transformações e por isso sempre detona mudanças radicais.

# Dos Mitos do Gêmeos

Gêmeos, o terceiro signo, pertence à tríade do elemento **ar**. Sua representação na natureza é o vento, que se move em todas as direções. Tem sido comparado à **borboleta** do Zodíaco, porque sua rapidez leva-o a voar de um assunto para o outro, reunindo informações, sem tempo para aprofundar. Os animais que o representam são as aves que aprendem a falar, como papagaios, araras, cacatuas, maritacas, etc., e também os macacos com sua leveza e jogo de corpo. Bibliotecas, jornais, mapas, dicionários são imagens que o simbolizam; assim como a máquina de escrever, o telefone, os lápis e as canetas, a bicicleta e a harmônica também pertencem ao universo geminiano. No corpo humano, Gêmeos rege os braços, as mãos e o sistema respiratório.

Seu planeta regente é **Mercúrio**, o menor, mais ágil e mais próximo do Sol, no nosso sistema solar, o que aponta para a incrível agilidade geminiana.

Qualidades como versatilidade, adaptabilidade, curiosidade e esperteza são características deste signo. Muito ágeis e atentos, dificilmente alguma coisa escapa de sua observação. Daí sua capacidade de ensinar, transmitir, convencer e elaborar textos muitas vezes plagiados de diversos autores. Sua observação inteligente da realidade, isto é, sua capacidade de escolher entre várias alternativas, "pinçando" apenas os aspectos que lhe interessam para sintetizar sua experiência, faz do geminiano o repórter potencial do Zodíaco.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Hermes

*Mais conhecido por seu nome romano* ***Mercúrio****, era o* ***Mensageiro dos Deuses****. Hermes, filho de Zeus e Maia, era fruto de mais um dos amores proibidos do grande Senhor Olímpico. Maia, uma bela ninfa da Arcádia, filha do titã Atlas, era uma das plêiades (a constelação de estrelas irmãs que enfeitam o céu noturno). Correspondia, possivelmente, a uma antiga deusa egípcia associada com a noite e com as forças ocultas da natureza.* O caráter ambíguo de Hermes, que sintetiza a natureza dupla do Gêmeos, está presente desde o seu nascimento. Filho de Zeus, o espírito brilhante, com Maia, antiga representação da noite, ilustra a união da luz com a sombra, síntese da sua tarefa.

*Hera, a implacável esposa de Zeus, lançou sua raiva e ciúme sobre a ninfa, fazendo-a fugir para as montanhas, onde se escondeu numa caverna do Monte Cilene para dar à luz. Exausta pela fuga e pelo trabalho de parto, Maia adormeceu depois de enrolar o bebê em faixas e colocá-lo numa cesta, no vão de um salgueiro, árvore sagrada que simbolizava a fecundidade e a imortalidade.*

*Assim que viu a mãe em sono profundo, o ágil Hermes livrou-se das faixas e saiu em busca de aventura. Queria mostrar aos deuses suas habilidades para ser aceito entre eles, provando ser digno de sua condição divina. Então decidiu roubar o gado real que Apolo, o deus Sol, cuidava nos campos do rei Admeto, na Tessália. Levou cinqüenta reses. Para encobrir os rastros, amarrou ramos secos nas patas e caudas dos animais e escondeu-os numa caverna. Apolo, que estava distraído, namorando um pastor, nada percebeu. Quando descobriu o roubo, pediu aos sátiros de Sileno para procurarem o gado.*

*Hermes matou dois animais como oferenda aos deuses. Das tripas esticadas e secas ao fogo fez as cordas que prendeu no casco vazio de uma tartaruga. E assim, mostrando sua genialidade, criou a* lira, *instrumento símbolo das Artes na cultura ocidental. Depois, enrolou-se novamente em suas faixas, deitou-se no berço e adormeceu.*

O movimento está presente em sua vida desde o início. Em seu primeiro dia de vida, Hermes roubou o gado de Apolo, ofereceu um sacrifício aos deuses, criou e tocou a lira, e voltou para seu berço como um inocente recém-nascido. Este dia foi um prelúdio, onde todos os temas característicos de Hermes e dos geminianos estiveram presentes.

*A ninfa Cilene, que tudo assistira, pegou a lira e pôs-se a tocar e cantar em louvor daquele ser que, de tão engenhoso, só poderia ser filho dos deuses. Os sátiros ouviram e foram ver de onde saía tão bela e desconhecida melodia. A ninfa, então, contou-lhes sobre Hermes e como este criara a lira. Muito espertos, logo desconfiaram que o material utilizado só poderia ser do gado roubado.*

*Apolo, com sua visão divina, compreendeu toda a trama. Logo descobriu o pequeno ladrão e acusou-o diante de Maia. A mãe tentou defendê-lo, argumentando que seu filho, nascido há poucos dias e todo enfaixado, não poderia ter sido o autor do roubo. Porém, quando Apolo viu o couro dos animais sacrificados, não teve dúvidas e carregou Hermes para ser julgado perante o Grande Senhor do Olimpo.*

*Zeus interrogou habilmente o filho, que insistia em negar sua façanha. Depois de muita discussão, Zeus — que, no fundo, se divertira muito com as proezas do menino — ordenou a Hermes que devolvesse o gado e pedisse desculpas a Apolo. Então, advertiu-o que deveria respeitar a propriedade e prometer que nunca mais mentiria. Ao que Hermes retorquiu:*

> "Se assim é, faz de mim teu arauto, Pai (...) e ficarei responsável pela segurança de toda a propriedade divina, não direi mais mentiras, se bem que não possa prometer que direi sempre toda a verdade."[1]

De acordo com Walter Otto, Hermes "carece de dignidade". Muitas vezes age como um embusteiro. De forma engenhosa, utiliza a astúcia e a magia para conseguir seus intentos; busca soluções imediatas que, na maioria das vezes, não são definitivas. Os geminianos são extremamente engenhosos, prolixos e persuasivos. Algumas vezes se perdem no meio das histórias que criam, noutras, mentem deliberadamente sem que o interlocutor sequer desconfie. E, às vezes, quando julgam conveniente, omitem parte da verdade.

*Depois da história esclarecida, Hermes e Apolo voltaram ao Monte Cilene para a devolução do gado. Porém Hermes tinha mais uma "carta na manga":*

> "– Muito bem, vem comigo – disse ele – e terás de volta o teu rebanho. Apenas matei duas, e a estas, cortei-as em doze partes iguais para as oferecer em sacrifício aos doze deuses.
> – *Doze* deuses? – retorquiu Apolo – mas quem é esse número doze?
> – Este teu criado, Senhor – respondeu Hermes modestamente. – Não comi mais que o meu quinhão, ainda que fosse grande a fome que tinha, e queimei o resto, como manda a lei."[2]

*Hermes saudou a mãe e retirou a lira, recém-inventada, debaixo de uma pele de carneiro. Quando Apolo ouviu os acordes harmoniosos da lira, que Hermes tocava divinamente, encantou-se com ela e propôs trocar o gado roubado pelo instrumento. O jovem deus prontamente concordou.*

*Pouco tempo depois, enquanto pastoreava seu rebanho, Hermes encontrou uma flauta que Pã havia perdido. Usando sua natural engenhosidade, cortou um pedaço de cana e fez uma flauta igual a que encontrara. Passou a afirmar que era sua mais nova invenção. Apolo também encantou-se pela flauta e ofereceu em troca seu cajado de ouro, que se tornou o caduceu, e o título de deus dos pastores e guardadores de gado. Sendo assim, Hermes aceitou o negócio, mas pediu lições de adivinhação. Apolo concordou e sagrou-o rei do Comércio, dos Ladrões e dos Caminhos.* Os geminianos, muito eloqüentes e de raciocínio rápido, são capazes de usar todos os argumentos para convencer os outros de seus pontos de vista. Esta capacidade persuasiva pode

1 Graves, Robert. *Os Mitos Gregos*, Vol 1, p. 62. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.
2 Ibid., p. 62.

torná-los ótimos negociadores, seja como representantes de uma classe ou categoria, defendendo seus interesses, seja no comércio.

*Desse modo, o* caduceu, *símbolo da cura, da regeneração e da arte divinatória, passou a figurar como instrumento dos novos atributos de Hermes, todos necessários à tarefa de conduzir os homens. A imagem clássica do deus retratava-o usando um chapéu com asas, o pétaso, sandálias também aladas e carregando o caduceu.* Estes elementos simbólicos sintetizam as diversas atribuições deste deus. O chapéu, cobrindo a cabeça, sede do pensamento, identifica sua rapidez mental e simboliza o poder e a soberania sobre este reino. As sandálias aladas representam sua elevação mística e o domínio sobre os três níveis: ctônio, terrestre e celeste.

O caduceu, principal instrumento de Hermes, é um símbolo dos mais antigos e de muitas interpretações. Para este deus alquímico é o bastão com duas serpentes enroladas em sentidos opostos, representando o equilíbrio entre os dois aspectos simbólicos da serpente: diurno e noturno, benéfico e maléfico. "Enrolando-se em torno do caduceu, elas simbolizam o equilíbrio das tendências contrárias em torno do *axis mundi*, do eixo do mundo, o que nos leva a interpretar o bastão do deus de Cilene como um símbolo de paz."[3] Na época clássica grega, o caduceu foi acrescido de asas sobre as duas serpentes, adquirindo seu sentido mais pleno. Assim, transcendendo suas origens, este símbolo tornou-se uma síntese *ctônio-urânia*, a união das profundezas da Terra com a amplitude dos Céus.

*Zeus sagrou Hermes o Mensageiro dos Deuses, aquele que fazia as "pontes" entre deuses e deuses, entre deuses e homens e entre homens e homens. Era o único ser que podia descer aos Ínferos e retornar à Terra. Como* Hermes Psicopompo *conduzia as almas ao reino dos mortos, o mundo de Hades, ao qual tinha livre acesso. Viajava constantemente entre o Olimpo, a Terra e os Ínferos. Tornou-se o mensageiro predileto dos deuses, especialmente de Zeus e de Hades e Perséfone.* Mircea Elíade considera que são as faculdades "espirituais" de Hermes que garantem seu acesso ao mundo das almas: "Pois a sua astúcia e a sua inteligência prática, a sua inventividade (...), o seu poder de tornar-se invisível e de viajar por toda a parte em um piscar de olhos, já anunciam os prestígios da sabedoria, principalmente o domínio das ciências ocultas, que se tornarão mais tarde, na época helenística, as qualidades específicas deste deus".[4]

---

3 Brandão, Junito. *Mitologia Grega*, Vol II, p. 206, 4ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

4 Elíade, Mircea. Citado por Brandão, J., Op. cit., Vol II, p. 194.

*A tarefa maior do deus mensageiro era interpretar e traduzir a vontade dos deuses. Assim, foi o porta-voz da palavra divina a Deucalião, anunciando que Zeus realizaria seu último desejo. Por seu intermédio, Héracles recebeu a espada, Perseu o capacete de Hades e Anfião recebeu a lira. Foi ele que levou as três deusas, Hera, Atena e Afrodite, ao Monte Ida no episódio do julgamento de Páris. Também conduziu Psiquê ao Olimpo para se casar com Eros. Enfim, onde quer que sua habilidade fosse requerida, lá estava Hermes cumprindo sua divina função. Era uma divindade associada aos Ritos de Passagem, não apenas da vida para a morte, mas também as viagens entre as diversas regiões e os ritos iniciáticos.*

A força motriz do signo de Gêmeos é o movimento: entre os diversos reinos, em comunicação com todas as pessoas, conhecendo fatos e histórias, registrando e levando as notícias. Eis o verdadeiro repórter em ação!

*Muitas vezes Hermes serviu a seu pai, resolvendo várias questões. Assim, Zeus enviou o filho para libertar Io, uma de suas amantes, que estava metamorfoseada em bezerra e mantida em cativeiro, tendo o Argos dos Cem Olhos como guardião. Hermes usou seu caduceu para adormecer os cinqüenta olhos despertos do monstro, uma vez que os outros cinqüenta já estavam adormecidos. Depois matou o guardião e libertou Io.*

*Na* Ilíada, *poema épico de Homero que retrata a Guerra de Tróia, Hermes é chamado "o matador do Argos". Sua participação mais importante aconteceu no final da Guerra. Aquiles matou Heitor, o príncipe troiano, e não permitia que seu corpo fosse entregue aos pais para ser sepultado. Zeus, reconhecendo que o príncipe era o mais caro dos mortais para os deuses, enviou Íris para chamar Tétis, mãe de Aquiles, à sua presença para dizer-lhe que procurasse abrandar a ira do filho e convencê-lo a aceitar o resgate pelo cadáver de Heitor. Depois, mandou Íris à Tróia falar com Príamo, o rei.*

> "Vai, veloz Íris, deixa o Olimpo e dize a Príamo, de forte coração em Tróia, para ir aos navios dos aqueus e resgatar seu filho, oferecendo a Aquiles presentes que satisfaçam seu coração, mas que vá sozinho e não deixe outro homem entre os troianos acompanhá-lo. (...) Que ele não tema a morte em seu coração, que não tenha medo, eis que enviaremos com ele, como escolta, o matador de Argos, que o conduzirá até chegar ao seu destino e o apresentará a Aquiles."[5]

*Quando Príamo já se encaminhava para os navios gregos, Zeus enviou Hermes para acompanhá-lo:*

---

5 Homero. *A Ilíada*, p. 264. EDIOURO, Rio de Janeiro, s/d.

> "'Hermes, já que teu mister preferido é o de ser companheiro de um homem e com ele conversar à vontade, vai e conduz Príamo aos côncavos navios dos aqueus, a fim de que nenhum dos gregos o veja antes que ele chegue junto do filho de Peleu.' Assim falou, e o Guia, o matador de Argos, não lhe desobedeceu. Sem demora calçou as belas sandálias, imortais, de ouro, que o conduzem sobre o mar ou sobre a ilimitada terra, veloz como o sopro do vento. Pegou o caduceu, com quem encanta os olhos dos homens que deseja ou os desperta do sono. Empunhando-o, o poderoso matador de Argos partiu."[6]

*Hermes conduziu o rei até Aquiles e, depois da negociação terminada, reconduziu-o de volta para Tróia, com o corpo do filho. Assim, Heitor pôde, por fim, receber as honras fúnebres.*

*Hermes ocupava um lugar de destaque como mediador e negociador, assim fazia por merecer toda a confiança de Zeus. Íris, que pertencia à raça de Oceano, simbolizava o arco-íris e, portanto, a ligação entre o Céu e a Terra. Sua representação era uma figura alada, revestida por um véu que, sob os raios do sol, refletia as cores do arco-íris. Como Hermes, tinha a incumbência de levar as mensagens, ordens e conselhos dos deuses para outros deuses e, às vezes, para os homens. Era, porém, considerada uma divindade de menor importância, porque estava mais estreitamente a serviço de Zeus e de Hera, de quem era tida quase como uma serva.* Sua menor importância pode ser, talvez, creditada ao fato de Hermes, o grande deus mensageiro, ter assumido de forma mais plena suas atribuições. Do mesmo modo, Íris também se encaixa no arquétipo do signo de Gêmeos, sem ameaçar a posição de Hermes, seu mais completo representante.

*Para os helenos, Hermes era o sábio, exemplo inteligente do grego reflexivo, o próprio* Logos. *Aquele que conhecia e ensinava toda ciência secreta. Quem tivesse o privilégio de receber deste deus o conhecimento das fórmulas mágicas tornava-se invulnerável a todo e qualquer malefício. E aqueles iniciados por Hermes eram capazes de resistir a todas as tentações das trevas, porque tinham — como o deus — acesso à luz e à obscuridade.*

Este arquétipo está presente em todas as etapas do desenvolvimento, seja individual ou coletivo, sinalizando o amadurecimento que leva a um salto qualitativo de uma função mais primitiva para outra mais elaborada. O planeta Mercúrio rege as sinapses neurônicas que vão se tornando mais complexas a cada novo conteúdo integrado ou nova função apreendida. Por exemplo, a cada fase do desenvolvimento psicomotor da criança novas funções são integradas,

6 Ibid., p. 267.

novas ligações neurônicas são estabelecidas e a vivência de cada uma destas fases é que possibilita o amadurecimento como um todo. É preciso integrar essa qualidade associativa de Hermes, vinculada às funções do planeta Mercúrio, para fechar ciclos, abrir novas etapas e adaptar-se a elas. A Dra. J. S. Bolen, em seu livro *Gods in Everyman*, refere-se a esta capacidade de Hermes como a que orienta o indivíduo na busca do significado e da integração do reino espiritual – Olimpo – com a vida humana – Terra – e com a alma – Ínferos. Esse processo se completa quando o aprendizado é passado adiante. Sendo um viajante, Hermes procura entender, integrar e comunicar-se, utilizando a mente consciente e o intelecto – Olimpo – o reino onde o ego decide e atua – Terra – e o inconsciente coletivo – Ínferos.

Hermes representa a fluidez, o movimento e a confusão que, quase inevitavelmente, precede os novos começos. Em movimentos lépidos, cruza fronteiras, rompe dimensões. Como Hermes, o planeta Mercúrio personifica a rapidez de movimento, a agilidade da mente, a facilidade da palavra. As pessoas que possuem este planeta em posição de destaque em seus Mapas Natais também incorporam estas características.

*Hermes era tido como o deus mais amigo dos homens e também como aquele que trazia boa sorte. Era conhecido como protetor dos atletas, viajantes, comerciantes e também dos ladrões. Todos personagens que ele, muitas vezes, incorporava para alcançar seus intentos.* Os diversos personagens que o deus utiliza são a sua forma de apreender as diversas faces de cada situação. Isto está associado ao caráter mimético do geminiano; às vezes, experimenta primeiro um lado, depois o outro, às vezes oscila entre os dois, até chegar a uma síntese.

*Muitas eram as habilidades deste jovem deus. Com as Trias, velhas amas de Apolo, aprendeu a prever o futuro vendo os seixos se deslocarem numa bacia de água. Depois, ajudou as três Moiras, quando estas compunham o alfabeto. Graves assinala que nas fábulas de Higino está escrito que Hermes inventou a Astronomia, a escala musical, as artes do pugilismo e a ginástica, os pesos e medidas (que alguns atribuem a Palamedes) e a cultura da oliveira.*

*A lenda de Hermes e seu culto sobreviveram até o século XVII através de* Hermes Trismegisto, *que se tornou para o mundo greco-latino, e sobretudo em Roma, um deus muito importante. Resultante de um sincretismo entre o Hermes olímpico, o Mercúrio romano e o Thoth egípcio, que teria criado o mundo por meio da palavra, Hermes Trismegisto era "Hermes três vezes Máximo", como seu nome indica. Dele restou uma obra literária, composta de vários escritos reunidos sob a epígrafe de "Corpus Hermeticum", que é uma fusão de Filosofia, Religião, Alquimia, Magia e, especialmente, Astrologia.*

No arquétipo de Hermes concentra-se uma multiplicidade de dimensões da psiquê e do conhecimento humanos, já detectadas pelos alquimistas, que são

desdobradas, como numa polifonia, nas diversas faces do deus. Muitas são as funções atribuídas, na Astrologia, ao planeta Mercúrio e ao signo de Gêmeos. Através do arquétipo podemos compreender a inquietude e a "fome de saber" dos geminianos que, muitas vezes, se desgastam correndo de um lado para o outro, ou de um assunto para o outro, sem conseguir a quietude e o centramento necessários à concentração criadora. O planeta Mercúrio, típico representante do elemento ar, precisa "aterrisar", trazendo para a realidade concreta o plano mental. Na vida prática, esse arquétipo é representado pelos comunicadores, professores, vendedores, comerciantes, escritores e viajantes em geral.

*Graças a seu caráter alquímico e poder divinatório, Hermes recebeu um templo na Acaia, muito procurado pelos devotos, que recebiam orientação através de um processo denominado "Das Vozes". Depois de purificado, por um método rápido de ablução, o consulente dirigia-se até a estátua do deus e dizia-lhe ao ouvido a sua súplica. Em seguida, tapava as orelhas com as mãos e corria para o átrio do templo; então destapava os ouvidos e as primeiras palavras que ouvisse dos transeuntes eram a resposta do Oráculo e a vontade de Hermes.* A fala, a audição, a voz, o Logos são todos atributos geminianos.

*Hermes pode ser considerado o grande solteirão do Olimpo. Nunca se casou e tampouco teve uma companheira constante. Porém teve inúmeras aventuras amorosas e muitos filhos. O seu caso amoroso mais importante foi com Afrodite. A deusa ficou lisonjeada com a declaração espontânea de amor que Hermes lhe fez, no episódio da rede de ouro invisível, onde ela estava presa com Ares, seu amante. Para mostrar sua gratidão, a deusa passou uma noite de amor com Hermes. Desta união nasceu Hermafrodito, um ser bissexual representado como um jovem com seios femininos e longos cabelos, cujos genitais são masculinos.* Hermafrodito simboliza a união dos opostos, desafio e meta do signo de Gêmeos. Jung, em seu livro *Psicologia e Alquimia,* descreve Hermes como o comunicador, que estabelece a ponte de união entre todos os opostos: líquido e metal, matéria e espírito, quente e frio, água e veneno. Através da metáfora, esta é uma jornada mítica e psicológica que busca a união dos elementos masculino e feminino. Hermafrodito representa essa síntese.

Freqüentemente, encontramos pessoas deste signo que escolheram deliberadamente o celibato. Outras que, mesmo tendo sido casadas depois da separação, preferem continuar sozinhas e voltam a namorar livremente, ou escolhem parceiros com quem possam viver novas formas de relação, como o chamado casamento aberto. Aquelas que permanecem casadas dificilmente conseguem ser fiéis eternamente. Isto não significa que eles não sejam capazes de manter relacionamentos estáveis e duradouros, apenas mostra que talvez seja parte da lição que eles nos ensinam: a de buscar novas formas de lidar com o já estabelecido e padronizado, crescendo com as mudanças.

Hermes incorpora muito bem o *"puer eternus" de que falava Jung:*[7] *o eterno adolescente que gosta de explorar possibilidades e novas opções. Assim, também o geminiano pode viver no terreno das possibilidades, não querendo se comprometer com ninguém, nem com coisa nenhuma, vivendo uma espécie de síndrome de "Peter Pan", sem jamais querer crescer. Enquanto as outras pessoas estabelecem carreiras e famílias, ele viaja em busca de aventuras, muda de cidade muitas vezes, não se compromete e não cria raízes em nenhuma situação.*

Os nativos de Gêmeos, e também aqueles que têm o planeta Mercúrio enfatizado em seus Mapas Natais, costumam viver o presente como algo transitório, sonhando e fantasiando com um futuro de maiores possibilidades. Sua agitação mental gera uma inquietação corporal, que só reencontra o equilíbrio em movimento. Se tivessem que parar e enfrentar a rotina cotidiana, teriam a sensação de estar diante de uma realidade imperfeita, onde seus sonhos de futuro jamais poderiam se realizar. Cumprir os mesmos compromissos e horários pode ser sufocante e estressante para eles; ao sentirem-se pressionados por prazos irrevogáveis, por exemplo, rapidamente acionam sua mente inventiva, descobrindo uma solução imediata, que provavelmente precisará de revisão mais adiante. Ocupam-se dos sintomas, não das causas e nem da prevenção. Isto compete a outros signos.

Certamente, em algum momento – geralmente na crise da meia-idade – o geminiano é obrigado a parar e a olhar para a própria vida e avaliar seus resultados, que nem sempre são aqueles sonhados. Sua energia e habilidade para lidar com o novo poderão ajudá-lo a começar uma nova carreira ou relacionamento, mesmo numa idade que parece tardia para as outras pessoas, mas nunca para aquelas deste signo.

O elemento *Mercurius*, da Alquimia, caracteriza o lado superior de Hermes. Simboliza a integração, a conexão, o processo de entendimento. É aquele que estabelece vínculos e associações entre os opostos Yin e Yang, para que a transformação possa ocorrer. É chamado o "Grande Transformador", porque é aquele que une e integra os opostos. A substância mercúrio adere somente a metais preciosos. Metaforicamente, Hermes pode nos levar ao encontro do nosso tesouro espiritual. Os alquimistas medievais chamavam Mercúrio de "O Espírito Criador do Mundo" ou "O Espírito Oculto e Preso na Matéria", responsável pela criação do mundo, mas aprisionado nela. Eis aí o caráter ardiloso da mente.

A lenda de Hermes demonstra a chave da Senda do Gêmeos: encontrar o "caminho do meio", a visão holística da vida, para tornar-se – como Hermes –

---

7 Jung, em seu livro *Psicologia e Alquimia*, descreve melhor este aspecto.

o canal de ligação e também o intérprete da integração entre o Cosmos e a Terra, entre o Macro e o Microcosmos.

## Cástor e Pólux

Estes Gêmeos, também chamados **Dióscuros,** são os mais famosos da Mitologia. Sua lenda é a seguinte:

*Tíndaro, rei de Esparta, estava exilado na Etólia e se apaixonou por Leda, a filha do rei. Quando os conflitos em Esparta cessaram, Tíndaro pôde voltar a ocupar seu trono. Às vésperas da partida, casou-se com Leda, com as bênçãos do rei e dos deuses.*

*Como era costume na região, na noite de núpcias, Leda despiu-se para tomar banho no lago sem saber que estava sendo cuidadosamente observada pelo Senhor do Olimpo. Zeus, encantado por sua beleza e jovialidade, e sabendo que ela não o aceitaria por amor ao esposo, transformou-se num cisne real. Aproximou-se dela, que se encantou com o belo animal e tomou-o no colo, acariciando-o longamente, sendo assim possuída. Depois, foi deitar-se com Tíndaro. Desse modo, Leda foi fecundada duas vezes na mesma noite.*

*Meses depois, Leda botou dois ovos brilhantes. Em cada um havia um filho de Zeus e um de Tíndaro. Assim,* **Pólux** *e Helena são considerados filhos de Zeus;* **Cástor** *e Clitemnestra, os filhos de Tíndaro.*

*Cástor e Pólux eram o símbolo da força, da guerra e da amizade ideal. Encarnavam o "espírito espartano": eram atletas, campeões de luta, altivos e invencíveis guerreiros. Cástor sobressaía-se como um soldado destemido e Pólux era um notável pugilista. Participaram da expedição dos Argonautas, da caçada do javali de Cálidon, monstro enviado por Ártemis para castigar o rei da região e ajudaram Jasão a destruir Iolco.*

*Numa expedição contra a Ática, libertaram sua irmã Helena, que havia sido raptada por Teseu e levaram Etra, a mãe do herói ateniense, como escrava para Esparta. Na mesma ocasião, tiraram Demofonte, filho de Teseu, do trono de Atenas e colocaram Menesteu em seu lugar. Esta história faz parte de uma antiga rixa entre as duas mais importantes cidades da Grécia. Os gêmeos representam o caráter espartano, e Teseu o herói padrão de Atenas. Nem mesmo no mito as duas cidades conseguiram se entender.*

Ao longo da vida, os geminianos entram, muitas vezes, em conflitos com rivais. Esses conflitos, na verdade, servem para sinalizar a projeção de um de seus lados no mundo externo. A alternância dos gêmeos simboliza o conflito entre o ser e sua própria sombra, que deve ser integrada para que o crescimento

possa acontecer. O geminiano vive constantemente esta dialética. Enquanto este equilíbrio não for atingido a nível interno, ele continuará projetando um dos pólos no mundo exterior.

*Tíndaro, pais dos Dióscuros, possuía dois irmãos: Afareu e Leucipo. O primeiro tinha dois filhos, também gêmeos: Idas e Linceu que se casaram com as gêmeas Febe e Hilera, filhas de Leucipo. Na festa de casamento, Cástor e Pólux tentaram raptar as noivas. Segundo uma versão, Idas e Linceu reagiram e na luta que se seguiu Cástor e Linceu foram mortos. Outros mitógrafos insistem que o rapto foi bem-sucedido e que Febe e Hilera viveram com os Dióscuros e tiveram filhos deles. De acordo com esta versão, durante algum tempo os quatro primos se tornaram amigos e juntos fizeram uma expedição à Arcádia para roubar um grande rebanho. Na partilha do roubo, houve uma grave discórdia entre eles, que resultou numa luta onde Idas matou Cástor e Pólux liquidou Linceu a socos. Zeus, tomando partido do filho, fulminou Idas com um raio e levou Pólux para o Olimpo.* Os primos, parentes, vizinhos e companheiros de aventuras são representados na área do Mapa Natal regida por Gêmeos.

*Pólux, desesperado, implorou ao pai que lhe destituísse de sua imortalidade, porque ele não conseguiria viver sem o irmão. Zeus ordenou a Hermes que fosse aos Ínferos negociar com Hades, para que Cástor fosse libertado. Hades exigiu outra alma para ficar em seu lugar. Então, os Dióscuros receberam permissão para alternar a imortalidade. Enquanto um deles estivesse no Olimpo entre os deuses, o outro ficaria na Terra dos Mortos. Na troca de posições, eles teriam a chance de ficar um tempo juntos para trocar impressões.*

> "Na pequena sátira de Luciano, Apolo perguntou a Hermes:
> 'Mas por que razão nunca vemos juntos Cástor e Pólux?'
> 'É que eles – responde Hermes – são tão amigos um do outro que, quando o destino decretou que um deles tinha de morrer e apenas o outro seria imortal, resolveram repartir a imortalidade pelos dois.'
> 'Não é lá muito prudente, Hermes. Desse modo, a que espécie de atividade útil podem eles dedicar-se? A mim cabe-me predizer o futuro. Esculápio cura as doenças. Tu és um bom mensageiro. E esses dois? Vão andar por aí a preguiçar durante todo o tempo?'
> 'Por certo que não. Estão a serviço de Poseidon e dedicam-se ao salvamento de todos os barcos que correm perigo.'
> 'Ah, bem, isso já é alguma coisa. Congratulo-me por saber que assim é'."[8]

8 Hamilton, Edith. *A Mitologia,* p. 55, 3ª edição. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1983.

O jeito jovial e descomprometido do geminiano muitas vezes causa a impressão de que eles não fazem nada sério. Apenas "curtem" a vida. Mesmo aqueles geminianos mais dedicados ao trabalho e à carreira conseguem manter essa eterna jovialidade.

*Para perpetuar este amor fraterno, Zeus eternizou-os na constelação de Gêmeos.*

Este mito representa a eterna dualidade geminiana: o lado etéreo, divino, espiritualizado, em constante conflito com o racional, materialista, terreno. Os geminianos possuem uma fina capacidade para perceber o eterno, a espiritualidade, as outras dimensões, e ao mesmo tempo, possuem um intelecto aguçado, uma tendência a racionalizar tudo, o que gera uma conflitante polaridade: intelecto *versus* emoções; consciente *versus* inconsciente; humano *versus divino.*

Na medida em que o geminiano consiga fazer as pontes entre seus dois lados, tornando-se o intérprete, o tradutor e o mensageiro, esse conflito ficará atenuado. Para tanto, ele precisa aceitar que sua composição é feita de dois pólos e que coisas opostas não são, necessariamente, adversárias e nem mutuamente exclusivas. São partes do todo holístico que é a vida. E é isto que o Gêmeos está, em última instância, procurando: a integração de seu todo, o que o leva a percorrer, continuamente, os caminhos entre o céu e a terra.

# Dos Mitos do Câncer

E chegamos ao quarto signo, ao Fundo do Céu, reino do Câncer. Sendo do elemento **água**, simboliza a água primeva, de onde surgiu a vida. Sua mais perfeita representação na natureza é o lago, onde a água se deposita, se acumula. É, também, o poço profundo, o útero, a **mãe**.

Feminino por excelência, liga-se intimamente a todos os processos da mulher: da menstruação à concepção, da gestação ao parto. Nenhum signo está tão próximo dos processos naturais da vida. Pode vivenciar, no decorrer de sua existência, o fluxo e o refluxo das forças vitais, de uma extrema alegria a uma profunda depressão; o ciclo de ser e existir, de morte e renascimento, de inverno e verão, de outono e primavera.

O animal que o representa é o **caranguejo**. Sob a dura couraça esconde sua fragilidade e se defende para sobreviver num mundo cujos valores são sobretudo externos. Nas metáforas deste signo encontram-se os museus, os baús, as reuniões de família e as caixinhas de todas as formas, tamanhos e cores. No corpo humano, Câncer rege os seios, o estômago e o útero.

Regido pela **Lua,** carrega em si características como: sensibilidade, intuição e subjetividade. A Lua torna os cancerianos introspectivos, complexos, difíceis de entender pela lógica, hipersensíveis, enfim, "lunáticos". Imaginativos, sonhadores, criativos. Tradicionais, cultivam os hábitos, a cultura, as origens. Seu reino é o das emoções, dos sentimentos e dos vínculos. Sua função é trazer à luz as imagens do inconsciente, que eles percebem com nitidez, através de suas criações.

Todos os povos da Antigüidade tinham suas deusas representando a figura da Mãe e da Lua, cada qual com seu temperamento, caráter e força próprias. No entanto, todas eram associadas à gestação, ao parto, à maternidade e aos ciclos da Natureza e representavam algum aspecto da natureza feminina. A Lua era considerada a grande Doadora da Forma, a qual era gerada no ventre cósmico e trazida à luz pelas mulheres. Era também doadora dos dons da intuição, do sentimento e dos instintos da nutrição, que os homens pareciam não possuir.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## O Caranguejo Gigante

*No oitavo trabalho de Héracles, Hera enviou um Caranguejo gigante para ajudar a Hidra de Lerna a derrotar o herói. Durante a luta, o imenso caranguejo saiu rastejando do pântano e agarrou os tornozelos de Héracles com suas tenazes. Por causa dessa manobra, ele quase perdeu a luta. Por fim, conseguiu libertar-se e, enfurecido, esmagou o caranguejo. Hera, para honrar o obediente animal, eternizou-o como a constelação do signo de Câncer.*

O Caranguejo simboliza o lado arcaico deste signo, que muito valoriza a mãe e considera o pai apenas como aquele que planta a semente. Muitas vezes os cancerianos têm extrema dificuldade para libertar-se da figura materna e de sua influência.

No Mito, o Caranguejo usa a forma astuciosa do signo, quando agarra o herói pelos pés, minando sua estabilidade ao invés de enfrentá-lo diretamente. Este padrão obscuro precisa ser confrontado pela face luminosa do herói. Às vezes, esta forma de agir aparece nos relacionamentos dos cancerianos, onde oferecem apoio e amor – conscientemente – enquanto em segredo minam o outro – inconscientemente – boicotando seus projetos mais audazes que são sentidos como ameaçadores à relação. Este Caranguejo arquetípico espreita no pântano de todos que têm o signo de Câncer fortemente enfatizados em seus Mapas Natais.

## Eurínome e Ofião

*No imenso Caos vivia solitária e poderosa a bela deusa Eurínome.* "Nua ela se elevara do Caos. Mas ela não encontrou nada sólido sobre o qual pudesse apoiar os pés. Ela separou o oceano do céu e, sozinha, dançou nas suas ondas."[1] *Dançava em direção ao sul, quando surgiu um vento forte vindo do norte. Ele era tão agradável e fluido que a deusa decidiu começar com ele a Criação. Apanhou-o entre as mãos e esfregou-o com força, até que ele se tornou sólido, transformando-se em Ofião, a grande serpente. Para os antigos habitantes do Mediterrâneo, berço da nossa civilização, a vida era doada de muitas formas. Um dos doadores era o vento, o espírito que pairava sobre as águas.*

---

1 Graves, Robert. "Mitologia Grega", citado por Waiblinger, A., *A Grande Mãe e a Criança Divina*, p. 13. Editora Cultrix, São Paulo, 1992.

"Para aquecer-se, Eurínome dançou, cada vez mais selvagemente, até que Ofião, avidamente, se enroscou em seus membros divinos e copulou com ela. Assim, Eurínome ficou grávida do vento do norte, também denominado Boreas."[2] Até hoje, em certos lugares no interior, as pessoas dizem que, quando venta forte do norte, as cobras saem da toca para se acasalar.

*Eurínome era também uma personificação da Lua, que caminhava no céu durante 25 dias. Depois desaparecia indo para o mundo inferior, domínio de Ofião, onde era fecundada com uma nova vida.*

*Eurínome transformou-se numa pomba para que os filhos nascessem. Sentando-se sobre as ondas, pôs um grande ovo, onde Ofião enrolou-se sete vezes para chocá-lo. Desse grande ovo cósmico saíram o Sol, a Lua, os Planetas, as Estrelas e a Terra com suas montanhas, árvores, plantas, animais e os homens.*

*Orgulhosas e cansadas após a criação, as duas criaturas instalaram-se no Olimpo. Mas, logo, a serpente começou a exigir para si a glória de ser a grande criadora de todas as coisas. Afinal, fora seu abraço que fecundara a deusa. Esta, mais forte, brigou com sua parceira e condenou-a a viver nas escuras profundezas da Terra.*

*Ofião vivia em sua misteriosa caverna e esperava por Eurínome. Quando a deusa chegava, erguia-se com toda a sua potência, estendia sobre ela seu espírito e levava a amada às raias do prazer.* Os povos primitivos compreendiam espontaneamente os inter-relacionamentos da natureza. Sabiam que a vida é um milagre sobre o qual o homem não tem poder. Na procriação,atuam os elementos fisiológicos e também a alma, a psiquê, cujo significado original é "sopro de vida". Assim, a concepção é a união dos opostos: do céu e da terra, do sopro divino com a forma concreta, do princípio masculino e feminino que se transformam na criança. Esse milagre é um episódio divino e era assim aceito pelos povos antigos. O signo de Câncer pertence ao eixo do tempo e da eternidade. Seu domínio é o inconsciente coletivo, onde estão guardadas as lembranças da humanidade. Para eles, a união, a procriação e o nascimento continuam sendo experimentados como episódios divinos, mesmo que não falem nada a respeito ou que não consigam explicar racionalmente.

A serpente é um animal simbólico muito antigo. Aparece em mitos e fábulas de todos os povos. Na forma de dragão, vigiava o tesouro que proporcionava vida, riqueza, vitória. Por um lado tem acesso à área espiritual, ao elemento aéreo – Ofião era o vento norte – pretensamente masculino. Por outro, está ligada à terra, pertence ao gênero feminino, à matéria. Assim, a serpente é uma

2 Graves, Robert. Ibid., p. 13.

força antagônica especial, situada entre o masculino e o feminino, entre o bem e o mal, podendo doar ou tirar a vida. Em todos os tempos e por todos os povos tem sido temida e cultuada. Esse medo arquetípico também faz parte das características do Câncer.

*Depois de enviar Ofião para a Terra, Eurínome criou os sete poderes planetários, colocando um titã e uma titânia em cada planeta, para procriarem as espécies. Assim, Téia e Hipérion tornaram-se senhores do Sol, Febe e Atlas, da Lua, Métis e Ceos, de Mercúrio, Tétis e Oceano, de Vênus, Dione e Crio, de Marte, Têmis e Eurimedonte, de Júpiter e, finalmente, Cronos e Réia, de Saturno. Este é o mito da Criação, segundo os Pelasgos, antigos habitantes da Grécia.*

*Eurínome, a Grande Deusa, aparecia na forma da Lua Cheia e, nessa lua, eram celebrados seus ritos.* Os mitos da procriação, do nascimento e da vida – todos temas cancerianos – refletem o conhecimento das grandes conexões do cosmos e da alma humana.

Este sistema arcaico de religião refletia o matriarcado dominante no sistema social. Havia apenas a Grande Deusa Universal e suas sacerdotisas. Não havia deuses nem sacerdotes. Por isso, a paternidade não era considerada importante e até as heranças eram matrilineares, ou seja, seguiam a linhagem da mãe. Sendo o sexo dominante, as mulheres escolhiam seus parceiros para o amor. Depois, separavam-se deles ou trocavam-nos por outros.

Esse mito ilustra bem o papel do signo de Câncer como a fonte da vida, o grande ventre cósmico e símbolo da mãe. O sentido taoísta do Ovo Cósmico, gerando o Yin e o Yang, mostra o Tao como mãe de todas as coisas, que tudo permeia mas não pode ser vista em lugar nenhum. É a energia que sustenta a própria vida. Neste simbolismo está o incomensurável potencial de riqueza do signo.

## Gaia, a Grande Mãe-Terra

*Foi a primeira realidade sólida surgida do Caos. Criou sozinha Urano, o céu estrelado, que a cobria completamente e, com ele, começou a Criação. Desse modo, Urano foi o primogênito e também o amante da Grande Mãe.*

Na época do domínio do matriarcado, o feminino era endeusado como princípio primordial de vida. Os povos acreditavam que a concepção acontecia entre a mulher e a Lua, e que todos os seres eram filhos apenas de suas mães; o pai não era sequer considerado. Assim, os meninos – todos filhos de suas mães – depois de crescidos tornavam-se o amante e não o pai. Os casais eram

formados pelos filhos-amantes e suas progenitoras. Muitos homens do signo de Câncer têm grande dificuldade para se libertarem da figura materna. Adultos, buscam companheiras que mais parecem mães do que amantes. Alguns rejeitam a paternidade e, muitas vezes, quando a mulher insiste em ter filhos, eles se separam e, não raro, retornam à casa materna. Sendo este o signo de maior conexão com o inconsciente coletivo, eles parecem reviver o arquétipo do filho-amante, não conseguindo fazer a passagem para o estado em que se tornam, realmente, maridos e pais.

*Da união de Gaia com Urano nasceram os Titãs, os Ciclopes e os Hecatônquiros. Estas criaturas eram a personificação das forças da natureza material que sempre opõem dificuldades e obstáculos ao aparecimento definitivo de formas ordenadas e constantes de vida. Representam a primeira etapa da gestação evolutiva.*

*Urano, pai e irmão dessas forças, revoltou-se contra elas e atirou-as no Tártaro. Porém Gaia, enquanto mãe-natureza, não podia impedir os fenômenos naturais de seguirem seu curso, e libertou seus filhos.*

*Cansada com a fertilização incessante que Urano lhe impunha, Gaia talhou e afiou a foice com a qual seu filho Cronos enfrentou, venceu e castrou o próprio pai. Este ato marcou a morte do reino de Urano que, curvando-se à implacável necessidade de evolução, deu lugar ao de Cronos. A partir de Cronos, a dinastia tornou-se patrilinear. O pai ganhou um novo e primordial papel.*

O primeiro amor de todas as pessoas é a própria mãe. Nas profundezas da alma esse vínculo será mantido, mesmo que não se tenha consciência disso. A mãe é amor, encanto, segurança, e essa lembrança permanece a vida inteira. O lado obscuro dessa relação é o vínculo simbiótico que paralisa – tanto homens quanto mulheres – impedindo o crescimento e abafando o potencial criativo. Nesse estágio, a figura do pai tem um papel preponderante. É ele que ajuda a romper esse vínculo primitivo, estabelecendo uma relação triangular, cujo resultado é a individualização dos filhos.

O grande rito de passagem da vida dos cancerianos é a separação da mãe. Esta será feita muitas vezes e em vários níveis. Como o caranguejo que precisa viver perto da água e da terra, os cancerianos se apóiam no mundo concreto, mas mantêm um pé eternamente na água. Esta é a água uterina, de onde nasce a criança, e é também a água inconsciente, de onde emerge a identidade individual. Libertos da simbiose com a mãe, eles podem dar à luz as imagens do inconsciente, exercendo plenamente seu rico potencial criador.

Gaia simboliza o princípio passivo, o aspecto feminino, a *anima*, a densidade, a fixação e a condensação da matéria. *Era representada como uma mulher gigantesca, de formas acentuadas e seios enormes. Dela nasciam todos os*

*seres, porque era mulher e mãe. A submissão, a doçura, a firmeza, a humildade eram suas virtudes. Deusa matriz, doava vida a todos os seres de todos os reinos: animal, vegetal e mineral. Do mesmo modo, retomava a vida, sendo assim um símbolo de fecundidade e regeneração. Ésquilo escreveu:*

> "A própria Terra que, sozinha, gera todos os seres,
> alimenta-os e depois recebe deles novamente o gérmen fecundo."[3]

*Um de seus nomes era* ***Magna Mater****, a Grande Mãe, guardiã das sementes e da vida. Era costume entre os povos antigos fazer enterros simbólicos, semelhantes às imersões batismais, para fortalecer as energias ou curar, e também como rito iniciático. Esses rituais simbolizavam a descida ao útero da Terra, e tinham todos o mesmo significado: contato com a energia telúrica para regeneração; finalização de um ciclo e renascimento para uma vida nova e fecunda.*

O signo de Câncer, primeiro da tríade da água, está associado com o começo e também com o fim da vida. No início, todos os seres estão imersos nas águas primordiais, sejam estas da barriga da mãe, de um ovo, ou do fundo de um rio ou lago. "Da água nasce a vida", já dizia o Corão. Os caldeus consideravam este signo como "... o Portão dos Homens, por onde toda alma descia das esferas celestes para a encarnação".[4] Na morte, o corpo é enterrado, simbolizando o retorno ao útero da Terra de onde, renascidos, podemos emergir para um novo ciclo de vida – "Revertere ad locum tuum".

*Gaia era festejada como símbolo universal da fecundidade e da profecia. Conta a lenda que havia, em Delfos, uma grande pedra, chamada Ônfalo, símbolo do umbigo de Gaia. Nesse local foi construído seu templo. Delfos significa útero, o útero de Gaia, Mãe de toda a Criação. Até o segundo milênio antes de Cristo eram as sacerdotisas da Grande Mãe que liam os oráculos. Chamavam-se Delfinas ou Pitonisas. Píton era a grande serpente que representava a deusa. Todas as sacerdotisas que a acariciassem recebiam a força psíquica da deusa e a responsabilidade de ler e decifrar os oráculos e, a partir deles, orientar os devotos. Elas recebiam as mais altas honrarias. Em Patras, Gaia era considerada capaz de curar todas as doenças. Foi cantada em versos por todos os poetas, e louvada nos Hinos Homéricos.*

---

3 Ésquilo. Citado por Brandão, J., *Mitologia Grega*, Vol I, p. 185, 7ª edição. Editora Vozes, Petrópolis, 1991.

4 Greene, Liz. *Astrologia do Destino*, p. 179. Editora Cultrix, São Paulo, 1989.

> "Eu cantarei a Terra, Mãe de todas as coisas. Inabalável ancestral do mundo. Origem de tudo que se arrasta sobre o solo, nada no mar, voa no ar. De ti, augusta deusa, nascem as belas crianças e os belos frutos, pois tu lhes dás ou retiras a subsistência segundo tua vontade. Da riqueza que espalhas, na abundância de teu coração, o homem tira todas as coisas: a colheita que enche os campos e o gado robusto que lá prospera..."[5]

*Com o tempo, a Grande Mãe foi perdendo suas características de divindade primordial e misturando-se com outras deusas, como Deméter ou Cibele. Essas divindades mais humanas eram mais adequadas às fábulas e lendas, enquanto a Terra, como elemento, deixava o domínio da Mitologia para entrar na Filosofia.*

*Uma das últimas sobreviventes da religião da deusa Gaia foi Cassandra de Tróia, filha da rainha Hécuba. Tornou-se sacerdotisa no Oráculo de Delfos ainda criança, ao acariciar as serpentes do templo, abrindo sua clarividência. Previu toda a Guerra de Tróia, desde a chegada dos navios inimigos até a derrota de sua cidade, porém ninguém acreditou nela.*

Hoje, as mulheres são como filhas de Cassandra, profetisas, intuitivas, clarividentes. Porém, muitos não acreditam nelas, inclusive elas próprias. Alienadas de suas raízes matriarcais, distanciam-se do mundo interno, subjetivo, psíquico, onde está sua força maior. Também o homem atual, preso à solicitação externa, afasta-se do seu mundo interno e desacredita da sua força interior, a *anima*, chama da plenitude de vida da sua alma.

O mito de Gaia está profundamente ligado ao signo de Câncer. Não somente pela questão da maternidade e nutrição, nele ampliada, mas também pelo poder da profecia. O Câncer, sem dúvida, é o signo do profeta. No entanto, sua insegurança e medo, a respeito de seus *feelings*, percepções e intuições são imensos, gerando, não raro, recuos em momentos decisivos na vida. Na medida em que o canceriano deixar a intuição ser a bússola do seu caminho, vencerá, por certo, os obstáculos e encontrará o rumo. Saberá, inclusive, enxergar os significados ocultos de cada fato. E terá consciência a respeito do seu poder de influir sobre eles.

A imagem da Grande Mãe como criadora universal está presente no conjunto de lendas dos mais diversos povos. Para os indonésios, cuja mitologia é riquíssima, a tartaruga – outro dos animais que muito bem representa o signo de Câncer – criou as ilhas que eles habitam.

*Diz a lenda que a mãe de todas as tartarugas nadava nas águas que cobriam o mundo. Quando chegou naquela região, estava cheia de ovos e não*

---

5 Homero. Citado por Ricci, A., org., *Mitologia*, Vol I, p. 20. Editora Abril Cultural, São Paulo, 1973.

*tinha onde botá-los. Então, começou a trazer, do fundo para a superfície, lama preta e barro vermelho. Assim continuou até formar uma ilha no mar. Exausta, deixou-se cair na praia e até chorou.* Os vasos lacrimais da tartaruga estão sempre deixando correr lágrimas, umedecendo seus olhos para que a água do mar não os irrite. Este processo continua mesmo quando ela está em terra.

*Depois de um tempo, a tartaruga fez um buraco fundo onde pôs, finalmente, seus ovos. Botou treze mil ovos, todos deram filhotes que se espalharam pelo mundo. Na época do acasalamento as tartarugas continuaram voltando ao mesmo lugar e cada uma construía uma nova ilha, onde botava seus ovos. Por isso, são tantas as ilhas da Indonésia.*[6]

## Ártemis

*Conhecida pelos romanos como* ***Diana****, era a* ***deusa da Caça e da Lua****, filha de Zeus com a titânia Leto, e irmã gêmea de Apolo.*

*Quando Leto estava grávida, Hera, muito ciumenta e implacável, ordenou à serpente Píton que perseguisse a amante de seu marido, para que ela não pudesse ter os filhos. Além disso, proibiu a terra de acolhê-la. A pobre titânia percorreu toda a Grécia, sem conseguir achar abrigo, pois todos temiam a fúria da Deusa-Rainha. Chegou exausta a uma praia e deitou-se na areia. O Vento Sul transportou-a para Ortígia, uma ilha estéril e flutuante, sem raízes presas a nenhum lugar, que por isso pôde abrigá-la.*

*Leto ficou durante nove dias e nove noites contorcida pelas dores, esperando o nascimento dos gêmeos. A deusa dos partos, Ilítia, estava retida no Olimpo, por determinação de Hera. Apesar de todas as outras deusas ficarem penalizadas com o sofrimento de Leto, nada podiam fazer sem a permissão de Hera e a presença espiritual, imprescindível, de Ilítia. Então, enviaram Íris com um presente magnífico para a Rainha do Olimpo, um colar de fios de ouro entrelaçados e de âmbar. Esta, sensibilizada com o presente, consentiu que Ilítia liberasse o trabalho de parto.*

*Ártemis nasceu primeiro e ajudou a mãe no parto de Apolo. Porque acompanhou as dores e sofrimento da mãe, a deusa jurou que jamais teria filhos, nem se casaria.* Embora o signo de Câncer seja, tradicionalmente, visto como o signo da maternidade e da família, nem todos os cancerianos seguem este modelo. Vários deles, homens e mulheres, optam pelo celibato e por não

6 Watson, Lyall. *Onde Vivem as Lendas.* Editora DIFEL, São Paulo, 1979.

terem filhos. Nesse sentido, Ártemis representa muito bem este signo. Esta deusa é a personificação do espírito independente feminino. Sua forma masculinizada deve-se à ênfase patriarcal que, nessa época, passou a imperar.

O arquétipo da deusa virgem simboliza o sentido de intacto, que se expressa numa atitude do tipo "posso cuidar de mim mesmo", levando à independência e autoconfiança. Muitos cancerianos procuram se tornar independentes através do trabalho ou da carreira. Assim, deixam de ser filhos da família "Tal" e passam a ter sua identidade e senso de valor com base no que são e fazem. No caso das mulheres casadas e com família, podem dar uma virada de 180° na sua vida e começar, de repente, a lutar por seus objetivos, de qualquer natureza, sem precisar da aprovação e do sobrenome do marido.

*Aos três anos, Ártemis foi apresentada aos seus parentes olímpicos. Sentou-se no colo do pai e Zeus perguntou que presentes queria receber. Então, ela pediu arco e flechas iguais aos do seu irmão, uma túnica cor de açafrão com debrum vermelho e curta, para que não a atrapalhasse na caça de animais selvagens, sessenta ninfas oceânidas para serem suas companheiras de folguedos, todas as montanhas do mundo, uma cidade e a missão de transportar a luz.*

*Aos nove anos, começava para todas as meninas o estágio chamado* parthenia.[7] Ártemis proclamou que esta fase lhe seria ideal, e pediu também a Zeus uma parthenia eterna. Isso significava não só a virgindade, como o modo de vida desfrutado pelas meninas no período dos nove anos até a época de usar o "cinto de noiva". Dessa maneira ela não precisaria crescer, tornar-se adulta e muito menos casar e ter filhos, permanecendo como uma espécie de donzela jovem, eterna adolescente. O signo de Câncer tem um contato muito estreito com a criança interior, que eles preservam através dos sonhos, da imaginação e dos muitos bichinhos de pelúcia que costumam colecionar.

*Finalizando seu pedido, Ártemis declarou:*

> "Infelizmente, as mulheres em trabalho de parto irão freqüentemente invocar-me, já que minha mãe Leto me trouxe no ventre e pôs-me no mundo sem sofrer de dor, e por isso as Parcas fizeram de mim a protetora dos partos."[8]

> "Assim falou a menina, procurando tocar o queixo do pai. Mas, em vão mexeu as mãozinhas diversas vezes. Então, sorrindo, o pai se inclinou para ela,

7 Kerényi, Karl. "Uma Imagem Mitológica da Meninice: Ártemis", In: *Encarando os Deuses*, p. 58, James Hillman (org.), Editora Cultrix, São Paulo, 1992.

8 Calímaco. "Hino a Ártemis", citado por Graves, R., *Os Mitos Gregos*, Vol. 1, p. 78. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.

> acariciou-a e disse: 'Dando-me as Deusas crianças como esta, a fúria da ciumenta Hera me perturba muito pouco. Filhinha, você terá tudo o que deseja'."[9]

A relação com os pais é de fundamental importância para todos os signos, porém, para os cancerianos, a resolução deste complexo define sua trajetória na vida. Aqueles que tiveram, na infância, mães amorosas – como Leto – e pais aprovadores – como Zeus – fazem seus caminhos com segurança, têm uma boa auto-imagem e conseguem enfrentar suas dificuldades, vencendo os medos. Principalmente para as mulheres cancerianas, a aprovação paterna é extremamente importante. Servirá de base para que aprendam a competir e a ter sucesso, sem muito conflito. Alguns pais se preocupam em dar presentes caros que agradam os filhos, mas que reforçam a dependência, gerando crianças mimadas. Outros proporcionarão a educação necessária para que possam fazer seu próprio caminho, com sucesso e independência.

Às vezes, os pais não conseguem entender uma filha canceriana, identificada com Ártemis. Esperam dela um comportamento igual ao das outras meninas, reprovando seu jeito de ser. A desaprovação fere sua auto-estima e autoconfiança. A conseqüência, tanto para os homens como para as mulheres, pode ser uma postura desafiante externa, mas internamente ferida, resultando naquelas pessoas que se conflituam com o próprio sucesso e competência e que, muitas vezes, se auto-sabotam. Suas dúvidas são seu pior inimigo. No fundo, não se acham realmente competentes, hesitam diante de novas oportunidades e realizam menos do que são capazes de conseguir, porque não confiam na própria força interna. Este padrão pode acontecer com qualquer signo. Porém os cancerianos, e também aquelas pessoas com esse signo enfatizado em seus Mapas Natais são, à semelhança do animal que os representa, duros por fora e completamente moles por dentro. Assim, um conflito dessa natureza pode realmente causar-lhes um grande dano.

*A tudo seu pai assentiu, dando-lhe ainda mais presentes: trinta cidades ao invés de uma, e parte de muitas outras tanto no continente quanto no arquipélago. A principal delas foi Esparta. Ártemis agradeceu e foi até o mar onde escolheu sessenta ninfas, todas elas de nove anos, belas filhas de Oceano. Os Ciclopes fizeram-lhe o arco de prata e as flechas certeiras, e Pã lhe deu de presente alguns de seus melhores cães. Assim, ela podia fornecer caça à família olímpica.*

---

9 Calímaco. "Hino a Ártemis", Kerényi, K., In: *Encarando os Deuses*, Op. cit., p. 55. Editora Cultrix, São Paulo, 1992.

*A deusa era representada usando vestes curtas e pregueadas com os joelhos descobertos, à moda espartana. Carregava o arco e a aljava cheia de setas certeiras. Ártemis, a arqueira, jamais errava um alvo, fosse este próximo ou distante.* A capacidade de focalizar no objetivo, e de ter a perseverança necessária para vencer os obstáculos do caminho, são qualidades da deusa presentes em todos os cancerianos. Mas precisam ser cultivadas para levarem à realização e concretização de suas metas.

*Com seu séquito de ninfas, alvoroçado e buliçoso, ela corria pelas florestas, montanhas e prados. Elas não eram restritas à vida doméstica, nem a modas ou conceitos do que as mulheres deveriam ser ou fazer. Estavam além das preferências e controle masculinos. Ártemis era uma espécie de irmã mais velha ou "tia" com quem elas podiam sempre contar, para protegê-las.* Os cancerianos sem filhos costumam ter ótima relação com os jovens, principalmente com os sobrinhos. Agem como "tias" companheiras de passeios e brincadeiras, permitindo atitudes que os pais condenariam. Também gostam de mostrar-lhes um mundo diferente daquele conhecido, seja através de viagens, de histórias que contam ou livros que dão de presente. Muitos se tornam professores, recreadores, tutores, etc.

*Na Ática, as virgens entre 5 e 10 anos eram consagradas à deusa.*

> "...chamavam-se arktoi, 'fêmeas de urso'; o serviço delas, a celebração do seu estágio de vida, chamava-se arktoia, 'estado de ursa', cuja explicação era a seguinte: 'Porque elas agem como fêmeas de urso'."[10]

*As assim chamadas "ursinhas humanas" se deparavam com uma força agressiva selvagem até então desconhecida de sua natureza feminina. Com as caçadas podiam competir como irmãs com os efebos nos exercícios característicos destes, o que, aliás, já acontecia em Esparta.*

*Esta deusa, severa e implacável, exigia castidade de suas ninfas, e aquelas que desobedeciam eram punidas com a morte. Muitos templos foram erguidos para ela e o culto servia para aplacar sua fúria. Sua natureza selvagem era simbolizada pelos animais consagrados a ela: a corça, o javali, o urso e o cão.*

*Calisto era uma das mais belas das ninfas do séquito de Ártemis. Zeus a viu e apaixonou-se. Mas, como a ninfa fugia de todos os homens, enganou-a assumindo a forma da deusa da caça e uniu-se a ela. Sua falta foi descoberta quando, já grávida, teve que se despir para tomar banho numa fonte com suas companheiras e Ártemis. Esta, furiosa, transformou-a em ursa. Calisto prova-*

10 Kerényi, Karl. Op. cit., p. 58.

*velmente seria dilacerada pelos cães da deusa, não fosse a interferência de Zeus que a colocou entre as estrelas, formando a constelação da Ursa Maior. A criança, que trazia no ventre, foi transformada na Ursa Menor.*

*Como deusa da Lua, Ártemis aparecia com uma tocha nas mãos e com os cabelos enfeitados por uma pequena lua crescente rodeada de estrelas. A donzela do arco de prata era uma das faces da Tripla Deusa Lua, estando, portanto, em estreita ligação com Hécate e Selene. O culto a esta antiga personificação da Lua foi totalmente suplantado pelo culto à Ártemis. Assim, a irmã de Apolo, o deus Sol, é a Lua Cheia, que reflete totalmente a luz solar. Selene é a Lua em diversas fases, e Hécate, o lado negro da Lua Nova. Estas deusas também representam a força da Lua em vários reinos: Selene no Céu, Hécate nos Ínferos e Ártemis na Terra. Fazia um par com seu irmão Apolo, na missão de transportar a luz, um durante o dia, outro durante a noite.*

> "Ela habita no éter límpido do pico da montanha, em meio ao tremeluzir dourado das várzeas montanhosas, entre os flamejantes e vacilantes pingentes gelados e flocos de neve, no assombro silencioso dos campos e das florestas, quando o luar os inunda e goteja das folhas. Todas as coisas são transparentes e brilham. A própria terra perde sua lassidão... Há um flutuar ao longo da superfície como o de pés brancos em dança." [11]

Os cancerianos, sendo criaturas lunares, têm uma espécie de "visão sob a luz da lua" do mundo. Sob o luar a paisagem se transforma, os detalhes se tornam indiferenciados e tudo fica belo e misterioso. Desse modo, eles experimentam a unidade com a natureza, sentindo-se parte dela.

*Ártemis era a Senhora dos pântanos e zonas costeiras onde os limites eram incertos. Também velava os portos, as rotas marítimas e os barcos em sua navegação.*

> "Situada onde as zonas selvagens se recortam e se interpenetram, onde se apagam os seus limites demarcados, mais parece recordar a fragilidade das fronteiras e sublinhar, com a própria incerteza com que elas são assinaladas, a necessidade de as respeitar rigorosamente."[12]

*Ártemis reinava entre o mundo selvagem e a civilização.* Muitas vezes, os lunáticos cancerianos oscilam entre um comportamento todo "certinho", onde

---

11 Otto, Walter. "The Homeric Gods", citado por Kerényi, K., In: *Encarando os Deuses*, Op. cit., p. 61.

12 Vernant, Jean-Pierre. *Figuras, Ídolos e Máscaras*, p. 114. Editora Teorema, Lisboa, 1993.

parecem agir de acordo com os padrões sociais estabelecidos, e momentos em que se fecham em seu próprio mundo e se tornam até hostis com aqueles que tentam invadir seus domínios. Às vezes, têm dificuldades para lidar com os limites e, conseqüentemente, baixa resistência à frustração. Isto pode levá-los a viverem sozinhos, criando um ambiente onde se sentem libertos das fronteiras, com as quais não sabem lidar, e podem fazer suas próprias regras.

É típico deste signo colecionar caixinhas das mais diversas formas e tamanhos. Nelas guardam seus objetos mais preciosos, criando limites para preservar o que lhes é caro. No nível emocional, também criam "caixinhas" onde guardam suas lembranças e sentimentos mais profundos, muitos dos quais, por serem muito dolorosos, são deixados lá até se esvanecerem com o tempo.

*Vivia na natureza, correndo pelos campos e florestas, e mantinha uma relação de intimidade e de naturalidade com os animais que, incompreensivelmente, perseguia e matava. A caçada era considerada uma prova iniciática onde o jovem entrava em contato e em confronto direto com o animal selvagem. A deusa delimitava as regras desta prova.*

*Embora não fosse uma deusa guerreira, na guerra também procurava manter as regras da conduta militar, usando, se necessário, manifestações sobrenaturais. Aos que favorecia, concedia uma visão lúcida, guiando-os miraculosamente através das trevas, ou iluminando seus espíritos com uma súbita inspiração. Aos que considerava terem extrapolado as regras impunha a cegueira, extraviando-os por caminhos perdidos ou confundindo seus espíritos com o pânico.*

A Lua rege os estados oníricos, a imaginação e as visões. Rege também a memória, as lembranças e os medos. Muitos cancerianos têm o dom da premonição e da clarividência. Porém, sentem um grande medo daquilo que intuem e bloqueiam essa capacidade, alternando entre a visão e o pânico.

*Ártemis era conhecida como a Deusa do mundo selvagem.*

> "[Ela é] a dançarina e a caçadora que aconchega o filhote de urso no regaço e disputa corridas com o cervo, levando a morte quando verga o arco, estranha e inacessível, como uma natureza indômita, sendo, no entanto, como a natureza, inteiramente mágica, elã de vida e beleza cintilante."[13]

Identificados com este arquétipo, os cancerianos têm muita facilidade para lidar com o ambiente natural, experimentando uma espécie de comunhão

13 Otto, Walter. "The Homeric Gods", citado por Kerényi, K., In: *Encarando os Deuses*, Op. cit., p. 61.

espiritual com a natureza. Gostam das plantas e dos animais e precisam do contato com as florestas, rios, campos e mares, onde refazem sua energia. Olhar e penetrar no agreste selvagem corresponde a entrar em contato com a face interna indomada, o que torna os nativos deste signo mais reflexivos e interiorizados.

*A deusa da caça protegia os brotos das plantas, as crias dos animais e os jovens ainda não integrados à sociedade, nutrindo, favorecendo o crescimento e o amadurecimento, enquanto não estavam totalmente preparados para se defenderem ou atacarem.* O signo de Câncer é tradicionalmente associado com a família, a maternidade e os filhos. Os cancerianos do tipo artemíseos, quando têm filhos, tornam-se ótimos pais ou mães, embora muito diferentes do tipo protetor-dominante, característico dos signos de terra. Uma mãe ou pai desse signo serão tipo a mãe-ursa. Incentivam a independência, ensinam os filhos a se defenderem e são ferozes quando os defendem, criando a imagem da mãe, ou do pai, que é capaz de lutar pelo filho até a morte. Querem ver seus filhos crescidos e bem colocados no caminho que cada um deles escolher.

*Ártemis conduzia os jovens da forma selvagem original para uma etapa em que podiam assumir funções sociais: para as moças, o casamento, onde a união sexual era aceita socialmente; para os rapazes, o acesso à cidadania. A deusa fazia uma espécie de domesticação em ambiente selvagem, que era consumada com a integração do jovem à família e à cidade. O vínculo das jovens com a deusa só era totalmente cortado quando estas se tornavam mães.*

*Ártemis havia recebido das Moiras – Parcas, em latim – a missão de proteger os partos. Paradoxalmente, algumas vezes, a deusa flechava, de forma rápida e sem dor, a jovem parturiente na hora de dar à luz. Ártemis ganhava as roupas das mulheres que sobreviviam aos partos, e suas sacerdotisas herdavam os trajes daquelas que a deusa matava.*

*Fora do casamento, a sexualidade assumia dois aspectos distintos. No primeiro, era imposta pelo macho na figura do raptor e estuprador, que aterrorizava as jovens virgens, companheiras de Ártemis. No segundo, a sexualidade era vivida interiormente, apoderando-se das jovens que ficavam tomadas por um frenesi sexual. Nestes casos, cabia à deusa acalmá-las e domesticá-las para que pudessem realizar as núpcias do modo como deveria ser.*

*O ato sexual era considerado violento, brutal, uma luta representando a caça e a guerra, uma ferida que fazia correr sangue. Assim, o sexo era uma forma de selvageria aceita pela instituição conjugal. Porém a deusa se recusava a esta selvageria, rejeitando o casamento e jamais se sujeitando a virar posse de um homem.*

Jean-Pierre Vernant defende que a atuação da deusa servia para fazer uma delimitação entre meninos e meninas, entre jovens e adultos, para que se

articulassem corretamente a castidade e o casamento, a sexualidade e a ordem social, a vida selvagem e a vida civilizada.[14] As articulações bem organizadas, dentro da família, podem se tornar a grande obsessão dos cancerianos. Criam uma rotina diária, onde tudo precisa estar na hora e lugar corretos. Desse modo, têm a certeza de que tudo aquilo que prezam está protegido.

*Ártemis teve dois amores platônicos. O primeiro era um jovem muito belo, Eudímion, que pedira aos deuses para dormir um sono perpétuo, sem nunca envelhecer. Ártemis, na forma de lua, vinha visitá-lo todas as noites. Como ele estava distante e adormecido não representava perigo algum para ela.*

*Outra paixão secreta foi Órion, o gigante guerreiro. Conta a lenda que Órion, um caçador da Beócia e o mais belo homem vivo, era filho de Poseidon e Euríale. Sendo forte, atraente e corajoso, muitas ninfas se apaixonavam por ele. Nem mesmo a recatada deusa Eos, a aurora, resistiu ao seu encanto e convidou-o para seu leito na sagrada Ilha de Delos.*

*Porque não temia o perigo, Órion costumava se vangloriar, dizendo que exterminaria todas as feras da terra. Apolo, receoso que Ártemis pudesse tornar-se suscetível aos encantos do gigante, engendrou uma armadilha. Contou à Gaia sobre a presunção de Órion. A Mãe-Terra mandou um monstruoso escorpião persegui-lo. O caçador defendeu-se da fera com todas as suas armas, mas descobriu que sua casca era imune às armas dos mortais. Então, mergulhou no mar e nadou em direção à Delos, para buscar a proteção de Eos.*

*Apolo passeava na praia com sua irmã e apontou-lhe um ponto no meio do mar, dizendo que era a cabeça de um vilão que havia seduzido uma de suas sacerdotisas. Desafiou, então, a deusa a acertá-lo com suas flechas. Ela atirou e acertou a cabeça do seu amado. Ao perceber quem era o alvo, pediu a Zeus que o eternizasse, colocando-o entre as estrelas. Assim, Órion foi transformado em constelação, assim como o Escorpião, que passou a representar o signo.*

Para os cancerianos, identificados com esta deusa da Lua, a questão da sexualidade não tem um papel prioritário. Geralmente, têm sua energia vital voltada para o trabalho ou para algum projeto criativo e também para a preservação da sua liberdade. Assim, o sexo tem um caráter mais lúdico do que de expressão física de seus desejos mais íntimos – como seria para um taurino, por exemplo. O casamento não costuma estar em seus planos principais, embora respeitem a família e adorem os sobrinhos. Quando se casam, procuram companheiros no trabalho ou com quem tenham projetos em comum, para que

14 Vernant, Jean-Pierre, Op. cit., cap 5.

a relação tenha um caráter de camaradagem e companheirismo em todas as aventuras.

*É notável a maneira como sempre protegia e socorria sua mãe. Nenhuma outra deusa tinha esse comportamento.* A figura materna é sempre de fundamental importância para os cancerianos. Quando esta ligação é exacerbada, podem até abrir mão de sua preciosa liberdade para cuidar da mãe doente e solitária, ou ajudá-la em momentos de necessidade. *Foi assim com Níobe e Títio.*

*Níobe se atreveu a depreciar Leto invocando o povo de Tebas a venerá-la* ..."perguntando furiosamente por que razão deveria ser Leto, uma mulher de tão obscura ascendência, mãe de uma filha que mais parecia um homem, e de um filho de maneiras efeminadas, a preferida..."[15] *A titânia, irritada e humilhada, pediu a Apolo e Ártemis para vingarem a presunção da rainha. Apolo, com suas flechas certeiras, matou os rapazes e Ártemis aniquilou as jovens. Desta tragédia sobreviveram dois dos filhos de Níobe, que mandaram erguer um templo em homenagem à Leto.*

*Zeus, penalizado com a sorte da rainha, transformou-a num rochedo que continua a verter lágrimas até hoje. Na verdade, esse rochedo com uma vaga forma humana, existe e parece chorar quando o sol derrete a sua camada de neve, no início de cada verão.*

*Títio era um gigante a quem Hera ordenou que atacasse Leto. A titânia estava fazendo um rito pessoal, isolada no bosque sagrado, quando foi interrompida pelo gigante, que tentou violá-la. Ouvindo-lhe os gritos, Apolo e Ártemis rapidamente acudiram-na e crivaram o monstro de flechas. O corpo de Títio, caído no chão, cobria nove hectares.*

O número nove aparece em vários momentos significativos deste mito. Para a Tradição Teosófica, nove é o signo de toda circunferência, cujo valor em graus é igual a nove. Os círculos são fundamentais no simbolismo do signo de Câncer: a Lua, o ovo cósmico, o ventre. Este número é representado por três triângulos entrelaçados, que simbolizam o equilíbrio de forças. Forças estas que operam em ciclos, como a Lua com suas fases que se sucedem ao longo do tempo. Os nativos de Câncer conhecem, como ninguém, os ciclos e ritmos da vida e são conhecidos por suas flutuações de humores e disposição.

*Ártemis era rápida para socorrer e proteger os que precisavam de sua ajuda, como Aretusa. E também grave, cruel e vingativa para punir aqueles que a ofendiam, como Actéon e Eneu. Certa vez, vendo Ártemis, Actéon, um caçador, afilhado de Quíron, seguiu a deusa e surpreendeu-a tomando banho*

15 Graves, Robert. Op. cit., Vol 1, p. 227.

*nua numa fonte. A deusa, furiosa, transformou-o em veado, que seus cães, por não o reconhecerem, dilaceraram.*

*Eneu, rei de Cálidon, não se lembrou de Ártemis quando, após a colheita, ofereceu um sacrifício a todas as divindades. A deusa esquecida enviou contra o reino um javali enorme, que devastava os campos e matava os homens. Depois de muitas dificuldades e lutas, foi vencido por Meleagro.*

*Aretusa era uma jovem muito bela, seguidora de Ártemis. Como a deusa que venerava, queria permanecer eternamente virgem e amava as caçadas e a liberdade das florestas. Um dia, cansada e com calor de tanto caminhar, resolveu refrescar-se num rio de águas cristalinas. Alfeu, o deus do rio, apaixonou-se perdidamente por ela, e passou a persegui-la. Aretusa fugiu para a Ilha de Ortígia, em Siracusa, na Sicília. Exausta, vendo-se sem saída, pois Alfeu continuava em seu encalço, pediu socorro a Ártemis. Esta prontamente atendeu e transformou a jovem em fonte. Contam, porém, que nem assim conseguiu escapar de seu apaixonado. Diz-se que o deus assumiu de novo a forma de um rio e, por amor, fundiu suas águas às dela.*

Ártemis representa as qualidades idealizadas pelo movimento feminista: independência dos homens e de suas opiniões, igualdade entre os sexos e preocupação com as mulheres vitimadas e desprotegidas. Ela era tão poderosa quanto seu irmão, o deus Sol, e assumia o papel de protetora das mulheres indefesas, como o fez no caso de Aretusa. Esta deusa foi a inspiração arquetípica desse movimento, no sentido de enfatizar uma espécie de irmandade universal de mulheres, à semelhança da relação de Ártemis com suas ninfas. Por sua natureza, as mulheres identificadas com este arquétipo são feministas e, mesmo que não pertençam a nenhum movimento, sempre defendem os direitos da mulher. O signo de Câncer, regido pela Lua, baluarte do eterno feminino, compreende muito bem todas essas questões.

Walter Otto resumiu, de modo insuperável, a Ártemis homérica:

> "É a vida de brilho estelar, ardente, deslumbrante, ágil e o ser cuja extrema singularidade atrai o homem; quanto mais retraída se mostra, mais forte é a sua atração. É o ser de cristal puro, cujos veios se escondem ainda na natureza animal; simples como uma criança, e contudo imprevisível; feita de amabilidade suave e da dureza do diamante: virginal, distraída, solta, e todavia mostrando de repente rígida oposição; brincalhona, dançarina, galhofeira e (antes que se dê acordo) implacavelmente séria; amorosamente cuidadosa e ternamente preocupada com um sorriso mágico que compensa a punição eterna, e no entanto indomável a ponto de perpetrar atos terríveis e horripilantes."[16]

16 Otto, Walter. Op. cit., citado por Malamud, R., In: *Encarando os Deuses*, Op. cit., p. 73.

O mito de Ártemis e Apolo é o marco de um momento importante na História da Humanidade: a passagem do sistema Matriarcal para o Patriarcado. Historicamente, esta transformação ocorreu por volta de 2000 a 1500 AC, apogeu da cultura grega. É quando surge o deus-sol com seus sacerdotes, a espada e a lei, acabando com os últimos vestígios da religião das deusas, que passaram a ser combatidas, restando um grande medo, à nível arquetípico, de que o poder retorne às mulheres. Longe estava o tempo em que imperava o matriarcado, com sua grande Deusa-Lua que abençoava as colheitas, cujas sacerdotisas eram livres para amar e procriar. E onde só a mulher era considerada geradora de vida, porque ela era a filha da Grande Mãe, cuja manifestação exterior era venerada na Lua.

## Aquiles

*O mito de Aquiles é um dos mais antigos e mais ricos da mitologia grega. A Ilíada, poema épico sobre a atuação do herói na Guerra de Tróia, contribuiu para sua popularização e imortalizou seu arrojo e arrebatamento.*

*Aquiles era filho de Tétis, uma belíssima nereida, e de Peleu, rei de Ftia, na Tessália. Tétis era muito cortejada pelos deuses, especialmente por Zeus e Poseidon. Mas, uma profecia dizia que qualquer filho seu seria mais poderoso que o pai. Assim, os dois grandes deuses desistiram de cortejá-la, e a nereida foi apressadamente entregue a um mortal, Peleu. Tiveram sete filhos e a deusa, de acordo com sua natureza matriarcal, não suportava a idéia de que eles seriam mortais. Seis deles ela queimou ao nascer, para que ascendessem ao Olimpo.*

*Quando nasceu Aquiles, a nereida mergulhou-o nas águas mágicas do Estige, o rio dos Ínferos, para torná-lo imortal. Porém, esqueceu-se do calcanhar, por onde o segurava, que continuou vulnerável.* Muitas vezes, as mães – sejam cancerianas ou não – fazem uma projeção de seus desejos sobre os filhos; esperam que eles atinjam alturas olímpicas na escola, na carreira e em tudo o que fizerem. Um canceriano, sem filhos, faz essa projeção sobre a própria criatividade, fixando metas divinas para suas obras. Assim, muitos deles não chegam a expressar seu potencial criador, porque não se acreditam capazes de alcançar tais metas.

Mais tarde, Tétis e Peleu se separaram e o herói foi entregue ao sábio centauro Quíron, que cuidou de sua educação. O mestre trocou-lhe o nome de Liguíron para Aquiles, ensinou-o a caçar, a cantar e a tocar a lira. Aprendeu, também, as virtudes dos antepassados: "O desprezo dos bens deste mundo, o

horror à mentira, a moderação, a resistência às más paixões e à dor."[17] Foi alimentado com vísceras de leões e de javalis, para que absorvesse a força desses animais, de mel, para ser doce e persuasivo, e de medula de urso.

*Quando a Guerra de Tróia eclodiu, Nestor e Odisseu foram a Ftia recrutar tropas. Recebidos por Peleu, este autorizou seu filho, na época com quinze anos de idade, a ir combater. Aquiles decidiu partir conduzindo uma frota de 50 naus e acompanhado de Fênix, seu tutor e de seu amigo Pátroclo. Na hora do embarque, Tétis preveniu o herói de seus dois destinos: se fosse a Tróia, teria uma vida curta e gloriosa; se permanecesse em seu reino, sua vida seria longa mas inglória. Aquiles escolheu o primeiro sem hesitar. Resignada, a mãe lhe deu uma armadura divina, presente de casamento de Hefestos a Peleu, e os cavalos que Poseidon ofertara na mesma ocasião.*

Aquiles é um típico herói canceriano. Seu maior desafio é libertar-se da mãe. Isto significa pôr em risco sua imortalidade, ou morrer simbolicamente para se tornar livre e criativo. Nos cancerianos, este esforço imenso liberta sua imaginação criativa.

*Por nove anos, os gregos lutaram diante de Tróia, sem nenhuma vitória decisiva, até que Aquiles se desentendeu com Agamenon, grande chefe grego, sobre um assunto de honra. É neste ponto que começam os relatos da Ilíada.*

> "O retrato de Aquiles traçado por Homero é o de um jovem muito belo, de cabelos loiros, olhos brilhantes e voz forte. O medo não tem poder sobre ele. A sua paixão mais forte é a alegria de combater. É violento e ama a glória acima de tudo. Mas a sua natureza possui aspectos mais doces, quase ternos. Como músico, ele consegue apaziguar as preocupações por meio da lira e do canto. Ama o seu amigo Pátroclo e Briseide, com quem levava uma vida de amor partilhado. É cruel quando manda executar os prisioneiros troianos e exige, depois de morto que se lhe sacrifique Polixena sobre o seu túmulo."[18]

*Agamenon havia recebido, como parte dos despojos de Tebas, uma moça chamada Criseide, filha de Crises, sacerdote de Apolo. Crises ofereceu ao grande chefe grego um bom resgate para que sua filha lhe fosse restituída. Mas Agamenon recusou-se. Então, o sacerdote orou a seu deus que mandou uma peste sobre o acampamento grego. Consultado, o adivinho Calcas revelou que, somente com a devolução de Criseide a praga seria retirada. Aquiles convocou uma reunião dos chefes e obrigou Agamenon a libertar a jovem.*

---

17 Grimal, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, p. 36. Difel, Lisboa, 1992.
18 Ibid., p. 39.

*Relutante, este concordou, porém exigiu como compensação que o herói lhe entregasse sua escrava, Briseide.*

*Humilhado, Aquiles invocou sua mãe, que o aconselhou a abandonar a luta até os troianos chegarem às naus gregas,* "a fim de a sua presença se revelar imprescindível, pois só ele, e ela sabe-o bem, inspira no inimigo um terror suficiente para o impedir de atacar eficazmente os gregos".[19]

*Depois, Tétis pediu a Zeus que desse a vitória aos troianos enquanto seu filho estivesse fora de combate. Zeus concordou e, durante nove dias, os gregos perderam as batalhas.* É comum os cancerianos pedirem socorro à mãe, quando enfrentam algo muito difícil. Embora Aquiles fosse um herói, sua mãe estava sempre por perto para protegê-lo e ele não hesitava em recorrer a ela.

*Em vão, os aqueus tentaram convencer Aquiles a voltar à luta. Este mantinha-se irredutível. Até que Pátroclo pediu-lhe a armadura emprestada para defender as naus gregas que já estavam sendo atacadas. Enquanto os troianos pensaram tratar-se de Aquiles, Pátroclo teve algum sucesso. Porém, logo em seguida, sendo descoberto, foi morto por Heitor, o herói de Tróia.*

*Aquiles foi tomado pela dor e desespero, e seus gritos foram ouvidos até no Olimpo. A mãe prontamente socorreu-o, prometendo-lhe uma armadura nova. O herói entrou em campo sem armas, afugentou os troianos aos berros e resgatou o corpo do amigo.* Muitas vezes, os cancerianos só conseguem confrontar diretamente a vida, revelando sua coragem e bravura, depois de um choque violento, como uma profunda perda emocional.

*No dia seguinte, fez as pazes com Agamenon, que lhe devolveu Briseide, e voltou para a luta com maior ferocidade. No final desse dia, ele matou Heitor. No princípio recusou-se a entregar o corpo do herói a seu pai, Príamo, o rei de Tróia. Depois de doze dias, Tétis convenceu-o a devolver o corpo, para que fosse enterrado dignamente. Zeus enviou Hermes como guia de Príamo. Assim, o rei chegou à tenda de Aquiles e lhe ofereceu um resgate de alto valor em troca do filho morto:*

> "...'Vamos, Aquiles, reverencia os deuses e tem piedade de mim, lembrando-te de teu pai. Mais piedade ainda eu mereço, eis que sofri o que jamais mortal algum sofreu na terra: levei meus lábios à mão do homem que matou meu filho.' Assim falou Príamo, e despertou em Aquiles vontade de chorar por seu pai. Segurou o velho e afastou-o delicadamente. E os dois, com suas recordações, choraram: um, curvado aos pés de Aquiles, lamentava em voz alta

19 Ibid., p. 38.

> Heitor, o matador de homens, e Aquiles chorava por seu pai e de novo por Pátroclo, e o rumor de seu pranto se elevou pela casa".[20]

*Aquiles morreu em combate. Alguns autores dizem ter sido Páris que o flechou traiçoeiramente, porém a única certeza é que foi Apolo quem dirigiu a flecha para o único ponto vulnerável de Aquiles: seu calcanhar.*

*Depois de morto, Aquiles se arrependeu da escolha em relação a seu destino. Quando Odisseu desceu ao Hades à procura de Tirésias, o vidente cego, encontrou o grande herói e falou-lhe:*

> "Mas tu, Aquiles, és o mais feliz dos homens do passado e do futuro, pois, enquanto vivias, nós, os argivos, te honrávamos como aos deuses, e agora, estando aqui, tens pleno poder sobre os mortos; desse modo não deves te afligir por ter morrido.
> Assim disse e ele prontamente me respondeu: Ilustre Ulisses, não tentes consolar-me a respeito da morte! Eu preferia cultivar os campos a serviço de outro, de um homem pobre e de poucos recursos, a dominar sobre todos os mortos".[21]

A descrição de Aquiles é um perfil do nativo de Câncer. Ora violento, ora doce, quase terno. Sensível, afetuoso e, ao mesmo tempo, cruel e combativo. Honra a família e teme os deuses. Capaz de se emocionar com a dor do outro, mesmo que tenha sido o causador. Como o astro regente deste signo, que cresce, se ilumina e depois encolhe e desaparece, os cancerianos mudam de humor e atitude tanto quanto a Lua rola no céu, mexendo com as águas da Terra. Seu arrependimento depois da morte ilustra o constante vai-e-vem das marés e das emoções humanas suscetíveis à influência da Lua.

Os nativos de Câncer são sensíveis, abertos e receptivos a todas as correntes emocionais secretas. É compreensível que suas projeções caiam primeiramente sobre suas próprias mães. A mãe é tão poderosa para a criança como a Mãe Terra era antigamente para os nossos ancestrais – a fonte de alimento e de vida, enorme, vasta, misteriosa; aquela que dá e nega amor e conforto.

O complexo da mãe, como chamava Jung, é tema de todos os seres humanos. Porém para o signo de Câncer esta resolução significa a libertação de seu potencial criador e seu nascimento para o mundo. Só então eles sentirão confiança em si mesmos e aprenderão a se apoiar nas próprias pernas.

---

20 Homero. *A Ilíada*, p. 270. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.
21 Homero. "Odisséia", citado por Brandão, J., Op. cit., Vol I, p. 146. Editora Vozes, Petrópolis, 1991.

Poderão, enfim, sair da toca, subir a montanha e, sem medo, conquistar seu lugar ao sol.

# Dos Mitos do Leão

Leão, o quinto signo, pertence ao elemento **fogo**. Sua representação na natureza é a **fogueira**, o fogo fixo, que permanece e aquece a alma, o coração e o corpo. Tem como imagens metafóricas o arco-íris, os castelos, os parques infantis, o carnaval. Entre seus objetos estão as coroas reais e os troféus. No reino animal, além do **rei dos animais**, é representado pelo tigre, jaguar e o pavão. No corpo humano, Leão rege o coração, as costas e a coluna vertebral.

O leão simboliza as paixões nobres do coração, o animal combativo, de impulsos agressivos e saudáveis, mas também destrutivos. Estes devem ser domesticados e não apenas reprimidos.

> "Poderoso e soberano, símbolo solar e extremamente luminoso, o rei dos animais possui em alto grau as qualidades e os defeitos inerentes à sua espécie. Encarnação do Poder, da Sabedoria e da Justiça, deixa-se arrastar, em contrapartida, pelo excesso de orgulho e segurança, que lhe conferem uma imagem de Pai, Senhor, Soberano. Ofuscado por seu próprio poder, cego pela própria luz, torna-se um tirano, acreditando-se um protetor. Pode ser maravilhoso, tanto quanto insuportável: nessa polaridade oscilam suas múltiplas acepções simbólicas."[1]

O signo de Leão é regido pelo **Sol**, nosso astro-rei, em torno do qual gravitam todos os outros planetas. Suas principais características são: a auto-expressão criativa, a demonstração de força ou poder, a autoridade, a autoconfiança, a benevolência, a afeição, o humor, o amor à vida, a irradiação de sua luz e a arte como mais alta expressão da criatividade humana. Ele simboliza o homem em busca de si-mesmo e da auto-realização.

A criação, a recreação e a procriação correspondem às três principais fontes motivadoras da auto-expressão leonina. As atividades de entretenimentos, os romances, a moda e os cerimoniais também estão relacionados a este signo.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

---

1 Brandão, Junito. *Mitologia Grega*, Vol. I, p. 256, 7ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

# Hélio

*Hélio, o **Sol**, era um deus anterior aos olímpicos, filho do titã Hipérion e da titânia Téia. Tinha duas irmãs: Eos, a Aurora, e Selene, a Lua.*

> "Despertado pelo canto do galo, animal que lhe é consagrado, e anunciado por Eos, todos os dias atravessa os Céus no seu carro puxado por quatro cavalos, desde um esplendoroso palácio situado no Extremo Oriente, perto da Cólquida, até um outro igualmente esplendoroso que fica no Extremo Ocidente, onde os seus cavalos, desatrelados, pascem nas ilhas dos Bem-Aventurados. Regressa a casa navegando pelo Oceano que envolve o mundo, mete o seu carro e parelha numa barca de ouro que Hefesto lhe fabricou e dorme toda a noite numa confortável cabina."[2]

*Era representado como um jovem muito belo, em plena vitalidade, com a cabeça rodeada de raios, dando a impressão de uma cabeleira de ouro. Seu carro era puxado por velozes corcéis, chamados curiosamente de Pírois, fogo, Eoo, luz, Éton, chama, e Flégon, brilho. Porém o trajeto realizado pelo deus revelou-se, com o progresso da astronomia, muito mais curto do que o sol perfazia. E pouco a pouco, foi perdendo, para Apolo, a função de guiar o carro do Sol, permanecendo na mitologia como uma divindade secundária, como servo e "luminária" dos deuses.* "A subordinação do Sol à Lua até ao momento em que Apolo usurpa o lugar de Hélio dando-lhe um caráter de divindade intelectual e não física, é um dos traços mais notáveis da mitologia grega primitiva."[3] Tanto Hélio quanto Apolo simbolizam o Sol, porém sob aspectos diversos. Hélio representa o Sol astro, que ilumina, aquece a Terra, auxiliando na sua produção, e que determina os ciclos das estações. Apolo, então, representa o Sol arquetípico, a força interiorizada, a criatividade anímica, a mola propulsora do desenvolvimento das potencialidades inerentes a todo ser humano.

*Hélio sentia falta da época anterior aos olímpicos. Quando Zeus uniu-se a Alcmena, para gerar Héracles, achou que uma noite era pouco para procriar um filho tão poderoso quanto o que tinha em mente. Então, mandou Hermes ordenar ao Sol não iluminar o céu nos dois dias seguintes.* "Hélio obedeceu, resmungando contudo, saudoso dos velhos tempos, quando o dia era dia, e a noite era noite, os tempos em que Cronos, então o deus Todo-Poderoso, não abandonava a sua mulher legítima para ir correndo a Tebas em aventuras

2 Graves, Robert. *Os Mitos Gregos*, Vol. 1, p. 138. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.
3 Ibid., Vol. 1, p. 139.

vadias."[4] Todos os leoninos têm um lado conservador que, geralmente, defende a moral instituída. Sendo um signo fixo, costumam ter dificuldade para aceitar mudanças e novos padrões de comportamento.

*Hélio foi retratado como um deus decadente, por quem nem os mortais tinham respeito. Quando os homens de Ulisses, no seu acidentado regresso à terra natal, sem provisões e mortos de fome, comeram uns bois do rebanho de Hélio, este não se vingou diretamente do insulto. Pediu a intervenção de Zeus, ameaçando não mais iluminar o mundo, caso os culpados não recebessem castigo. Noutra ocasião, Héracles precisou de sua barca de ouro para buscar os bois de Gerião, do outro lado do Oceano. O herói ameaçou crivá-lo com suas flechas e o Sol, aterrorizado, consentiu no empréstimo.* A natureza leonina é de índole pacífica. São magnânimos e têm um coração de ouro. Não costumam guardar ressentimentos, sabem perdoar, sendo às vezes até ingênuos. Preferem discutir, argumentar, fazer alianças e, se possível, chamar algum outro signo para lutar em seu lugar.

*Hélio era considerado pelos gregos como sendo o olho do mundo, aquele que tudo via, a quem nada escapava. Foi quem descobriu os amores secretos de Ares com Afrodite e que denunciou-os para Hefestos. Também viu quando Hades pediu ajuda a Zeus para conquistar Perséfone, e assistiu a seu rapto. Depois contou a Deméter sobre o conluio dos dois deuses.*

*Foi casado com Perseide, uma das filhas de Oceano e Tétis, com quem teve Circe, a feiticeira, Eetes, o rei da Cólquida, Pasifae, esposa de Minos, e Perses, que destronou seu irmão, e foi, por isso, assassinado por Medéia, filha de Eetes. Uniu-se, também, a outras mulheres. Com a ninfa Rodo teve sete filhos, os Heliades, que reinaram na ilha de Rodes. Com Clímene, irmã de sua mulher Perseide, teve cinco filhas, as Heliades, que cuidavam do seu rebanho na Ilha de Sicília, e Faetonte.*

*Faetonte foi criado por sua mãe e, só na adolescência, soube a verdadeira identidade do pai. Cansado das troças de seus companheiros, quando contava de quem era filho, foi se queixar a Clímene, que o aconselhou a procurar Hélio e perguntar-lhe diretamente. Ansioso pela comprovação, o jovem conseguiu descobrir o caminho até a morada do deus e dirigiu-se para lá.* Faetonte não está à procura do pai por amor e sim para afirmar sua identidade, despertando a admiração do grupo em função de sua origem e para vangloriar-se de feitos que nem ao menos são seus. Ou seja, não procura afirmar-se por suas próprias qualidades, e sim apossando-se das glórias de seu pai. É movido pela vaidade e espera o reconhecimento externo. Esta é uma armadilha que espreita o reino dos leões. Quando imaturos, facilmente se deixam seduzir pelo brilho, pelas luzes

4 Ibid., Vol. 2, p. 164.

da ribalta, pelo aplauso efêmero. Às vezes, julgam-se donos de toda a criação – mesmo aquela que não produziram – arvorando-se o direito de todas as glórias.

> "O palácio do sol era verdadeiramente fulgurante – brilhava o ouro, cintilava o marfim e reluziam as jóias. Por dentro e por fora tudo dardejava luz, resplandecia e tremeluzia. Era sempre meio-dia – a meia-luz sombria nunca turvava a claridade; a escuridão e a noite eram desconhecidas. Muito poucos mortais poderiam resistir durante algum tempo àquele brilho imutável de luz, mas também apenas poucos teriam conseguido descobrir o caminho que levava até lá."[5]

*Ao entrar na sala do trono, Faetonte parou, não agüentando o esplendor que cegava e queimava. Hélio, avistando-o, perguntou-lhe, sorrindo amavelmente, o que o trazia até seu palácio. O ousado jovem falou-lhe sobre a dúvida que o assaltava e pediu ao Sol a confirmação da história que a mãe lhe contara. O deus retirou sua coroa de luz incandescente, para que o filho pudesse se aproximar e disse-lhe que era verdade o que Clímene lhe revelara. E acrescentou que, como prova, lhe daria tudo o que quisesse, invocando o Estige, o rio do juramento dos deuses, como testemunha de sua promessa.* Os leoninos são amorosos, calorosos e generosos, especialmente com os filhos. Sabem demonstrar afeto e brincam com as crianças como se tivessem a idade delas. Às vezes chegam a ser muito permissivos.

*Faetonte, que inúmeras vezes observara, com um sentimento misto de orgulho e curiosidade, seu pai atravessando os céus, dando luz e calor ao mundo, não pensou duas vezes e pediu para guiar o carro do Sol, achando que poderia ser o herdeiro natural de suas atribuições.* Porém, o que ainda não consegue perceber é que precisa primeiro "vestir-se de luz", isto é, crescer, tomar consciência de sua própria força para, então, ocupar o lugar do pai. Na sua condição, poderia ser apenas um espelho da luz, captando alguns raios dispersos e refletindo-os. Os leoninos, muitas vezes, precisam ser alertados disso, principalmente quando são acometidos por um tipo de vaidade que ambiciona iluminar o mundo. Como dizia Martin Schulman em sua "Fábula dos Doze Dons", sobre a tarefa que o criador designou para cada signo:

> "A ti, Leão, atribuo a tarefa de exibir ao mundo a Minha Criação em todo seu esplendor. Mas deves ter cuidado com o orgulho e sempre lembrar que é Minha a criação e não tua. Há muita alegria no teu trabalho, basta fazê-lo bem."[6]

---

5 Hamilton, Edith. *A Mitologia*, p. 187, 3ª edição. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1983.

6 Schulman, Martin. *Karmic Astrology*, Vol. I, p. 125. Trad. livre do autor. Ed. Samuel Weiser, Nova Iorque, 1975.

*Hélio deu-se conta da loucura que cometera e fez de tudo para que o filho desistisse desse desejo, argumentando que nenhum mortal ou deus, nem mesmo o Grande Senhor do Olimpo, conseguiria guiar seu carro. Descreveu ainda a subida íngreme, que os cavalos faziam com grande esforço, a grande altitude que o fazia sentir-se mal quando olhava para baixo e a descida, que ele considerava a pior parte, porque era muito precipitada e a muito custo conseguia manter-se firme. E acrescentou:*

> "Julgarás tu, talvez, que, lá em cima, há toda espécie de maravilhas, cidades de deuses cheias de coisas belas?!... Nada disso! Tudo que lá há para ver e por que terás de passar são animais, animais vorazes — o Touro, o Leão, o Escorpião, o grande Câncer, todos eles hão-de tentar fazer-te mal, convence-te. Ora olha à tua volta! Repara em todas as coisas boas que existem no mundo; escolhe uma que o teu coração deseje e ela será tua. Se aquilo que pretendes carece de demonstração, meu filho, creio bem que os meus receios pela tua vida são bem a prova de que sou teu pai."[7]

*De nada adiantaram as ponderações sensatas do deus. Faetonte insistiu no seu pedido, imaginando a glória que seria guiar os corcéis que nem o próprio Zeus era capaz de controlar. Na sua onipotência juvenil nem considerava os perigos que o pai descrevera, não sentia nenhum medo e muito menos duvidava de sua capacidade. Hélio, vendo suas tentativas frustradas, desistiu de dissuadi-lo. Na hora da partida, fez-lhe as últimas recomendações: que não utilizasse o chicote, bastava controlar os animais com as rédeas, usando toda sua firmeza; que não voasse muito baixo, o que abrasaria o planeta, nem muito alto, porque entraria em choque com outros astros; que o caminho seguro era o do meio. Untou-lhe a face com um preparado mágico, para que não se queimasse e colocou-lhe sua coroa de luz incandescente.*

Quando o desejo impera, a sensatez desaparece. Como diz o velho ditado popular: "Quando o de baixo esquenta, o de cima não governa". O reino dos leoninos é a consciência, os desejos e as emoções incontroláveis estão fora de seu alcance. Em situações como essa, eles podem ser acometidos por uma paixão avassaladora que seu aguçado intelecto não consegue controlar. Aos olhos do séquito que os rodeia, parece que perderam o juízo. O caminho do meio deixa de ser sua natural inclinação.

*Triunfante, Faetonte partiu. No início tudo parecia transcorrer sem alterações, o carro subiu as alturas máximas e o jovem sentiu-se o próprio*

---

7 Hamilton, Edith. Op. Cit., p. 189.

*Senhor dos Céus. Porém, os corcéis já haviam percebido que não era Hélio que os conduzia e, a partir de certo momento, passaram a comandar. O carro oscilava de um lado para o outro e o jovem, percebendo que perdera o controle, nervoso, deixou cair as rédeas. O que se seguiu foi irremediável. Os cavalos rumaram para o ponto mais alto do céu e de lá mergulharam em direção à Terra, queimando campos, florestas, templos, montanhas.* Os cavalos são um clássico símbolo do reino das emoções. Quando desgovernados, tornam-se destruidores. Faetonte precisava aprender a lidar com os seus próprios desejos e colocá-los a serviço de seu crescimento e consciência, antes de sua intempestiva aventura. A força do Leão é doadora de vida, mas também pode ser destrutiva. Como o Sol, que pode aquecer e iluminar o planeta, ou queimar e destruir a Terra.

*A Mãe-Terra, diante de tanta destruição, clamou tão alto que foi ouvida no Olimpo. Zeus, temendo uma conflagração universal, foi obrigado a fulminar Faetonte com um raio, fazendo-o tombar no rio Erídamo. As Náiades recolheram seu corpo e o enterraram à beira do rio. Sobre seu túmulo, colocaram a inscrição:* "Aqui jaz Faetonte que guiou o carro do Deus-Sol. Grande foi o seu malogro, mas grande foi também a sua ousadia".[8] *As Helíades, suas irmãs, de tanto chorarem, foram transformadas em álamos, permanecendo eternamente junto ao irmão.*

## Apolo

*Filho de Zeus e Leto e irmão gêmeo de Ártemis, era o grande* ***Deus Solar****. Seu mito acabou por suplantar completamente o de Hélio, o Sol propriamente dito.*

*Conta a lenda que a amante de Zeus correu o mundo todo em busca de abrigo para ter os filhos. Hera, enciumada, além de proibir a Terra de acolher a futura mãe, encarregou a serpente Píton de matá-la. A serpente perseguiu-a por todos os lugares, até que Leto chegou ao mar. Foi transportada pelo Vento Sul até a Ilha de Ortígia, estéril e flutuante, que, por não pertencer à Terra, abrigou-a. Então, Ártemis e Apolo puderam nascer.*

*Pouco antes do nascimento de Apolo, Leto tranqüilizou a ilha dizendo que o novo deus traria prosperidade e alegria. E assim aconteceu. No momento em que Apolo nasceu, cisnes sagrados apareceram voando e deram sete voltas*

8 Ibid., p. 192.

*em torno da ilha; a Terra exultou de alegria; o mar e as montanhas cobriram-se de ouro e púrpura. Era o sétimo dia do mês. Mais tarde, em agradecimento, o deus fixou a ilha, mudou seu nome para Delos, a Luminosa, e ela floresceu, com muita beleza, vida e luz.*

*Logo após o nascimento, seu primeiro pedido foi um arco e flechas. Recebeu-os de Hefestos e tornou-se o deus arqueiro. Com sua mira precisa, visualizava um alvo distante que suas setas certeiras jamais erravam.* Como o arqueiro que vê mais longe, este arquétipo se faz presente na capacidade de distanciamento emocional dos leoninos, isto é, sua habilidade de ver as coisas de forma racional, a distância das reações emocionais imediatas. Este dom os predispõe a lidar com a própria dor – e também com a dor dos outros – a partir de uma postura distanciada. Através da compreensão intelectual, da prática espiritual e da análise objetiva das situações, evitam o contato direto com o que sentem internamente. Muitas vezes, subestimam suas dificuldades emocionais ou de relacionamento, considerando toda a experiência como um grande aprendizado.

*Apolo, munido com essas armas, realizou sua aventura mais importante. Dirigiu-se para o Monte Parnaso, onde, escondida numa caverna, morava a serpente Píton, inimiga de sua mãe. A serpente fugiu para o Oráculo da Mãe-Terra em Delfos, onde o deus liquidou-a com suas flechas certeiras, junto da fenda sagrada. Afrontada, a Mãe-Terra foi lamentar-se a Zeus. Depois desse episódio de crime e sangue, Apolo precisava purificar-se. O Grande Senhor Olímpico ordenou-lhe que fosse para o Vale de Tempe, onde ficou durante um ano. Zeus também instituiu, em honra de Píton, os Jogos Píticos, aos quais seu filho deveria presidir como penitência.*

*Finalmente purificado, o deus regressou à Grécia com seu cortejo de sacerdotes, e foi recebido com festas e honras. Apoderando-se do Oráculo de Delfos, em seu lugar ergueu seu templo. Forçou a sacerdotisa do Oráculo, a pitonisa, a ficar a seu serviço, apossando-se também de seu dom de profecia. Nesse santuário, o deus consagrou a trípode, coberta com a pele de Píton, onde se sentava a pitonisa para proferir os seus oráculos.*

*Antes de responder às consultas, a sacerdotisa descia por uma cavidade para tocar o "Ônfalos" – pedra que simbolizava o umbigo da Terra e o centro do mundo. Depois que Apolo apoderou-se do Oráculo, a pedra passou a ser considerada como símbolo fálico, representante do deus. Por isso, dizia-se que as profecias da pitonisa vinham de uma relação física com Apolo. Os oráculos proferidos eram incoerentes e precisavam ser traduzidos. A tradução era feita por um sacerdote, que os colocava em forma de hexâmetros para os devotos.*

Apolo, o deus-sol, é o marco mais importante da passagem da sociedade matriarcal para a patriarcal. Sobre o antigo Oráculo da Grande Mãe instaurou-se

o templo do deus, e o poder das mulheres foi restringido às pitonisas. Os sacerdotes com seus cajados, símbolos do poder masculino, a partir de então dominante, substituíram a Lua e suas sacerdotisas com suas poções e caldeirões, representantes do matriarcado.

*Os sacerdotes de Apolo exigiam de suas pitonisas, consideradas noivas do deus, a virgindade. Porém, depois de um escandaloso caso de sedução de uma delas por um devoto, as sacerdotisas passaram a ser, obrigatoriamente, mulheres com mais de cinqüenta anos, embora continuassem todas a se vestirem de noivas. Na entrada do templo lia-se seus dois preceitos mais famosos: "Conhece-te a ti mesmo" e "Nada em demasia". E também suas leis mais importantes: Curva teu espírito; observa teu limite; despreza o orgulho; mantém a reverência; teme a autoridade; reverencia e ajoelha-te ante a divindade; mantém as mulheres sob controle.*

*Apolo era o legislador e aquele que punia os erros. As cidades enviavam emissários a Delfos em busca de conselhos, e ministros de Apolo eram enviados às cidades gregas como intérpretes das leis civis e religiosas.* Como arquétipo, Apolo personifica aquele aspecto da personalidade que quer definições claras, que valoriza a ordem, a harmonia e as aparências. Este arquétipo prefere o pensamento ao sentimento; a distância à intimidade; o objetivo, racional à intuição. Todos estes são valores leoninos. As leis de causa e efeito são princípios que eles obedecem naturalmente, sem precisar aprender. Sabem o que querem, enxergam o futuro, definem suas metas. Não são sonhadores, são realizadores, criadores, autores, legisladores. Suas metas e conquistas são, geralmente, públicas ou aparecem para os outros nem que seja num letreiro em frente à empresa.

*Apolo era um antigo deus asiático, provavelmente ligado ao culto da Lua, que sofreu vários sincretismos e assumiu vários atributos: desde um deus protetor dos rebanhos e dos pastores, das flechas certeiras, da música e dos poetas até a grande divindade purificadora, deus da profecia e da medicina. A diversidade de influências e funções reunidas em torno de um único deus tornava-o uma figura mítica bastante complexa. Porém, o Deus Solar, conforme era considerado pelos gregos, conseguiu encontrar um equilíbrio entre tantas polaridades, colocando-as a serviço da cultura e do conhecimento.*

O signo de Leão tem entre suas características uma abundância de dons, dos quais nem sempre tem consciência. Cabe aos leoninos expressá-los, no decorrer da vida, através de suas respostas aos desafios vitais. É quando se tornam surpreendentes e inéditos. Sua tendência natural é colocar sua *griffe* em tudo o que criam. Assim como Apolo, que assimilou atributos de deuses mais

primitivos, imprimindo sua marca pessoal, os leoninos costumam assumir suas criações, sem medo da exposição.

*Como deus da medicina, a única referência encontrada foi aquela que diz que Apolo curou Hades, ferido por uma flecha de Héracles, quando este desceu aos Ínferos para capturar o cão Cérbero. Era pai de Asclépio, o verdadeiro deus da medicina, que aprendeu a arte da cura com o centauro Quíron.*

> "Um dos componentes da divindade de Apolo parece ter sido um rato oracular – Apolo Sminthio ('Apolo Rato') é um dos seus títulos mais antigos – que as pessoas iam consultar no santuário da Grande Deusa, (...) Os ratos andavam associados à doença e respectiva cura, daí que os Helenos adorassem Apolo como deus da medicina e da profecia..."[9]

*Apolo era representado como um deus jovem, muito belo, alto e de longos cabelos negros. Era uma divindade solar, brilhante, incorruptível, porém suas punições podiam ser terríveis. Era o filho mais importante de Zeus e também o mais respeitado pelos olímpicos, depois do pai.* Os leoninos mais identificados com Apolo são, geralmente, oriundos de famílias tradicionais das quais assimilam valores tradicionais a serem desenvolvidos e passados a seus descendentes. Eles se empenham em cumprir essa tarefa, o que lhes garante aprovação e reconhecimento, tanto da família quanto da sociedade a que pertencem. No trabalho, buscam aprovação de seus superiores, mostrando sempre competência e tornam-se líderes do grupo de subordinados, quando não chegam à chefia propriamente dita. Querem se sentir aceitos, amados, respeitados e admirados por todos. Geralmente, fazem por merecer!

*Teve vários amores com ninfas e com mortais e também muitos filhos. Com a ninfa Cirene, filha de Hipseu, rei dos Lápitas, teve uma história de amor feliz. A princesa cuidava dos rebanhos do pai, protegendo-os dos ataques das feras. Um dia, desarmada, dominou um leão feroz. Apolo, que assistia a cena de longe, enamorou-se dela. Raptou-a com seu carro de ouro, levando-a para a região da Líbia; lá, num palácio dourado, uniu-se a ela. De presente, deu-lhe a região de Cirene como domínio. Desta união nasceu Aristeu, que foi criado por Gaia e pelas Horas.* Os leoninos são conhecidos por sua generosidade e benevolência. Quando amam cobrem a pessoa amada de gentilezas e, quando têm posses, de ricos presentes. Criam a impressão de que serão eternos em seu

9 Graves, Robert. Op. cit., Vol. 1, p. 55.

afeto, porém este comportamento não impede que seus amores sejam efêmeros. Na verdade gostam da *mise-en-scène*, mais do que do compromisso.

*Nem sempre seus amores eram felizes. O mais sério e importante foi com a princesa Corônis, de quem nasceu Asclépio. Conta a lenda que os dois se amavam, mas Apolo não hesitava em deixá-la só, quando precisava cuidar de seus interesses. A princesa teve medo de ser abandonada pelo deus, quando ficasse velha e perdesse a beleza. Grávida de Asclépio, casou-se com Ísquis, um simples mortal. Ao saber da infidelidade, o deus matou Ísquis e pediu a Ártemis, sua irmã, que liquidasse a traidora. Antes que o corpo fosse cremado, Apolo arrancou de seu ventre a criança, ainda viva. Asclépio foi criado por Quíron.* Os nativos de Leão, quando identificados com Apolo, não são tipos apaixonados. São racionais, lógicos, intelectuais, filosóficos. Assim, o amor e o sexo são resolvidos quase como questões formais; fazem parte das exigências sociais a serem cumpridas. Esta atitude gera, nos seus parceiros, um sentimento de insegurança ou de insatisfação afetiva. Não que eles sejam incapazes de amar e de formar vínculos, apenas não colocam sua atenção nisso e esperam que a relação não interfira nas outras áreas de sua vida.

*Com Marpessa, aconteceu uma história semelhante. A jovem estava noiva de Idas quando Apolo apaixonou-se por ela e raptou-a. O noivo atacou o deus e foi preciso que Zeus interferisse para separar os dois. Foi, então, dado à Marpessa o direito de escolher. Esta preferiu o mortal, temendo que Apolo a abandonasse na velhice.* Os nativos de Leão costumam valorizar muito a própria imagem, sendo conhecidos por sua vaidade, que às vezes se torna excessiva. Também valorizam a beleza das formas, desde os objetos até as pessoas. Assim sendo, podem causar a impressão que dão mais valor ao exterior do que à essência. Isto pode gerar no outro uma insegurança quanto à permanência dos leoninos numa relação, como aconteceu com Corônis e Marpessa, o que leva a separações, muitas vezes, precipitadas.

*Outro de seus amores infelizes foi com Cassandra, princesa de Tróia. Ela ousou rejeitar Apolo e pagou caro por isso. A princesa possuía o dom da vidência e tornou-se sacerdotisa do deus, que a desejava como amante. Diante da recusa da jovem, e como não podia tirar-lhe o dom da profecia, Apolo cuspiu-lhe na boca tirando-lhe o dom da persuasão. Na Guerra de Tróia, Cassandra várias vezes previu a calamidade, mas ninguém acreditou nela e foi ainda considerada louca.*

*Teve uma violenta paixão pela ateniense Creusa, mulher de Xuto, amou-a numa gruta da Acrópole. Apolo levou o fruto dessa união para ser criado pelos sacerdotes de Delfos, que lhe deram o nome de Íon. O deus era considerado, também, o amante de Ftia, com quem teve três filhos: Doro, Laódoco e Polipetes. Com Evadne, teve Íamo. De Reo, teve Ánion, a quem Apolo deu o*

*reino de Delos e o dom da profecia. É ainda considerado pai de Mileto, embora não se saiba exatamente quem era a mãe.* Outra das características do signo de Leão é a procriação. Gostam de ter muitos filhos ou uma família grande, da qual possam ser o arrimo. Assim, satisfazem sua necessidade de serem o centro de um "sistema solar", que possa ser colocado sob suas asas. O fruto da união é tão importante que, às vezes, o outro genitor chega a ser dispensável. Sua preocupação é com o futuro e a educação de sua prole, mais do que com o cuidado pessoal mais íntimo. Quando pais, costumam ser ótimos provedores, e mesmo distantes patrocinam tudo que se refere ao bem-estar dos filhos.

*Outro de seus amores foi a princesa Dríope. Filha do rei de mesmo nome, guardava os rebanhos do pai. Um dia, quando dançava com as hamadríades foi vista por Apolo, que enamorou-se dela. Para se aproximar, o deus transformou-se em tartaruga, as jovens brincaram com o animal como se fosse uma bola. Quando Dríope colocou-a no colo, o deus metamorfoseou-se em serpente e possuiu-a. Assustada, ela voltou para casa e nada disse aos pais. Tempos depois deu à luz Anfisso, que se tornou fundador da cidade de Eta.* Às vezes, nos leoninos jovens, a capacidade de concentração num objetivo se une ao seu desejo sexual e eles partem para a conquista. Porém, nem sempre a outra pessoa se sente desejada pelo que é, mas apenas um objeto de desejo, e foge assustada.

*O Monte Parnaso era o local predileto de Apolo. Nele, o deus da Poesia, da Música e das Artes dirigia os coros dançantes das Musas e das Cárites. As Musas eram companheiras inseparáveis do deus. Filhas de Zeus com Mnemósine, eram divindades protetoras das artes, que tinham muita sabedoria e dons de prever o futuro. Eram dotadas de grande melodia e costumavam entoar cânticos em homenagem aos deuses. Quando desciam à Terra permaneciam perto das fontes.*

Outra característica do signo de Leão é a da criação. Os leoninos são nucleares, isto é, estão conectados com a própria essência e criam a partir desse contato. Como o sol, pai-sêmen, estão intimamente ligados com toda a criação artística e devem irradiar a beleza para todos os seres humanos. Quando artistas, vivem o drama entre o eterno e o passageiro. Enxergam a eternidade, mas nem sempre a expressam, pois o brilho do efêmero os fascina. Sendo de um signo fixo, se pudessem eternizariam o efêmero.

Os leoninos costumam sentir-se à vontade no reino *celeste* do intelecto, da vontade e da mente. Com sua capacidade de distanciamento emocional, usam seu talento gerando obras que retratam os dramas humanos. Apesar de sua racionalidade são magnéticos e extrovertidos no seu contato com os outros. Seu objetivo é a livre expressão criativa e a alegria de viver.

*Ao todo eram nove Musas e aos poucos receberam diversas funções que variam de acordo com os autores. Segundo Pierre Grimal eram estas as suas*

*atribuições: Clio era a Musa da História; Euterpe, da Flauta; Talia, da Comédia; Melpômene, da Tragédia; Terpsícore, da Poesia ligeira e da Dança; Érato, da Lírica e do Coral; Polímnia, da Pantomima; Urânia, da Astronomia e Calíope, da Poesia. Conta a lenda que Apolo costumava ter aventuras amorosas com as musas. De uma aventura com Talia, nasceram os Coribantes, que passaram a integrar o cortejo de Dioniso.* Para os leoninos, os relacionamentos precisam ter um caráter lúdico e de companheirismo e, às vezes, um toque de competitividade. Eles sabem partilhar interesses e atividades, o que torna a relação mais fraterna do que sensual e apaixonada.

O talento leonino é capaz de alegrar ou entreter as pessoas e até de inspirá-las para a liderança dentro da família e da comunidade. Quanto mais esta força – que alguns chamam de amor – esteja centralizada no coração, maior será a influência do Leão sobre aqueles que o rodeiam. Quando ele não está em contato com esta força e não a expressa livremente, aparece o lado sombrio, rude e até cruel do signo.

*Dafne, era uma ninfa, filha do deus-rio Peneu. Como Apolo zombava de Eros, dizendo que suas flechas eram inofensivas, o deus feriu-o com a seta do amor e, Dafne, com a seta da aversão. Assim, apesar da beleza do deus solar, a jovem rejeitou-o, fugindo dele, veloz e diáfana como o vento. Apolo perseguiu e alcançou-a, certo da vitória. Mas, nesse momento, a ninfa pediu a seu pai que a metamorfoseasse. Atendendo seu pedido, o deus-rio transformou-a numa árvore: o loureiro sagrado.* Os leoninos não sabem lidar com o fracasso nem com a perda. Colocam muito de sua energia vital na conquista de seus objetivos. Se não conseguem, sentem-se perdidos e desamparados pelos deuses, sem conseguir ver que existem alternativas. Precisam de um longo período, onde "lambem as feridas" até que cicatrizem e eles possam retornar à atividade.

*Apolo, então, abraçou a árvore, deu-lhe o nome da amada e determinou que aquela seria a árvore sagrada de seu culto. Suas folhas seriam destinadas à purificação dos sacerdotes e ao coroamento das grandes vitórias: nas artes, nos esportes, nas lutas.* Os leoninos gostam de homenagear aqueles que amam. É comum que suas obras artísticas sejam compostas em homenagem a pessoas que eles admiram. Demonstram seu amor num canto de louvor à vida.

*O deus-solar não amou apenas as mulheres, também os mancebos foram dignos de suas atenções. Teve um caso amoroso intenso com Jacinto, um belo adolescente, filho do rei de Esparta. Em função desse romance, o deus afastou-se do templo e passava a maior parte de seus dias namorando. Um dia, enquanto se divertiam arremessando discos, o vento Zéfiro, enciumado, desviou o disco arremessado pelo deus que decapitou Jacinto. Inconsolável, Apolo fez nascer do sangue do jovem a flor que levou seu nome.*

Quando os leoninos se envolvem em relações homossexuais, estas costumam ter um caráter lúdico de companheirismo, como na história de Jacinto. A própria face refletida no outro é a primeira experiência de auto-aceitação e auto-estima, reforçando características inerentes a este signo. Estas relações costumam ser efêmeras. Seu rompimento é devido, muitas vezes, à competitividade ou à necessidade – presente em muitos leoninos – de vencer e mostrar sua superioridade.

*Os atributos de Apolo, como protetor dos pastores e dos rebanhos, estão presentes nos dois episódios de punição a que o deus foi submetido. Por ter desagradado ao pai, teve que se colocar a serviço de mortais, como escravo.*

*O primeiro episódio foi quando apoiou Hera e Poseidon na conspiração contra Zeus. Depois do fracasso da empreitada, o Senhor do Olimpo condenou os dois deuses a prestarem serviço para Laomedonte, rei de Tróia, perdendo a condição de imortais. Conta a lenda que, durante um ano de exílio, Poseidon construiu as muralhas da cidade e Apolo pastoreou o rebanho real. No final do prazo estabelecido, Laomedonte se recusou a pagar o combinado pelo trabalho feito, e ainda ameaçou cortar as orelhas dos dois. Eles ficaram furiosos, mas nada puderam fazer. Mais tarde, quando retomaram a condição divina, Apolo desencadeou uma peste na cidade e Poseidon atiçou um monstro marinho que atacou a região, matando os homens no campo.*

*Outra de suas punições foi devido a vingança pela morte de seu filho. Quando Asclépio ficou conhecido como eficiente curandeiro, foi fulminado por Zeus, que temia a desordem e o empobrecimento do Hades que já não recebia almas novas. Apolo, furioso e impotente perante o deus do Olimpo, vingou a morte de seu filho matando os Ciclopes e, indiretamente, privando Zeus de seus fornecedores de raios.* O poder é uma das questões vitais do signo de Leão. Quando se sentem feridos pela traição ou deslealdade, os leoninos podem usar o poder como arma de vingança. Nesses momentos, a outra face do amor, o ódio, se manifesta com requintes de crueldade. Cegos pela paixão, não medem as conseqüências de seus atos.

*Com essa provocação, seu pai ordenou o exílio de Apolo em Feres, na corte de Admeto. Lá serviu como pastor durante um ano, a fim de se purificar dos crimes cometidos. Essa convivência deu origem a uma grande amizade e cumplicidade. Apolo auxiliou Admeto em várias ocasiões. Quando este se candidatou à mão de Alceste, filha de Pélias, o deus ajudou-o a cumprir a exigência do rei. Nas núpcias de Admeto e Alceste, o rei de Feres se esqueceu de oferecer um sacrifício a Ártemis, que se vingou enchendo o quarto do casal de serpentes. Mais uma vez, a interferência de Apolo, que apaziguou a irmã, fez com que Admeto pudesse desfrutar sua lua-de-mel. Algum tempo depois, quando as Moiras sortearam Admeto para a morte, Apolo ludibriou-as com a*

*embriaguez, e conseguiu adiar o sorteio do nome de Admeto até que outra pessoa se candidatasse para morrer em seu lugar. Alceste, num gesto de grande altruísmo, ofereceu-se para ocupar o lugar do marido.*

Apolo, como os leoninos, é extremista em suas escolhas. Ou ama e, benevolentemente, distribui amor e alegria para seus devotos e admiradores; ou odeia e, implacavelmente, castiga com a morte ou desprezo aos inimigos e desafetos. Assim vivem intensamente suas paixões. Seu radicalismo é ilustrado por expressões como: "Não li e não gostei", "não conheço e não quero conhecer". Por outro lado, suas ações nas defesas de seu amigos mostram, às vezes, sofisticadas manobras de ajuda e proteção. Dificilmente enxergam os defeitos, mesmo de seu círculo mais íntimo, e são sempre os últimos a perceberem as armadilhas e as traições. Amizade e lealdade estão entre seus mais altos valores.

*Foi durante o exílio de Apolo, como pastor de Admeto, que Hermes, ainda de cueiros, roubou o gado real que o deus pastoreava. Esta história está contada no mito dos Gêmeos. Apolo acabou sabendo quem roubara o gado, mas prometeu esquecer o incidente, em troca da posse da lira que Hermes acabara de inventar.*

*Foi sagrado deus da Música na disputa com Mársias, um sátiro da deusa Cibele. Este recolhera a flauta amaldiçoada por Atena quando a deusa a dispensou num bosque da Frígia. Depois de certo tempo praticando o instrumento, Mársias desenvolveu muita sensibilidade e habilidade, chegando a ser comparado a Apolo. Orgulhoso de sua nova condição, e sem ter conhecimento da maldição, o sátiro aceitou o desafio do deus solar para um concurso de música.*

*As Musas e o rei Midas foram escolhidos para juízes. Encantadas com a sua sublime atuação, as Musas tendiam a declarar Apolo como vencedor, enquanto Midas preferia o som mais lascivo do sátiro. Percebendo o impasse, astuciosamente, Apolo pediu a Mársias que o imitasse. Então, virou a lira de cabeça para baixo, tocando e cantando ao mesmo tempo, hinos em homenagem aos olímpicos. É claro que Mársias não conseguiu fazer o mesmo com seu instrumento. Apolo esfolou-o vivo; sua pele foi cravada num pinheiro junto a um rio que hoje tem seu nome, e seu corpo foi pendurado na entrada de uma caverna, para que todos vissem o castigo reservado à perversão. Quanto a Midas, o deus puniu-o, fazendo-lhe nascer orelhas de burro, animal associado à luxúria.* O signo de Leão possui um caráter conservador e defensor da moral e dos bons costumes. Às vezes, chegam a extremos nessa postura, tornando-se rígidos e reacionários a tudo que seja diferente do usual. Porém são grandes vencedores pela qualidade, porque sempre encontram saídas criativas para enfrentar seus desafios. Através da criação são capazes de alcançar uma

progressiva espiritualização – não necessariamente religiosa – colocada a serviço da expansão da consciência.

*Confirmando sua consagração como deus da Música, Apolo enfrentou Pã. Esta disputa simbolizou a pretensa superioridade da arte grega sobre a arte asiática. A lira, usada por Apolo, era o instrumento básico da música grega. Seu som era considerado o mais puro e harmonioso do universo. A flauta, usada por Pã, era tida como um instrumento rude, incapaz de acompanhar as belas canções dos heróis.*

Essa disputa ilustra, de um lado, a dialética do *real versus ideal*, que embasa a cultura ocidental. Ela é, por excelência, o eterno embate Aristóteles *versus* Platão. Por outro lado, o ideal platônico de *beleza absoluta*, defendido pela Arte Grega, considerava incontestável a superioridade do *belo* sobre o *feio*, e era perseguido pacientemente por todos os artistas, protegidos e inspirados por Apolo. Esse ideal defendia o sublime contra o vulgar; a harmonia oposta a desordem; o eterno sobre o efêmero. O signo de Leão tem, na expressão artística, um de seus canais mais poderosos. Visionários, tendem para uma postura mais ideal. Buscam incessantemente o belo, a ponto de, quando artistas, toda sua obra ser um hino de amor à beleza.

*O povo predileto de Apolo eram os Hiperbóreos. Conta a lenda que uma vez por ano o deus solar desaparecia por longos e tristes meses, porque viajava ao País dos Hiperbóreos, terra de luz e alegria, cujo caminho era um mistério insondável para os mortais comuns. Os Hiperbóreos eram justos e honrados, obedientes às leis de Apolo e respeitosos de seu culto, por isso o deus privilegiava-os com a juventude eterna e protegia-os com fronteiras que nem a morte nem o sofrimento poderiam ultrapassar.*

*Não conheciam a guerra nem a discórdia, porque nem mesmo Ares jamais chegou aos pacíficos domínios do povo predileto de Apolo. Os longos meses que o deus passava com eles eram celebrados com festa e alegria. Até que precisava retornar para despertar a Terra, que jazia mergulhada no inverno. Apolo trazia em suas mãos a vida, a luz, a alegria e a tão sonhada primavera.*

Este mito ilustra a necessidade deste signo de, periodicamente, voltar para a sua fonte interna: o País dos Hiperbóreos. Na fonte está a luz, a alegria, a juventude eterna, a criança interior dele e de cada um de nós. É preciso que abandone o palco, de vez em quando, para buscar sua força interna. Este abandono enche de frio e tristeza, por longos meses, os espaços dos quais se ausentou. O mito sugere que, em momentos de conturbação emocional, é preciso mergulhar no interior, para retornar forte e glorificado. Daí entende-se porque o grande artista não envelhece: ele transcende o efêmero, indo beber diretamente a água da fonte. Transpira o estado hiperbóreo e inunda o mundo com sua vibração.

# Héracles e o Leão da Neméia

O mito do herói se faz presente em todas as épocas históricas, em todas as sociedades e em todos os estágios de civilização e cultura. Embora as lendas tenham diferentes versões, o modelo básico do mito permanece o mesmo. "O mito do herói é importantíssimo para a sociedade e para o homem. Socialmente, exerce papel integrador, estabelecendo uma identidade coletiva. Individualmente contribui, sobretudo na infância e na adolescência, para a afirmação da personalidade."[10]

Héracles, com seus Doze Trabalhos, supera em importância os outros heróis. Todas as suas histórias constituem um ciclo completo, em constante evolução, até o fim da Antigüidade. Este mito tão complexo não cabe em apenas um signo. Sua trajetória refere-se ao processo de evolução de todos os indivíduos. Porém A Captura do Leão da Neméia expressa de forma muito significativa o caminho evolutivo dos leoninos.

*Esta lenda é narrada como o primeiro dos Doze Trabalhos de Héracles, realizado quando o herói cumpria um tempo de purificação, por ter matado, num acesso de loucura, seus filhos e sobrinhos. Consultado, o Oráculo de Delfos condenou-o a servir seu primo Euristeu, rei da casa de Perseu, durante doze anos.*

O acesso de loucura significa o domínio do lado animal sobre o humano. Este primeiro trabalho refere-se à necessidade de conscientização individual dessa natureza instintiva, para que ela não precise ser vivida através das raivas pessoais ou das guerras de massa. Com essa integração adquire-se proteção, força, saúde e sabedoria.

*Em Neméia havia um bosque onde se escondia um leão muito feroz. Era um monstro, filho de Ortro e Equidna, e irmão de Cérbero, Hidra de Lerna, Quimera e da Esfinge, que devorava os habitantes e rebanhos, devastando a região. Euristeu ordenou ao primo que capturasse a fera.* O leão simboliza o instinto animal primitivo, presente em todos os seres humanos. Sendo o rei dos animais, com sua pele amarelo-ouro e sua juba semelhante a raios de luz, é facilmente associado ao Sol e a figuras divinas. Como fogo expressa, através de uma elevada intensidade emocional, esse lado instintivo.

*Héracles dirigiu-se para Neméia para cumprir sua tarefa. Ao avistar a fera, usou primeiro o arco e a flecha. Porém o couro do bicho era tão duro que as flechas ricochetearam e este, indiferente, limitou-se a lamber o dorso,*

---

10 Ricci, Angelo, org. *Mitologia*, Vol. I, p. 258. Editora Abril Cultural, São Paulo, 1973.

*bocejando.* "Há momentos em que o leão instintivo precisa bocejar e esticar-se, ou emitir um alegre rugido; e outros há em que até os reis – especialmente os reis – precisam aprender a pacientar e a dominar-se."[11] *Depois, usando a espada, o herói a viu dobrar-se como se fosse de chumbo. Então, ameaçou-o com a clava, fazendo círculos cada vez mais estreitos até encurralá-lo na caverna de duas entradas. Em seguida, bloqueou uma delas. Compreendendo que nenhuma arma seria capaz de liquidar o leão, decidiu enfrentá-lo corpo a corpo.*

Héracles sempre usava armas nas suas lutas, mas nesta não pôde usar. Precisava descobrir e usar a própria força interna – que é a força criativa – que o define como ser único perante os outros. A caverna simboliza o inconsciente, onde habitam os instintos primitivos, a "fera" interna, invisíveis à consciência. Os círculos, simbolizam a espiral que precisamos perfazer para chegar ao mundo interior.

*Foi uma luta sem tréguas e sem platéia, até que ele descobriu que o animal tinha um ponto fraco: o pescoço. Então, usando apenas a força das mãos, estrangulou-o até a morte.* É preciso "agarrar" nossos instintos animais com as mãos e lutar com eles. *Depois, o herói tentou, em vão, esfolar o monstro. Por uma inspiração divina, resolveu usar as garras afiadas e dilacerantes do leão, conseguindo seu objetivo. Passou a usar sua pele como armadura e a cabeça como elmo, incorporando a força de sua vítima.*

A pele mágica simboliza a integração do poder vital da fera ao serviço criativo do consciente. É a luz da consciência do Leão integrando esse tesouro inerte na auto-expressão e transformando a força da fera em crescimento humano. A energia do leão, que atuava como inimigo, estando assim alienado da consciência, quando passa através do processo psíquico de integração torna os leoninos aptos a uma vida mais completa.

*Em Micenas, foi recebido por Euristeu que, aterrorizado com a valentia do primo, proibiu-o de entrar na cidade, ordenando-o, a partir de então, a colocar seus "troféus" nos portões de Micenas. Depois, o medroso monarca mandou construir uma urna de bronze, que guardou sob a terra, e onde se escondia toda vez que se anunciava a chegada do herói. Para se comunicar, passou a utilizar um mensageiro, que transmitia suas ordens.*

*Quanto ao leão, Zeus, para eternizar a façanha de seu filho, transformou-o em constelação.*

A senda do Leão está no seu próprio interior, embora os frutos de sua criação sejam, freqüentemente, públicos. Mas o processo criativo deve ser vivido

---

11 Nichols, Sallie. *Jung e o Tarô*, p. 206. Ed. Cultrix, São Paulo, 1988.

entre o Leão e ele mesmo, na frente de seu espelho particular, que lhe mostra, também, a face obscura do Narciso. Como Héracles, deve buscar a própria força interna – longe dos olhos e aplausos externos. Esta é a estrada que levará à iluminação e integração de seu potencial. Na medida em que têm a coragem de enfrentar seu caminho de individuação, e que aprendem os limites, através da relação com o outro, tornam-se – como o Sol – a grande luz e estrela guia, não pelo que fazem, mas pelo que realmente representam: o grande herói que consegue, com sucesso, completar sua missão!

A psicologia de Carl Gustav Jung é uma excelente expressão desta busca do próprio *self* e do encontro consigo mesmo, que ele chamou de "Processo de Individuação". Claro que este é um caminho que pode levar uma vida inteira para encontrar o eixo, o centro, o verdadeiro que *self*. Não por acaso, Jung era um leonino.

Como o leonino Caetano definiu, poeticamente, na sua música *Terra*:

"...
Terra... Terra...
Por mais distante o errante navegante
Quem jamais te esqueceria....
Eu sou um leão de fogo
Sem ti me consumiria
A mim mesmo eternamente
E de nada valeria
Acontecer de eu ser gente
E gente é outra alegria
Diferente das estrelas..."[12]

## Ônfale

*Bela e ociosa rainha da Lídia, filha de Iárdano, era viúva de Tmolo e tinha um bom faro para os negócios. Héracles, num ataque de fúria, matara Ífito, seu hóspede em Tirinto. Sendo este um crime hediondo, o Oráculo de Delfos condenou-o a tornar-se escravo por um tempo, para se purificar. O dinheiro de sua venda deveria ser dado aos herdeiros de Ífito. Assim, o herói foi levado para a Ásia mantendo seu anonimato. Colocado à venda como escravo por Hermes, foi comprado por Ônfale, como previra o Oráculo.*

12 Veloso, Caetano. "Terra", In: *Muito (Dentro da Estrela Azulada)*. Gravadora Philips, 1978.

*A rainha comprou o herói não apenas como um lutador, mas com a intenção de torná-lo seu amante. Héracles serviu-a fielmente por alguns anos e dessa união nasceram quatro filhos. Ônfale ordenou-lhe quatro tarefas, todas elas referentes a captura de bandidos, malfeitores e malditos que tumultuavam e saqueavam o reino e seus habitantes. Depois de cumpridas as tarefas, a rainha ficou muito satisfeita com a* performance *de Héracles, ficando curiosa sobre suas origens. Ao saber que seu escravo era filho de Zeus, o todo poderoso Senhor do Olimpo, concedeu-lhe a liberdade e o tomou como esposo. Lasciva, Ônfale revelou-se uma mulher dominadora na relação com Héracles, exercendo grande poder sobre ele, mesmo após tê-lo "libertado".* Um dos aspectos mais primitivos do signo de Leão, que às vezes se manifesta em seus relacionamentos, é a dominação. Tanto as mulheres, quanto os homens deste signo podem manifestar este traço, tentando fazer do parceiro seu "escravo", para que ele fique à disposição de seus caprichos. Porém isto só acontece quando o leonino é muito imaturo, e necessita provar sua suposta superioridade.

*Conta a lenda que, durante o tempo que Héracles viveu na Lídia, passava seus dias usando enfeites e roupas femininas, acompanhado de jovens brincalhonas e lascivas, contando suas proezas passadas e fiando o linho. Temia as repreensões de sua patroa, que lhe batia com seu chinelo dourado toda vez que o desajeitado herói quebrava um fuso. Apesar de todas essas humilhações, Héracles parecia muito à vontade. Ônfale, por sua vez, se divertia muito com tudo. Às vezes vestia a pele de leão do herói, e brandia sua clava e seu arco.* Esta troca de vestimentas simboliza a submissão do herói ao princípio feminino; sua aprendizagem da sensibilidade, delicadeza e receptividade, todos atributos femininos. Os leoninos solares, portanto mais identificados com o princípio masculino, às vezes esquecem que também possuem um lado *anima* sensível que precisa ser cultivado. Quando estão em contato com este aspecto, se tornam mais leves, lúdicos, versáteis, e se divertem muito com isso.

Ônfale, o último amor humano de Héracles, simboliza o umbigo feminino. No mito de Apolo, vimos que o Ônfalo representava o umbigo como centro do mundo, fazendo a conexão entre os níveis celeste, telúrico e ctônico. Erich Neumann considera o umbigo como o símbolo que engloba a natureza feminina da Terra, que é a mãe universal. Assim sendo, essa aliança representa a integração do feminino que o herói precisava cumprir para finalizar sua jornada. Jung via na união Héracles-Ônfale a integração *animus-anima*: "O mito de Héracles apresenta todos os aspectos característicos de um processo de individuação: as viagens em direção aos quatro pontos cardeais, os quatro filhos, a

submissão ao princípio feminino, ou seja, a Ônfale, que simboliza o inconsciente."[13]

Depois do tempo previsto, Héracles voltou para a Grécia onde ainda cumpriu vários trabalhos antes de morrer e ascender ao Olimpo.

## Narciso

*Era um belo jovem, fruto do insaciável desejo do deus-rio Céfiso, em cujas margens as ninfas eram seduzidas, com a ninfa azul Liríope. Sua gravidez foi difícil e não desejada, mas o parto foi fácil e preocupante: a criança era muito bela, bela demais para um mortal. Naquela época, competir em beleza com os deuses era uma afronta fatalmente punida. Apreensiva, Liríope foi a primeira pessoa a consultar o adivinho Tirésias, que lhe disse que seu filho viveria muito, desde que jamais visse a própria face.*

*Muito belo e muito amado por ambos os sexos, Narciso sempre rejeitou todos os pretendentes por não considerá-los à altura de sua beleza. Liríope, com medo de perdê-lo, jamais permitiu que ele se olhasse num espelho.*

*Entre as criaturas que o amavam estava a ninfa Eco, que não podia usar a voz a não ser para repetir os outros.*

*Um dia, Narciso caçava na floresta e Eco o seguia, desejando abordá-lo, mas incapaz de lhe falar. Quando ele percebeu que estava sendo seguido, parou, olhou e perguntou:*

*– Tem alguém aí? E Eco respondeu: Alguém aí?*

*Como não podia vê-la, o jovem insistiu: Venha cá. E ela repetia...*

*– Venha juntar-se à mim – ela repetiu e veio, feliz, abraçá-lo. Brutalmente ele a rejeitou e fugiu.*

– Mais depressa morreria do que te deixaria dormires comigo! – exclamou.[14] *A ninfa refugiou-se na solidão e definhou até se transformar num rochedo, que conservou sua voz.*

*As outras ninfas, revoltadas com o sofrimento e morte de Eco, pediram aos céus que castigassem Narciso. Nêmesis, a deusa que punia os excessos, ouviu-lhes a súplica e condenou o jovem a viver um amor impossível. Ela, então, guiou seus passos até a fonte que lhe seria fatal, proferindo as palavras mágicas: "Que ele também ame e jamais possa ter o objeto do seu amor".* Sendo

13 Jung, C.G. "The Archetypes and the Collective Unconscious", citado por Brandão, J., op. cit., Vol. III, p.139.

14 Graves, Robert. Op. cit., Vol. 2, p. 29.

um signo solar, o Leão vive em função da própria luz e beleza. Sua preocupação é com o presente. Precisam desenvolver uma visão mais ampla da vida e das necessidades objetivas do futuro. Muito confiantes, acreditam que tudo sempre vai dar certo para eles e se esquecem de medir as conseqüências de seus atos. Às vezes, pagam um alto preço por isto.

*Cansado de fugir das ninfas, o jovem debruçou-se sobre as águas límpidas da fonte de Téspias, para saciar a sede. Nessa, nenhum animal ou homem jamais tocara. Viu refletido um rosto formoso que lhe arrebatou o coração. O tempo passou e ele não pôde mais sair dali. Encantado, sorria e acenava para a imagem. Quando tentou tocá-la, a imagem se dissipou. Então, começou seu sofrimento. Aprendeu como dói a paixão sem retorno e conheceu a dor da solidão.*

"Deitou-se e tentando matar a sede,
Outra mais forte achou. Enquanto bebia,
Viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem.
Julga corpo, o que é sombra, e a sombra adora.
Extasiado diante de si mesmo, sem mover-se do lugar,
O rosto fixo, Narciso parece uma estátua de mármore de Paros.
Deitado, contempla dois astros: seus olhos e seus cabelos,
Dignos de Baco, dignos também de Apolo;
Suas faces ainda imberbes, seu pescoço de marfim,
A boca encantadora, o leve rubor que lhe colore a nívea pele.
Admira tudo quanto admiram nele.
Em sua ingenuidade deseja a si mesmo.
A si próprio exalta e louva. Inspira ele mesmo os ardores que sente."[15]

Encerrado em sua própria beleza, Narciso recusa-se ao envolvimento erótico com o outro. Este mito ilustra com perfeição o lado negativo dos leoninos. Todos eles possuem uma grande dose de egocentrismo, que facilmente se torna egoísmo, onde o tamanho de seu ego não abre espaço para o outro. Nesses casos, a outra pessoa torna-se apenas sua imagem refletida, que repete as mesmas atitudes e jamais cria oposição. Assim, dentro de um relacionamento narcisista, se uma das pessoas envolvidas quiser crescer e amadurecer, terá que se separar ou forçar o crescimento de seu companheiro.

*Várias são as versões para sua morte: para alguns morreu porque definhou, sem conseguir sair do lado da fonte; para outros, se jogou na água, tentando agarrar a imagem, e morreu afogado, tragado pela correnteza mais*

15 Ovídio. "Transformações", III, 414-428, citado por Brandão, J., op. cit., vol. II, p. 180.

*profunda; e há autores que dizem ter se suicidado, usando uma adaga, e que de seu sangue nasceu a flor narciso, muito usada nos narcóticos, antigamente.*

Este mito representa um dos estágios primários do desenvolvimento humano: a descoberta de si mesmo e a auto-estima. No chamado narcisismo primário, o bebê ama a si mesmo e à mãe como uma extensão sua. Na fase do narcisismo secundário, percebe o outro e pode amá-lo, na medida que conduz sua libido para um objeto que não é ele mesmo. Se esta conexão não for feita, a criança fixa-se na própria imagem e "morre" assim. Como defendia Sigmund Freud:

> "Descobrimos, de modo especialmente claro em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado 'narcisista'. Nesta observação temos o mais forte dos motivos que nos levaram a adotar a hipótese do narcicismo."[16]

Os relacionamentos homossexuais possuem um caráter de "espelho", onde cada um vê a si mesmo refletido no outro e a relação é construída em cima dessa projeção. Tornam-se grandes companheiros e parece que um não pode viver sem o outro. Porém, sendo essas relações de caráter tipicamente narcisista, um não vê o outro como realmente é em função do egoísmo envolvido. No entanto, como Freud também dizia:

> "Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em conseqüência da frustração, formos incapazes de amar."[17]

Quando levado pela excessiva vaidade e orgulho, o leonino torna-se refém de sua auto-imagem. Magnetizado por ela, passa a usar sua grande luz de forma mesquinha. Preso nessa miragem, desconectado de sua fonte interna, perde a capacidade de irradiar sua luminosidade, troca o eterno pelo efêmero e deixa de caminhar com sabedoria pela vida. Afastando-se da essência, entusiasma-se pelo aplauso, pelo palco e pelo falso elogio. Somente a dura lição do tempo mostra-lhe a verdade, às vezes, tardia.

---

16 Freud, Sigmund. "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução", In: *Obras Completas*, Vol. XIV, p. 104. ESB, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974.

17 Ibid., p. 101.

Novamente, o poeta Caetano Veloso, belo expoente deste signo, retrata em seus versos na música *Sampa* o dilema de Narciso e a dificuldade perante o novo, que às vezes assusta os Leões:

"...Quando eu te encarei frente à frente
Não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi
De mau gosto o mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes
Quando não somos mutantes
E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço..."[18]

O Leão, signo expoente da criação, sabe que deve mostrar ao mundo sua obra. Nas palavras de Dane Rudhyar, a Arte é "... expressa (i.e. posta para fora) para que o caráter e a vontade do indivíduo possa ser 'impresso' sobre tudo o que é impressionável (os sentidos e a mente) no coletivo. Assim, a potencialidade do Leão é, nesse sentido, a de projetar suas próprias imagens sobre o meio coletivo; e isto é o que chamamos de 'criatividade'."[19] Essa interação das imagens do seu inconsciente com aquelas do inconsciente coletivo fazem a grandiosidade de sua obra!

18 Veloso, Caetano. "Sampa", In: *Muito (Dentro da Estrela Azulada)*. Gravadora Philips, 1978.

19 Rudhyar, Dane. *Astrological Insights into the Spiritual Life*, p. 23. Trad. livre do autor. Ed. Aurora Press, Nova Iorque, 1979.

# Dos Mitos de Virgem

Virgem, o enigmático sexto signo, pertence ao elemento terra. Sua representação na natureza é a **argila**, a base da terra, que pode ser moldada e transformada em objetos utilitários para o homem. A imagem que melhor o representa é a **esfinge**, considerada muito misteriosa, mas que, na verdade, revela apenas a simplicidade da vida. Além desta, outras imagens metafóricas estão associadas a este signo: armários, arquivos, almanaques e gabinetes de leitura. No reino animal, o castor, o esquilo e o escaravelho são virginianos. Vassouras, espanadores, tesouras de poda, chaminés, peneiras e quadros-negros pertencem ao universo deste signo. No corpo humano, Virgem rege os intestinos e o baço.

Seu planeta regente é **Mercúrio**. Em Virgem, experimentamos os limites: do corpo, da encarnação, e aprendemos a disciplina e o método necessários para nossas tarefas. Suas principais características são: a organização, o discernimento, a crítica e a busca pela perfeição aliada à funcionalidade.

A semelhança entre os glifos de Virgem (♍) e Escorpião (♏) demonstra a interdependência entre as mudanças externas (corpo) e as internas (alma). A alma – chama sagrada e permanente – habitando o corpo – o templo.

Os gregos identificavam a constelação de Virgem com a deusa Astréia, representante da Justiça e da Harmonia. Segundo o poeta Virgílio, era filha de Zeus e viveu na Terra, entre os homens, durante a Idade do Ouro, numa época em que não havia desavenças ou desordem, ensinando-os a obediência às leis naturais. Com a gradual decadência da Humanidade, Astréia deixou a Terra, tornando-se a constelação de Virgem.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Hermes

Uma das questões mais polêmicas sobre o signo de Virgem refere-se a sua regência. Oficialmente, Mercúrio é o seu regente. Porém, há uma incompatibilidade essencial entre os dois. Este planeta é basicamente aéreo e, portanto, abstrato. O signo, de natureza terrena, é essencialmente concreto. Mercúrio é lúdico e leve; Virgem, grave e tenso pelo dever. O planeta desdenha a ética; o signo é ético.

Em Virgem, signo de natureza terrena, Hermes ganha paciência e os poderes de concentração necessários para fazer seu trabalho alquímico e de cura. Seu comportamento se torna mais firme, estável e consistente do que como regente de Gêmeos. No processo alquímico, as virtudes de Hermes são aquelas do signo de Virgem: paciência, perfeccionismo, método, técnica precisa, diligência e, acima de tudo, humildade.

Entretanto, este planeta apresenta duas faces. A primeira, Mercúrio Hermes, mensageiro dos deuses, é, por natureza, geminiana. A segunda, **Mercúrio Thoth, o Escriba** do deus egípcio Horus, identifica-se com Virgem. Hermes movimenta-se na superfície, no dia, na razão; Thoth, na profundidade, na noite, no oculto.

A lenda egípcia de Thoth confere uma outra perspectiva a Hermes. *Esta divindade era um mago curador que tinha, inclusive, o poder de ressuscitar os mortos. Era também o autor do "Livro dos Mortos" egípcio, onde estavam registradas suas palavras mágicas e técnicas de cura. Conta-se que curava através do chacra da garganta, usando frases encantadas e mágicas. Thoth era representado como a ave Íbis e, às vezes, com a cabeça de macaco.* De acordo com Jung, a ave representa a alma, e a cabeça de macaco significa que "Thoth entrou com sucesso no Inconsciente e assimilou os conteúdos instintivos que considerava positivo e úteis, isto é, assimilou sua sombra primitiva, semelhante ao macaco".[1]

Sendo Hermes um ser consciente e racional, sua mente evita defrontar-se com o lado sombrio e irracional. Porém, é somente quando esse lado é encarado e integrado que sua magia pode fluir.

*Thoth era também autor de muitos textos egípcios sobre Astronomia, Astrologia e Artes Mágicas. Era o mestre da palavra divina e o escriba dos deuses.* É preciso uma boa *âncora* no signo de Virgem, para traduzir as idéias em projetos, e formalizá-los através da escrita em teses, resenhas ou livros.

Sobre o mito de Hermes já discorremos no signo de Gêmeos. As outras possibilidades de regência para Virgem ainda estão indefinidas. A regência por Vulcano tem defensores fortes como D. Emmy de Mascheville, Alice Bailey e algumas linhas da Astrologia Esotérica. Já se tem registro de, pelo menos, duas aparições deste planeta. Situa-se entre Mercúrio e o Sol, escondido – como um típico virginiano – à beira de um vulcão – o Sol.

Outros defendem que o regente deste signo ainda está para ser identificado. Assim como as descobertas de Urano (1781), Netuno (1846) e Plutão (1930) aconteceram no momento em que a humanidade estava pronta para assimilar

1 Jung, C.G. "Portable Jung", Dreams n. 16 e n. 22, citado por Burt, K., *Arquétipos do Zodíaco*, p.184. Ed. Pensamento, São Paulo, 1993.

estas energias, assim, dizem, será descoberto um novo planeta. Este estaria além da órbita de Plutão, sinalizando na direção do grande passo necessário para o auto-aperfeiçoamento: a transformação através das seqüências de encarnações.

## Hefestos

*Chamado **Vulcano** pelos romanos, foi um antigo deus do Sol, do raio e, principalmente, do fogo vulcânico. Com o advento da Idade do Metal, foi transformado em **deus das Forjas.** Era o artesão e ourives do Olimpo, que utilizava o fogo vulcânico em seu trabalho. Porém, antes de chegar a este posto, sua vida não foi das mais felizes.*

*Seu nascimento não tem uma história muito clara. Para alguns ele seria filho do primeiro casal olímpico, Zeus e Hera, que foi rejeitado por ser muito feio e deformado. Para outros, teria sido gerado por Hera, sozinha, como forma de revanche porque Zeus teve Atena, também só, de uma grande dor de cabeça.*

*Hefestos nasceu feio e disforme. Hera, sentindo vergonha de mostrar esse filho aos outros deuses, agarrou o menino com as duas mãos e, do alto do Olimpo, jogou-o no mar. Foi socorrido pelas deusas Tétis e Eurínome, que o recolheram e passaram a cuidar dele. Criado numa caverna marítima, ali começou a desenvolver seu talento de hábil artesão, confeccionando belos objetos e adornos para presentear as bondosas deusas que o salvaram.*

*Passados nove anos, Hera encontrou Tétis que usava uma bela jóia e quis logo saber de onde vinha tão precioso objeto. A outra hesitou, mas acabou contando sobre Hefestos. Imediatamente, Hera convidou o filho, antes rejeitado, para viver no Olimpo e exercer a função de armeiro e ourives dos deuses. Hefestos tornou-se grato a ela e, um dia, assistindo uma discussão entre Zeus e Hera, ousou repreender o grande deus, defendendo a mãe. Zeus, furioso, jogou-o de volta para a Terra.*

*Desta vez, caiu na ilha vulcânica de Lemnos e quebrou as duas pernas. Os nativos o recolheram e ele passou a usar muletas de ouro, desenvolvendo grande força nos braços e ombros. Instalou sua oficina na beira do vulcão, aproveitando o fogo para fazer seu trabalho. A partir daí foi chamado deus das Forjas.* Ser jogado do Olimpo e cair na Terra é equivalente à expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Em ambos os casos, o resultado da queda leva ao sofrimento e à necessidade do trabalho. Isso simboliza o "cair na real", a encarnação. É no signo de Virgem que entramos em contato direto, sem ilusões, com a nossa verdadeira condição de seres humanos e mortais, presos aos limites da matéria.

> "Os antigos já reconheciam no coxear do deus o movimento vacilante da chama ou o ziguezague do raio, pois que o ourives divino personifica o fogo, não o celeste, mas o telúrico, cujo principal centro estava localizado na Ilha de Lemnos..."[2]

O fogo associado a Hefestos é o fogo subterrâneo, o magma, que vem das profundezas e irrompe na terra como lava de vulcão. Este fogo representa sentimentos represados, desde o desejo sexual e erótico, a raiva, o ciúme, até a paixão pela beleza, que, numa pessoa introvertida, tipo um virginiano, podem inesperadamente vir à tona, como o vulcão quando entra em erupção.

*Hefestos tornou seu trabalho cada vez mais expressivo, primoroso e original. Era o único deus que trabalhava. Toda sua obra era fruto do engenho, mas também do estudo e planejamento, antes de ser — perfeitamente — executada. Passou a inventar objetos utilitários e criou duas mulheres de ouro mecânicas, que até falavam e o ajudavam no trabalho. Fez também um conjunto de vinte mesas de três pés com rodas de ouro, que podiam deslocar-se sozinhas quando havia alguma reunião dos deuses. Esses objetos pertenciam à oficina de Hefestos.* Escritórios, oficinas, ateliês, locais de trabalho artesanal e meticuloso são todos regidos pelo signo de Virgem.

Como resultado de sua deformidade e rejeição, Hefestos tornou-se deus das Forjas, que é a expressão concreta do impulso para o trabalho como meio de sublimar e curar feridas emocionais. Ele era feio, então fazia a beleza; era coxo e não andava direito, mas o que fazia funcionava perfeitamente. Através do trabalho, o virginiano, como no mito, pode ver o reflexo de si mesmo, belo e funcional. Através deste reflexo ganha o respeito dos outros, o que o ajuda a melhorar sua, geralmente baixa, auto-estima. E assim as feridas que motivam sua obra vão sendo tratadas.

*Sua obra mais genial foi a criação de Pandora, uma linda mulher, modelada à imagem das deusas. Criou, também, a carruagem com que Apolo, o deus-sol, atravessava o céu; setas para Apolo e Ártemis; armas para Atena, a armadura de Aquiles e as mais variadas jóias e objetos para as deusas.*

O virginiano tem dificuldade de falar sobre seus sentimentos com outras pessoas. É difícil para os outros saberem o que eles sentem. Ele prefere a sua versão pessoal da forja e, em solidão, cria objetos tangíveis, sublimando ou expressando seus sentimentos. Essa forma de sublimação, onde uma emoção interna é colocada num objeto, e o seu significado é integrado, é o oposto do *insight*, no qual a experiência externa é traduzida em significado interno. O que

---

2 Brandão, J. *Mitologia Grega*, Vol II, p. 46, 4ª edição. Editora Vozes, Petrópolis, 1991.

é profundamente sentido, mas inarticulado em sua psiquê, ganha forma quando ele cria coisas concretas. A criatividade virginiana emerge da alquimia do fogo vulcânico na forja. Sua obra, que surge através do seu impulso solitário para trabalhar e criar "na forja da alma", redime e expressa o criador ferido.

*Hefestos era considerado o deus-enfeixador, isto é, uma espécie de* xamã dos nós. *Grande era seu poder de* atar *e* desatar. *Com essa habilidade criou a rede que prendeu Ares e Afrodite, acorrentou o titã Prometeu, e fez um trono encantado onde Hera ficou presa. Apenas esse deus conhecia os segredos de suas armadilhas, portanto, só ele podia desmanchá-las.* O mito de Hefestos mostra o lado oculto de Virgem. Ele não era apenas um hábil artesão. Era também um mago. Todos os seus objetos incluíam beleza, utilidade, precisão e magia. Os virginianos são capazes de fazer qualquer trabalho, mesmo o mais simples e corriqueiro, com tamanha destreza e detalhamento que o resultado é uma obra de arte. Por trás de muitos virginianos tímidos e humildes esconde-se o Hefestos mágico.

"A extrema habilidade de Hefestos servia-lhe não só para criar adornos e instrumentos úteis aos deuses e aos homens, mas também para executar vinganças e salvar a própria pele."[3] *Hefestos sentia uma raiva muito grande de Hera, a mãe, que o abandonara duas vezes. Preparou, para ela, uma vingança estratégica. Criou um magnífico e encantado trono de ouro e o levou, escondido, até o jardim do Olimpo, sem destinatário, nem assinatura. Todos os deuses ficaram maravilhados com aquele presente misterioso. Reuniram-se ao redor da bela obra, tentando descobrir seu autor.*

*O alvoroço chamou a atenção da rainha do Olimpo. Ao ver o trono, parou deslumbrada, e, sentindo um forte desejo de apossar-se do presente, sentou-se. Iluminada pelo Sol, no trono de ouro, Hera esqueceu os dissabores e perdeu a noção do tempo. Só havia ela e o trono. Durante horas a fio, continuou a cerimônia silenciosa. Era noite quando os deuses se afastaram. A deusa tentou levantar-se mas alguma coisa a prendia no assento. Debateu-se em desespero e gritou por socorro. Zeus e os outros olímpicos vieram ajudá-la. Todos os esforços foram inúteis e eles, por fim, compreenderam a armadilha. O presente tão belo era, na verdade, um instrumento de vingança.*

*Era preciso negociar com Hefestos. Ares prontificou-se a buscar o deus das Forjas, mas não conseguiu entrar na Ilha de Lemnos, defendida por tochas incendiárias que foram lançadas contra ele. Um segundo mensageiro foi enviado, desarmado e tranqüilo: Dioniso, o deus do vinho e amigo de Hefestos,*

3 Ricci, Angelo (org.) Coleção *Mitologia*, Vol. I, p. 162. Editora Abril, São Paulo, 1973.

*que o embriagou e carregou-o para o Olimpo. Horas depois, a lucidez voltou e Hefestos percebeu o logro em que caíra, mas não se deixava vencer.*

Esse episódio mostra alguns traços do enigmático signo de Virgem. Sendo um signo de terra e, portanto, passivo, o virginiano tende a engolir seus ressentimentos até encontrar uma forma engenhosa e criativa de mostrar seu talento e conseguir a revanche. A princípio, age de forma oculta, obrigando seus opositores a desvendar seu mistério – como a esfinge que tão bem representa este signo. É duro na queda, e precisa ser "amolecido" pela água de seu signo oposto e complementar, Peixes. No mito, é Dioniso, deus do vinho e representante do reino de Peixes, que consegue ludibriar Hefestos e levá-lo à negociação.

*Finalmente, Hefestos concordou em libertar a mãe em troca do casamento com Afrodite. A história desta união infeliz e seu desfecho de traição e escândalo já conhecemos dos mitos de Áries e Touro. Para vingar-se da traição, o deus-artesão usou sua engenhosidade para criar uma armadilha para os amantes. Fabricou uma rede de ouro invisível que prendeu Ares e Afrodite no ato de amor. Ao entrar no quarto, Hefestos foi tomado por uma raiva imensa e, em altos brados, clamou aos deuses:*

> "Pai Zeus e todos os demais bem-aventurados deuses sempiternos!
> Vinde contemplar uma cena ridícula e intolerável.
> Afrodite, filha de Zeus, por ser eu coxo, me desonra,
> continuamente prefere o pernicioso Ares, que é belo
> e tem membros sãos. Eu, porém, sou aleijado. A culpa,
> todavia, não é minha, mas de meus pais,
> que nunca me deveriam ter gerado."[4]

Muitos virginianos têm dificuldade de reconhecer seu próprio valor e se sentem rejeitados pela família e pelo meio social. Sendo Virgem o signo onde aprendemos a lidar com os limites da encarnação, sua vivência – que se manifesta concretamente – pode se tornar, por vezes, muito dura. Nos momentos mais difíceis pode se chegar a desejar nunca ter nascido. Porém, os virginianos sabem que sua aprendizagem, e também seu melhor instrumento, é o trabalho criativo, através do qual expressam seus verdadeiros dons e elaboram suas emoções.

*Hefestos foi motivo de escárnio. Apolo, Poseidon e Hermes se aproximaram para ver a cena e, às gargalhadas, comentavam que qualquer um deles*

4 Homero. "Odisséia", VIII, 306-312, citado por Brandão, J., op. cit., Vol. I, p.138.

*gostaria de trocar de lugar com Ares. Depois de um tempo, Poseidon se propôs a pagar o resgate exigido, e Hefestos libertou os amantes. O deus da forja tentava compensar sua deficiência física e infelicidade conjugal sendo excessivamente servil. Apesar de ser ridicularizado pelos olímpicos, quando solicitado, atendia a todos prontamente. Era considerado o mais prestativo e humilde dos olímpicos.* O caráter prestativo e a humildade, aliás, são características virginianas que podem ser levadas a extremos, quando a pessoa não tem chance de desenvolver sua auto-estima.

*Outra das vinganças de Hefestos foi contra Harmonia, filha de Ares e Afrodite. Na ocasião do casamento de Cadmo e Harmonia, o deus-artesão presenteou a noiva com um precioso colar.* "Era uma serpente cravejada de estrelas, com duas cabeças nas extremidades, que escancaravam a garganta entre si. Mas os répteis não conseguiam morder-se: interpostas entre as bocas e marcadas pelos dentes delas, erguiam-se duas águias de ouro com asas abertas. Insinuando-se na dupla garganta da serpente, funcionavam como fecho. As pedras despertavam desejo. Eram serpente, águia, estrela, mas eram também o mar, e a luz das pedras tremia no ar, como sobre as ondas. Naquele colar, venturosamente, cosmos e ornamento coincidiam."[5] *Esse colar era dotado de uma força maléfica, que causou a desgraça de Harmonia e de todos os seus filhos.*

*De todos os casos amorosos de Afrodite, nasceram filhos. Só com Hefestos não os teve. Este casamento personifica a união da beleza com o artesanato, cujos frutos são objetos maravilhosos. Em algumas versões, Hefestos foi casado com outras mulheres, todas de grande beleza. Na* Ilíada, *de Homero, foi unido a Cáris, a Graça por excelência. Na* Teogonia *de Hesíodo, sua mulher foi Aglaia, a mais jovem das Cárites.* Essa ânsia de beleza que Hefestos sentia traduz sua busca pela perfeição, tema que o perfeccionista virginiano conhece muito bem.

*Hefestos, como muitos dos olímpicos, também queria ter um caso amoroso com Atena, porém ela repelia a todos invariavelmente. Uma vez, durante a Guerra de Tróia, a deusa encomendou algumas armas ao deus das Forjas. Este recusou-se a receber dinheiro, dizendo que faria seu trabalho por amor. Tempos depois, a deusa, que não tinha percebido o duplo sentido das palavras de Hefestos, foi a oficina buscar as armas. O deus virou-se bruscamente para ela, agarrou-a e tentou violentá-la. Raras vezes Hefestos se comportou de modo tão grosseiro. Na verdade, fora vítima de uma peça de Poseidon, que lhe garantira que Atena, com o consentimento de Zeus, viria a sua oficina em*

5 Calasso, Roberto. *As Núpcias de Cadmo e Harmonia,* p. 266. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

*busca de ardentes e profundas provas de amor. Na confusão que se seguiu, ela livrou-se dele e o sêmen de Hefestos acabou caindo na coxa da deusa. Esta, repugnada, limpou o esperma com um punhado de lã que jogou no chão, fecundando a mãe Terra. Assim, nasceu Erictônio, que foi criado por Atena e, mais tarde, tornou-se o fundador da dinastia real da cidade de Atenas. Outros filhos também foram atribuídos a Hefestos: o argonauta Palêmon, o escultor Árdalo e Perifétes, que foi morto por Teseu.*

*Na Mitologia, os ferreiros geralmente apresentavam algum tipo de defeito físico: eram coxos, pernetas ou caolhos. Mircéa Elíade*[6] *observa que as divindades inválidas, por exemplo, Hefestos, eram associadas aos "estrangeiros", ao "povo da montanha", aos "anões subterrâneos" – i.e., criaturas cercadas de mistério, ferreiros poderosos e estranhos.*

Os nativos de Virgem, geralmente, são pessoas solitárias, que observam da periferia, parecem não se encaixar no convívio social e nunca estão no centro das atividades. São mais interessados em objetos e máquinas do que em pessoas. Muitas vezes têm a sensação do "peixe fora d'água". Sendo sua auto-estima muito baixa, imaginam-se menos atraentes e se sentem muito inseguros perante os outros. Muito exigentes com sua auto-imagem, sabem que precisam buscar e desenvolver o melhor de si mesmos. Aprendem, mesmo com poucos recursos, a criar suas próprias ferramentas. Valorizam o silêncio e a solidão dentro da rotina de trabalho diário. Precisam de tempo para organizar seus pensamentos. São hábeis, meticulosos, detalhistas e perseguem eternamente a verdade e a perfeição.

## Héstia

*Foi a primogênita de Cronos e Réia, sendo, ao mesmo tempo, a mais velha e a mais nova, porque foi a primeira a ser engolida e última a ser devolvida à luz, ficando mais tempo nas entranhas do pai. Assim era a mais velha da primeira geração olímpica, mas a menos conhecida, porque mantinha-se afastada das intrigas amorosas e brigas dos seus parentes. Porém foi a única deusa a ser cultuada em todos os lares, recebendo o primeiro e o último dos sacrifícios em todas as cerimônias.* Aqui temos a primeira associação deste mito com o signo de Virgem. Os virginianos têm uma qualidade de alma velha que transparece em sabedoria e tranqüilidade. Por isso, parecem figuras seguras de

6 Elíade, Mircéa. "The Forge and the Crucible", citado por Malamud, R., In: *Encarando os Deuses*, p.78, James Hillman (org.), Ed. Cultrix, São Paulo, 1992.

si. Fazem o possível para não chamar a atenção ou evocar reações fortes dos outros. Alheios aos movimentos sociais e políticos, aos dramas e comemorações sociais, podem se tornar socialmente isolados, um não-participante que parece aos outros auto-suficiente e alienado.

Héstia sendo a primeira e a última torna-se uma espécie de figura "alfa-ômega"[7] da psiquê, onde atua como mediadora da integração psicológica, simbolizando a capacidade de coesão que preserva a plenitude e permite que a alma possa sonhar em paz. O signo de Virgem, através de sua capacidade de análise e síntese dos processos individuais, tem como uma de suas funções manter coesa a estrutura psíquica da personalidade, protegendo-a do caos; mantendo os pés na terra, sem perder o contato com os sonhos e a imaginação.

*Héstia era a personificação do fogo sagrado, a* ***deusa do Lar****. Lar como centro espiritual da casa, onde era aceso o fogo para cozinhar alimentos e para se aquecer. O núcleo da vida grega era representado pela lareira doméstica, também considerada altar de sacrifícios. Héstia, sendo a deusa dessa lareira, trazia a segurança e a felicidade pessoais e lembrava o sagrado dever da hospitalidade.*

> "...Héstia é a lareira em sentido estritamente religioso, ou, mais precisamente, é a personificação da lareira, colocada no centro do altar; depois, sucessivamente, da lareira localizada no meio da habitação, da lareira da cidade, da lareira da Grécia; da lareira como fogo central da Terra; enfim, na lareira do universo."[8]

*Héstia e sua equivalente romana,* ***Vesta****, não foram representadas pelos artistas com a forma humana. Era considerada não apenas o centro religioso do lar dos homens, mas também dos deuses. Sua presença era* sentida *na chama viva do centro das casas, dos templos, das cidades. Assim, permanecia como um princípio abstrato, a* "Idéia da Lareira"[9] e não como uma divindade pessoal. Este fato explica porque a deusa não era representada por imagens. O fogo era suficiente para simbolizá-la. Este fogo era purificador. No signo de Virgem, o processo de purificação é feito através do trabalho repetido inúmeras vezes, até chegar à perfeição.

*Nos* "Hinos Homéricos", *ela é descrita como* "...a virgem venerável, uma das três deusas que Afrodite não consegue subjugar, persuadir, seduzir, nem

---

7 Kirksey, Bárbara: "Héstia: Um Fundamento de Enfoque Psicológico", In: *Encarando os Deuses*, p. 126, op. cit.

8 Brandão, J. Op. cit., Vol I, p. 275-6.

9 Ibid., p. 276

mesmo despertar o menor desejo sensual".[10] *O poeta se refere à inquebrantável resistência que as três deusas virgens (Héstia, Atena e Ártemis) sempre tiveram às propostas amorosas.*

*Conta a lenda que Afrodite fez Poseidon e Apolo se apaixonarem por Héstia. Os dois se apresentaram como pretendentes, mas a deusa recusou-os com firmeza, fazendo o juramento sagrado de manter-se eternamente virgem. Conta Homero nos* Hinos *que Zeus, então,*

> "lhe concedeu um grande privilégio ao invés de um dote de casamento: ela passou a ter seu altar no centro de todas as casas para receber a primeira e também a última oferenda. No templo de todos os deuses, ela é homenageada e entre todos os mortais é uma deusa venerada."... "Sem ti, a humanidade não teria festas, pois ninguém poderia iniciar o primeiro e o derradeiro gole do vinho doce como mel, sem uma oferta a Héstia."[11]

*Estes hinos eram usados nas invocações, convidando a deusa para entrar nas casas e nos templos. Nenhuma casa ou templo era considerado sagrado, enquanto esta deusa não estivesse presente. Para uma casa se transformar em lar, era preciso prestar homenagem à deusa. Quando um casal se unia, a mãe da noiva era encarregada de acender o fogo da lareira da nova casa com uma tocha incandescente vinda do seu lar. Esse ato consagrava o novo lar. Do mesmo modo, o fogo sagrado de uma nova cidade era acendido com o fogo da cidade de origem dos fundadores. Assim, quando um novo casal ou um grupo de pessoas estabelecia um novo lar, Héstia os acompanhava como o fogo sagrado, ligando o antigo com o novo, o que poderia significar continuidade e relacionamento, consciência partilhada e identidade comum. Sua presença era espiritualmente sentida e simbolizada concretamente pelo fogo que trazia a luz, o calor e cozinhava os alimentos.*

As casas que habitamos espelham os lugares da nossa alma, revelam o lado íntimo da psiquê. A casa, mais do que qualquer outro lugar, é um estado psíquico e, mesmo quando vista pelo lado de fora, revela o interior de seu morador. O sexto signo rege as tarefas rotineiras, como os afazeres domésticos. Héstia, a deusa do lar, está profundamente conectada com este aspecto do signo. Um dos exemplos é o das donas de casa (virginianas ou com esse signo enfatizado em seus Mapas Natais), que encontram a paz interior nos trabalhos domésticos. Fazem tudo como se estivessem meditando, sem preocupação com o tempo e totalmente absorvidas na tarefa. Como a deusa, são anônimas, não procuram

10 Homero. *Homeric Hymns*, p. 140. Tradução livre do autor. Spring Publications, Texas, 1979.
11 Ibid., p. 141.

reconhecimento do seu trabalho e mantêm a ordem do lar. Este arquétipo também está presente nos monges e freiras que optam pelo claustro, abrem mão de seus nomes, usam vestes iguais, lutam para abafar o ego, vivem no celibato e dedicam totalmente suas vidas ao serviço religioso. "O hábito faz o monge", isto é, a repetição do habitual em vestes e ritos confirma e sedimenta a dedicação. Esta é uma prática, sem dúvida, virginiana. Para eles, este trabalho é – por si mesmo – recompensador e, portanto, mais valioso que o trabalho lucrativo.

*Em Roma, Héstia foi cultuada como a deusa Vesta que possuía templos e sacerdotisas – as Virgens Vestais – encarregadas de manter o fogo sagrado. Sobre esta deusa escrevia Ovídio:*

> "Vesta é o mesmo que a terra... sob ambas acha-se o fogo perpétuo; a terra e a lareira são símbolos do lar." (...) "O templo das Vestais em Roma era semelhante ao estilo do templo antigo, estilo que se baseava na associação de Vesta com a terra, com formas arredondadas, sem projeção de ângulos; recobrindo o templo, uma cúpula protegia-lhe o interior contra as chuvas."[12]

A arquitetura do templo revela Héstia de forma semelhante à que as estátuas revelam as divindades mais personalizadas dos mitos gregos e romanos. Assim, sua imagem é arquitetônica, simbolizando seu papel de guardiã dos lares e primeira divindade que construiu uma casa.

*As sacerdotisas romanas de Vesta entravam para o templo ainda crianças, antes de fazerem seis anos. Era-lhes exigido a virgindade e o anonimato da deusa. Assim, eram representações humanas, imagens vivas da deusa, transcendendo esculturas ou pinturas. Qualquer aspecto distinto ou individual era eliminado. Sofriam sérios castigos se não permanecessem virgens: podiam ser enterradas vivas ou queimadas no fogo purificador porque haviam se contaminado. A deusa representava a pureza absoluta.*

Héstia personifica o arquétipo da pureza e da totalidade. No signo de Virgem este aspecto está presente quando eles parecem não precisar da ajuda de ninguém; sendo interiorizados, podem se tornar emocionalmente distantes dos outros e do mundo exterior, muitas vezes não conseguindo interagir nem participar daquilo que acontece ao seu redor. Sua percepção é focalizada no mundo interior. Esta perspectiva interna lhes traz clareza na confusão dos detalhes percebidos pelos cinco sentidos. Aliás, concentração e discriminação são características fundamentais deste signo. Os virginianos preferem focalizar

12 Ovídio. "Fastos", citado por Kirksey, B., In: *Encarando os Deuses*, op. cit., p. 122.

uma coisa de cada vez, compartimentando suas tarefas e evitando o trabalho sob pressão.

Héstia é o arquétipo do centramento interno, profundamente enraizado no signo de Virgem. Sua característica é de desapego a pessoas, acontecimentos, posses ou prestígio. Não têm ambição, não querem reconhecimento, não valorizam o poder e não são competitivos. O ego perde a importância perante a sensação de totalidade. Representa o *still point* que dá sentido à vida, o ponto de referência interno que permite o aterramento na confusão do caos externo, da desordem ou do movimento cotidiano.

*O símbolo de Héstia era um círculo. As primeiras lareiras eram circulares, assim como seus templos.* A lareira circular, com o fogo sagrado no centro, tem a forma de uma mandala, imagem usada para meditação que simboliza a totalidade. Sobre as mandalas, Jung escreveu:

> "Seu motivo básico é a premonição de um centro da personalidade, uma espécie de ponto central dentro da psiquê, com o qual tudo está relacionado; através do qual tudo é elaborado e que é, em si mesmo, uma fonte de energia. A energia do ponto central se manifesta no impulso ou compulsão, quase irresistível, para se tornar o que cada um essencialmente é. Assim como cada organismo instintivamente assume a forma característica de sua natureza, mesmo em circunstâncias adversas. O centro não é sentido nem pensado como o centro do ego, mas como o próprio *self*."[13]

O *self*, de acordo com Jung, é aquilo que experimentamos internamente quando percebemos a relação com a totalidade que nos conecta à essência de tudo que existe na natureza. Quando entramos em contacto com essa fonte interna de calor e luz, metáfora do fogo espiritual, esse calor nos aquece e também àqueles que amamos e com quem convivemos. Para os gregos, Héstia era a conexão espiritual entre todos eles. No nível individual, este arquétipo é uma expressão do *self*, porque promove o centramento interno sem perder a conexão com o mundo exterior.

*Héstia formava um "par" com Hermes, que era inicialmente representado por uma pedra com a forma de um pilar, colocada do lado de fora da porta de entrada da casa. O fogo de Héstia, no interior do lar, aquecia-o e santificava-o, enquanto o pilar de Hermes, no exterior, trazia fertilidade, mantinha as energias maléficas afastadas, e acompanhava e guiava seus habitantes quando saíam para o mundo. Assim, nos lares, esses dois deuses*

---

13 Jung, C.G.: "Concerning Mandalas Symbolism", In: *Collective Works*, Vol. 9, part I, p.35. Tradução livre do autor. Bollingen Series, Princeton University Press, Princeton, 1971.

*cumpriam funções de proteção relacionadas, porém opostas, numa espécie de dualidade complementar.*

Esses dois arquétipos estão relacionados através da imagem do fogo sagrado central. Hermes era o espírito alquímico *Mercurius*, às vezes representado como fogo elemental, simbolicamente localizado no centro da Terra. Héstia e Hermes – ambos relacionados ao signo chamado raiz da tríade do elemento terra, porque está profundamente conectado com o magma, fogo do centro da Terra – representam idéias arquetípicas do espírito e da alma. Através das sucessivas encarnações, a alma tem as mais diversas oportunidades para cumprir seus propósitos e evoluir. É no sexto signo, símbolo dos limites da matéria, que aprendemos o significado essencial dessa evolução e temos a chance de integrar a mente, o corpo e o espírito em busca da plenitude.

Os virginianos são pessoas introvertidas e gostam da solidão. Em exagero, podem se tornar eremitas. São pessoas quietas, que detestam incomodar os outros, e cuja presença cria uma atmosfera de calor e paz. São agradáveis, educados e, apesar de parecerem obedientes, acabam fazendo o que acham que está certo. Esta é a chave para se compreender o significado mais profundo deste signo. Seu objetivo maior é a integração total consigo mesmo, para poder escolher suas próprias experiências – a partir de sua plenitude e não apenas para satisfazer sua carência.

Os arquétipos de Héstia e Hefestos representam a característica de auto-suficiência do signo. Virgem rege os celeiros e, portanto, basta-se a si mesmo. Aliás, a palavra Virgo, em Latim significa intacto, solitário, que não pertence a ninguém, que faz sozinho o caminho.

## Asclépio

*Chamado* **Esculápio** *pelos romanos, é ao mesmo tempo o herói e o* ***deus da Medicina.***

*Conta a lenda que Apolo se apaixonou pela bela Corônis, filha do rei Flégias da Tessália. Mas, estranhamente, a jovem, talvez temendo que o deus – sendo imortal e eternamente jovem – fosse abandoná-la na velhice, entregou-se, já grávida de Apolo, ao amor de Ísquis, um mortal. Avisado da traição por um corvo de penas alvíssimas, Apolo, num acesso de fúria e de injustiça, castigou o fiel pássaro, tornando-o de um preto retinto. Dessa mesma cor passaram a ser seus descendentes. Depois, matou Ísquis. Ártemis, a pedido do irmão, liquidou Corônis a flechadas.*

*No momento em que o corpo de Corônis estava para ser queimado na pira funerária, Apolo arrancou de seu ventre a criança ainda viva, como havia feito Zeus com Sêmele para salvar Dioniso. E assim nasceu Asclépio.* Aqui temos uma correlação entre os nascimentos de dois mitos – Asclépio e Dioniso – relacionados com o eixo Virgem-Peixes.

*Apolo encarregou o centauro Quíron da educação de Asclépio. Este ensinou-lhe o manejo do arco e flecha, o alfabeto e a Astronomia, porém o que mais interessava ao jovem aprendiz era a arte da cura. Rapidamente ele adquiriu o conhecimento das plantas medicinais e da composição dos remédios.*

Os virginianos costumam interessar-se por tudo que se refere à saúde, podendo escolher profissões nessa área. Como signo de terra, têm uma inclinação natural para conhecer e desvendar os segredos das plantas e da natureza. Costumam incluir chás e ervas medicinais em sua dieta. Muitos preferem os tratamentos naturais e homeopáticos em lugar da medicina tradicional. Daí a estudar a bioquímica e as fórmulas farmacêuticas é apenas um passo. Essa tendência manifesta-se, especialmente, quando a Lua ou o planeta Mercúrio estão nesse signo ou na sexta casa, área do Mapa regida por Virgem.

*Depois de vários anos na escola de Quíron, o aluno superou o mestre. A todos curava, não importando qual a moléstia ou ferida. Não contente com isso, descobriu um meio de ressuscitar os mortos. Para tal operação, usava o sangue que correra das veias do lado direito da Medusa, presente de Atena. Entre aqueles que ressuscitou estavam Capaneu, Licurgo, Glauco, e, o mais comumente referido, Hipólito, filho de Teseu.*

*Hades, temendo que seu reino ficasse vazio e que a ordem do mundo fosse alterada, pediu a Zeus que o eliminasse. Ao mesmo tempo, corria um boato de que Asclépio, para devolver a vida – não se sabe exatamente a quem – teria recebido uma grande quantidade de ouro. Diante desse fato, o médico e seu paciente foram fulminados pelos raios de Zeus. Após sua morte, Asclépio foi eternizado e sua imagem, com uma serpente curativa na mão, foi colocada por Zeus entre as estrelas, formando a constelação do Serpentário. Apolo, que não podia vingar-se do grande Senhor Olímpico, matou os Ciclopes, fabricantes dos raios com os quais seu filho foi eliminado.*

*A Asclépio foram atribuídos, inicialmente, apenas dois filhos, Podalírio e Macáon, ambos médicos. Consta que eles curaram os gregos feridos na Guerra de Tróia. Em versões posteriores, casou-se com Epíone e teve com ela quatro filhas: Áceso (a que cuida de), Iaso (a cura), Panacéia (a que socorre a todos) e Higia (a saúde).*[14]

*Higia era a filha mais conhecida de Asclépio, apesar de não possuir nenhum mito em particular. Para os gregos, ela era uma deusa poderosa, que cuidava da saúde de todos os seres vivos. Tanto os homens quanto os animais recebiam seus cuidados, que eram provenientes de inspirações salutares. Assim, ela sugeria os alimentos mais adequados e os remédios apropriados, praticando, já naqueles tempos, o que hoje chamamos de Medicina Preventiva. De certa forma, Higia personificava o instinto da vida. Sua função era restaurar a força das pessoas, prevenindo suas doenças, e poupando seu pai do trabalho de intervir continuamente, com sua ciência onipotente, no alívio da dor e na cura.*

O signo de Virgem é, tradicionalmente, aquele que rege a saúde. Nesse sentido, tanto Asclépio quanto Higia são exemplares míticos deste tema. A prática da prevenção, através da alimentação e hábitos saudáveis, costuma ser uma grande preocupação das pessoas deste signo. Alguns chegam ao exagero de tornarem-se hipocondríacos. Porém sua busca de equilíbrio é muito bem traduzida no exercício do cuidado preventivo com a própria saúde.

*Asclépio era chamado pelos gregos de "o bom, o simples, o filantropíssimo".*[15] • A filantropia, as obras caritativas e os trabalhos ligados à assistência social são atividades muito virginianas. *O deus vivia em Epidauro, no Peloponeso, onde seu culto se desenvolveu. Lá fundou uma verdadeira Escola de Medicina de práticas mágicas que, com seu desenvolvimento, preparou o terreno para uma Medicina mais científica. Esta arte foi continuada pelos Asclepíades, descendentes de Asclépio. O mais importante deles foi o grande Hipócrates, chamado "pai" da Medicina.*

Asclépio simboliza a união da natureza humana com a divina, através dos caminhos da saúde. Aqui, novamente, encontramos uma tentativa de aproximação entre os opostos Virgem-Peixes. A Medicina representa uma síntese desse eixo. *A natureza de Asclépio era ambígua, entre o herói e a divindade. Assim, recebia oferendas como deus e sacrifícios como herói. Seu templo em Epidauro era muito bem ornamentado e escondia um labirinto. Nele era guardada uma serpente — símbolo da renovação constante da vida — que aparecia enrolada num bastão, atributo do deus da Medicina. Sobre a entrada de seu recinto sagrado estava gravada a seguinte mensagem:*

---

14 Brandão, J. *Dicionário Mítico-Etmológico da Mitologia Grega*, p. 127. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

15 Ibid., p. 127.

"Puro deve ser aquele que entra no Templo perfumado.
E pureza significa ter pensamentos sadios."[16]

*O método terapêutico praticado no templo de Asclépio era essencialmente espiritual. A cura total do corpo só ocorria quando a mente era curada, passando também por uma grande transformação no nível emocional. Lá era praticada a Nooterapia, sistema de purificação psíquica e física do homem como um todo. Os sacerdotes de Asclépio eram muito mais pensadores profundos do que médicos. Partiam do princípio que a Harmonia e a Ordem Divina exerciam uma influência fundamental sobre a saúde física e psíquica. Sabiam que se a consciência atingisse um estado harmonioso, o físico, naturalmente, se tornaria sadio e equilibrado.*

O grande interesse dos virginianos pela saúde leva-os a compreender, sem maiores resistências, que o homem é um ser integrado e que, portanto, assim deve ser visto e tratado. Sua tendência ao serviço prestativo, e a colocar muito de sua energia nisso, pode levá-los a dedicar sua vida à construção de uma obra social, geralmente voltada para a saúde e promoção do bem-estar coletivo.

*Epidauro era também um centro cultural e de lazer. Havia um teatro, onde a tragédia, a comédia e a poesia serviam para despertar a espiritualidade e purificar a alma das paixões desmedidas; um ginásio de esportes, onde os exercícios e competições atléticas promoviam a disciplina dos movimentos e do ritmo interno do corpo, ampliando as possibilidades físicas e mentais do ser humano. A biblioteca e as inúmeras obras de arte, que decoravam todo o lugar, visavam a espiritualização e humanização do pensamento. Assim, no templo de Asclépio havia uma comunhão entre o culto e as cerimonias culturais, entre os hinos religiosos e o ritmo da música, da poesia e da dança. Esta integração possuía um efeito terapêutico imediato sobre o corpo e a alma.*

A busca de integração entre corpo, mente e espírito é o desafio de todos os seres humanos. Para os virginianos, esta questão nem sempre se torna um dilema. É como se intuitivamente eles encaminhassem sua vida para esse objetivo. Para eles, a vivência holística é uma necessidade natural. Assim, colocam sua experiência e aprendizagem em ofícios e funções onde possam contribuir, de alguma forma geralmente velada, para que também os outros tenham sua compreensão e vivência dessa totalidade integrada, hoje difundida como holística.

O Círculo de 12 Signos do Zodíaco, divide-se em dois hemisférios. O primeiro deles – de Áries à Virgem – simboliza os estágios do desenvolvimento

16 Ibid., p. 128.

individual; o segundo, de Libra a Peixes, o relacionamento social. Virgem é o último signo do primeiro hemisfério; no sentido mais profundo, representa a integração de cada indivíduo. É o refinamento e a ordenação de todas as experiências vividas no decorrer dos cinco primeiros signos, por isso precisam da solidão e do centramento. Virgem contém, em síntese, todos os estágios do desenvolvimento individual e sua função é reuni-los para formar um todo integrado e harmônico.

Assim, encerramos os seis primeiros signos do Zodíaco. Os próximos serão opostos e complementares a estes. Até aqui falamos do indivíduo em formação; daqui para frente falaremos do indivíduo em relação ao outro e ao meio social.

# Dos Mitos da Libra

E chegamos ao sétimo signo, Libra, primeiro do Hemisfério Social e Público. Pertence à tríade do elemento **ar**. Sua representação na natureza é a **brisa**, de essência sutil e refrescante, quase imperceptível, mas indispensável. É o único signo do Zodíaco cuja representação não é humana nem animal, e sim um objeto: a **balança**. As gangorras, os espelhos, os bordados e as peças de cobre são outros dos objetos do universo simbólico da Libra. O entardecer, a abóbada celeste, as cerimônias de casamento, os canteiros floridos e os ramalhetes são suas imagens metafóricas. No corpo humano, Libra rege os rins e os ovários.

Libra é o signo que representa a união e os casamentos. Nesse sentido, a união de Marte (princípio masculino) com Vênus (princípio feminino) simboliza o casamento cósmico, a oposição complementar, a união do eu com o outro, o primeiro eixo: A Força Criadora.

O signo de Libra é regido pelo planeta **Vênus**. Suas principais características são: a busca constante da harmonia e do equilíbrio entre o eu e o outro, a cooperação, a diplomacia, o senso de justiça ideal e a eterna busca pelo Bom, o Belo e o Verdadeiro, que precisa estar presente em tudo o que faz.

A constelação de Libra foi uma das últimas a ser descoberta. Surgiu de parte do símbolo da constelação de Virgem: é a balança da deusa Astréia. A justiça de Astréia baseia-se num padrão ordenado do Cosmos, da compensação dos opostos, tendo em vista sua união, muito além da dualidade do bem e do mal, do certo e do errado. Muito diferente da idéia humana de justiça, que é baseada em julgamento e sentimentos de vingança. À Libra cabe a Arte de equilibrar os opostos.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Afrodite

Embora a regência deste signo seja discutível, tradicionalmente, Vênus rege simultaneamente o signo de Touro e Libra. *Afrodite era uma divindade primordial e um dos aspectos da Grande Mãe. Personificava o preceito mitológico coletivo do êxtase sexual e do princípio do prazer.* Assim, esta deusa é mais facilmente associada ao sensual taurino do que à etérea Libra. Seu lado

mais sensorial, oriundo da deusa da fecundidade, rege o Touro. As histórias e amores da deusa já estão contados nos mitos do Touro.

Em Libra, signo de natureza aérea, o planeta Vênus ocupa-se da beleza, da estética, das Artes, tema que os refinados librianos sabem apreciar. E também se encarrega de promover as uniões amorosas entre os opostos, abrangendo toda a natureza. *No início, a deusa era protetora das formas mais nobres e puras do amor. Com o tempo passou a personificar o amor no sentido mais amplo da palavra, desde a atração sexual até o amor cortês.*

*Platão e os filósofos veneravam-na como* Afrodite Urânia. Esta é a representação que mais se aproxima do signo de Libra. Esta deusa platônica simboliza um ideal sutil de beleza espiritual, onde o que conta é a beleza interna, mais profunda. *Sob este epíteto, ela se tornava uma deusa protetora e desapaixonada. Sendo a filha de Urano, sua preocupação era com a humanidade, sua qualidade de amor era universal.* Platão – que segundo alguns registros astrológicos teria Libra como signo ascendente – era um filósofo em busca da verdade, do bem e da beleza, ideais librianos. Naturalmente, sua admiração recaía sobre esta Afrodite cósmica, que brilha sua luz dourada sobre todas as pessoas.

*A deusa contava sempre com a ajuda de Eros, seu filho. Quem fosse atingido por suas setas caía, inevitavelmente, nas malhas da rede do amor.*

> "Eros, de outro lado, traduz ainda a *complexio oppositorum*, a união dos opostos. O Amor é a pulsão fundamental do ser, a *libido*, que impele toda existência a se realizar na ação. É ele que atualiza as virtualidades do ser, mas essa passagem ao ato só se concretiza mediante o contato com *o outro*, através de uma série de trocas materiais, espirituais, sensíveis, o que fatalmente provoca choques e comoções. Eros procura superar esses antagonismos, assimilando forças diferentes e contrárias, integrando-as numa só e mesma unidade. Nessa acepção, ele é simbolizado pela cruz, síntese de correntes horizontais e verticais e pelos binômios *animus-anima* e *Yang-Yin*."[1]

*Na história de Hades e Perséfone a participação do filho de Afrodite foi fundamental. O Senhor dos Ínferos foi flechado por Eros e se apaixonou pela primeira donzela que viu: Perséfone. Desde então, os dois passaram a reinar no Hades. Afrodite promoveu a união de Páris e Helena, quando prometeu ao jovem que lhe daria como esposa a mais bela das mortais. Descreveu-a com tal beleza que ele, imediatamente, se apaixonou e tratou de ir a Esparta para conquistá-la. Na história de Jasão, a deusa enviou Eros para fazer despertar*

1 Brandão, Junito. *Mitologia Grega*, Vol. I., p. 189, 7ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

*em Medéia, a filha do rei da Cólquida, uma súbita paixão pelo herói. Em nome desse sentimento, Medéia ajudou Jasão na conquista do Velocino de Ouro.*

*Pigmalião era um escultor em Chipre, ilha consagrada à deusa do amor. Ele considerava as mulheres imperfeitas e passíveis de muitas censuras, por isso resolvera nunca se casar. Como não suportava a completa solidão, o artista esculpiu uma estátua de marfim bela e perfeita como nenhuma mulher — segundo ele — jamais poderia ser. Passava horas a fio contemplando-a, às vezes beijava-lhe os lábios e segurava suas mãos. Teria continuado neste estado de amor silencioso se não fosse a interferência de Afrodite. Numa das festas em homenagem à deusa, Pigmalião ofereceu-lhe sacrifícios e elevou aos céus fervorosas súplicas, pedindo a Afrodite que lhe enviasse uma mulher semelhante à sua virgem de marfim.* Esse tipo de amor cortês e platônico é uma das tendências dos librianos. Alguns chegam a ficar sozinhos, porque esperam encontrar o amante perfeito, que corresponda a seus ideais.

*A deusa ouviu seu pedido e decidiu atendê-lo. De volta à casa, o artista contemplava sua amada e beijou-lhe os lábios. Teve uma grata surpresa, a estátua despertou e ganhou vida como uma bela mulher real, que também se enamorou de seu criador. Este chamou-a de Galatéia, desposou-a e dessa união nasceu Pafos, de quem a cidade consagrada à deusa recebeu o nome!*

Assim como Afrodite, os librianos estão sempre envolvidos em algum tipo de relacionamento seu ou dos outros. Como Pigmalião, também não suportam a solidão. Gostam de promover a união entre as pessoas, grupos e, em última instância, povos. Não resistem quando vêem um amigo solitário, tratam logo de arrumar-lhe uma companhia. São conhecidos por sua tendência a agir como "Santo Antônio".

## Palas Atena

***Deusa da Justiça e da Sabedoria**, denominada **Minerva** pelos romanos, nasceu de uma intensa dor de cabeça de Zeus. Sendo uma divindade de representações muito antigas, há histórias diversas sobre seu nascimento. Segundo Graves, Platão identificava Atena com a deusa líbia Neith, uma das representações da Grande Mãe. De acordo com essa versão, a deusa teria nascido na Líbia e sido criada pelas ninfas do lago Tritônio. Quando criança matou por acidente sua amiga Palas e acrescentou o nome antes do seu, para homenageá-la, daí ser chamada Palas Atena.*

*Para os sacerdotes de Atena, outra foi a história. Sendo Zeus um grande conquistador, apaixonou-se por Métis, uma titânia, deusa da sabedoria e da*

*prudência, e esta engravidou. Porém, Urano e Gaia avisaram-no que Métis teria primeiro uma filha e depois um filho, que viria para destroná-lo — como ele havia feito com seu pai. Ele ficou muito apreensivo e, para impedir esta profecia, esperou que Métis adormecesse e engoliu-a grávida. Tempos depois, teve uma dor de cabeça tão terrível que saiu a urrar pela terra. Então, Hermes trouxe Hefestos para salvar o pai. À beira do lago Tritônio, o artesão abriu a cabeça de Zeus com um golpe de machado e de lá saiu Atena, já vestida de armadura, elmo, armas e escudo, e dando um grito de guerra tão alto que abalou o céu e a Terra.*

> "Seu nascimento foi como um jorro de luz sobre o cosmo, aurora de um mundo novo, atmosfera luminosa, semelhante à hierofania de uma divindade emergindo de uma montanha sagrada. Sua aparição marca um transtorno na história do mundo e da humanidade. Uma chuva de neve de ouro caiu sobre Atenas, quando de seu nascimento: neve e ouro, pureza e riqueza, tombando do céu com a dupla função de fecundar como a chuva, e de iluminar, como o sol."[2]

*Atena herdou do pai o poder, e como havia saído de suas meninges, esse poder era mental. Da mãe, assimilou a prudência e a sabedoria. A deusa era como a luz que atravessava as nuvens, iluminando a escuridão. Na* Ilíada, *era referida como a deusa dos olhos brilhantes, numa associação com os olhos da coruja, ave que lhe era consagrada.* A coruja é uma ave noturna que não agüenta a luz solar direta. Enxerga na escuridão e, assim, é o símbolo da sabedoria.

*Atena era conhecida por sua habilidade como estrategista e por suas soluções práticas. Como antiga deusa da fecundidade, apresentava uma qualidade de criação psíquica. Sendo a deusa da sabedoria, possuía uma inteligência socializada e uma capacidade de síntese a partir da reflexão.* Como arquétipo, esta deusa representa um padrão de comportamento lógico, daquelas pessoas que agem com a cabeça ao invés do coração. Sendo um arquétipo feminino, mostra que é possível, até para as mulheres, manter a cabeça fria, mesmo em situações estressantes. Os librianos possuem, como a deusa, essa capacidade de manter uma distância emocional, em situações de emergência, e rapidamente achar as soluções mais adequadas.

*Tornou-se a filha dileta de Zeus. Ares, seu irmão, que não gozava da simpatia do pai, morria de ciúmes da deusa. Uma vez, durante a Guerra de*

2 Ibid., Vol. II, p. 31.

*Tróia, ferido por Diomedes, protegido de Atena, reclamou para o Grande Senhor Olímpico:*

> "Todos nos revoltamos contra ti, pois deste nascimento a uma virgem imprudente, desgraçada, cujo espírito está sempre voltado para atos violentos. Todos nós, os outros deuses do Olimpo, obedecemos-te e nos sujeitamos a ti. Tu, porém, não a censuras, nem pela palavra nem pelos atos: ao contrário, estimulas, pois tu mesmo criaste essa filha insolente."[3]

Esta divindade foi muito cultuada pelos gregos, porque simboliza a razão e a sabedoria que se sobrepõem à força. Os romanos, que cultuavam Ares, o deus da guerra, invadiram a Grécia pela força, porém os gregos sempre os consideraram como um povo bárbaro e ignorante e nunca se deixaram dominar ideologicamente.

*Atena ganhou o direito à virgindade eterna para poder cumprir sua função de guerreira, embora só fosse à guerra quando forçada. Desempenhou um papel importante, ao lado do pai, na luta contra os gigantes. Preterida a favor de Afrodite no concurso de beleza, julgado pelo troiano Páris, tomou o partido dos gregos na Guerra de Tróia. Participou ativamente nos combates e intercedeu, várias vezes, junto a Zeus em favor dos helenos. Porém a sua atividade guerreira, marcada pela bravura, era temperada pela prudência, pela lealdade e pela defesa dos ideais. Repugnava-lhe a crueldade, a barbárie, a sede de sangue e a carnificina. Defensora da justiça e da harmonia, era sensível demais para provocar brigas.*

*Um dia, Tideu, herói da Etólia e feroz guerreiro, foi gravemente ferido, num combate decisivo diante da cidade de Tebas. Atena, protetora do herói, implorou a Zeus para que lhe concedesse a imortalidade. Seu pai, que não lhe negava nada, assentiu. A deusa desceu ao campo de batalha, mas encontrou Tideu saciando, de modo selvagem, a sua vingança: o herói, após rachar a cabeça de Melanipo, seu inimigo, devorava, como um bárbaro, seus miolos. Enojada com esse espetáculo horrendo, a deusa tirou a proteção que lhe dava, desistiu de torná-lo imortal e retirou-se do campo de batalha.* Os librianos, cujo senso estético beira à pureza, não suportam cenas mais violentas e com aspecto de sujeira. Às vezes, têm dificuldade para lidar com materiais como areia, gesso, graxa, que possam sujar suas mãos, e até mesmo com o próprio suor. Evitam assistir filmes de terror ou com cenas de sangue e carnificina.

---

3 Homero. *A Ilíada*, p. 64. EDIOURO, Rio de Janeiro, s/d.

*Atena era também uma grande diplomata, sendo sempre solicitada para resolver questões entre os deuses e os homens, como mediadora.* Freqüentemente, percebemos esse aspecto nos librianos. Seu ideal de justiça é tão elevado que dificilmente consegue ser realizado a nível prático. Sua preocupação é tamanha que, muitas vezes, conseguem a proeza de serem injustos consigo ou com os seus, em nome de um princípio abstrato de justiça a favor dos outros. Acham difícil a convivência com a densa e relativa justiça humana. Daí entende-se que, embora seja a Libra um signo relacionado com a justiça, é o Sagitário que rege os juízes, advogados, promotores.

*Na tragédia de Orestes, detalhada nos Mitos de Escorpião, depois do matricídio e da perseguição das Erínias, o herói foi procurar os sábios conselhos da deusa. Ela, então, ponderou:*

"É causa muito grave, realmente,
Para um homem julgar. Por outro lado
Em caso de homicídio não compete
A mim deter o braço da justiça. (...)
Assim, como me foge a decisão,
Nomearei juízes escolhidos
Que formarão um tribunal perpétuo
Que julgará os casos de homicídio.
Para eles transfiro o julgamento."[4]

Uma das dificuldades do signo de Libra é tomar decisões. Se puderem, evitam, postergam ou transferem para outrem. *No final do julgamento, a deusa declarou, abertamente, seu voto de Minerva, absolvendo Orestes. E disse:*

"Não tive mãe alguma. O direito
Paterno e a varonil supremacia
Que prevalece em tudo, salvo apenas
O direito que tenho de ser virgem,
Levam meu coração à lealdade.
Assim eu considero merecida
A morte de mulher que o seu esposo
Assassinou, e, sendo assim, Orestes
Será absolvido, se os juízes
Mortais seu voto ao meio dividirem."[5]

4 Ésquilo. *A Trilogia de Orestes*, p.143. EDIOURO, Rio de Janeiro, 1988.
5 Ibid., p. 153.

*Atena considerava-se filha somente de Zeus. Não reconhecia Métis como sua mãe. Era o braço direito do pai, a única a quem ele confiava o cuidado de seus raios, símbolos do seu poder.* Atena é também considerada como o arquétipo da "filha do pai", que defende os valores patriarcais, que enfatizam a tradição e a legitimidade do poder masculino. Freqüentemente encontramos nativos de Libra, mais comumente mulheres, que possuem uma forte ligação com o pai. Disso decorre sua admiração e, muitas vezes envolvimento, com homens poderosos, detentores de autoridade e poder, que se encaixam no arquétipo patriarcal. As librianas são conhecidas como ótimas secretárias, capazes de devotar suas vidas aos patrões. Sua lealdade é inquestionável. *Palas Atena, a donzela guerreira e padroeira da cidade de Atenas, representava os mais elevados ideais espirituais e as mais sublimes criações do patriarcado grego.*

*Um dia, Poseidon espetou seu tridente na Acrópole de Atenas, e declarou-se senhor da Ática. Nesse lugar nasceu uma fonte de água salgada. Tempos mais tarde, chegou Atena, plantou uma oliveira ao lado da fonte e declarou que ali seria seu reino. Poseidon furioso, desafiou-a para um duelo. A deusa teria aceitado, porém Zeus ordenou a ambos que levassem a disputa para ser julgada por um tribunal, composto por todos os deuses. Zeus omitiu-se de votar; os deuses apoiaram Poseidon e as deusas ficaram ao lado de Atena. Assim, com a maioria de um voto, ficou decidido que Atena tinha mais direito sobre o território, porque lhe dera um presente mais valioso. Desde então, a cidade recebeu o nome da deusa, e a oliveira tornou-se seu símbolo. Com freqüência, a deusa era acolhida como protetora das cidades, possuía templos nas acrópoles de Mégara, Esparta, Argos, etc.*

O signo de Libra é basicamente urbano. Os librianos gostam do burburinho, do movimento, da diversidade de tipos humanos, característicos das cidades. Apreciam a vida social e sabem, como poucos, receber, organizar jantares, reuniões, festas sempre com o intuito de promover o intercâmbio e o bem-estar das pessoas. Signo do elemento ar, está diretamente conectado ao mundo mental e social. Sua forma de apreensão da realidade e seus conteúdos é feita através do contato com outras pessoas. Dificilmente se encontra algum libriano trabalhando isolado, numa pesquisa solitária, na última sala de estudos da biblioteca. Eles aprendem melhor no grupo e com a troca de idéias diversificadas. Claro que a realização concreta de suas idéias será feita pelos nativos dos signos de terra. O reino onde se sentem à vontade é uma espécie de "mezanino", de onde olham o mundo e criam suas metáforas. Concretizar os projetos, trazê-los para a terra, é o seu grande desafio. Para vencê-lo, contam com a ajuda dos signos de fogo – que lhe trazem impulso e iniciativa; e com os signos de terra, com sua capacidade de organizar e realizar.

*O grande general grego chamado Alexandre Magno era protegido da deusa e, segundo alguns registros históricos, havia nascido sob o signo de Libra. Ele promoveu a expansão do Império para as terras do Oriente, sem nunca fazer prisioneiros ou escravos, governando com justiça para todos e, principalmente, promovendo casamentos entre pessoas de origens diferentes e, desta forma, buscando a união e a paz entre os povos.*

*Atena era a deusa da razão, do equilíbrio, do espírito criativo. Regente das Artes, da Literatura e de todas as atividades do espírito. Seu caráter racional tinha mais afinidade com a Filosofia do que com a Poesia e a Música.* Os atributos de Atena são, classicamente, associados ao signo de Libra. É a guerreira capaz de lutar por ideais e, sobretudo, por causas consideradas perdidas. Os librianos, idealistas por natureza, quando identificados com este arquétipo, costumam criar um mundo "ideal", onde se refugiam numa espécie de "Torre de Marfim". De lá, como a deusa na Acrópole, olham o mundo real de fora e tentam entendê-lo à luz da Literatura e da Filosofia. Os mais criativos conseguem colocar o resultado de suas percepções em belas obras de arte.

*Como deusa da atividade inteligente, regia a fiação, a tecelagem, o bordado e a costura. Sendo de um perfeccionismo extremo, não admitia falhas e exigia de seus devotos a mesma perfeição.* Essas atividades requerem projeto, plano de ação, habilidade e paciência para concluir. As mãos e a mente devem trabalhar juntas. Os librianos geralmente se dedicam a atividades manuais, quando estas envolvem raciocínio. Esse traço de exigência e perfeccionismo da deusa é também característico deste signo, embora, muitas vezes, essa qualidade seja atribuída aos virginianos. A Libra busca harmonia e perfeição no todo; Virgem busca a perfeição dos detalhes e, muitas vezes, se perde do todo.

*Aracne era uma jovem da Lídia, famosa por sua habilidade na tecelagem e nos bordados. Chegou a ser considerada discípulo de Atena, tamanha a perfeição de seu trabalho. Mas, imodestamente, Aracne atribuía sua habilidade a seu próprio talento, chegando a desafiar a deusa das fiandeiras para uma competição. Aceitando o desafio, Atena se apresentou para a competição. A tapeçaria da deusa apresentava majestosamente os doze olímpicos, tendo em cada canto, a título de advertência à sua rival, quatro episódios que retratavam o fracasso de mortais que haviam desafiado os deuses. Por sua vez, Aracne apresentou uma obra tecnicamente perfeita, onde desenhou histórias indecorosas, envolvendo Zeus e suas amantes. Furiosa com a perfeição do trabalho e a provocação do tema retratado, Atena destruiu o tapete de Aracne, ferindo-a com a lançadeira do tear. Diante dessa reação, a jovem tentou enforcar-se, sendo punida pela deusa que, impedindo sua morte, transformou-a numa aranha para que vivesse o resto da vida suspensa por um fio, tecendo.*

*A deusa preferia a companhia masculina. Era chamada pelos gregos de "companheira dos heróis". Sendo uma deusa virgem era-lhe fácil evitar o envolvimento emocional e sexual com os homens, preferindo lutar ao lado deles.* Os librianos possuem essa facilidade: podem ser companheiros, colegas ou confidentes do sexo oposto, sem que a relação precise ter qualquer caráter erótico ou de romance.

*Atena ajudou e protegeu vários heróis: Ulisses, Héracles, Perseu, etc. Assistiu Ulisses durante a Guerra de Tróia e na sua volta acidentada a Ítaca. Essa viagem é relatada na* Odisséia *de Homero. Sua ação foi constante e a deusa interferiu, inspirando-o através de sonhos, intercedendo junto a Zeus a favor do herói ou, ainda, diretamente, assumindo a forma de mortal para ajudá-lo.*

*Quanto à Héracles, esteve sempre presente aconselhando o herói sobre a melhor maneira de realizar os seus Doze Trabalhos. Na verdade, a deusa vinha correndo confortá-lo sempre que ele, exausto, bradava desesperado por Zeus. Em agradecimento, Héracles ofereceu à deusa as maçãs de ouro das Hespérides e combateu ao seu lado contra os Gigantes. No final, quando o herói subiu ao Olimpo, foi ela que o apresentou aos seus parceiros divinos.*

A proteção que a deusa dava aos heróis simboliza a ajuda trazida pelo espírito à força bruta e ao valor pessoal dos guerreiros. Os librianos, identificados com Atena, podem ser companheiros leais, amigos para toda a vida, e bons conselheiros na hora de resolver os problemas. Nesta identificação, os vacilantes librianos ganham decisão e direcionamento. A deusa sabia o que queria e, rapidamente, criava uma estratégia para conseguir seus objetivos. A diplomacia que envolve estratégia, poder e prática nos embates sociais, é também reino desta deusa e dos librianos.

*Atena ajudou Perseu na sua missão contra a Medusa. Emprestou-lhe seu escudo de bronze e avisou-o que ele não poderia olhar o monstro diretamente. Ao se aproximar da Medusa, Perseu ajeitou o escudo, que funcionou como espelho, refletindo a imagem dela. Então aprumou a mira e, com a mão guiada por Atena, desferiu o golpe que decapitou a Górgona. Cumprida a missão, o herói presenteou a deusa com a cabeça da Medusa, que a colocou no meio do seu escudo.* Este ato expressa a mensagem: mantenha distância. Simbolicamente colocado sobre o peito, região das emoções e dos afetos, mostra a dificuldade da deusa, e também dos librianos, de permitir a troca afetiva mais íntima. São ótimos nos contatos sociais e intelectuais, mas evitam as aproximações pessoais.

*Um dia passeando no bosque, Atena abriu alguns orifícios num pedaço de osso de veado e fez uma flauta. Resolveu tocá-la num banquete no Olimpo. No meio da apresentação, percebeu que, enquanto os deuses pareciam deliciados com o som do instrumento, Afrodite e Hera trocavam risos escon-*

*didos. Intrigada, retirou-se para um bosque, e tocou a flauta mirando-se nas águas claras de um regato. Dando-se conta de como ficava ridícula e cômica, com as bochechas inchadas, jogou longe o instrumento e lançou uma maldição contra quem o apanhasse.* E até hoje nenhum homem conseguiu arrancar sons de um instrumento de sopro sem alterar os traços do rosto. Os instrumentos de sopro são associados aos signos de elemento ar; a flauta é especialmente associada com a Libra devido a sua suavidade e sutileza. A atitude da deusa, dispensando a flauta quando percebeu que ficava ridícula e cômica, é muito libriana. Amantes da beleza e da perfeição, nenhum libriano suporta ser exposto a qualquer situação onde façam papel ridículo ou de bobo.

O arquétipo de Atena é mais facilmente conectado pelos librianos, através de suas qualidades intelectuais, diplomáticas e estratégicas do que como um personagem a ser incorporado. Quando isto acontece, eles se tornam tenazes na conquista de seus objetivos profissionais. Geralmente conduzem essa energia para carreiras administrativas ou acadêmicas, que envolvem pesquisa, projetos, ensino e treinamento de pessoal, isto é, onde apenas a capacidade intelectual não é suficiente, o tato e a habilidade política também são necessários. Assim, sua energia vital passa a ser colocada a serviço de metas muito mais coletivas do que pessoais.

## Hera

*Chamada **Juno**, pelos romanos, era irmã e esposa de Zeus e, por isso, era a **Grande Deusa do Olimpo**.* "O nome de Hera, que em geral se considera como sendo a palavra grega para 'senhora', representa talvez, e originariamente, uma 'Herw-a' ('protetora')."[6]

*Era filha de Cronos e Réia e, como seus irmãos, também foi engolida e devolvida à vida. Durante a luta entre Zeus e os Titãs, Hera foi confiada, por sua mãe, à proteção de Oceano e Tétis, a quem sempre foi muito agradecida. Mais tarde, quando o casal se desentendeu, foi ela que os reconciliou novamente.*

*Cresceu e tornou-se uma deusa belíssima. É claro, atraiu a atenção de seu irmão "casanova", Zeus, que nessa época já havia se tornado o Grande Senhor do Olimpo. Sua beleza encantava o grande deus, que lhe fazia promessas apaixonadas em troca de seu amor. Ela recusava-se dizendo que não queria*

6 Graves, Robert. *Os Mitos Gregos*, Vol. 1, p. 51. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.

*ser apenas mais uma de suas inúmeras conquistas. Zeus, inconformado, tentou todas as táticas em vão.* Na verdade, o que a deusa queria era um comprometimento, atitude que os librianos, identificados com este arquétipo, consideram fundamental para um bom relacionamento.

*Até que, num dia de inverno, preparou-lhe uma armadilha. Transformou-se em cuco e, assim, como um pássaro triste e quase morto de frio, pousou no jardim da irmã. Hera acolheu-o e tentou reanimá-lo. No calor de seus seios, procurou aquecê-lo. Quando percebeu o ardil, era tarde demais. Havia sido violada.*

*Cheia de vergonha, pediu ao irmão que reparasse o "mal" que lhe havia feito. Ele, imediatamente, prometeu desposá-la. Todos os deuses compareceram à cerimônia das bodas e deram à noiva ricos presentes. Foi nessa ocasião que Gaia lhe deu uma árvore de maçãs de ouro. Era esta a árvore guardada pelas Hespérides, no pomar de Hera. Depois da festa, o casal partiu para uma lua-de-mel que durou trezentos anos.* Este foi o tempo que os Helenos precisaram para imporem a monogamia entre o povo de Hera. *Dessa lua-de-mel nasceram os três filhos do casal: Ares, o deus da guerra; Ilítia, deusa dos partos e Hebe, a copeira dos deuses.*

*De volta ao Olimpo, ao lado do marido e senhor absoluto, Hera reinou bela e majestosa em seu trono de ouro. Passou a ter também atributos divinos: ribombava nos céus, desencadeava tempestades, comandava os ventos, presidia ao renovar das estações do ano e estendia seu poder até as estrelas que brilhavam sob seus pés. Desta maneira, a deusa incorporou poderes antes exclusivos do Senhor dos Céus, seu marido.*

Basicamente, os librianos querem duas coisas do casamento: parceria e igualdade, isto é, querem tanto poder quanto seus cônjuges. São capazes de sacrificar sua ânsia de participação no mundo externo em troca da administração da casa e dos filhos. Sua tendência é enfatizar o conceito de dever no casamento. Assim, passam a se interessar profundamente pela carreira do parceiro, entendendo cada progresso do outro como um motivo de orgulho seu também! À medida que o outro atinge melhores posições e prestígio, eles adquirem mais autoconfiança como companheiros de todos os passos do cônjuge.

"Hera, a real Deusa, era freqüentemente representada sentada num elevado trono. Uma de suas mãos segurava uma romã, imagem da fecundidade, e a outra um cetro encimado por um cuco. Sua nobre cabeça ornava-se de grandes olhos de olhar magnífico. A cabeleira abundante, sempre enfeitada do mais rico diadema, enquadrava com véus regulares e estriados o oval perfeito de seu

rosto. Às vezes, na qualidade de esposa, usava um véu que lhe recobria a nuca. Tudo nela era casto, calmo, majestoso e grave."[7]

*Poetas gregos referiam-se a Hera como a de "olhos de vaca", um elogio a seus grandes e belos olhos, pestanudos e úmidos como os da vaca. Este animal, que sempre foi associado à Grande Mãe como provedora de alimentos, era um de seus símbolos. Outros eram: a via-láctea, que segundo uma crença pré-olímpica viria dos seios da Grande Deusa, como rainha dos céus; os lírios, flores que de acordo com outra crença pré-helênica, simbolizavam o poder autofecundador da genitália feminina; o pavão, especialmente os "olhos" que enfeitam a cauda, representando sua vigilância e a romã, indicando sua fecundidade.* Hera, deusa de origem cretense, era uma das transposições da Grande Mãe-Terra. Seus símbolos e seus conflitos com Zeus refletem o poder que já teve e sua resistência à submissão. Na Mitologia Grega, Hera tinha dois aspectos contrastantes: era reverenciada e cultuada como a poderosa deusa do casamento e denegrida, especialmente por Homero, como vingativa, briguenta e ciumenta.

*Como a esposa legítima do mais poderoso entre os deuses, Hera tornou-se a Deusa do Casamento, protetora dos compromissos, dos amores legítimos e das esposas.* Simboliza a fidelidade e o casamento sólido e duradouro. *Todas as moças casadoiras lhe rendiam homenagens, para que abençoasse seu futuro matrimônio e protegesse a união, garantindo sua fidelidade e solidez.*

O signo de Libra está intrinsecamente vinculado ao casamento. Os librianos, identificados com Hera, sentem-se profundamente atraídos pelo matrimônio, apesar de todas as limitações e deficiências deste. O arquétipo de Hera personifica o instinto de unir-se a alguém, de buscar um parceiro. É preciso uma forte identificação com este arquétipo para construir e consolidar um casamento. As mulheres librianas, e muitos homens também, sob a influência desta deusa, anseiam por dividir a tarefa de educar os filhos, de estabelecer uma família, acreditando no valor fundamental desta *célula mater.*

*A ira de Hera, deusa dos amores legítimos, era conhecida em todo o mundo grego. Por vezes, traçava caminhos tortuosos para alcançar seus intentos. Foi assim quando resolveu punir Pélias, filho de Poseidon e usurpador do trono de Iolcos, porque este havia suspendido os sacrifícios em sua honra. Usou sua capacidade diplomática para manipular toda uma situação. Ao invés de castigá-lo diretamente, ajudou Jasão, filho do rei destronado, a buscar o velocino de ouro na Cólquida. Lá morava Medéia, a sacerdotisa mágica de Hécate. A deusa pediu à Afrodite que despertasse na feiticeira uma*

7 Meunier, Mário. *Nova Mitologia Clássica*, p. 23, 7ª edição. Ed. IBRASA, São Paulo, 1994.

*súbita paixão pelo herói. Em nome desse sentimento, Medéia ajudou-o com a condição de ser levada como sua mulher de volta a Iolcos. Lá, através de uma artimanha, a sacerdotisa convenceu as filhas de Pélias a esquartejar o pai. A história de Jasão já foi detalhada no signo de Áries.*

Sendo excelentes diplomatas, os librianos gostam de interagir com as pessoas e de manipulá-las. Têm uma compreensão intuitiva das mais complexas e bizantinas estruturas de poder, e dos jogos para sua manutenção. Às vezes, se tornam verdadeiras "eminências pardas". Quando não chegam ao posto mais alto do poder, permanecem por perto, influenciando, manipulando e sempre acompanhando a ascensão e queda dos outros participantes do jogo. Ficam muito impressionados com as figuras públicas, com as pessoas poderosas, especialmente aquelas envolvidas na política. Grandes comandantes, como o General Patton, e governantes, como Margareth Thatcher são expoentes desse signo. Quando escolhem a carreira pública, geralmente são carreiras próprias e paralelas às dos cônjuges.

*A natureza expansiva de Zeus não conseguia permanecer com uma só amada, quando havia tantas e belas mulheres, deusas ou mortais, ao seu redor. Terminada a lua-de-mel, retornou a suas conquistas amorosas. Hera, então, mostrou-se ciumenta, possessiva e implacável. Passou a perseguir, com ódio mortal, não ao marido infiel, mas às mulheres que considerava suas rivais e aos frutos dessas uniões.*

Zeus, em sua incontida promiscuidade, simboliza a afirmação do poder máximo do patriarcado, onde a virilidade deveria ser inesgotável. Seu envolvimento com outras deusas simboliza a invasão e a cooptação dos antigos cultos da Grande Mãe. Assim, o casamento conflituoso de Zeus e Hera é um retrato da fusão instável entre os cultos matriarcais da Deusa-Mãe e a religião patriarcal. Séculos de desigualdade no lar não serão corrigidos rapidamente no cenário político. As disputas entre o casal olímpico representam as inevitáveis tensões que surgem entre os sexos no casamento, e também a grande desproporção entre o poder público e o poder privado. Se for dado aos librianos a opção entre uma carreira política e a administração doméstica, certamente terão duas reações básicas. Primeiro, se desesperam por ter que tomar uma decisão. Segundo, reunindo a coragem e o radicalismo de seu signo oposto e complementar Áries, escolhem uma em detrimento da outra. Dificilmente optarão pelos dois caminhos simultâneos.

*Hera dirigia sua fúria contra as amantes do marido e seus filhos.* "Para ela os fins sempre justificam os meios. Para atingi-los usa de todos os estratagemas a seu alcance: alia-se a outros deuses, bajula, ameaça, mente."[8] *Enviou a*

8 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. I, p. 135.

*serpente Píton em perseguição à titânia Leto, grávida ainda de Apolo e Ártemis, condenou a Terra a não acolhê-la e, por fim, não deixou Ilítia assistir ao parto. A ninfa Maia, com Hermes no ventre, precisou procurar um lugar distante e oculto à vigilância da deusa para dar à luz.*

*Dioniso, o filho de Zeus e Sêmele, também foi alvo da tenaz perseguição de Hera. Primeiro enganou a mãe, grávida de seis meses. Disfarçada em sua ama, aconselhou-a a pedir a Zeus que se lhe apresentasse na sua verdadeira forma. No encontro seguinte, a princesa pediu ao deus que aparecesse em toda sua majestade.*

"– 'Cuidado', disse ele, 'você não está suficientemente preparada para isso.' Ela respondeu: 'Você sempre disse que faria tudo que eu pedisse.' E Zeus retrucou: 'Cuidado, garota.' Pum! E foi o fim de Sêmele."[9]

*A criança foi salva e entregue ao rei Átamas e a sua mulher Ino, a quem Hera enlouqueceu, fazendo-os matarem seus próprios filhos. Dioniso escapou mais uma vez. Já adulto foi reconhecido pela deusa, que o ensandeceu.* Um dos motivos desta perseguição devia-se ao fato de Dioniso estar destinado a suceder Zeus no poder.

*Outra vítima da fúria de Hera foi Io, uma sacerdotisa de Hera Argiva, que foi seduzida por Zeus. O Senhor Olímpico, para proteger a amante dos ciúmes da esposa, transformou-a numa bezerra branca. Hera exigiu a custódia do animal e a confiou à guarda de Argo dos Cem Olhos. Zeus ordenou a Hermes que libertasse Io. O deus-mensageiro matou o guardião com sua faca. Essa morte, porém, de nada adiantou para Io. Hera, sempre vigilante, lançou um moscardo contra a bezerra. As constantes picadas do inseto enlouqueceram Io, que saiu a vagar, sem rumo, pelo mundo. A deusa, agradecida a seu servidor Argo, colocou os seus olhos na cauda do pavão, ave que lhe era consagrada.*

*Quando Hera descobriu que Zeus tinha possuído Egina, filha do deus-rio Asopo, e que esta tinha lhe dado um filho, chamado Éaco, mais uma vez a Rainha do Olimpo foi implacável. Furiosa, decidiu matar todos os habitantes da ilha, reino de Éaco.* "Num dos seus regatos, introduziu ela uma serpente que turvou as águas e pôs milhares de ovos; então, verdadeiros formigueiros de serpentes seguiram coleando através dos campos até aos outros cursos de água

9 Campbell, Joseph. *As Transformações do Mito Através do Tempo*, p. 185. Ed. Cultrix, São Paulo, 1993.

e rios."[10] *Essa praga acabou por matar quase todos os habitantes da ilha de fome e sede.*

*Não acreditando muito nas desculpas de Zeus para suas constantes visitas ao mundo dos mortais, Hera decidiu retê-lo no Olimpo. Pensando em algo que pudesse desviar a atenção de sua esposa, Zeus lembrou-se de Eco, segundo Graves, "ninfa de uma tagarelice invencível". Durante algum tempo, a ninfa conseguiu distrair a deusa com suas longas histórias e Zeus pôde continuar com suas aventuras. Mas não tardou muito Hera desconfiou da manobra. Furiosa com a ninfa, cúmplice do marido, condenou-a a não falar mais. Somente poderia repetir os sons das últimas palavras que ouvisse.*

As atitudes de Hera refletem algumas das características mais fortes do signo de Libra. De um lado, o respeito ao vínculo, ao casamento, mesmo que uma das partes não o cumpra corretamente. A manutenção do compromisso é fundamental nas associações librianas, porque possuem uma visão ideal delas. De outro, a cobrança pelo alto preço pago para manter a relação. Daí surge, de forma implacável e das sombras do Inconsciente, o lado vingativo, que age "por baixo do pano". Hera representa a frieza e diplomacia de Libra, que se esforça por manter as aparências em todas as circunstâncias, até mesmo perante as peripécias amorosas do marido. E uma capacidade enorme de suportar sua atitude ainda que interiormente esteja fervendo de ódio.

*A última aventura amorosa de Zeus com uma mortal foi com a neta de Perseu, Alcmena, com quem teve Héracles. No dia do nascimento deste, orgulhoso e imprudente, o Grande Senhor do Olimpo gabou-se de ter concebido um filho que reinaria na nobre casa de Perseu. Rapidamente, Hera, dominada pela ira e o ciúme, armou um plano. Primeiro, arrancou de seu divino esposo a promessa de que qualquer príncipe que nascesse dessa linhagem, antes do anoitecer, seria o rei. Depois, ordenou a Ilítia, deusa dos partos, que acelerasse o nascimento de Euristeu, primo de Héracles, e retardasse o parto de Alcmena. Assim, conseguiu que o filho de Zeus não assumisse o lugar que lhe estava predestinado.*

*Héracles foi o herói mais perseguido por Hera. Quando estava com oito meses, a deusa enviou duas serpentes enormes contra ele. Apesar da idade, Héracles agarrou-as, uma em cada mão, e estrangulou-as. Mais tarde, já adulto, casado e pai de vários filhos, o herói continuava a ser perseguido pela deusa. Desta vez ela provocou nele um acesso de loucura que o fez matar seus filhos e sobrinhos. Recuperando a razão, procurou o Oráculo de Delfos, para que Apolo lhe indicasse como expiar seu crime. A Pítia lhe ordenou que se*

10 Graves, Robert. Op. cit., Vol. I, p. 187.

*colocasse a serviço, por doze anos, de seu primo Euristeu. Foi durante esse período que o herói cumpriu seus Doze Trabalhos. Hera continuou a fazer tudo o que podia para boicotar o sucesso das tarefas. A deusa só perdoou o herói depois de sua morte.*

> "Admitido entre os Imortais, Hera se reconciliou com o herói: simulou-se, para tanto, um novo nascimento de Héracles, como se ele saísse das entranhas da deusa, sua nova mãe imortal. Sófocles, nas Traquínias, 1105, compreendeu bem essa mensagem, ao escrever que, na hora da morte, o herói dissera que 'se chamava assim (Héracles, 'a glória de Hera') por causa da mais perfeita das mães'."[11]

*Apesar das brigas constantes, o casal olímpico nunca se separou.* Hera simboliza a fidelidade radical aos contratos. Em função dessa característica, é capaz de qualquer sacrifício para manter o casamento, até mesmo infringir a ética ou a moral instituída. Os librianos, muitas vezes, agüentam situações desfavoráveis, não raro conflitantes, que talvez nenhum outro signo suportaria, na defesa de seu compromisso de casamento. Na verdade, acreditam que as melhores soluções são encontradas a dois.

*Hera refletia o mito da poderosa deusa protetora da fecundidade, para quem o marido era apenas o macho fecundador, o que intimidava essencialmente a soberania masculina. Não raro, Zeus manifestava um profundo desprezo pela esposa e a ameaçava com sua ira para afirmar o domínio masculino, o que apenas acentuava sua insegurança e fraqueza.*

As librianas mais ambiciosas, que sacrificam suas carreiras pelo casamento, tentando viver através do marido e da carreira dele, acabam se sentindo excluídas. Inconscientemente, exigem uma intimidade quase simbiótica, como se quisessem estar na pele deles. Tal penetração psíquica é insuportável para os homens, porque traz à tona profundos medos infantis da "mãe devoradora". A reação que os homens costumam ter diante de um poder tão penetrante é defender-se, evitando a intimidade exigida e procurando a companhia de outros homens – ou de outras mulheres, como fazia Zeus.

*Certa vez, Hera tramou uma conspiração contra Zeus com a ajuda dos olímpicos, especialmente de Apolo e Poseidon. O objetivo era tomar o poder. Enquanto as divindades discutiam entre si, decidindo quem assumiria o lugar do Grande Senhor do Olimpo, a nereida Tétis e Briareu, o hecatônquiro, libertaram Zeus. Porque Hera fora a líder da revolta, o deus pendurou-a do*

---

11 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. III, p. 129.

*céu, amarrada pelos pulsos com correntes e com bigornas nos pés. Apolo e Poseidon foram enviados como escravos para o rei Laomedonte, a serviço de quem construíram Tróia. Os outros olímpicos foram perdoados. Só libertou a esposa depois que todos juraram que jamais se insurgiriam novamente.*

*Hera usualmente reagia, a cada nova humilhação, de maneira ativa. Mas, uma vez, cansada de tudo, abandonou o Olimpo, jurando jamais retornar. Zeus, sucumbido com a partida e a separação, resolveu atiçar o ciúme de sua divina esposa anunciando seu casamento próximo com uma princesa local. Tomando, em seguida, uma estátua de madeira, mandou que a vestissem de noiva e colocassem numa carruagem, que percorreu todas as cidades da Eubéia. Ao saber da novidade, Hera, enraivecida com tal impudência, foi ao encontro da carruagem, precipitou-se contra a rival imaginária, rasgou-lhe o vestido e o véu. Quando viu que a outra era apenas uma estátua de madeira, percebeu que havia sido iludida e riu da brincadeira, perdoando Zeus e retornando ao Olimpo.*

Muitas vezes, o casamento é vivenciado, pelos librianos, ou por pessoas com este signo enfatizado em seu Mapa Natal, como conquista de poder. Quando se casam, sentem que somam seus atributos com os do outro e, conseqüentemente, ganham um *status* maior do que sendo solteiros. A união conjugal para eles é um completar-se com o outro; é compartilhar as vicissitudes e o prazer; consideram muito alto o preço da liberdade dos solteiros. Por isso têm dificuldade para viver sozinhos. Sua tendência é entender e perdoar o outro, para manter a relação. Nesse sentido, o arquétipo da Deusa Protetora dos Casamentos é perfeitamente adequado a eles.

*Além das disputas pelo poder, as constantes brigas do casal olímpico teriam um motivo subjacente. Uma vez, discutiram sobre quem teria mais prazer no ato do amor, se o homem ou se a mulher. Como não chegavam a nenhuma conclusão, resolveram consultar Tirésias, que já tivera a experiência dos dois sexos. Hera ficou furiosa, e até cegou-o, porque o adivinho afirmou ser a mulher quem mais usufruía no ato sexual.* Este fato insinua que a deusa, provavelmente, ainda não conhecia os prazeres do amor. Os librianos ficam tão preocupados com tudo o que envolve um relacionamento, que têm muita dificuldade para relaxar e vivenciar o lado mais lúdico do amor. Na verdade, como signo de ar e idealistas, para poderem usufruir, exigem perfeição de detalhes e ambiente adequado em todas as situações que vivem.

*Na Guerra de Tróia, Hera favorecia os gregos sempre que podia. Uma vez, imaginou como poderia iludir Zeus para distraí-lo da batalha e dar vitória aos helenos. O melhor plano que teve foi fazer-se bela e ir ao encontro do marido, no Monte Ida, para seduzi-lo, fazendo-o deitar-se com ela para o amor e depois colocá-lo para dormir, desviando sua atenção. Para conseguir seu intento, fez*

*um verdadeiro ritual de preparação: banhou-se com ambrosia, perfumou o corpo todo, vestiu uma bela túnica, trançou os dourados cabelos e ainda tomou emprestada a cinta mágica de Afrodite. Para convencer a deusa do amor, usou um de seus ardis. Disse-lhe que pretendia visitar Tétis e Oceano, para apaziguar suas infindáveis querelas e fazê-los dormir juntos novamente, reconciliando-os. Diante de tal argumento, Afrodite não podia recusar seu pedido. Tirou a cinta onde estavam gravados todos os seus encantos.*

> "Ali se encontra o amor e a paixão e as palavras persuasivas que perturbam a inteligência, mesmo dos mais sensatos." *Entregou-a para Hera dizendo:* "Põe na cintura esta faixa bordada com sutileza. Nela estão bordadas todas as coisas. Creio que não deixarás de alcançar tudo que teu coração almeje."[12]

As atitudes e o desempenho de Hera nesse episódio podem ser chamados de librianos. As pessoas desse signo, especialmente as mulheres, costumam criar ardis de sedução. Não sabem agir diretamente e com prontidão; precisam criar situações e "clímas" para conseguirem seus intentos. O ritual de preparação da deusa, com todos os enfeites e perfumes, também é próprio dos librianos e das pessoas com este signo, ou seu planeta regente, enfatizados em seus Mapas Natais.

*Hera chegou esplêndida ao Monte Ida. Quando Zeus pôs os olhos nela, o amor e o desejo encheram seu coração, como se a visse pela primeira vez, e convidou-a:* "...vem e que nos regozijemos, deitando-nos junto para o amor, pois jamais o amor por uma deusa ou por uma mulher dominou a tal ponto o coração dentro do meu peito... nem tu mesma, como agora te amo e a doce paixão me domina."[13]

*A deusa argumentou que ali estariam muito expostos. Porém, Zeus tranqüilizou-a:*

> "'Hera, não receies que algum deus ou homem nos veja, eis que lançarei sobre nós uma nuvem dourada. Não nos poderá ver nem mesmo Hélios, cuja luz é a mais forte que existe.' Assim falou o filho de Cronos e tomou sua esposa nos braços. Por baixo deles, a divina Terra fez crescer a tenra erva e orvalhadas flores de lótus, açafrão e jacinto, espessos e macios, que os sustentaram no alto, muito acima do chão. Ali eles se deitaram e, sobre eles, se estendeu uma bela nuvem dourada, de onde gotejava um orvalho cintilante."[14]

---

12 Homero. Op. cit., p. 154.
13 Ibid., p. 156.
14 Ibid., p. 156.

*Depois, Zeus adormeceu, dominado pelo sono e pelo amor. Nesse interim, os gregos, auxiliados por Poseidon, avançaram e, novamente, tomaram a frente da batalha.*

A parte mais importante deste episódio é a celebração do casamento sagrado de Zeus e Hera. Esse rito revela uma concepção mais profunda do casamento pela qual anseiam os librianos.

> "A união de Zeus e Hera é como símbolo da natureza inteira. É por intermédio de ambos, do calor dos raios do sol e das chuvas que penetram o solo, que a terra é fecundada e se reveste de luxuriante vegetação."[15]

A cena remete às cerimônias do Matrimônio Sagrado, o *Hieros Gamos*, que era celebrado em várias culturas antigas, onde a Mãe Terra e o Deus Céu regeneravam o cosmos com seu ato de amor. Erich Neumann defende que, no *Hieros Gamos*, o homem adulto se une a uma mulher de sua própria idade e tipo.

> "Só agora a masculinidade atingiu a maturidade e pode se tornar fecunda; o homem já não é o instrumento de uma Mãe Terra onipotente, mas assume ele mesmo, paternalmente, o cuidado e a responsabilidade pela sua geração, estabelecendo, pela relação permanente com a mulher, a família como o núcleo de toda cultura patriarcal e, mais além, a dinastia e o Estado." [16]

O signo de Libra, sétimo do Zodíaco e primeiro do hemisfério social e público, é considerado o signo do encontro com o outro. Para vivenciá-lo, é preciso ter apreendido as lições dos seis signos precedentes, que se referem ao processo de crescimento pessoal e subjetivo. Vencidas estas etapas, podemos abrir espaço para o encontro verdadeiro com o outro, desde que cada um tenha, no seu processo individual, aprendido a se conhecer e a conviver consigo mesmo. Senão, as relações se estabelecem na base da dependência, da projeção e da conseqüente culpa e cobrança que levam a desfechos muito difíceis e, não raro, trágicos.

O homem e a mulher precisam estar em harmonia psíquica, emocional, afetiva, cultural para viverem um casamento "hierogâmico", onde os opostos se tornam complementares e a construção de um novo caminho e *modus vivendi* se torna possível. Esta é a forma de união com que sonham todos os nativos de Libra.

---

15 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. I, p. 283.

16 Neumann, Erich. *História da Origem da Consciência*, p. 153. Editora Cultrix, São Paulo, 1990.

Os librianos, especialmente aqueles que pertencem à geração de Netuno em Libra (1942/43-1956/57) têm uma séria tendência à idealização dos relacionamentos. Este aspecto manifesta-se em duas formas básicas: numa o companheiro ou a relação são percebidos através de uma forma idealizada e projetada. Até o dia em que "caem os véus" e eles se vêem frente a frente com o real, que é muito diferente do idealizado. Nesses casos, a saída usual é a separação e a busca de uma nova situação igualmente idealizada. Este padrão se repete até que a pessoa possa perceber o mecanismo que está usando e libertar-se dele, geralmente através de algum processo terapêutico. No segundo caso, eles criam uma imagem de relação e de companheiro tão ideal que não pode acontecer na vida cotidiana. Eles, então, passam a defender esse modelo como verdade absoluta e como a única forma possível de relacionamento, para si e para os outros. Acabam ficando sozinhos e frustrados, buscando eternamente essa relação que não existe.

Nos dias de hoje, embora as mulheres ocidentais tenham muito mais liberdade e reconhecimento do que as antigas gregas, a estrutura básica do casamento continua praticamente a mesma. Criou-se uma imagem romântica do matrimônio que, na maioria dos casos, não sobrevive ao final da lua-de-mel. O casamento continua valorizando a supremacia patriarcal e não o equilíbrio de forças. O alto índice de divórcios e a opção solitária de muitas mulheres é um grito de protesto contra esse modelo antigo, onde não há espaço para crescimento e cooperação, incompatível com a fase de evolução onde elas se situam.

> "...Mas não existe a outra coisa, o arrebatamento decorrente de reconhecer a contraparte da sua alma na outra pessoa. Foi isso que os trovadores propagaram, o que se tornou, hoje, o ideal de nossas vidas.
> Mas casamento é casamento, você sabe. Casamento não é um caso de amor. Um caso de amor é algo inteiramente diferente. O casamento é um compromisso com aquilo que você é. Aquela pessoa é literalmente a sua outra metade. Você e o outro são um só. Um caso de amor não é nada disso, é um relacionamento que visa ao prazer, e, quando deixa de proporcionar prazer, está acabado. Mas o casamento é um compromisso para a vida e um compromisso para a vida significa a preocupação primordial da sua vida. Quando o casamento não é uma preocupação primordial, você não está casado."[17]

17 Campbell, Joseph. *O Poder do Mito*, p. 210. Ed. Palas Athena, São Paulo, 1990.

# Páris

*Páris era filho de Príamo e Hécuba, reis de Tróia. Nos últimos dias de gravidez, Hécuba sonhou que dava à luz uma tocha que incendiava Tróia. Consultou Ésaco, filho bastardo de Príamo que, inspirado por Apolo, confirmou que a criança seria a ruína da cidade. Os reis, então, entregaram o recém-nascido ao pastor Agelau, ordenando que o abandonasse no Monte Ida, o que foi cumprido à risca pelo fiel servo. Mas, cinco dias após, precisando regressar ao local, o pastor encontrou uma ursa amamentando o menino. Impressionado, Agelau entregou-o aos pastores do Ida para que o criassem.*

*Páris cresceu forte. De excepcional beleza, distinguia-se pela elegância, diplomacia e coragem com que defendia seu gado dos ladrões e dos animais selvagens. Conforme Junito Brandão, recebeu o epíteto de Alexandre, que significa "o protetor dos homens" ou, em outra interpretação mais popular e mítica, "o que protege" o rebanho ou "o homem protegido", por não ter morrido quando foi abandonado.*[18]

*Páris amava e orgulhava-se de seu rebanho. Um dia, num torneio em que atuava como juiz, viu um de seus touros, acostumado a muitas vitórias, ser vencido por outro. Lá do Olimpo, os deuses assistiam o embate, sabendo que o animal adversário era ninguém menos que o grande deus da Guerra, Ares, metamorfoseado, buscando diversão. A imparcialidade do julgamento de Páris, na ocasião, declarando seu próprio touro perdedor, fez com que Zeus o designasse para juiz numa questão tão delicada, que nem os próprios deuses ousavam julgar.* Essa passagem mostra-nos um dos pontos mais importantes do arquétipo de Libra: a Justiça. Sem dúvida, o libriano possui um belo ideal de Justiça. Sabe, como Páris, ser altruísta, mesmo contra seu próprio interesse. No entanto, para julgar uma causa onde entram outras partes interessadas, recua ou vacila, tentando a diplomacia. Necessita ser pressionado para decidir, porque não quer desagradar nenhuma das partes.

*Tudo começou quando Éris, a Discórdia, não convidada a participar da grande festa de casamento de Tétis e Peleu, deixou cair, no local da cerimônia, uma maçã de ouro com a mensagem: "à mais bela das deusas". Na festa estavam todos os deuses, inclusive Hera, Atena e Afrodite. Nenhum dos deuses se atreveu a assumir a responsabilidade da escolha. Diante do impasse, Zeus incumbiu Hermes, seu mensageiro, de conduzir as três deusas ao Monte Ida, onde um jovem, tão belo quanto sábio nas questões do coração, saberia,*

18 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. I, p. 107.

*certamente, decidir. Páris, temeroso e esquivo, usou de toda sua diplomacia para fugir da tarefa que lhe fora delegada, porque sabia que incorreria na ira de duas deusas, não importando a escolha que fizesse. Hermes convenceu-o dizendo ser uma ordem de Zeus, e as deusas, da parte delas, prometeram não se vingar.*

*Vendo a diplomacia fracassar, Páris usou, então, a elegância estratégica* — outra das armas da Libra. *Propôs, galantemente, a divisão em partes iguais do pomo da discórdia, dizendo-se incapaz de decidir perante tanta beleza. Mas Zeus não aceitou evasivas e ordenou que a escolha fosse feita. Sem saída, o pastor pediu que cada uma das deusas se despisse.*

> "Afrodite ficou pronta em poucos segundos, mas Atena insistiu que ela devia tirar o célebre cinto mágico, que lhe dava uma vantagem desleal pois toda a gente se enamorava por quem o usasse. 'Muito bem', respondeu Afrodite num tom rancoroso. 'Eu tiro, desde que tu tires também o teu capacete — ficas medonha sem ele.'"[19]

*Cada deusa, então, para ser eleita, ofereceu-lhe proteção e dons particulares. A primeira a ser julgada foi Hera* "...saracoteando-se lentamente ao redor dele para exibir suas formas esplendorosas..."[20] *Ofereceu-lhe todo o reino da Ásia e torná-lo o homem mais rico do mundo. Secamente Páris recusou a tentativa de suborno. Depois foi Atenas,* "...aproximando-se com uma rapidez premeditada".[21] *Prometeu-lhe a sabedoria e a vitória em todas as batalhas, bem como conservá-lo belo. O pastor confirmou sua condição humilde, acrescentando não ser soldado.*

*Por último, apresentou-se timidamente Afrodite,* "...e Páris corou de tão perto que ela se chegara, quase ao ponto de se tocarem".[22] *Muito sedutora, inicialmente elogiou a beleza do pastor e lastimou que uma pessoa tão bonita estivesse no campo, guardando rebanhos. Sutilmente, a deusa sugeriu que ele deveria estar morando na cidade, e, de preferência, com Helena de Esparta, que era tão bela e não menos apaixonada do que ela própria. Para finalizar, com chave de ouro, seu plano, prometeu ao pobre e ingênuo camponês que o ajudaria a conquistar o amor de Helena, vencendo todos os obstáculos, inclusive Meñelau, o marido. Sem hesitar, Páris escolheu Afrodite, entregando-lhe a maçã de ouro.* A deusa do amor utilizou armas librianas para defender

19 Graves, Robert. Op. cit., Vol. 3, p. 105.
20 Ibid., p. 105.
21 Ibid., p. 106.
22 Ibid., p. 106.

seus interesses: a sedução, os elogios, a estratégia. Usou apelos que agradam aos librianos: a vida na cidade, o amor e a beleza de uma mulher, o casamento e a cumplicidade para vencer os obstáculos. Como não lhe interessava apenas o poder e a riqueza (Hera), nem tampouco somente o poder e a sabedoria (Atenas), Páris preferiu o amor (Afrodite), mesmo sabendo que seria de uma mulher casada.

> "Com este desfecho de sua arbitragem, Páris incorreu, como não podia deixar de ser, na ira e no ódio surdo de Hera e Atena, que partiram, de braço dado, para arquitectarem a destruição de Tróia; enquanto isto, Afrodite, com um sorriso travesso nos lábios, deixou-se ficar pensando na melhor maneira de poder cumprir a sua promessa."[23]

*Um dia, os servidores de Príamo foram buscar, no rebanho de Páris, um touro que seria o prêmio nos Jogos Fúnebres organizado em memória e honra do filho sacrificado do rei, ou seja, Páris. Decidido a recuperar o touro, o herói resolveu participar das provas. Competindo com os irmãos, venceu-os todos. Deífobo, inconformado em ser vencido por um simples pastor, tentou matá-lo. Páris se refugiou no altar de Zeus. Então, sua irmã Cassandra, a profetisa, o reconheceu e Príamo, feliz, ofereceu-lhe não apenas o touro, mas também o lugar que lhe cabia no palácio real.*

*Páris não se esqueceu da promessa de Afrodite e, além de lhe oferecer preces diárias, esperava uma oportunidade para viajar a Esparta. Coincidentemente, Príamo desejava trazer de volta a Tróia Hesíone, sua irmã que se encontrava na Grécia. Páris, astuciosamente, ofereceu-se para comandar a expedição, desde que Príamo lhe providenciasse tudo o que fosse preciso, argumentando que, caso não conseguisse resgatar Hesíone, traria uma outra princesa grega para servir de refém daquela.* Os librianos têm dificuldade de agir diretamente para alcançar suas metas. Usam a astúcia para, rapidamente, elaborarem um plano de ação, geralmente envolvendo outras pessoas, para então conquistarem seus objetos de desejo.

*Curiosamente, neste mesmo dia, Menelau, o marido de Helena, chegou a Tróia a fim de oferecer sacrifícios, conforme o oráculo lhe aconselhara. Páris, ardilosamente, pediu a Menelau que o recebesse em Esparta, para purificá-lo da morte acidental do jovem Anteu. Cassandra e Heleno, irmãos de Páris, e ambos videntes, previram uma tragédia nesta aventura, sem conseguirem ser ouvidos. Mesmo Enone, curandeira e também vidente, e com quem Páris vivia*

23 Ibid., p. 106.

*até então, tudo fez para dissuadi-lo dessa viagem. Não conseguindo, pediu-lhe por fim que, caso fosse ferido, voltasse pois só ela poderia curá-lo.*

*Em Esparta foi recebido hospitaleiramente por Menelau. Pouco tempo foi necessário para que Helena, sob a influência de Afrodite, se apaixonasse por Páris. Na ausência do marido, fugiram com todo o tesouro que puderam carregar. Ao chegarem a Tróia, o casal foi muito bem recebido por Príamo, que ficou encantado com a beleza de Helena. Iris, a deusa-mensageira de Hera, avisou Menelau e este, junto com Ulisses, tentou resolver pacificamente a questão, indo a Tróia para reclamar Helena e os tesouros.*

*Páris, no entanto, recusou-se a devolver o que havia roubado, incitando, ainda, os troianos a matarem Menelau. Porém, não conseguiu seu intento e desencadeou a Guerra, que durou 10 anos e destruiu Tróia.* O ponto forte do arquétipo libriano é a opção pelo amor. Por este eles são capazes das maiores loucuras, como desencadear uma guerra, por exemplo. A sombra ariana pode levá-los aos maiores desatinos nesse assunto: largam um antigo relacionamento pelo novo amor, comprometem-se com pessoas já comprometidas, e podem até terminar vítimas da morte. "Tudo pelo amor" – eis o seu principal lema.

*Durante a Guerra, o antes corajoso pastor se mostrou um covarde. No primeiro confronto com Menelau, Páris, apavorado, se escondeu no meio dos troianos. Incitado por Heitor, que estava bastante enojado com sua conduta, enfrentou Menelau, novamente, e foi derrotado. Só não morreu por causa da proteção de Afrodite que, envolvendo-o numa nuvem densa, o levou para o quarto de Helena. Esta já não suportava o anti-heroísmo de seu raptor e estava arrependida de ter abandonado seu lar.* Os librianos costumam ter dificuldades para enfrentar fisicamente seus adversários. Alguns chegam mesmo a ser covardes, preferindo fugir do que lutar. Porque funcionam num nível mais racional, não confiam na sua força física. Brilhantes no discurso, seduzem pela palavra e pelas atitudes gentis. Dão ao outro a impressão que serão maravilhosos em todos os sentidos; porém, na hora da ação, podem se tornar decepcionantes.

*Novamente, Heitor, numa postura bastante enérgica para com Páris, conseguiu levá-lo de volta ao combate. Dessa vez, um pouco mais vigoroso, Páris matou Menéstio, e feriu Diomedes, Macáon e Eurípilo. Sua última e traiçoeira façanha foi a morte de Aquiles. Quando este, desarmado, foi ao templo de Apolo, Páris, escondido atrás da estátua do deus, acertou uma flecha em seu único ponto vulnerável, o calcanhar.* Nesse caso, Heitor agiu como a sombra da Libra, o Áries, que o impulsionou à luta. Muita vezes os librianos precisam de uma "chifrada do carneiro" para entrarem em ação.

*Durante a batalha, ferido mortalmente por Filoctetes, Páris procurou desesperadamente Enone que, amargurada, demorou a ajudá-lo. Quando o*

*fez, já era tarde demais. Páris então morreu, sob a frieza e o desprezo de Helena.*

A Libra busca um ideal platônico de justiça. Mas, para tal, precisa antes de tudo promover a integração dos opostos internos, para que os sentimentos duais de ética e moralidade não atraiam, para sua vida, o prato negativo da balança. Não está apenas conectada com a busca do amor ideal, do casamento ideal e da sociedade ideal. Sua verdadeira função é promover o equilíbrio entre os opostos, reunir coisas e pessoas que de outro modo lutariam entre si, sem se entenderem. Com seu grande dom para a diplomacia, Libra compreende os dois lados e pode agir como intermediária, porque reconhece essa dualidade em si mesmo.

Ela busca a paz, seja do indivíduo, do grupo ou da sociedade como um todo. Vivendo profundos conflitos internos entre o intelecto e a emoção, a espiritualidade e o materialismo, o feminino e o masculino, que representam os conflitos arquetípicos da humanidade, o libriano procura intensamente o caminho do meio. Precisa buscar o elo de união entre os dois pólos e entender que ambos são necessários à Harmonia Universal.

# Dos Mitos do Escorpião

No oitavo signo enfrentamos o Escorpião. Este é um signo de elemento **água**, porém esta água é de essência ígnea, como o petróleo. Na natureza ele é representado pelas águas mais profundas, pelos **rios subterrâneos,** pela lava dos vulcões e por todos os animais de rapina. Lugares como pântanos, mananciais de lama, depósitos de lixo, usinas de reciclagem, poços de petróleo e cavernas subterrâneas são imagens metafóricas deste signo. No corpo humano, Escorpião rege os órgãos genitais internos e os excretores.

O segundo eixo do zodíaco, composto por Touro e Escorpião, é a Matéria Criada.

Na Antigüidade, para os egípcios, caldeus e hebreus o signo de Escorpião era representado por uma serpente, símbolo arquetípico que sintetiza a essência deste signo. A serpente muda de casca ciclicamente e os povos antigos pensavam que ela era imortal e capaz de constante auto-renovação. É um dos mais antigos símbolos de sabedoria oculta. Porque se move entre as raízes, ela conhece os segredos das plantas e de toda a natureza. Tem duas faces, uma obscura e a outra iluminada.

Há outras criaturas que também representam este signo. A Águia Branca que, sem deixar de ser uma ave de rapina, tem o poder de alçar os mais altos vôos a caminho da luz. O dragão, que nasce a partir da mistura da serpente com a águia e simboliza a síntese, a integração do reino das sombras com o reino da luz. E a **Fênix**, ave mitológica, que se consome em fogo, vira cinzas e delas renasce. Toda vez que deseja atingir um pico superior, a Fênix repete este rito. Assim, nasce, morre e renasce infinitamente, como faz o Escorpião em sua trajetória.

Escorpião é regido por **Plutão**. Entre suas principais características estão: o magnetismo, a perspicácia, a capacidade de ver além dos véus, a desconfiança, a perseverança, a obstinação, a riqueza de recursos e a eterna busca de transformação. Assim como a serpente com suas duas faces, o Escorpião possui um grande poder que tanto pode ser usado para o bem como para o mal, para a cura ou para a destruição. Sua vida obedece a ciclos permanentes de construção, morte e renascimento.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Hades

*Era filho de Cronos e Réia e irmão de Zeus. Quando este fez a partilha do Universo, Hades recebeu o Reino dos Ínferos e dos Mortos para governar, tornando-se o* ***deus dos Ínferos****. Seus súditos eram os mortos e seu atributo, a invisibilidade, que mantinha graças ao capacete mágico que recebeu dos Ciclopes na Guerra dos Titãs.* Hades, em grego, significa invisível.

O reino dos Ínferos, também chamado de Hades, não deve ser confundido com o Inferno dos cristãos e nem seu soberano, Hades, com o demônio. É preciso descer aos próprios subterrâneos para conhecer esse reino. A maioria de nós só entra nessa dimensão interna quando somos "empurrados" por algum evento externo muito significativo. A possibilidade da perda, ruptura ou morte de algo muito valioso, que pode ser um relacionamento, um objetivo ou alguém muito querido, coloca-nos em contato imediato com o nosso mundo subjetivo e inconsciente, reino do Escorpião.

*No princípio, esse deus era representado como divindade agrícola, com traços muito suaves, segurando a cornucópia – o símbolo da abundância. Nos mistérios de Elêusis, ritos comemorativos da fertilidade, das colheitas e das estações, Hades era celebrado juntamente com Deméter, a deusa da Agricultura.*

Segundo a psicologia analítica junguiana, armazenamos no mundo das sombras, o inconsciente, tudo aquilo que julgamos inaceitável para nós e para os outros – pensamentos, ações, atitudes e sensações. Este aspecto corresponde ao Tártaro para onde foram enviados os Titãs derrotados e todos que ofenderam o Olimpo. Porém Jung considera que existe muito potencial positivo, pronto para vir à consciência, mas que guardamos na sombra com medo de trazê-lo à luz. Esse material representa as riquezas subterrâneas associadas com Hades. Seu nome romano, **Plutão**, significa "o que traz abundância e riqueza".

*Hades não era cultuado em templos e foi pouco reproduzido em obras artísticas, porque era muito temido, tanto pelos deuses quanto pelos mortais. Esse medo era tão grande, que mesmo seu nome era evitado e expresso em vários eufemismos: Toophonios, "o que torna a terra mais fértil"; Klymenos, "o ilustre"; Eubuleu, "que dá bons conselhos"; Polidectes, "o que acolhe muitos hóspedes" (os mortos). A sua invocação era feita através de batidas no solo com as mãos ou com varas, ou através de sacrifícios de carneiros ou cabras negras.*

Por ser invisível, suas imagens eram uma transposição da figura de Zeus. Isso mostra que era tão poderoso quanto seu irmão, embora seu reinado fosse nos subterrâneos. Numa de suas poucas representações, na Vila Borghese em

Roma, aparece de cenho franzido, sinistro, cabelos desordenados e barba longa. Veste túnica e manto vermelhos e está acompanhado de Cérbero, o cão. Os elementos que compõem o Reino dos Ínferos simbolizam o caminho para o próprio interior, a descida ao próprio subterrâneo e ao inconsciente coletivo. Hades, o grande Senhor dessas profundezas, assusta tanto quanto elas mesmas.

*Após a morte, todos precisavam cumprir um ritual de entrada ao Reino dos Ínferos. Uma moeda de ouro era colocada sob a língua do morto para pagar ao sinistro barqueiro Caronte, que fazia a travessia do rio Estige, cheio de perigos e de águas venenosas. Chegando ao outro lado, o morto transformava-se em fantasma.* Esse ritual significa despojar-se das honras do ego, aceitar seu desnudamento e esvaziamento. O Estige, rio de ódio e venenos que rodeia os Ínferos, representa o túmulo profundo do ressentimento humano, e também confere a imortalidade.

*Na entrada dos Ínferos, encontrava-se Cérbero, o terrível cão de três cabeças, que obedecia somente às divindades infernais, não deixava os fantasmas fugirem e nem os vivos entrarem. Para acalmá-lo, jogava-se uma fatia de pão e, enquanto as cabeças lutavam entre si, as almas eram levadas a julgamento.*

*Eram três juízes: Minos, julgava os casos mais difíceis; Radamanto, as almas vindas do oriente; Éaco, as almas européias. A eles cabia determinar para onde as almas deveriam seguir. O Tártaro, campo de punição situado atrás do palácio de Hades, era quente e cercado pelas chamas do rio Flegetonte. Para lá eram enviados aqueles que cometiam grandes crimes, especialmente contra os deuses.* O Tártaro representa a escuridão, a ganância e a patologia humanas. Abrange a doença, a crueldade e a obsessão.

*Os muito bons eram mandados para um portão perto do lago da Memória (Mnemósina), entrada dos Campos Elísios. O Elísio possuía uma temperatura amena, brisas suaves e constante felicidade. Os jogos, a música e a diversão eram eternos. Era a morada dos heróis e daqueles que respeitavam as ordens divinas. Estes podiam visitar a Terra, mesmo sem serem invocados na Noite das Almas e, se quisessem, poderiam aninhar-se dentro de uma vagem com a esperança de serem comidos por alguma moça saudável, rica e bondosa que mais tarde lhes daria à luz. Por isso, naquele tempo, nenhum homem decente comia vagens: temia engolir o fantasma de algum parente.*

*A região mais próxima do Tártaro era o Campo dos Asfódelos, um tipo de narciso alto e rosado que crescia entre as pedras. Para lá iam aqueles que não eram bons nem maus. Alguns gostavam de se alimentar do sangue que escorria dos vivos para ter a sensação de vida. Outros tomavam as águas do Letes, o lago do esquecimento e, assim, apagavam suas vidas passadas. Alguns fantasmas conheciam uma senha secreta transmitida pelo poeta Orfeu, que lhes*

*permitia beber em Mnemósina, conversar sobre suas encarnações e prever o futuro. Hades, em troca do sacrifício de um porco, deixava que esses fantasmas fizessem contato com seus descendentes para responder-lhes alguma consulta. Ele também permitia àqueles que estavam prontos para reencarnar que mergulhassem no Letes, lá deixando a lembrança dos tormentos.* Esta é a força do planeta Plutão sobre a memória kármica das almas que é sintetizada no essencial. Sua influência regula a intensidade psíquica de cada lembrança, em função da necessidade de transformação exigida.

*No meio destes campos ficava o Érebo, a morada das sombras, para onde seguiam a maioria das almas. Era uma vasta planície subterrânea, onde os mortos vagavam por toda a eternidade, sem dor nem alegria. A regra era a apatia geral. Lá estava situado o gélido e altíssimo palácio de Hades e Perséfone, de onde ele podia observar e controlar tudo o que acontecia em seu reino.*

*Havia, ainda, a Terra da Fortuna, onde ficavam aquelas almas que já haviam encarnado muitas vezes e conquistado, pelo menos três vezes, um lugar nos Campos Elísios. Elas não precisavam mais encarnar, a não ser que escolhessem cumprir alguma missão, pois já tinham atingido um grau de evolução que as tornava donas de seu destino.*

Um aspecto do Escorpião bem representado no mito de Hades, é o caráter recluso. Um nativo deste signo que, em função de circunstâncias externas ou de seus próprios traços pessoais, tenha escolhido viver em reclusão – que pode ser num mosteiro ou sozinho num apartamento em alguma região obscura da cidade – encontra uma espécie de Ínferos onde estabelece seu reino. Se tiver boa saúde e suas necessidades básicas satisfeitas, ele pode viver contente em sua solidão, preferindo passar relativamente desapercebido, sem se incomodar com as vicissitudes da vida social. Um outro tipo de Escorpião recluso pode ter experimentado as diversidades da vida comunitária e ter decidido que prefere a subjetividade e riqueza do seu mundo interior.

*Hades contava com um séquito de divindades infernais para auxiliá-lo. O tribunal dos Ínferos estava sempre povoado graças a Tânatos, a Morte, seu principal auxiliar. A atuação de Tânatos dependia da Grande Deusa Fatalidade, chamada a "Poderosa Parca", força superior aos deuses e aos homens. Esta Moira Universal dividiu-se, após as epopéias homéricas, em três: Cloto, a fiandeira, que segurava o fuso e puxava o fio da vida; Láquesis, que media o fio e sorteava o nome de quem devia morrer; Átropos, "aquela de quem não se podia fugir", que cortava o fio da vida.*

*Decidida a hora da Morte, Tânatos enviava as Queres para executarem a determinação. No caso de crimes contra pessoas da família, as enviadas eram as Erínias, três deusas negras, aladas, com cabeleiras eriçadas de serpentes e*

*levando nas mãos tochas e açoites. Sua função era proteger a ordem social e punir todo ato que desagregasse a família, sustentáculo da sociedade. Impediam também que os profetas e adivinhos revelassem o futuro com clareza, pois conhecê-lo representava a perturbação da ordem.*

*Tanto Hades quanto seu séquito de divindades eram temidos por todos, deuses e mortais. Ainda assim, alguns poucos enfrentaram o grande risco de descer aos Ínferos, mesmo sabendo que seu retorno não era garantido. Afrodite ordenou à jovem Psiquê, como última de suas tarefas heróicas, que fosse aos Ínferos trazer um cofre onde Perséfone guardava seu ungüento de beleza. Cumprida a jornada, Psiquê pôde resgatar o amor de Eros. O poeta Orfeu, tendo o amor como motivação, também desceu aos Ínferos buscando Eurídice. Odisseu precisou ir ao Hades para obter de Tirésias (o vidente cego) a informação que necessitava para encontrar o caminho de casa. Hermes, o mensageiro dos deuses, assim como Íris, a deusa mensageira menos conhecida, eram os únicos olímpicos com livre acesso ao Hades.*

Na vida, como no mito, algumas pessoas podem descer aos Ínferos e retornar. Geralmente essas pessoas têm o signo de Escorpião ou o planeta Plutão enfatizados em seus Mapas Natais. Algumas podem acompanhar ou guiar as almas, e outras estão em contato periódico com este reino. É o caso dos terapeutas que lidam com doentes terminais ou que trabalham em manicômios; dos psicoterapeutas que acompanham seus pacientes em suas jornadas interiores, e dos médiuns que ajudam nos ritos de passagem desta para outra vida. Porém, para exercer essas funções, é preciso ter feito, primeiro, viagens individuais aos próprios subterrâneos para poder ajudar outras pessoas nesse processo. Depressões e experiências próximas à morte costumam ser iniciações de acesso aos Ínferos. Depois delas, como se dizia dos iniciados nos mistérios Eleusinos, experimenta-se o retorno à vida e perde-se o medo da morte.

*Hades reinava sozinho nos Ínferos, jamais subia à Terra, nem ao Olimpo, vivia pleno em sua solidão. Sua atitude representava um desafio para Afrodite, a deusa do amor. Então, ela ordenou a Eros, seu filho, que o acertasse com uma de suas flechas para que o deus se apaixonasse pela primeira jovem que visse. Esta foi Perséfone, a meiga filha de Deméter e Zeus. Desejou-a como esposa, então pediu a Zeus que intercedesse a seu favor. O Senhor do Olimpo não querendo indispor-se com a possessiva Deméter, evasivamente aconselhou Hades a aguardar uma oportunidade favorável. Este entendeu que deveria realizar sozinho seu intento. Porém, não conhecendo formas brandas de agir, e sem nenhuma prática no trato com as mulheres, engendrou o rapto.*

O caráter escorpiônico é profundo, possessivo, obstinadamente cego em relação a metas, oculto e sutilmente manipulador. Reina absoluto e se move, sempre, nos subterrâneos e nas profundezas, agindo por trás do pano. Difícil de

ser compreendido pela lógica humana, age por compulsões, em alguns casos, arrebatadoras. É visceralmente inquieto e radicalmente insatisfeito, o que facilita sua busca de transformação. Usa, como ninguém, mecanismos de repressão interna, porque teme que as lembranças mais profundas, desta ou de outras vidas, irrompam do inconsciente com a forma destruidora de uma erupção vulcânica.

*Perséfone passeava no campo, colhendo flores, em companhia de outras jovens, quando foi atraída por um belo narciso solitário à beira do lago, que havia sido colocado ali para chamar sua atenção.* Narcisos simbolizam a busca da própria identidade. *Afastou-se das amigas e debruçou-se para apanhar a flor. Nesse momento, a terra se abriu a seus pés e do abismo emergiu Hades, em sua carruagem puxada por fogosos cavalos negros, que arrebatou a jovem e retornou às profundezas. Perséfone clamou aos céus pedindo ajuda a Zeus, que ignorou seus gritos. A terra fechou-se novamente como se nada tivesse acontecido.*

*Nos Ínferos, Perséfone sofria imaginando que jamais poderia retornar à Terra e à luz do dia, e que jamais veria novamente sua mãe. Diante da ameaça de Deméter de abandonar suas funções de protetora da fertilidade da Terra, Zeus enviou Hermes para resgatar a jovem. Perséfone, que estava profundamente deprimida, recusando-se a comer e a participar de qualquer atividade, ficou muito feliz com a chegada do mensageiro e com a possibilidade do retorno. Distraída, aceitou e comeu as sementes de romã que Hades, sorrateiramente, lhe ofereceu antes da viagem. Com isso, selou seu vínculo inexorável com ele. De volta à Terra, junto com a mãe, compreendeu a armadilha. Diante disso, Zeus foi chamado para resolver o impasse. Ficou decidido que a cada primavera a jovem viria para a companhia da mãe, e no outono voltaria aos Ínferos, onde reinaria ao lado de Hades.*

A relação de Hades e Perséfone representa o amor escorpiônico. Sua principal característica é a fusão, que não permite uma dialética entre o Eu e o Tu, mas os leva a serem um a extensão do outro. Esta se dá no nível do corpo, da mente, da alma e, até mesmo, da próxima vida. O intenso magnetismo da fusão gera sentimentos contraditórios: há um imenso terror e, ao mesmo tempo, a busca de união. Isto provoca muita tensão, a ponto de exigir, muitas vezes, separações periódicas. Se a relação for mantida num nível muito primitivo, pode detonar a liberação do lado mais cruel de seus participantes. Então, o relacionamento se torna patológico, imperando o ciúme doentio, a dominação sexual, a paixão descontrolada e a luta de poder sem escrúpulos. Porém, esta fusão – em seu sentido superior – simboliza a libertação dos padrões rígidos do passado, que precisam ser eliminados para que as pessoas envolvidas possam tomar as rédeas do próprio destino.

A sexualidade do Escorpião é muito forte e complexa. Pode levá-lo desde a vida celibatária de um monge até a prostituição. Porém, quando o equilíbrio é encontrado, ele estabelece uma conexão de alma com o ser amado que pode se tornar uma poderosa vivência iniciática dos mistérios da vida e da morte, através de experiências de múltiplas sensações e do êxtase sexual. Precisa encontrar um parceiro para amar e ser amado, porque também busca uma relação estável e duradoura. O casamento tem um papel crucial na determinação do rumo de sua vida. Sem o matrimônio, ele permanece solitário, até recluso. Porém através da união, ele se torna parte da família e da comunidade, e seu cônjuge passa a intermediar entre seu modo, praticamente inacessível aos outros, e a vida social. Como Perséfone, que passou a intermediar entre o reino de Hades, interno, oculto, subjetivo e o mundo externo, ensolarado e objetivo.

A disputa entre Deméter e Hades, sintetiza o eixo Touro-Escorpião. A Física *versus* a Química; a necessidade de preservar *versus* a necessidade de transformar. Deméter representa a fertilidade que permite a procriação e a preservação das espécies. Hades quer a transformação, que permite a evolução tanto do físico quanto da alma. Este episódio nos ensina que, se não soubermos abrir mão de nossas posses afetivas ou materiais no momento requerido, acabaremos sendo forçados a fazê-lo pelas circunstâncias do destino ou pela força da sombra.

Como Hades na relação com Perséfone, o Escorpião é capaz de comprometer-se completa e profundamente com aqueles que ama e com as causas que abraça. Este signo ilumina o caminho de novas descobertas e formas de vida, que requerem muita força de vontade e um profundo desejo de transformação. Vencida a resistência, experimenta-se uma sensação de renascimento, regeneração e liberação dos apegos do passado. Em outras palavras, com o Escorpião, temos a chance de liberar a energia usada para reprimir conteúdos e utilizá-la de forma mais integrada e criativa. Este talvez seja o maior desafio e meta deste signo.

## Orestes

*Orestes pertencia a linhagem dos Átridas, sobre a qual pesavam inúmeras maldições resultantes de assassinatos, esquartejamentos, estupros, traições e outros crimes cometidos entre membros da mesma família. Tudo começou quando Tântalo, um riquíssimo rei da Lídia, filho de Zeus, serviu seu filho Pélops, em pedaços, num banquete oferecido aos deuses. Estes logo perceberam a atrocidade e ressuscitaram Pélops. Tântalo foi punido com a ruína de seu reino e com o eterno tormento no Tártaro, consumido perenemente pela*

*fome e pela sede. Daí por diante, por mais três gerações, todo tipo de violência foi cometida pelos descendentes dessa linhagem.*

Desde o começo da trama encontramos episódios característicos de Escorpião: o primeiro deles, que detona a seqüência de vinganças familiares, maldições consecutivas e enganos homicidas, é a morte e renascimento de Pélops, tal como a Fênix, que se destrói em fogo e renasce das cinzas para um novo vôo.

*Agamêmnon, pai de Orestes, era o rei de Micenas. Seu primeiro ato, ao assumir o reino, foi declarar guerra à Tântalo, rei de Pisa. Numa das batalhas, matou o rei e o herdeiro recém-nascido. Depois, forçou a viúva Clitemnestra a desposá-lo.* Já sabemos que as formas brandas de conquista não são táticas do Escorpião. Este casamento obedeceu a uma espécie de rapto e imposição, temas muito conhecidos do oitavo signo. Portanto, sua conseqüência trágica era inevitável. *Dessa união, além de Orestes, único filho homem e caçula, nasceram Electra, Ifigênia e Crisótemis.*

*Quando o príncipe Páris raptou Helena, esposa de Menelau, irmão de Agamêmnon, desencadeando a Guerra de Tróia, os dois irmãos partiram para a luta. Na viagem enfrentaram uma enorme calmaria. Foi profetizado que só poderiam se fazer ao mar depois do sacrifício da primogênita de Agamêmnon. Este, a princípio, recusou-se, mas acabou cedendo aos argumentos de Menelau e mandou buscar a bela Ifigênia, que aceitou morrer pela glória da Grécia.*

*Agamêmnon ficou ausente por dez anos. O governo de Micenas ficou nas mãos de sua esposa. Nesse tempo, vivia no reino Egisto, primo e inimigo mortal do rei, que tudo fazia para conquistar Clitemnestra. A rainha, por sua vez, tinha poucas razões para gostar do esposo: primeiro, ele matara seu marido e filho recém-nascido, forçando seu casamento; depois partiu para uma guerra que parecia nunca ter fim e, o que lhe parecia mais difícil de aceitar, sacrificara Ifigênia em nome de seus próprios interesses. Ela tornou-se amante de Egisto e juntos tramaram um plano para liquidar Agamêmnon, quando este voltasse da guerra.*

*Zeus mandou Hermes avisar Egisto que desistisse desse projeto sanguinário, porque Orestes, quando crescesse vingaria o pai. Apesar de toda a eloqüência do deus mensageiro, Egisto não desistiu de seus intentos e a vida de Orestes passou a correr perigo. Com a ajuda de sua irmã Electra, foi enviado — clandestinamente — para a Fócida, para ser criado pelo rei Estrófio, casado com Anaxíbia, irmã de Agamêmnon.*

*Após os dez anos de guerra, Agamêmnon voltou em triunfo a Micenas. A astuta Clitemnestra recebeu o marido com todas as honras. O rei ficou encantado com toda essa recepção e não percebeu a armadilha. Quando saía do banho, a esposa aproximou-se como se fosse envolvê-lo com uma toalha e, ao invés disso, prendeu-o numa rede como um peixe. E assim, Egisto pôde*

*dar-lhe duas facadas, mas foi Clitemnestra quem cortou-lhe a cabeça com um machado. Depois de toda essa tragédia sangrenta, a rainha reconheceu o amante como seu legítimo esposo e os dois reinaram durante sete anos.*

Plutão rege o lado arcaico e cruel da humanidade que aparece neste mito de forma clara, sem máscaras. Suas conseqüências funestas geram a necessidade da redenção. A missão maior dos personagens é extirpar o mal e resgatar o equilíbrio. Sua inconsciência leva-os a repetirem um eterno círculo vicioso de apegos emocionais, impulsos vingativos e tendências compulsivas, muitas vezes transpostos de outras vidas. É essa a atuação de Clitemnestra e Egisto. Cumprido o seu papel, podem ser exterminados.

*Orestes, já crescido, consultou o Oráculo de Delfos, para saber o que deveria fazer frente ao crime. Apolo, autorizado por Zeus, mandou-o executar a vingança.*

"Tu tens que derramar sangue por sangue.
Não pagaria o que os dois te devem
Toda a riqueza que no mundo existe."[1]

No nível mais primitivo, o signo de Escorpião apresenta um tipo de consciência que pode ser chamada "olho por olho, dente por dente". Nesse nível, o amor e o dinheiro são igualados, i.e., o valor subjetivo é quantificado. No caso de Orestes, sua dor seria aplacada pelo sangue dos assassinos.

*Cumprindo a ordem de Apolo, Orestes retornou a Micenas, acompanhado de seu primo, Pílades. Dias antes de seu regresso, sua mãe, atormentada pelo fantasma de Agamêmnon, teve um sonho terrível. Sonhou que tinha dado à luz uma serpente, que tomou em seus braços e embalou como se fosse uma criança, dando-lhe o seio para mamar. Os dentes da cobra feriram-na e aquela sugou leite com sangue. A rainha despertou num grito desesperado e, imediatamente, ordenou a sua filha Electra que fosse com as coéforas fazer libações no túmulo do rei assassinado.*

A serpente, símbolo escorpiônico de transformação, emerge do inconsciente da rainha sinalizando a necessidade de fechar um ciclo, respeitando o morto, fazendo-lhe libações e desta forma, simbolicamente, libertando-se de um apego do passado. As pessoas desse signo, ou que o tenham enfatizado em seu Mapa Natal, possuem uma capacidade de percepção instintiva inata, que é um dom de intuição psíquica. Esta pode se manifestar através dos sonhos, da imaginação e até mesmo do "faro" para fechar um bom negócio. Este dom é um poder de

1 Ésquilo. *A Trilogia de Orestes*, p. 92. EDIOURO. Rio de Janeiro, 1988.

sintonia com os Ínferos, de onde a informação vem para a consciência, muitas vezes de forma misteriosa e quase imperceptível.

*E foi no cemitério, junto ao túmulo do pai, que os irmãos se reencontraram. Orestes contou a Electra sobre a ordem de Apolo e seu plano de vingança. Ao saber do sonho de Clitemnestra, ele compreendeu a profecia e fez a seguinte interpretação:*

"Tudo isso quer dizer que essa mulher
Que gerou e criou tão feio monstro,
Deve ter e terá morte violenta.
É mister, pois, que a minha natureza
Seja mudada, e em víbora eu me torne!
É o sonho que o ordena! O assassino
Tenho de ser dessa mulher por força."[2]

*Disfarçado de mensageiro do rei Estrófio, que vinha anunciar sua própria morte e saber que destino daria a seus restos mortais, Orestes conseguiu penetrar no palácio. Foi tudo muito fácil e rápido, como se a cena tivesse sido ensaiada durante muito tempo e os atores quisessem terminar logo para voltar para casa.*

*Egisto foi o primeiro a ser morto. Quando ouviu o alvoroço, a rainha correu para saber o que acontecia. Um escravo informou que seu marido fora assassinado:*

"É que o morto está ressuscitando
Para matar os vivos!"[3]

*Clitemnestra logo entendeu a que o escravo se referia e ordenou:*

"Corre, traze-me uma arma. E agora
É vencer ou morrer! A longa história
Chegou ao seu final inevitável."[4]

*A morte da rainha foi um episódio trágico. Aqui reproduzimos a descrição de Ésquilo:*

2 Ibid., p. 105.
3 Ibid., p. 116.
4 Ibid., p. 116.

"Embainhes esta espada, filho meu!
Orestes não se mexe; Clitemnestra ajoelha-se.
Olha para este peito, meu filhinho,
Nele dormiste muitas vezes e dele
Sugaste o leite que te deu a vida,
Sugaste o leite que te deu a força."[5]

*Diante desse apelo, Orestes vacilou. Porém, Pílades lembrou-lhe da ordem de Apolo e sua irmã olhava-o de forma fria e imperativa. Antes de morrer, a rainha lançou-lhe mais uma terrível ameaça:*

"Cuidado, então, com as vingadoras Fúrias
Que seguirão a maldição materna."[6]

*Ao que Orestes respondeu:*

"E não enfrentaria por acaso
A maldição do pai, se desistisse?" (...)
"O vento do Destino está soprando
Do túmulo de meu pai para o teu túmulo." (...)
"Foi o teu pesadelo profecia
Que tem de se cumprir. Foi o teu crime
Sacrílego, e sacrílego o teu castigo."[7]

Muitas vezes, os nativos de Escorpião têm a sensação que sua vida é comandada pelo destino. Tudo se torna inexorável, inevitável, e eles aceitam cumprir esse papel.

*As Erínias, encarregadas de vingar crimes consangüíneos, passaram a perseguir Orestes. Como um louco, ele saiu vagando sem destino, tentando se purificar e libertar-se, em vão, da perseguição. Mais de um ano depois, chegou ao templo de Delfos, buscando a proteção de Apolo.*

*O deus, então, mandou Hermes levar Orestes para o templo de Atenas, onde a deusa da Justiça poderia resolver seu caso. Pressionada pelas Erínias, que aceitariam sua decisão final, porque confiavam em sua sabedoria, Atenas replicou que esta era uma causa muito grave para ser julgada por uma só pessoa. Nomeou, então, juízes escolhidos que formaram um tribunal perpétuo*

5 Ibid., p. 117.
6 Ibid., p. 119.
7 Ibid., pp. 119-20

*para julgar os casos de homicídio. O julgamento teve lugar no Areópago, o supremo tribunal ateniense.*

*Antes da apuração final dos votos, Atenas encerrou o julgamento dando seu "voto de Minerva" a favor do réu. Como a votação resultou empatada, Orestes foi absolvido. Todos os presentes sentiram uma enorme sensação de alívio, como se estivessem se libertando de um pesadelo. Com a história de Orestes ficava encerrada a maldição dos Átridas. Seu processo serviu mais aos interesses dos atenienses do que a ele próprio.* Este personagem heróico serve para resgatar o equilíbrio da sociedade como um todo, mesmo pagando, por isso, um alto preço no nível pessoal. Nesta história, mais uma vez, temos o conflito matriarcado *versus* patriarcado. A identificação de Orestes com o pai era tão forte que o princípio maternal podia ser eliminado, uma vez que "pecou" contra o princípio paterno. Este é o postulado de E. Neumann:

> "Como defesa contra o mundo materno das Erínias vingativas, que perseguem o matricida a fim de matá-lo, Orestes tem como aliado o mundo da luz. Apolo e Atena ajudam o apegado ao pai a obter justiça, estabelecendo uma lei nova, oposta ao direito matriarcal, que não conhece perdão para o matricídio. Atena (...) vem em socorro do herói na sua luta com a mãe-dragão e o ajuda a superar o seu terror diante da face de Erínia do inconsciente feminino."[8]

*Assim, Orestes libertou-se da perseguição das Erínias, mas continuou atormentado pela culpa e pela fama de matricida. Uma vez, passou por Atenas durante a celebração das Antestérias, festas solenes em homenagem a Dioniso e aos mortos. O rei da cidade, não desejando a presença do matricida na festa e, ao mesmo tempo, sem querer ofendê-lo, decidiu fechar o templo e, no espaço externo, servir uma jarra de vinho, em mesas separadas, para cada participante. Desta maneira, foi instituída a Festa das Ânforas.*[9]

> "...naquele dia Orestes entendeu que por toda vida continuaria a beber sozinho naquela mesa, apesar de absolvido, apesar de ser rei, mesmo que tivesse uma mulher ao lado."[10]

A culpa é também um tema escorpiônico, embora não seja característica exclusiva deste signo. Entretanto, estas pessoas estão mais sujeitas a serem

8 Neumann, Erich. *História da Origem da Consciência*, p. 133. Ed. Cultrix, São Paulo, 1990.
9 Grimal, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, p. 339. DIFEL, Lisboa, 1992.
10 Calasso, Roberto. *As Núpcias de Cadmo e Harmonia*, p. 133-134. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

atormentadas por esse sentimento, porque vivem com muita intensidade e costumam criar vínculos muito densos e difíceis de romper. A profunda ligação de Orestes com a mãe tornou-o vacilante diante de seu assassinato. Embora tenha cumprido a ordem do Oráculo, a culpa passou a persegui-lo na forma das Erínias. Mesmo quando se libertou delas, i.e., quando sua atitude foi aceita socialmente, seu sentimento não foi completamente aplacado. Internamente continuava vivendo a dor de ter matado a própria mãe. A saída que o herói encontrou, semelhante a dos nativos de Escorpião, foi a solidão.

*Orestes casou-se com sua prima Hermíona, filha de Helena e Menelau. Reinou durante muito tempo, entre Argos e Esparta. Ao final da vida, mais uma vez obedecendo ao Oráculo de Delfos, emigrou para a Arcádia. Aos setenta anos,* "...foi mordido no calcanhar por uma serpente e morreu vítima do veneno, seu único companheiro além de Pílades".[11] *Enterrado em Tegéia, passou a receber, no túmulo, honras divinas.*

Esta história, cheia de crimes, vinganças, traições e maldições – todos temas plutônicos – sintetiza a criação do desequilíbrio e o esforço para saná-lo. Aqui podemos ver o karma em atuação e a conseqüente transformação dos personagens envolvidos na tentativa de resgate e libertação. As Erínias, que fazem parte do séquito de Hades, aparecem na história confirmando seu caráter escorpiônico. Temos, também, a força oculta, representada pelo Oráculo, que move a trama, desencadeando vinganças e punições, até a libertação final.

## Héracles e a Hidra de Lerna

Na interpretação dos Doze Trabalhos de Hércules de Alice Bailey,[12] a oitava tarefa, correspondente ao signo de Escorpião, era destruir a Hidra de Lerna. *Esse monstro terrível morava numa caverna, embaixo de um plátano, e infestava um pântano insondável. Lerna situava-se perto do mar. Todos os anos eram celebrados rituais noturnos secretos em homenagem a Dioniso que, nesse local, desceu aos Ínferos para buscar Sêmele. Também nessa área uma construção marcava o local onde Hades raptou Perséfone.*

*Assim, pode-se dizer que a Hidra era uma espécie de guardiã de uma das entradas dos Ínferos. O monstro era uma serpente gigantesca com várias cabeças, uma delas imortal. Seu hálito pestilento bastava para destruir a vida ao seu redor, inclusive os rebanhos e as colheitas do lugar.*

---

11 Ibid., p. 136.

12 Bailey, Alice. *Los Trabajos de Hercules.* Luis Carcamo Editor, Madri, 1983.

Escorpião é um signo de grande intensidade emocional, afetiva, sexual, e esse caráter é impresso em tudo que faz e vive. Nesse sentido, a Hidra representa a fera interna, que todos temos, mas que as pessoas desse signo não têm medo de enfrentar. Suas muitas cabeças simbolizam os desejos incontroláveis, as pulsões. Se deixada para crescer na sombra, no pântano, i.e., no inconsciente, ela se tornará venenosa e destruidora. É preciso trazê-la para a luz da consciência.

*Para executar essa tarefa, Héracles contou com a ajuda de Iolau, seu sobrinho. Depois de enfrentarem os perigos do pântano, chegaram à caverna onde se escondia a Hidra. O herói, aconselhado por Atenas, usou flechas incandescentes para forçar o monstro a sair da toca. O animal, enfurecido, tentava atingi-lo com sua cauda, mas este se esquivava e golpeava as cabeças do monstro. A cada cabeça cortada surgiam duas novas no lugar.*

*No meio da confusão, um caranguejo gigante, enviado por Hera, veio em auxílio da Hidra e mordeu o calcanhar de Héracles. Furioso, o herói esmagou-o e, ao mesmo tempo, gritou por socorro a seu sobrinho. Iolau ateou fogo no bosque ao lado e, usando os ramos incandescentes, cauterizava o pescoço da Hidra à medida que Héracles cortava suas cabeças. Dessa forma conseguia impedir que surgissem novas cabeças.*

*A luta prosseguiu até que o herói lembrou-se que seu mestre havia dito que quando nos ajoelhamos, nos elevamos e encontramos a luz. Então, ajoelhou-se e levantou o monstro para os céus. Conforme a luz do sol batia sobre a Hidra esta encolhia, se contorcendo, até cair sem vida. Somente a cabeça imortal ainda sibilava. Héracles recolheu-a, porque sabia que nela estava contido um grande tesouro e, então, enterrou-a sob uma rocha. Depois, embebeu suas setas no sangue da Hidra, envenenando-as.*

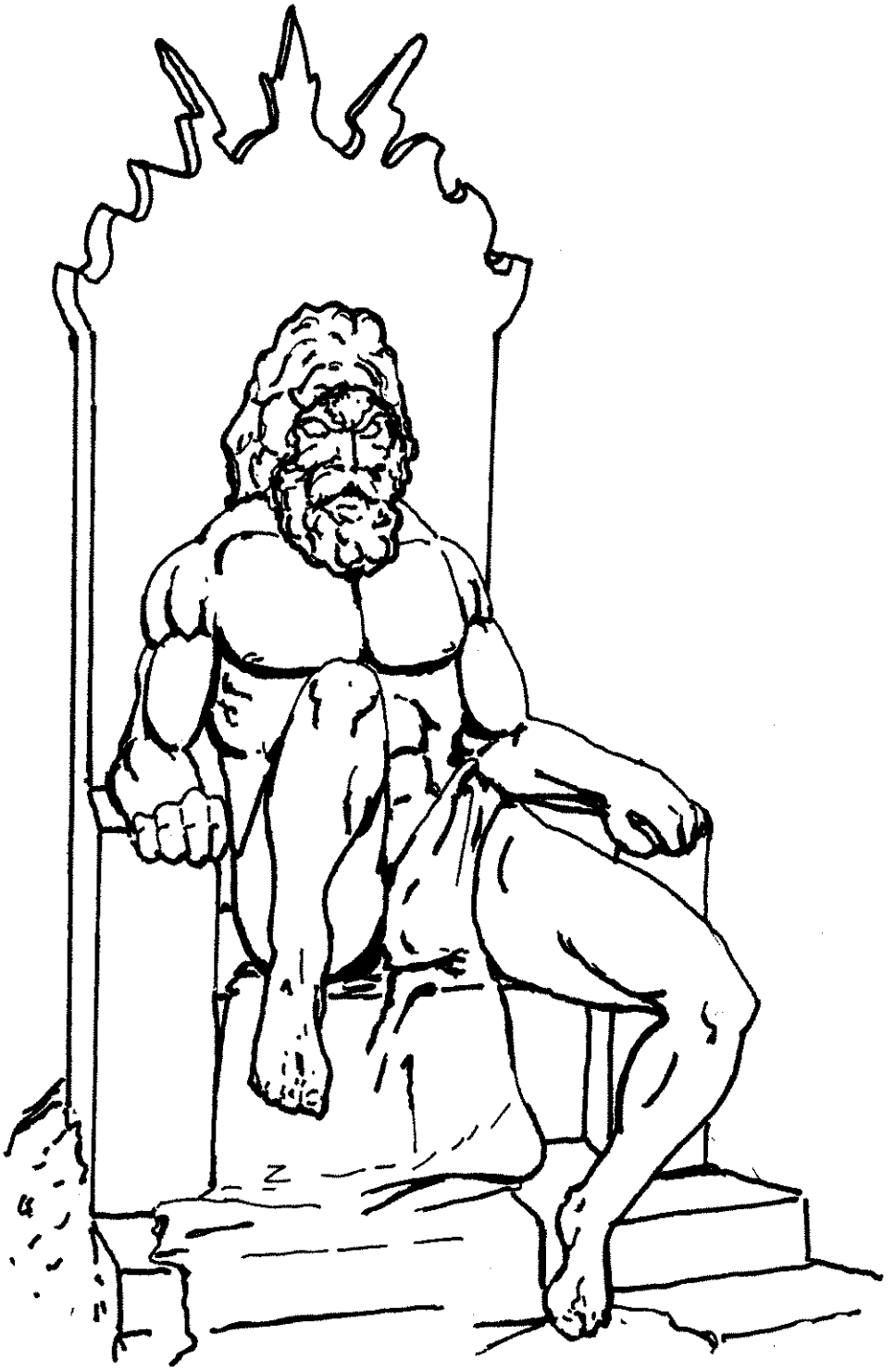
Na medida em que perdemos o medo de enfrentar a Hidra, descobrimos o ouro oculto, nossa porção divina e o significado mais profundo da existência. A Hidra, o caranguejo e o pântano, símbolos arquetípicos do inconsciente, são vencidos pelo herói, quando trazidos à luz da consciência. Muitas vezes o Escorpião se depara com este dilema: permanecer nas trevas, agindo de forma obscura ou enfrentar os monstros, buscando a luz e usando a energia da fera a serviço de seu crescimento pessoal.

"No processo de conscientização e assimilação de um conteúdo inconsciente, o ego faz uma 'descida' da perspectiva consciente às profundezas, a fim de desenterrar o 'tesouro'. O prazer da 'vitória do herói' é condicionado energeticamente pela união da libido da consciência com o conteúdo conquistado e com a incorporação da libido deste. (...) A descida é do

consciente para o inconsciente, sendo, portanto, o oposto do processo de criação, que começa no inconsciente e sobe."[13]

As pessoas nascidas sob o signo de Escorpião, ou aquelas com forte ênfase planetária neste signo, em algum momento de suas vidas terão que lidar com assuntos relacionados com a partilha de riquezas ou de recursos. Talvez tenham que eliminar coisas de qualidade inferior, ou que servem apenas a propósitos egoístas, para substituí-las por outras que possam ser transformadas em algo socialmente útil. Os escorpiões são muito determinados e têm a convicção de poder enfrentar os perigos inerentes a auto-renovação ou reorientação dos bens e valores pessoais. Este é o signo que ilumina o caminho para novas e melhores situações, porém é preciso atravessar o pântano e vencer a Hidra, reconhecendo que todos esses elementos fazem parte do arsenal psíquico, que pode ser transformado, criativamente, em nosso maior tesouro.

13 Neumann, Erich. Op. cit., p. 246.



# Dos Mitos do Sagitário

Sagitário, o nono signo, pertence ao elemento **fogo**. Sendo o terceiro signo desta tríade, sua representação é o **incêndio**. Áries, o primeiro, é a faísca que tudo começa; Leão, o segundo, é a fogueira, que permanece e Sagitário, o terceiro, representa o grande incêndio, o fogo que se alastra, se expande e que se não for controlado, pode provocar grandes tragédias. A figura que o representa é o **centauro**, metade animal, metade humano, que aponta suas setas para o infinito. Campus universitários, fortalezas, cassinos, pistas de corrida e arenas de jogos são imagens metafóricas deste signo. O cavalo, a zebra, o dromedário e o elefante são os animais que o representam. No corpo humano, Sagitário rege as coxas, os quadris e o fígado.

O terceiro eixo do zodíaco é composto por Gêmeos e Sagitário e simboliza a Lei da Evolução.

Sagitário é regido por **Júpiter,** o maior planeta do sistema solar. Este planeta gigante é envolto por gases, poeira e nuvens, que fazem seu volume parecer muito maior que o dos outros planetas, porém sua essência sólida é, provavelmente, menor do que Saturno. De natureza mutável, pode assumir muitas formas – é o grande ator do zodíaco. Suas principais características são: a expansão, o visionarismo, a estratégia, a formação de alianças, a eterna busca do conhecimento superior.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Zeus Pather

*Zeus era o mais importante deus do panteão olímpico. Essencialmente, era o deus da luz, do céu claro, dos raios e trovões. Seu nome é derivado de uma palavra indo-européia que significa "brilhar". Seus atributos mais importantes eram a luz e o poder. Sua criatura simbólica era a águia e sua arma predileta, o raio.* Ambos são expressões marcantes que indicam sua visão distante e abrangente e também sua rapidez para decidir e, imediatamente, agir.

O vôo da águia atinge altitudes fantásticas, de onde ela pode ver de um lado a outro do horizonte e também detectar os movimentos das menores presas no chão. Tão rápido quanto sobe pode descer e agarrar seu alimento. De forma

semelhante, o sagitariano possui a perspectiva ampla e a consciência da importância de um detalhe particular que lhe interesse. Quando este é focalizado, recebe sua total atenção, para que não escape de seu alcance.

O raio simboliza o poder punitivo de Zeus, vindo de muito longe para uma ação fulminante. Mas só se manifesta depois do agrupamento de nuvens negras e do rugir dos trovões, sugerindo uma grande concentração de raiva e emoções. Esta costuma ser a atitude sagitariana, que primeiro controla e segura as emoções até o ponto em que, não suportando mais, explode e fulmina seus adversários.

*Nos "Poemas Homéricos" Zeus é descrito como o imperador dos homens e dos deuses, reinando nas alturas luminosas do Olimpo. Conta a lenda que Gaia havia lançado uma maldição sobre Cronos, declarando que um de seus filhos viria para vencê-lo e tomar seu lugar, instaurando uma nova ordem, como ele havia feito com Urano, seu pai. Cronos, então, passou a devorar os filhos assim que nasciam para impedir que a maldição se cumprisse.*

*Quando o terceiro filho do casal estava para nascer, Réia — auxiliada por Gaia — conseguiu escapar à vigilância do marido e deu à luz Zeus no Monte Licaon, na Arcádia. Entregou-o à Mãe-Terra que o levou para Creta, deixando-o aos cuidados das ninfas Io e Adrastéia, filhas de Melisseus, o apicultor, e de Amaltéia, a cabra-marinha. Elas o alimentaram com leite da cabra e com mel.*

*Para iludir o marido, Réia entregou-lhe uma pedra envolta nos panos da criança. Cronos engoliu a pedra, mas não demorou a perceber que havia sido enganado e, enfurecido, saiu a procurar o filho por todos os lugares.*

*Essa busca foi inútil, porque Zeus estava muito bem guardado pelas ninfas e pastores. Ao redor de seu berço de ouro, suspenso em uma árvore, para que não pudesse ser encontrado nem no céu, nem na terra, nem no mar, dançavam armados os Curetes (gênios da natureza), entrechocando suas lanças e escudos e soltando ruidosos brados para abafar o choro da criança. Ao ver que Cronos se aproximava, Zeus transformou-se em serpente e as suas amas em ursos — o que deu origem à constelação da Serpente e das Ursas — enganando o pai. Assim, pôde crescer forte e saudável para cumprir seu destino.*

*Zeus eternizou Amaltéia, depois de morta, na constelação de Capricórnio. De sua pele invulnerável fez a* ***égide****, que se tornou seu escudo. Os efeitos poderosos deste Zeus pôde experimentar na luta contra os Titãs. De um dos cornos de Amaltéia, o Senhor Olímpico criou a cornucópia —* símbolo da abundância, tema, aliás, sagitariano — *capaz de produzir eternamente toda a comida e bebida que seu dono desejar. Em agradecimento às ninfas que o criaram, deu a cornucópia de presente a Io e Adrastéia.*

*Já adulto, Zeus procurou Tétis, a titânia, mulher de Oceano, que o aconselhou a procurar Réia, sua mãe, para cumprir a profecia. Réia logo se prontificou a ajudá-lo em seu plano de vingança. Forneceu-lhe a poção mágica que fez Cronos adormecer e vomitar os filhos devorados. Os irmãos, para mostrar sua gratidão, pediram a Zeus que os liderasse na guerra contra o pai, que era apoiado pelos Titãs.*

*Para tornar-se um líder bem-sucedido, Zeus soube como formar alianças e, estrategicamente, consolidar seu poder e impor sua vontade sobre os outros. Assim, muito esperto, libertou os Ciclopes, gigantes de um olho só, e os Hecatônquiros, gigantes de cem braços, que seu pai mantivera presos no Tártaro. Juntos, venceram Cronos, que foi condenado a viver na terra. Depois, dividiu o universo com seus dois irmãos mais velhos e separou os deuses dos homens, o céu da terra. Segundo Hesíodo, Zeus foi o fundador de uma Nova Era: a terceira e última Geração Divina, a Família Olímpica.*

A capacidade de criar estratégias, dividindo para reinar, formando alianças e, afinal, impondo sua vontade sobre os outros, é característica marcante dos sagitarianos. Eles estão, a nível psicológico, identificados com o arquétipo de Zeus, o grande senhor dos céus. Como o céu é aberto, claro, visível, ele representa a consciência. Essa identificação leva a atitudes conscientes onde se exaltam o controle, a razão, a vontade e o poder acima das outras qualidades.

*Gaia, a Mãe-Terra, ficou muito descontente com os olímpicos que lançaram seus filhos Titãs no Tártaro. Para vingá-los, enviou os terríveis gigantes, nascidos do sangue de Urano, contra os vencedores. No início, eles lutaram apenas contra Zeus e Palas Atena. Logo em seguida, Dioniso, com seus sátiros, veio ajudar. Aos poucos, todos os olímpicos foram entrando na luta, ao lado de Zeus. Finalmente os gigantes foram vencidos. Porém o Grande Senhor Olímpico tinha ainda mais uma prova terrível a enfrentar.*

*Gaia, num derradeiro esforço, uniu-se ao Tártaro e gerou Tifão, a mais hedionda criatura, de quem falaremos nos mitos de Peixes, e lançou-o contra o Olimpo. Apavorados, os olímpicos fugiram disfarçados em animais, restando apenas Zeus que, insuflado por Atena, não teve como fugir e, então, enfrentou o monstro com seus raios. Na luta corpo a corpo, Tifão desarmou Zeus, cortou-lhe os tendões dos braços e dos pés, e lançou-o numa gruta. Hermes e Pã socorreram o Senhor Olímpico que, retornando à luta, venceu Tifão e soterrou-o sob o Monte Etna, que desde então transformou-se num vulcão.*

"As lutas de Zeus contra os *Titãs* (Titanomaquia), contra os *Gigantes* (Gigantomaquia), e contra o horrendo Tifão, essas lutas, repetimos, contra forças primordiais desmedidas, cegas e violentas, simbolizam também uma

> espécie de reorganização do Universo, cabendo a Zeus o papel de um 'recriador' do mundo."[1]

*Apesar de não ser um deus criador e sim um conquistador, suas vitórias fizeram dele o chefe inconteste dos deuses e dos homens, o senhor absoluto do Universo. Somente ele tinha o direito de usar o raio – arma que lhe fora conferida pelos Ciclopes – e era com o medo que esse raio inspirava que ele conseguia dominar essa rebelde e conflituosa família. Na Guerra de Tróia, Zeus reuniu todos os olímpicos para proibi-los de continuar alimentando a Guerra, que a essa altura parecia não ter mais fim. E proferiu as seguintes palavras:*

> "Ouvi-me, todos vós, deuses e deusas, para que eu possa dizer o que ordena o espírito dentro de meu peito. Assim, que nenhuma deusa ou nenhum deus tente burlar minhas palavras, e sim tereis todos vós que aprová-las, a fim de que eu possa, sem demora, realizar o que pretendo. Quem quer que eu veja ansioso para se separar dos deuses e ir prestar ajuda, quer seja aos troianos, quer seja aos gregos, voltará ao Olimpo caído em desgraça, ou, então, eu o precipitarei no escuro Tártaro, longe, muito longe, onde há a maior profundidade abaixo da terra, onde há portas de ferro e uma soleira de bronze, tão abaixo da casa de Hades quanto é a terra abaixo do céu. Saberá, então, como sou o mais poderoso de todos os deuses."[2]

Zeus é, arquetipicamente, um pai autoritário que sempre detém a última palavra. Seu discurso é duro e forte, impondo seu poder absoluto sobre os outros deuses insubordinados e recalcitrantes. Isso acontece com muitos sagitarianos, cuja tendência democrática é estratégica, na medida em que permitem que todos se manifestem, porém, no final, agem de acordo com a sua vontade.

*Zeus comandava os corpos celestes, as chuvas, os fenômenos atmosféricos e, também decretava as leis, fazia cumprir juramentos e, assim, mantinha a ordem e justiça no mundo. Era uma divindade providencial, que não se deixava levar por caprichos – exceto seus próprios caprichos amorosos – e cumpria com muita responsabilidade seu papel de "distribuidor" dos bens e dos males.*

*Conta Homero, na* Ilíada, *que na porta do palácio de Zeus havia duas jarras, uma contendo os bens, a outra os males. O deus retirava o conteúdo, alternadamente, de uma e de outra para cada criatura. As vezes, retirava*

---

1 Brandão, Junito. *Mitologia Grega*, Vol. I, p. 338, 7ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.
2 Homero. *A Ilíada*, p. 83. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

*somente de uma delas e o destino que resultava era ou inteiramente bom ou mau. Assim, Zeus representava a concepção da potência universal como Providência única.*

*Era assim que os gregos o compreendiam: o Senhor do Universo, de quem dependiam o céu, a terra, a pólis, a família, a ordem e a justiça do mundo.* Aqui surge a figura de um deus masculino todo-poderoso, marcando o declínio do matriarcado, onde as deusas predominavam. Até este período os povos acreditavam que tudo provinha da terra de forma abundante e espontânea. A partir de Zeus, a providência passou a vir do céu. Os sagitarianos, como Zeus, têm uma forte ligação com a Justiça. Muitos se tornam juízes ou advogados, outros se engajam em lutas na defesa de direitos das classes ou categorias a que pertencem. Seu sentido de justiça é diferente daquele do signo de Libra, que se expressa através do equilíbrio mental da balança; o Sagitário, signo de fogo, se envolve emocionalmente e tem um forte desejo de fazer alguma coisa para corrigir os erros do meio ou das pessoas.

*Depois de suas vitórias, com seu poder consolidado, Zeus pôde se dedicar à expansão e disseminação da semente cósmica, iniciando sua longa série de aventuras amorosas, originando a segunda geração dos olímpicos e semideuses. Muitas de suas consortes eram deusas antigas, adoradas, há muito tempo, pelos povos vencidos e dominados pelos gregos, cujas divindades foram subordinadas a Zeus. Suas uniões eram, também, uma estratégia, formando alianças e consolidando o poder. A cada união assimilava as qualidades de sua parceira.* Os casamentos patriarcais são, em todas as culturas, alianças entre famílias, onde a prole e a propriedade são o verdadeiro objetivo.

*Segundo Hesíodo, as uniões de Zeus obedeceram a seguinte cronologia. Sua primeira esposa foi a titânia Métis, deusa da sabedoria e da prudência. Avisado por Gaia e Urano que ela geraria um filho que viria para destroná-lo, Zeus a engoliu, grávida de Atenas, que acabou nascendo de uma dor de cabeça do pai.* Todo sagitariano tem um medo arquetípico de ter um filho que venha a ocupar seu lugar. "Engolindo a *Métis*, tornou-se o detentor da *sabedoria* e da *prudência*: o arquétipo é Atena, que lhe saiu das meninges."[3]

*A segunda união foi com Têmis, a titânia que representa a Ordem Eterna e o Equilíbrio do mundo. Dela nasceram as Horas e as Moiras, que tecem o destino dos homens.* "Com *Têmis* adquiriu não só a *eqüidade*, traduzida nas Horas, a *disciplina*, a *justiça* e a *paz*, mas também o poder sobre a vida e a morte, cifrado nas *Moiras*."[4]

---

3 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. I, p. 162.
4 Ibid., p. 162.

*Sua terceira companheira foi Eurínome e com ela concebeu as Graças, também chamadas de Cárites.* "Eurínome deu-lhe, com as *Graças,* o sentido da beleza e da alegria de viver."[5] *Da união com Mnemósine, a Memória Eterna, conservada nos monumentos e nas almas dos homens, teve as nove musas, fruto de nove noites de amor.* "*Mnemósine,*com as nove *Musas,* abriu-lhe as portas para o *domínio de todas as artes.*"[6]

*É somente neste momento que Hesíodo situa o Casamento Sagrado com Hera, sua irmã, que se tornou a grande Rainha do Olimpo. Este casamento celebrava a grande hierogamia, símbolo da perpetuação das espécies. Desta união e da lua-de-mel de trezentos anos nasceram três filhos: Ares, o grande Senhor da Guerra, Hebe, a copeira dos deuses, aquela que trazia o néctar e a ambrosia, e Ilítia, a deusa dos partos.*

*Com Deméter, também sua irmã e deusa da fertilidade, gerou Perséfone, que veio a ser a Rainha dos Ínferos, ao lado de Hades.* "*Deméter,* a nutridora, assegurou-lhe a vida material e espiritual do império do mundo dos mortais."[7]

*Sua sétima união divina foi com a titânia Leto, que deu à luz Apolo, o deus solar e Ártemis, a deusa lunar.* "*Leto,* com Apolo e Ártemis, *o sol e a lua,* iluminou-lhe o percurso dia e noite."[8]

*Muitas outras mulheres foram amadas por Zeus, entre elas destacam-se: a ninfa Maia, mãe de Hermes.* "Maia deu-lhe Hermes, o conhecimento do visível e do invisível."[9] *Io, a sacerdotisa de Hera, que foi expulsa do templo e castigada por sua traição à deusa; Leda, esposa do rei de Esparta, que teve os gêmeos Cástor e Pólux; Sêmele, a princesa tebana, mãe de Dioniso, o deus do vinho.* "A 'mortal' Sêmele transmitiu-lhe com Dioniso o outro lado do 'homem': a *explosão dos instintos.*"[10]

*Alcmena, princesa da casa de Perseu, era dotada de muita beleza. Casou-se com Anfitrião, porém impôs uma condição para consumar a união: seu marido deveria vingar a morte de seus oito irmãos. Anfitrião partiu para cumprir o desejo da esposa. Zeus, que já conhecia e apreciava as virtudes de Alcmena, aproveitou a ausência do marido, assumiu sua forma física e, garantindo que os irmãos haviam sido vingados, dormiu com Alcmena por uma noite que durou três dias.*

---

5 Ibid., p. 162.
6 Ibid., p. 162.
7 Ibid., p. 162.
8 Ibid., p. 162.
9 Ibid., p. 162.
10 Ibid., p. 162.

> "Ao contrário de todos os outros amores humanos de Zeus, ele escolhera Alcmena não propriamente para seu belo prazer – embora ela ultrapassasse todas as restantes mulheres do seu tempo em beleza, magnificência e sabedoria – mas com o único intuito de conceber um filho que fosse suficientemente poderoso para proteger os deuses e os homens da destruição. Alcmena (...) foi a última mortal com quem Zeus fez amor, pois pensava que era impossível de todo conceber de outra qualquer um herói que se igualasse a Héracles."[11]

*Através de Alcmena, Zeus assimilou, com Héracles, a força e o destemor. Nada podia deter a expansão da semente cósmica, nem mesmo o ciúme da implacável Hera. Zeus criava ardis, disfarces, metamorfoses, para conquistar, seduzir e fecundar suas escolhidas. Transformou-se em chuva de ouro para impregnar Danae, a mãe de Perseu; em sátiro para seduzir Antíopa, e em touro branco para raptar Europa.*

*A lista de seus amores é inumerável. Em muitas regiões da Grécia, os grandes heróis eram tidos como filhos de Zeus. As grandes famílias lendárias sempre apontavam algum ancestral como descendente do grande Senhor Olímpico. Assim, tornou-se o Pai de todos os deuses e homens, dando início às famílias patrilineares.* O sagitariano tem um forte impulso no sentido de estabelecer um "reino", mesmo que seja apenas em sua casa e com sua família. Isto o predispõe a buscar o casamento e a ter nos filhos uma extensão de si mesmo. A família é apenas uma amostra do reino maior que ele pretende conquistar. Muitos são tidos como grandes conquistadores e sua fama de "namoradores" é, às vezes, maior do que os fatos. São dados a paixões repentinas, onde são capazes de qualquer artifício para conquistar seus objetos de desejo. Porque quer a autoridade e o poder, não teme o risco para atingir suas metas. Prefere ser patrão do que empregado, e mesmo quando começa com uma pequena empresa a vê como o embrião de uma grande companhia. A grande casa e o grande prédio do escritório são expressões do mesmo arquétipo.

*Zeus foi o primeiro dos deuses gregos a ser considerado protetor, generoso e confiante na sua relação com os filhos. Carregou Dioniso em sua própria coxa, para que completasse seu tempo de gestação; deu à Ártemis tudo que ela pediu para se tornar a deusa da caça; e confiava à Atena seus símbolos de poder. Promoveu uma disputa entre Apolo e Hermes, para forçar Hermes a devolver o gado roubado a seu meio-irmão; foi este episódio que levou os dois irmãos a se tornarem amigos.*

---

11 Graves, Robert. *Os Mitos Gregos*, Vol. 2, p. 165. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.

*O aspecto obscuro do pai destruidor também se fazia presente em sua natureza e era contado em suas lendas em vários episódios. Foi Zeus quem permitiu que Hades raptasse Perséfone, não atendendo ao pedido de socorro da jovem. Não hesitou em jogar Hefestos do Olimpo para a Terra, o que resultou em sua deformidade física, quando este ousou enfrentá-lo, defendendo a mãe. Seu ódio contra Ares era famoso. Este era o filho, psicologicamente, mais rejeitado. Porém, independente da forma como tratava seus filhos, o poder gerador de Zeus como pai, era parte essencial de sua natureza.* Estes dois modos de comportamento paterno também se expressam nos sagitarianos. Eles costumam oscilar entre o pai (ou mãe) excessivamente permissivo e confiante e a omissão, que acontece quando consideram que o filho "atrapalha" sua liberdade. Muitas vezes, não tomam medidas preventivas contra a gravidez – talvez porque, inconscientemente, cedam a seu instinto progenitor – e costumam ser bons provedores, mesmo com filhos ilegítimos ou depois de separações.

*Com seu poder consolidado e sua autoridade inconteste, Zeus tornou-se orgulhoso e prepotente, o que atiçava a inveja e a raiva dos outros deuses. Esta situação chegou a um ponto tão intolerável, que Hera, Poseidon e Apolo tramaram sua derrocada. Enquanto o deus dormia, amarraram-no com correias de linho cru atado em cem nós, para que não pudesse se libertar. Zeus esbravejava e ameaçava usar seu raio contra eles, porém estes haviam colocado a arma bem longe do seu alcance. Enquanto celebravam a vitória e discutiam – já acirradamente – quem ficaria com o poder, a nereida Tétis, prevendo uma guerra civil no Olimpo, correu em busca de Briareu, o hecatônquiro das cem mãos, que rapidamente desatou as correias, libertando seu amo e senhor.*

*Porque Hera tramara a conspiração contra ele, Zeus pendurou-a do céu, amarrada pelos pulsos com correntes e com bigornas nos tornozelos. Os outros deuses não se atreveram a socorrê-la, apesar de seus gritos. Depois de um tempo, Zeus decidiu libertá-la, na condição de que todos jurassem que nunca mais se insurgiriam contra ele, o que fizeram mesmo a contragosto. Apolo e Poseidon também foram punidos, sendo enviados como escravos para o rei Laomedonte, ao serviço do qual construíram Tróia. Os outros olímpicos foram perdoados, porque agiram sob coação.*

Uma pessoa detentora de muita autoridade e poder, que senta no topo de sua "montanha particular" e dá ordens a seus súditos, está vivenciando o arquétipo de Zeus. Os sagitarianos já nascem em contato com ele, daí vem sua postura geralmente majestosa e seu ar de "sabe-tudo". Neste estado de "ego-inflado" eles têm a sensação de possuir plenos poderes, mas, na verdade, se tornam suscetíveis de manipulação por pessoas que ajudam a fomentar sua falsa imagem

para obter alguma vantagem. O arquétipo de Zeus predispõe as pessoas, especialmente os sagitarianos, à busca e ao uso do poder. O problema é que este costuma vir acompanhado de paranóia e eles se tornam desconfiados. Se perderem a confiança nos seus subalternos, tudo farão para impedir que outra pessoa ascenda a uma posição paralela a sua, com medo de perder o poder.

*De acordo com J. Brandão, assim que Zeus percebeu a solidez de seu poder e o domínio que exercia sobre o Universo, libertou seu pai, Cronos, tornando-o rei da Ilha dos Bem-Aventurados, nos confins do ocidente. Essa é uma espécie de recuperação da Idade de Ouro, sob o reinado de Cronos. Zeus simboliza o reino do espírito, é o organizador do mundo exterior e interior. A concepção de Zeus como providência única atingiu seu ápice nos séculos IV e III a.C. Tornou-se o símbolo do "deus-único", encarnando todo o Universo.*

A índole sagitariana é complacente e generosa por natureza, porém essa generosidade é motivada pelo desejo de controlar aqueles a quem favorece, esperando lealdade em retorno. Sente-se traído quando sua vontade não é respeitada, podendo ser cruel com seus opositores ou usando a indiferença como punição.

O signo de Sagitário valoriza, acima de tudo, a liberdade pessoal e de expressão. Quando suas idéias são incompatíveis com as restrições sociais, tornam-se os tipos rebeldes e libertários, que até entram em lutas sociais, porque sentem sua causa pessoal ameaçada. Por outro lado, podem ser porta-vozes do poder dominante, quando se identificam com essa ideologia. Ou podem, ainda, tornar-se defensores de uma nova ordem.

A dualidade do Sagitário expressa-se em dois tipos distintos. De um lado, o tipo amante da liberdade, esportista, atlético, porém mais inconsistente e inseguro em suas relações sociais. De outro, o tipo filosófico, pensante, mais adaptável às mudanças, buscando com fervor a sabedoria. Ambos gostam de viajar e são idealistas. Sabem aproveitar as lições que as viagens proporcionam, sobretudo o contato com novos horizontes e a oportunidade de expandir e concretizar suas visões.

## O Centauro

*O primeiro centauro nasceu da união de Íxion e Néfele, a mulher feita de nuvem.*

*Conta a lenda que Íxion, filho de Flégias – rei dos Lápitas – pediu Dia, a filha do rei Dioneus, em casamento, e prometeu à família da noiva um grande banquete e muitos presentes valiosos. Depois da cerimônia, celebrada ao ar*

*livre, os convidados se encaminharam para o castelo de Flégias para a festa e os presentes. Íxion havia preparado uma armadilha: colocara carvão em brasa no fosso ao redor do castelo e cobrira com grama. Quando os desavisados convidados passaram por ali, caíram no fosso e morreram queimados. Desta forma, o ambicioso Íxion ficou com o reino e a fortuna de Dioneus.*

*Por causa de tão hediondo crime, ele foi banido por todos os povos da Grécia e condenado a viver errante e solitário. Até mesmo os deuses lhe recusaram clemência, devido a sua má índole; porém, o grande Zeus apiedou-se dele e levou-o a morar no Olimpo, acreditando que Íxion se arrependeria e poderia ser perdoado.*

*A malévola criatura não teve nenhuma gratidão e planejou seduzir a bela Rainha do Olimpo, pensando que ela adoraria a chance de vingar-se das infidelidades de Zeus. Hera, a protetora das uniões e da fidelidade, não apenas recusou-o mas também contou ao marido o que se passara.*

*Zeus, então, criou Néfele — a mulher feita de nuvem, à imagem e semelhança de Hera e mandou-a seduzir Íxion, que estava bêbado e não notou a diferença.*

*Da união terrível, de um homem que não conhecia o respeito e que era movido pela crueldade e violência com uma falsa mulher feita de nuvem — que representa a ilusão — nasceu uma criatura monstruosa: o Centauro, meio humano, meio animal. Íxion foi jogado ao Tártaro e condenado a ouvir as gargalhadas dos deuses pela eternidade.*

*O Centauro foi abandonado sozinho no Monte Pélion e lá cruzou com as éguas da região, dando início à espécie dos centauros. Néfele desfez-se em pranto.*

O signo de Sagitário é o único que contém, em seu símbolo, os três aspectos básicos da natureza humana. O corpo animal, que representa o lado irracional, é a sede do impulso e do desejo. A metade humana, onde está a cabeça, sede do pensamento, é o aspecto racional do centauro. Na mão ele carrega um arco e suas setas apontam para o infinito, buscando o lado divino. Íxion representa a fera no sagitariano e Néfele, a ilusão, que o faz procurar sempre novas aventuras, eternamente insatisfeito com aquilo que já possui.

*Na época clássica, os centauros eram representados com quatro patas, corpo de cavalo, e com braços e cabeça de homem. Eram criaturas violentas, sanguinárias e luxuriosas. Viviam nas montanhas e florestas e alimentavam-se de carne crua. Participaram de vários mitos, porém, geralmente com a mesma atitude: raptar ou violentar noivas e mulheres alheias.* A figura do centauro simboliza a união do irracional com o racional. Se um dos lados impera, o desequilíbrio pode terminar em tragédia. Quando a fera predomina, tornam-se violentos, desrespeitam até mesmo a natureza e acabam sendo eliminados.

*Os gregos, talvez sabendo que os centauros, em sua realidade objetiva, possuíam um caráter humano, nem sempre os representavam como monstros completamente maus. Descreviam-nos como criaturas selvagens e impulsivas, mas dotadas de boa índole. Alguns eram mesmo sábios — sendo Quíron o melhor exemplo — e ensinavam os heróis a liderar os povos e seus exércitos.*

*Uma de suas lendas relata o casamento de Hipodâmia e Pirítoo, rei dos Lápitas. Os centauros foram convidados para o banquete de núpcias. Durante a festa eles se excederam no vinho, com o qual não estavam acostumados, e começaram a provocar brigas entre os convidados. Um deles, Euritião, tentou raptar e violentar a noiva. Os lápitas, liderados por Pirítoo e auxiliados por Teseu, reagiram violentamente. Na carnificina que se seguiu, muitos centauros foram eliminados.*

> "...os Centauros simbolizam, em grau superlativo, a concupiscência, que pode rebaixar o ser humano ao nível mais animalesco, quando não controlada pela força do espírito. Projeção nítida da dupla natureza humana, uma bestial, outra divina, os Centauros traduzem os incontroláveis instintos selvagens, transformando-se em imagens do inconsciente, que se apoderam da pessoa, entregando-a aos impulsos e eliminando toda e qualquer luta interior."[12]

*Os Centauros lançavam suas flechas num alvo distante e saíam a galope para resgatá-las. Muitas eles recuperavam, outras jamais alcançavam, porque a jornada tornava-se mais importante e eles se perdiam no caminho, ou mudavam de rumo, atraídos por alguma ninfa.*

O Centauro galopando pelos espaços abertos é parte da jornada arquetípica do Sagitário. O movimento e a expansão estão associados com este signo, todos os seus nativos têm necessidade de percorrer grandes distâncias para experimentar a vida em todas as suas dimensões. Esta é, muitas vezes, a história de vida dos sagitarianos: perseguem metas muito distantes, quase inatingíveis. Algumas vezes, alcançam e cumprem seus objetivos; outras, em função dos apelos que surgem, acabam abandonando as metas que buscavam; ou ainda, resgatam mais adiante algo que haviam deixado para trás. Quando descobrem que o verdadeiro caminho é aquele que integra suas três dimensões (animal, humana e divina) podem, enfim, colocá-las a serviço de sua evolução.

---

12 Brandão, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*, Vol. I, p. 200. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

# Quíron

*Este centauro sábio, mestre de príncipes e heróis, era filho de Cronos e Filira, ninfa oceânida. Para escapar à vigilância de Réia, Cronos transformava-se em cavalo e, assim podia encontrar-se com Filira. Ao saber de sua gravidez, Cronos pediu à ninfa que se escondesse no Monte Pélion, até o nascimento da criança.*

*Quíron nasceu monstruoso: meio humano, meio cavalo. Cronos decidiu que seu filho, apesar de ser um centauro, não seria cruel nem violento, como o resto de sua espécie. Seria inteligente, gentil, sábio e virtuoso.*

*Filira, desesperada, não se conformava que seu filho não fosse uma criança normal. Desejando fugir daquela imagem terrível, pediu à Mãe-Terra que a transformasse numa árvore, para que não tivesse mais consciência, nem memórias, nem mágoas. Lentamente, metamorfoseou-se numa tília, árvore gigantesca que serve de sombra aos que precisam de repouso e abrigo. Cronos, saudoso de sua amada, passou a proteger a árvore dos lenhadores e das tempestades e concedeu-lhe um perfume inebriante, que exalava de suas delicadas flores na primavera.*

*Quíron cresceu sem mãe, protegido de longe pelo pai. Vivia nos bosques e nos montes, onde costumava caçar com a deusa Ártemis. Apolo dispôs-se a cuidar dele, e lhe ensinou as artes, desde a música até as divinatórias, as ciências, os oráculos e a sabedoria oculta que ele precisava para crescer e transcender sua natureza de fera. O dom da sabedoria foi-lhe dado por Atenas que, colocando a mão em sua testa, transmitiu-lhe a luz da razão.*

*Tornou-se habilidoso na caça, na Medicina, na Música, nas Artes Bélicas, na Astrologia e Artes Oraculares, e profundo conhecedor dos segredos da natureza, das plantas e dos animais. Morava numa caverna, no Monte Pélion, chamada Chironium, para onde eram enviados os filhos dos reis e dos deuses com mortais, a quem ele ensinava tudo o que precisavam saber para se tornarem, mais tarde, também reis e/ou líderes de sua cultura.*

*Os alunos de Quíron vinham a ele para descobrir seu verdadeiro destino e para aprender um modo pragmático de expressar seu potencial mais elevado. Este processo era feito em quatro etapas. Primeiro, era identificado o dom de cada discípulo, que era, então, trazido à luz da consciência. Assim, ensinou Jasão a empreender sua busca, Aquiles a tornar-se um guerreiro sagrado e a Asclépio, a Arte da Cura.*

*O segundo passo envolvia uma limpeza sistemática de toda a negatividade presente no corpo físico, na psique e na aura, envolvendo, inclusive, terapia de vidas passadas. Este processo era indispensável para poder continuar a*

*expansão da consciência. Porque sem antes eliminar as tensões energéticas, a pessoa corria o risco de adoecer.* Cada encarnação é uma oportunidade de limpar os bloqueios acumulados em vidas passadas e de atingir a plenitude.

*A terceira etapa era Oracular. Somente depois da cura e do reequilíbrio energético o aluno estava pronto para este passo, porque a Arte Divinatória tornava-se, então, acessível à consciência. Para tanto era preciso resgatar a intuição e recuperar a essência animal, onde a mente racional já não podia interferir e a pessoa tornava-se um canal.*

*O quarto passo era a Maestria da Morte, onde o discípulo aprendia a lidar com ela em seu sentido mais amplo, compreendendo, inclusive as pequenas "mortes" que acontecem no metabolismo, nos processos internos, afetivos e emocionais e na natureza com seus eternos ciclos que começam e finalizam cada dia, estação e ano. Assim, o fim passa a ser visto como um estágio, o encerramento de um ciclo e a passagem para uma nova dimensão. Sobre este grande mestre, diz Barbara Hand Clow:*

> "Este grande instrutor que foi animal e humano, cósmico e marinho, era um curador e um guerreiro. Esse arquétipo tem o poder de que necessitamos para encarar o lado escuro, nosso caso de amor aparentemente infinito com a morte e com o mal. Ele é a ponte para nossos eus animais e para a recuperação de nosso poder e energia."[13]

*Por estas quatro etapas passavam apenas os heróis mais destemidos. Assim foi a Iniciação de Aquiles, Orfeu, Jasão, Héracles, Ulisses e seu filho Telêmaco, dos gêmeos Cástor e Pólux, de Teseu, de Enéias, de Asclépio e de tantos outros heróis e guerreiros.*

*Um dia, na luta de Héracles com os centauros, Quíron foi ferido, acidentalmente, numa das ancas do seu lado animal, por uma das setas do herói, que havia sido embebida no sangue da Hidra. Sendo um semideus, ele não podia morrer e porque o veneno era fatal, não conseguia curar a própria ferida. Assim, Quíron tornou-se o "Curador ferido" e, em função dessa dor, ele aprendeu a compaixão humana e passou a utilizar os conhecimentos que possuía sobre os segredos da plantas e da magia para aliviar a dor dos que o procuravam.* Este mito, muitas vezes, simboliza a história de vida dos terapeutas, capazes de aliviar as dores dos outros e nem sempre hábeis para lidar com suas próprias limitações.

---

13 Clow, Barbara Hand. *Quíron. Ponte de Ligação entre os Planetas Interiores e Exteriores,* pp. 25-26. Ed. Pensamento, São Paulo, 1992.

Este mito, um dos mais nobres, embora trágico, revela-nos o significado mais profundo do signo de Sagitário: a reintegração da dualidade animal e divina, onde a força da fera é colocada a serviço do crescimento humano e este, através da expansão da própria consciência e percepção do mundo, alcança níveis cada vez mais plenos de espiritualidade. Simboliza a autoconsciência e a realização através da união holística entre razão e paixão; intelecto e instinto; corpo e espírito. A ciência e a arte são perfeitas em sua natureza.

A grafia arcaica de seu nome, *Cheiron*, tem como raiz *cheir*, que é mão, em grego. Essa é a palavra-raiz que serve para designar muitas das Artes de Cura antigas, que foram reveladas por *Chiron*. *Quiromancia* é a leitura das mãos; *Quiropraxia* é a cura através de massagens para problemas nas articulações; *Quirotesia* é a energia nas mãos durante rituais sagrados; *Quirotonia* é a bênção dada com as mãos; *Quiral* é a polarização da luz de uma mão para a outra. *Quirurgeria* era a forma antiga da moderna *cirurgia*. *Quirografia* é a arte de escrever que, para os orientais, é uma espécie de meditação. As palavras orais ou escritas são o início de todo ensinamento sagrado. Segundo Richard Nolle, a mão simboliza a união do intelecto e do instinto, da mente e do corpo. "Quando se cria uma obra de arte, tanto a cabeça quanto as mãos são essenciais, algo mágico acontece quando ambas trabalham juntas na criação."[14]

*Quando Héracles, no cumprimento de um de seus Doze Trabalhos, encontrou Prometeu acorrentado nos Ínferos, pediu a Zeus para libertá-lo. O Senhor do Olimpo concordou, desde que outra alma imortal tomasse o lugar de Prometeu no Hades. Imediatamente, Héracles lembrou-se de seu antigo mestre e de seu sofrimento e pediu a Zeus que aceitasse a troca. Desta forma, Prometeu foi libertado e Quíron pôde, finalmente, livrar-se de sua dor. Depois de nove dias, Zeus colocou a imagem de Quíron entre as estrelas formando a constelação do Sagitário.*

*Quíron deu-se, voluntariamente, para que o fogo sagrado pudesse ser liberado do Mundo Subterrâneo por Prometeu, e a humanidade pudesse continuar usando esse poder de forma adequada. Isto simboliza a renúncia pessoal em prol de um bem coletivo.*

Quíron representa o mestre de coragem, aquele que elimina tudo o que não seja forte e saudável. Lida de bom grado com Plutão, ao invés de evitar o mundo subterrâneo até o último momento. É difícil enfrentar Plutão sem ter Quíron como guia. Com ele resgatamos as antigas técnicas para transmutação do corpo e da alma. Este é um arquétipo universal ao qual todos os signos têm acesso.

---

14 Nolle, Richard. *Chiron: The New Planet in your horoscope*, p. 15. Tradução livre do autor. AFA, Tempe, 1983.

Escolhemos o nono signo para contar sua lenda, pois é Quíron o centauro da constelação, e também porque através dele podemos compreender o significado essencial do signo de Sagitário. A experiência sagitariana, tendo Quíron como a chave, prepara-nos para a travessia do portal – representado pelo Capricórnio – que leva a novas dimensões, novos universos, onde podemos vivenciar o *continuum* eterno do espaço e do tempo.

# Dos Mitos do Capricórnio

E chegamos ao topo da montanha, o décimo signo, o Meio do Céu. Seu elemento é a **terra.** Sendo o terceiro signo da tríade da terra, sua representação é a **montanha rochosa.** Touro, o primeiro, representa o húmus que é a fertilidade da terra, Virgem, o segundo, é a argila, base da terra, que pode ser moldada em utensílios para o trabalho; Capricórnio, o terceiro, é a rocha, a pedra, a estrutura sólida da terra. O animal que o representa é a **cabra montês** que sobe a montanha passo a passo, ultrapassando todos os obstáculos e sem se desviar do caminho. O bode, a girafa e o pingüim também o representam. Suas imagens metafóricas são as montanhas, os monumentos, os prédios públicos, os relógios de pêndulo, as ampulhetas e o inverno. No corpo humano, Capricórnio rege os joelhos, o esqueleto e a pele.

É no quarto eixo que se encontram o Câncer e o Capricórnio. Sua grande lei é o Tempo e a Eternidade.

O signo de Capricórnio começa no dia 21 ou 22 de dezembro, época em que se comemora, no Hemisfério Norte, o Solstício de Inverno. Esta estação tem muito a ver com este signo. Os dias cinzentos e frios alteram o estado de ânimo das pessoas, que se tornam mais taciturnas e sérias, como costumam ser os capricornianos. Desde tempos primordiais, os povos acumulavam alimentos para atravessar os longos e penosos meses de inverno. Os capricornianos mantêm uma espécie de memória arquetípica dessa época, talvez seja esta a explicação para sua tendência a sempre economizar, nunca desperdiçar e sua fama de sovinas.

Capricórnio é regido por **Saturno**, o grande senhor do Tempo. É perseverante, paciente, obstinado e sua força é capaz de mover montanhas para alcançar seus objetivos. Signo público por excelência, sabe os limites da sua atuação dentro do meio social.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Cronos

*Filho de Gaia e Urano, estava entre os doze primeiros e mais importantes filhos do casal primordial. Nesse tempo não havia limites para a criação e nem*

*para o uso dos recursos da terra. A sociedade primitiva vivia numa espécie de paraíso dos arquétipos onde o tempo era registrado apenas biologicamente, sem permissão para transformar-se em história. Porém a necessidade de uma regeneração periódica nessas sociedades promoveu a criação de divindades destruidoras que marcaram o começo de novos ciclos. Este foi o caso de Cronos, o* ***deus do Tempo****, que tudo regula e tudo comanda. A ele cabia criar uma nova ordem nos ares e nas coisas; revolucionar constantemente a natureza, alterando o palco da vida e retirando dele seu próprio pai. Gaia, desgostosa com a fertilização incessante e com a prisão imposta por Urano aos Ciclopes e Hecatônquiros, pediu ajuda a todos os seus filhos para executar sua vingança contra Urano. Porém, todos ficaram amedrontados; só Cronos se dispôs a ajudá-la:*

"Mãe, isto eu prometo e cumprirei
a obra, porque nefando não me importa o nosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas.
Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa,
colocou-o oculto em tocaia, pôs-lhe nas mãos
a foice dentada e inculcou-lhe todo o ardil.
Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra
desejando amor sobrepairou e estendeu-se
a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão
esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice
longa e dentada. E do pai o pênis
ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo
para trás..."[1] .

*Assim, Cronos enfrentou, castrou e venceu o próprio pai, separando o Céu da Terra.* Cronos pode ser considerado o primeiro Édipo[2] da história. Em função da paixão que sentia por sua mãe e por seu desejo de poder, foi o único filho que se dispôs a ajudá-la a executar sua vingança. Como disse uma vez o escritor Roberto Freire: "É preciso saber morrer o pai sem cometer suicídio". O que significa que é preciso resolver nossas questões internas com a figura paterna, para poder assumir a paternidade, deixando de ser filho para tornar-se *Pai.*

---

1 Hesíodo. *Teogonia. A Origem dos Deuses,* p. 115. Ed. Iluminuras, São Paulo, 1992.

2 A história de Édipo Rei, de Sófocles, é contada na Mitologia Grega muito tempo depois dessas divindades primordiais. Aqui estamos fazendo uma referência ao Complexo de Édipo como descrito por Sigmund Freud.

Geralmente, o pai ocupa um papel preponderante na vida do Capricórnio, dificilmente entendido antes da maturidade. São relações difíceis ou intensas e, às vezes, muito idealizadas. No caso das mulheres, elas passam a procurar essa imagem idealizada do pai em todos os companheiros. Em outros casos, o pai é ausente e o filho tem que assumir responsabilidades muito cedo; outras vezes é uma figura tão poderosa com a qual o filho nunca poderá competir. Sejam quais forem as circunstâncias, o pai é sempre um mistério e um desafio a ser enfrentado.

*A separação do Céu e da Terra era imprescindível para a organização do caos.* "...*Cronos* (Saturno) é o podador, corta e separa. (...) Ele é o tempo da paralisação. É o regulador que bloqueia qualquer criação no universo. É o tempo simétrico, o tempo da identidade."[3] A simetria, o controle e o limite são características capricornianas.

*Cronos era insaciável. O tempo que tudo devora: seres, momentos, destinos; sem apego ao que passou, sua meta era construir o futuro e continuar, sem medo, sua implacável caminhada. Promoveu a Ordenação do Caos, impondo a lei, a ordem e a disciplina, fundando uma Nova Era: A Era de Ouro de Cronos. No seu reinado houve igualdade e justiça para todos.*

"Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas.
Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;
como deuses viviam, tendo despreocupado o coração,
apartados, longe de penas e misérias; nem temível
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,
alegravam-se em festins, os males todos afastados,
morriam como por sono tomado; todos os bens eram
para eles: espontânea a terra nutriz fruto
trazia abundante e generoso e eles, contentes,
tranqüilos nutriam-se de seus pródigos bens."[4]

Esse arquétipo do Pai estende-se às autoridades e às instituições, daí a relação deste signo com a lei, a tradição e a cultura. Seu respeito pela hierarquia, desejo de ascensão e poder faz com que, não raro, obedeça as regras sociais mesmo que violentem seus sentimentos. Assim, têm dificuldades em aceitar aquilo que não seja oficial, acadêmico ou institucional. Porque precisa ter a

3 Brandão, Junito. *Mitologia Grega*, Vol. I, p. 192, 7ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.
4 Hesíodo. *Os Trabalhos e os Dias*, p. 31. Ed. Iluminuras, São Paulo, 1991.

certeza de que sua atuação é importante socialmente, rejeita o que não pode ser concretamente comprovado e praticamente utilizado.

*Cronos casou-se com sua irmã Réia e com ela teve seis filhos. Temeroso que a profecia de ser destronado por um dos filhos se cumprisse, passou a devorar seus filhos, a medida em que iam nascendo. Assim fez com Héstia, Deméter, Hera, Hades e Poseidon. O único que escapou foi Zeus, conforme foi contado nos Mitos de Sagitário.*

"E engolia-os o grande Cronos tão logo cada um
do ventre sagrado da mãe descia aos joelhos,
tramando-o para que outro dos magníficos Uranidas
não tivesse entre os imortais a honra de rei.
Pois soube da Terra e do Céu constelado
que lhe era destino por um filho ser submetido
apesar de poderoso, por desígnios do grande Zeus.
E não mantinha vigilância de cego, mas à espreita
engolia os filhos. Réia agarrou-a longa aflição.
Mas quando a Zeus pai dos Deuses e dos homens
ela devia parir, suplicou-lhe então aos pais queridos,
aos seus, à Terra e ao Céu constelado,
comporem um ardil para que oculta parisse
o filho, e fosse punido pelas Erínias do pai
e filhos engolidos o grande Cronos de curvo pensar."[5]

Cronos é a figura arquetípica do pai. A grande questão do signo de Capricórnio está profundamente conectada com o mito e o mistério da paternidade. Cronos devorando os filhos, representa a imagem do pai castrador, repressivo que impede o filho de crescer para não ter que competir com ele, porque teme perder seu lugar. Por isso, na sociedade patriarcal, era o pai que escolhia o lugar do filho no mundo, impondo aos filhos uma carreira e às filhas, um marido. A simbologia da devoração representa, também, o indivíduo que "devora" a própria obra e, num esforço para manter a sua ordem, paralisa a geração que lhe segue, aniquilando a própria criação.

*Cronos era um deus essencialmente fiel. Um de seu poucos casos extra-conjugais foi com Filira. Para escapar à vigilância de Réia, Cronos se metamorfoseava em cavalo para encontrar-se com a amante. Dessa união nasceu Quíron, o centauro da constelação de Sagitário. Este filho não foi devorado.* O sisudo Capricórnio parece mais interessado em galgar os degraus

5 Hesíodo. *Teogonia*. Op. cit., p. 131.

do sucesso material e financeiro do que em querelas amorosas. Tradicionalmente é visto como o signo menos sensual, menos sedutor e que lida com o afeto e o sexo como mais um de seus "afazeres" a serem cumpridos.

Claro que existe nos capricornianos o lado do sátiro, que pode se manifestar de forma voluptuosa, luxuriosa, sem limites e até com requintes de crueldade e tortura. Quando bem canalizado, este mesmo aspecto será sua "carta na manga" a ser utilizada entre as quatro paredes da alcova. É onde podem surpreender como amantes sensuais, capazes de levar o outro a delírios de prazer.

*Zeus, adulto, voltou para cumprir a profecia de vencer o pai e tomar seu lugar. Com a ajuda de Réia, deu a Cronos uma poção mágica que o fez vomitar todos os filhos engolidos. Os irmãos, agradecidos, fizeram de Zeus seu líder e o apoiaram na guerra contra o pai. Vencido, Cronos foi condenado a viver na Terra entre os mortais. Nessa época, os homens viviam em tribos dispersas. Cronos reuniu-os e deu início às chamadas Idades da Terra, contadas em detalhes nas Divindades Primordiais. Depois que Zeus consolidou seu poder, enviou o pai para a Ilha dos Bem-Aventurados, nos confins do ocidente. Lá, Cronos tornou-se rei, recuperando, de certa forma, a Idade do Ouro.*

O mito de Cronos foi muito bem assimilado pelos latinos. *Conta a lenda romana que, depois de ter sido destronado por Zeus, Cronos refugiou-se na Ausônia, antigo nome poético da Itália. Lá recebeu o nome de* ***Saturno*** *e estabeleceu sua Idade de Ouro. Assumindo o lugar de Saturnus, antigo deus itálico, assimilou seus atributos de deus da semeadura e da vegetação. Seu reinado trouxe abundância, paz, fraternidade, igualdade e liberdade. Assim, Saturno tornou-se um herói civilizador, que ensinava a cultura da terra, e trazia paz e justiça.*

*Para comemorar esse estado paradisíaco e obter a proteção do deus sobre a semeadura e a vegetação, eram celebradas as* Saturnalia. *A festa, que no início durava apenas um dia e depois estendeu-se para cinco, acontecia no dia 17 de dezembro, data que marcava o término de um ano e o início de um novo. Segundo J. Brandão, as* Saturnalia *eram uma reprodução da Idade de Ouro, isto é, da abundância, da igualdade, da liberdade. Havia um banquete público e tudo parava: o Senado, os Tribunais, as escolas, o trabalho. Reinavam a alegria, a orgia e a liberdade. Quebrava-se a hierarquização da orgulhosa sociedade romana e até os escravos eram, temporariamente, libertados e servidos por seus senhores.*

*De acordo com Hesíodo foi na terceira Idade da Terra, chamada Idade do Bronze, que Cronos desapareceu. Foi eternizado nas estrelas, tornando-se parte do universo dos arquétipos. Saturno era uma divindade que inspirava medo e ao mesmo tempo, admiração. Aqui transcrevemos uma prece a Saturno, escrita no século X:*

> "Ó mestre de sublime nome e grande saber, supremo Mestre; Ó Mestre Saturno: Tu, o Frio, o Estéril, o Lúgubre, o Pernicioso; Tu, cuja vida é sincera e cuja palavra é certa; Tu, o Sábio e Solitário, o Impenetrável; Tu, cujas promessas são cumpridas; Tu, que és fraco e cansado; Tu, que tens maiores cuidados que qualquer outro, e que não conheces nem o prazer nem a alegria; Tu, velho e astuto, mestre de todos os artifícios, enganoso, sábio e judicioso; Tu, que trazes a prosperidade ou a ruína, e tornas os homens felizes ou infelizes! Conjuro-Te, Ó Pai Supremo, por Tua grande benevolência, e Teu generoso favor, a fazeres por mim o que peço."[6]

Saturno é o princípio da forma e da estabilidade. Não por acaso rege, no corpo humano, o esqueleto, a própria estrutura. Uma de suas mais fortes lições é nos ensinar a organização e nos fornecer o método para alcançarmos nossos objetivos. Porque rege também os joelhos, a falta de flexibilidade nessa área pode ser um indicador da cristalização psíquica, comum à velhice, também regida por Saturno. Isso retarda a capacidade de resposta às circunstâncias que surgem. E está ligado com a falta de humildade para ajoelhar-se, tão forte neste signo. Muitas vezes gera um grande isolamento e dificuldades para lidar com o novo.

A dificuldade com Saturno vem do fato de que, sendo ele o nosso "pé na realidade" exige ações concretas e objetivas para cada um de nossos ideais. Ao excesso de sonho e ilusão contrapõe o limite, próprio do mundo material, por isso desagrada tanto aos sonhadores. Ele representa a consciência de que a realização dos sonhos é impossível sem um constante trabalho.

Sendo o deus do tempo, que tudo regula e comanda, mostra-nos o valor da experiência acumulada. Ensina-nos a lidar com as leis do tempo e com os ciclos da natureza, que regem os ciclos da vida. Se não estivermos em sintonia com a lei cósmica, respeitando o tempo exigido para cada estágio do processo, podemos nos perder no caminho.

Durante este signo se comemora o Natal, a morte do Ano Velho e a chegada do Ano Novo. As preparações para as festas e as celebrações tomam muito tempo das pessoas, que se sentem pressionadas com tantos afazeres e obrigações. A pressão do tempo é tema comum deste signo. Seu arquétipo inclui todos os conceitos, sentidos e significados do Tempo, desde o calendário, meses, dias, horas e estações do ano, até o período de vida de cada indivíduo.

---

6 Picatrix. "Prece a Saturno", citado por Greene, L., *A Astrologia do Destino*, p. 222. Ed. Cultrix, São Paulo, 1989.

## Pã, Sátiros e Faunos

*Os gregos tinham suas principais fontes de riqueza e sustento no mar e nos campos. Na Grécia, o inverno era rigoroso e o verão causticante. As atividades agrícolas eram desenvolvidas nas poucas áreas cultiváveis de sua terra montanhosa, nas raras planícies e nas encostas dos morros. A criação de gado era feita no alto das montanhas, porque o vento forte só permitia o crescimento de pastagens para alimentar os animais.*

*Como lutavam contra dificuldades de clima e relevo, os gregos acreditavam que só poderiam cultivar a terra e criar os animais se tivessem a proteção dos deuses. Por isso, cultuavam com ardor as divindades agrestes como Deméter, a deusa do trigo, e Dioniso, deus do vinho. Havia, também, outras divindades agrícolas que protegiam os rebanhos, favoreciam a procriação dos animais e a fertilidade da terra. Eram divindades que viviam nos bosques e tinham formas híbridas, meio humanas meio animais chamadas Sátiros, Faunos e Egipãs. A mais importante dessas divindades era Pã.*

*Pã era a figura mais conhecida do antigo Deus Cornífero. Esta figura mítica era, originalmente, um deus da caça. Nessa época, o caçador se identificava com a presa, por isso a respeitava e imitava nos seus rituais de magia cerimonial.*

*Esse Deus Cornífero era uma espécie de* ***alter ego*** *e consorte da Grande Mãe Cósmica.* De acordo com Laurie Cabot, a imagem do filho divino, o Deus Cornífero, foi usada como representação do Satã cristão, quando o cristianismo e as antigas religiões naturais entraram em choque na Europa. Porém registros históricos atestam que o uso de chifres como símbolo de honra e respeito era um costume generalizado, que teve sua origem nas culturas caçadoras neolíticas. O capacete cornífero foi estilizado como a coroa real. Um caçador repetidamente bem-sucedido assumia na tribo uma posição proeminente e respeitável que, naturalmente, evoluía para a posição de cacique ou rei.

*Apesar da complexidade agrícola e social, decorrente do aumento populacional, esta divindade continuou sendo cultuada porque, inconscientemente, as pessoas sabiam que, sem o apoio da força bruta da natureza, tanto as colheitas quanto as comunidades não poderiam sobreviver.*

*Como sua verdadeira origem era desconhecida, Pã aparece nos Hinos Homéricos como filho de Hermes e Dríope. Sendo muito popular, outras versões se referem a ele como filho de Hermes com a ninfa Enoe, ou com Penélope, mulher de Ulisses, ou ainda de uma aventura com Amaltéia, a cabra-marinha.* É esta a cabra eternizada na constelação de Capricórnio. *Hermes levou-o para o Olimpo, mostrou-o aos deuses que lhe deram o nome de Pã, por*

*ter trazido a alegria ao coração de todos. Etimologicamente, a palavra significa* Tudo *e esta divindade seria, então, a encarnação do Universo, do Todo, um símbolo de vida nova e fecundidade. Dioniso integrou-o a seu cortejo.*

> "Seu aspecto físico reflete o conceito do espectro total da realidade. Ele tinha pés de cabra que ficavam em contato com a Terra. Tinha patas que iam até as virilhas. O busto era puramente humano e culminava numa cabeça sábia e profética que tinha o poder de criar música."[7]

*Os atributos de Pã eram a flauta, um cajado e uma coroa feita com folhas de pinheiro. Também possuía o dom da profecia e personificava a sabedoria pela identificação com a natureza. Era um velho sábio, apegado à terra, aos animais e à vida. Assim, como dizia Brewer, era a personificação de divindade que emergia na criação e impregnava todas as coisas. Era também chamado deus da* hyle, *que em grego significa matéria, de modo que era um deus não apenas dos bosques e sim de todas as substâncias materiais.*

*Como todos os pastores, Pã descansava ao meio-dia e, no silêncio meridiano das encostas das montanhas, provocava um medo irracional naqueles que o perturbavam. É de seu nome que vem a palavra "pânico".* Capricórnio é o signo associado ao Meio do Céu, no Mapa Natal. Esse ponto representa o meio-dia, hora de sol a pino e causticante, onde toda a natureza parece silenciar. As pessoas encerram seus turnos matutinos de trabalho, param para refazer sua energia e recomeçar uma nova jornada. Em alguns países, como a Espanha e o México, ainda existe o costume da *siesta*, hábito remanescente da época em que Pã "assombrava" no meio do dia.

> "O deus Pã, da Arcádia, é o mais conhecido exemplo clássico da presença perigosa que habita pouco além da zona protegida das fronteiras da cidade. (...) A emoção que ele instilava nos seres humanos que acidentalmente se aventurassem em seus domínios era o 'pânico', um medo súbito e sem razão aparente. Assim sendo, qualquer coisa insignificante – a quebra de um galho, a queda de uma folha – enchia a mente de um perigo imaginário, e a vítima, no frenético esforço para escapar do seu próprio inconsciente agitado, morria de terror."[8]

*Pã era muito bom com aqueles que o cultuavam; trazia os benefícios da natureza para os fazendeiros, criadores e pescadores que lhe dedicassem os*

---

7 Farrar, Janet e Stewart. *O Deus dos Magos*, p. 87. Ed. Siciliano, São Paulo, 1993.

8 Campbell, Joseph. *O Herói de Mil Faces*, p. 84. Ed. Cultrix, São Paulo, 1993.

*primeiros frutos de suas colheitas; e saúde para os que procuravam seus santuários de cura. Diz a lenda que na Licaônia havia um oráculo cuja sacerdotisa, a ninfa Érato, era inspirada por Pã. No poema de Milton, Pã é descrito como a personificação da Natureza:* "Pã Universal, unido às Graças e às Horas na dança, levava adiante a eterna primavera."[9] O signo de Capricórnio, apesar de ser tido como o mais sério e grave do Zodíaco, rege a Dança. É preciso ter autodisciplina, perseverança e muita persistência, qualidades capricornianas, para seguir a dança como carreira profissional. Sendo um signo de elemento terra, está profundamente conectado com os ciclos da natureza e, naturalmente, com a celebração da vida.

*Era uma divindade de grande atividade sexual, que perseguia ninfas e também rapazes com a mesma paixão. Acompanhava Dioniso em suas viagens e quando retornava à Grécia trazia, sempre, novos elementos culturais. Por isso era tido como uma divindade civilizadora. A ele eram atribuídas várias façanhas, como a invenção da flauta e a vitória sobre a frota persa, quando esta tentou invadir a Ática. Consta que fugiram assustados com o berro terrível de Pã.*

*A lista de seus amores era interminável. Conta-se que Pã amou Eco, antes desta se apaixonar por Narciso. Também amou Eufémia, ama das Musas. O deus Cornífero gabava-se de ter possuído todas as mênades do cortejo de Dioniso, quando estas, embriagadas, entravam em delírio frenético. Certa vez, tentou violar a casta Pítis, que conseguiu escapar, metamorfoseando-se em pinheiro. Foi das folhas dessa árvore que Pã fez sua coroa. Quando perseguiu a ninfa Siringe, esta também escapou graças ao rio Ládon, que a transformou em caniços. Pã, frustrado, cortou alguns dos caniços e com eles fez a famosa Flauta de Pã, a qual chamou de Siringe em homenagem à ninfa.*

A cabra é um dos mais antigos símbolos de luxúria, cobiça e fertilidade. Os Sátiros e Faunos, que são metade caprinos, estão relacionados com a fertilidade da terra e também com a luxúria em seu estado mais bruto. Representam a besta que existe nos homens e que precisa ser colocada a serviço do crescimento humano, transcendendo sua natureza de fera. Pã faz a síntese e traz o elemento civilizador, que é próprio do signo de Capricórnio, baluarte da realização concreta no mundo.

*Pã era tido como criatura esperta e capaz de várias estratégias de lutas e de conquistas. Uma de suas histórias conta que uma vez se apaixonou por Selene, a deusa-lua, que — naturalmente — fugiu dele, sentindo muito medo*

9 Milton. "Paradise Lost", B. IV, citado por Bulfinch, T., *Myths of Greece and Rome*, p. 205. Tradução livre do autor. Ed. Penguin Books, Nova Iorque, 1981.

*de sua forma híbrida, coberta de pêlos e com patas de bode. Astuto como era, Pã criou uma armadilha. Vestiu-se com a pele branca de um carneiro e esperou a amada na floresta. Quando Selene surgiu, deparou-se com aquela criatura que a olhava tão mansamente, enterneceu-se e entregou-se a ele num encontro breve, porém intenso. Esta união simbolizou a superação de seu estado animal.*

*Apesar de venerado como um deus, Pã não era tido como imortal. Sua morte foi relatada por vários mitólogos, embora os motivos não sejam claros. A notícia de sua morte entristeceu a todos e a natureza entrou em luto.*

> "Filósofos neoplatônicos e cristãos farão dele a síntese do paganismo. A morte do Grande Pã pode ser interpretada como o fim dos deuses antigos. Os lamentos do mar prenunciavam o alvorecer de uma nova era que aterrorizava o mundo greco-latino. A morte de Pã configura o fim das velhas instituições. Curiosa evolução de um símbolo que evoluiu de um descomedimento sexual para uma nova ordem social, cuja agonia leva ao desespero, porque também ela perdeu sua energia vital."[10]

*Dentre as divindades agrestes secundárias estavam, também, os gênios campestres, elementos dos bosques e das montanhas, que viviam em estreito contato com a natureza e protegiam os animais, os camponeses e pastores. Eram os Faunos, Sátiros e Egipãs. Participavam do cortejo de Dioniso, amavam os bosques, as festas, o vinho e as ninfas.*

*Egipãs eram os descendentes de Pã. Faunos, confundiam-se com os sátiros e foram muito mais cultuados pelos romanos. Sátiros eram descendentes de Hermes e da ninfa Iftiméia. No princípio, eram representados como figuras bestiais, preguiçosos e extremamente sensuais, com seus chifres, pêlos, pênis em ereção e patas de bode. Viviam nos bosques e perseguiam as Hamadríades (ninfas dos carvalhos) vítimas prediletas de seu voraz apetite sexual. Mais tarde, a figura dos Sátiros se transformou e passaram a ser descritos como seres jovens e doces, travessos e maliciosos, que amavam a música e a dança. Conservaram, da forma animal, os chifres, as orelhas pontiagudas e os pés caprinos.*

*Essas divindades agrestes foram tema freqüente nas Artes Plásticas, desde a Antigüidade até o Barroco. Suas histórias, cheias de amores e festas, inspiraram a criação, no teatro, de um drama, nem trágico nem cômico, intitulado drama satírico, composto de várias partes e personagens e caracterizado por muita ação, dança frenética e risadas ruidosas. Mais tarde surgiu*

---

10 Brandão, Junito. *Dicionário Mítico-Etmológico da Mitologia Grega*, Vol. II, p. 222. Ed. Vozes, Petrópolis, 1992.

*a sátira literária, um tipo de humor cáustico, cuja finalidade é o ataque a alguém em particular.*

Sendo o Capricórnio um signo do elemento terra, profundamente conectado com a natureza e seus ciclos, está naturalmente relacionado com a preservação da vida, com a fertilidade e com a reprodução. Estas divindades agrestes simbolizam a ligação entre o homem e a natureza.

Em seu estado mais primitivo, a manifestação capricorniana pode ser a da cabra sensual, movida pela luxúria e que obedece somente seus instintos selvagens. Quando essa energia é canalizada, ele se torna o mais produtivo e realizador dos signos. Entretanto, precisa reconhecer sua natureza de fera para aprender a lidar com ela e para utilizá-la, com seu cáustico senso de humor, dentro de seu gênero favorito: a sátira.

## Vertumno e Pomona

*Pomona era uma hamadríade e amava os jardins, as árvores e seus frutos. Trazia nas mãos uma foice recurva com a qual colocava em ordem os brotos que cresciam ao contrário ou fazia enxertos nas árvores. Passava seus dias tranqüila, cuidando das plantas como uma jovem mãe cuida de seu filho. Todo seu carinho era dado às plantas, porque não amava ninguém. Fugia à perseguição dos sátiros e faunos e ignorava todos os seus pretendentes.*

*Vertumno era um rei da Etrúria, conhecido por seu zelo pela fecundidade da terra e por seu cuidado com os pomares e jardins. Era um belo jovem, usava uma coroa de ervas, e trazia frutas na mão esquerda e uma cornucópia na mão direita. Apaixonado por Pomona, podia sentir a presença da amada em cada flor e era o único que podia compreender seu amor pelas flores e pelos frutos.*

*Tudo fazia para encontrá-la, mas perdia a esperança de conquistá-la ao sentir sua indiferença. Várias vezes conseguiu aproximar-se, mas sem coragem de confessar seus sentimentos. Usando o poder que possuía, disfarçava-se ora em ceifeiro, ora em lavrador e vinhateiro, oferecendo-lhe delicados presentes. Pomona aceitava-os, sem suspeitar do amor que continham. Vertumno contentava-se apenas por estar perto da amada.* Uma das dificuldades dos capricornianos é conseguir demonstrar o afeto, ou qualquer outra emoção, que estejam sentindo, porque temem a perda do controle e a exposição.

*Depois de muita angústia, Vertumno decidiu usar um último recurso: disfarçou-se de velha e foi procurá-la. Encontrou-a no jardim e elogiou a beleza de suas flores e frutos. Pomona interrompeu o trabalho para dar atenção*

*àquela simpática figura.* Quando os capricornianos percebem que o outro está receptivo, são capazes das maiores gentilezas e agrados: desde os infalíveis flores e poemas, até colocarem-se disponíveis para tudo que o outro precisar, dos pequenos consertos aos maiores projetos.

*Encorajado, Vertumno procurou despertar a ninfa para o amor, falando das coisas boas que ele traz, comparando-o com o sol e o bem que faz às plantas. Depois, como se contasse um segredo, falou-lhe sobre o jovem que desejava desposá-la e que Afrodite poderia puni-la se fechasse seu coração ao amor. Nada disso adiantou, ela permanecia impassível. Ele, então, resolveu abandonar o disfarce e usar a força para conquistá-la. Porém, ao ver o belo jovem, com o brilho do sol em seu rosto, Pomona entregou-lhe o coração. E esta união foi imortalizada, sendo sempre renovada pelo tempo.*

Os capricornianos costumam ser leais e cumpridores de seus compromissos. Assim, são capazes de enfrentar todas as vicissitudes dos relacionamentos para chegar à estabilidade e segurança de uma relação tranqüila. Por isso, procuram à sua maneira, isto é, oferecendo confiança e segurança, alimentar a relação para que se transforme numa jornada que possa durar a vida inteira.

A história de amor de Vertumno e Pomona tem vários elementos capricornianos: o amor de ambos à natureza e seus frutos, os vários disfarces de Vertumno – de lavrador, ceifeiro, vinhateiro e velha – representando, respectivamente, primavera, verão, outono e inverno, a união de ambos que simboliza a ininterrupta passagem das estações, pois é imortal e se renova com a passagem do tempo. Como Cronos, o deus do tempo, implacável, que tudo regula e tudo comanda.

## Bodhisatwa

*Na Mitologia Oriental, provavelmente oriunda do Tibet, existem dois tipos de Iluminados: os Budas e os Bodhisatwas. O Buda atinge a Iluminação, alcança o Nirvana – onde o vento do karma não sopra – e permanece nesse estado místico de completa integração com a divindade. O Bodhisatwa também atinge a Iluminação, mas se volta para trás e vê que o resto da humanidade continua sofrendo e vivendo na escuridão. Ele poderia permanecer, como Buda, nesse estado de plena comunhão com a luz, mas,* ***escolhe*** *retornar e viver novamente no mundo denso e obscuro da matéria, para ajudar seus irmãos humanos a também alcançarem a luz. Somente quando estes se libertarem é que o Bodhisatwa pode retornar ao seu estado nirvânico.*

Este símbolo tão profundo mostra o "destino" real do Capricórnio. Seja qual for o topo da montanha que quiser conquistar: material, espiritual ou ambos, ele não pode ficar lá em cima. Precisa descer, novamente, ao mundo comum, porque sua habilidade e sua sabedoria são necessárias aos outros humanos.

Este mito oriental tem vários similares no ocidente. Não por acaso celebramos o nascimento de Cristo, o filho de Deus, em Capricórnio. Ele, também, estava na comunhão com a luz e escolheu descer à Terra para mostrar aos homens o verdadeiro caminho. E só pôde ascender novamente ao céu quando já havia plantado sua semente e seus discípulos poderiam continuar a divulgação de sua obra.

Capricórnio, o décimo signo, representa o Portal para o Reino Espiritual, a porta que atravessamos quando compreendemos a limitação da matéria e nos identificamos com o espírito. Este é o significado da Iniciação. Um iniciado é aquele que tem sua consciência focalizada nos anseios de sua alma e não apenas na limitação de seus desejos, de sua mente ou de seu corpo físico. Pode, então, colocar-se a serviço da evolução da humanidade.

Nesse sentido, os mitos relacionados ao Capricórnio cumprem tarefas missioneiras. O próprio Cronos, segundo a versão de Hesíodo, depois de ter sido vencido por seu filho, foi enviado para viver na Terra, onde reuniu as tribos selvagens que viviam dispersas, organizou-as e deu início às chamadas Idades da Terra. O que significa que ele abdicou de sua vida divina, para ajudar os homens na construção da história da humanidade.

Capricórnio é o primeiro dos três signos chamados Universais, cuja tarefa maior transcende à própria realização e coloca-se a serviço da consciência universal. Porém, este estágio só é alcançado, este portal só pode ser transposto, quando vivenciamos a integração **macro-microcosmos** na eterna-idade do aqui e do agora.

♑

# Dos Mitos do Aquário

No signo de Capricórnio, chegamos ao topo da montanha e ao Portal de acesso às outras dimensões. Aquário, o décimo-primeiro signo, é o terceiro signo da tríade do elemento **ar**. Sua representação na Natureza é o **furacão**. Gêmeos, o primeiro dos signos de ar, é o vento, que se move em todas as direções; Libra é a brisa, a sutilidade e leveza do ar; Aquário é o furacão, que surge de repente e altera, radicalmente, a paisagem, sem que nada permaneça como sempre foi.

Aquário é o signo do grupo por excelência. Por isso, suas metáforas são as agremiações, os times de futebol, os conselhos tribais, os sindicatos, as orquestras. Enfim, aquelas atividades onde "uma andorinha só não faz verão", pois a força está na união do grupo. No reino animal é representado pelos bandos de aves – andorinhas, inclusive – e também pelas abelhas e formigas. Entre seus objetos estão os aviões, o cachimbo da paz, o estilingue e o computador. No corpo humano, Aquário rege a barriga da perna, os tornozelos e a circulação sangüínea.

Sendo um signo basicamente humano, seu símbolo no Zodíaco é o **aguadeiro**. Esta imagem mítica tem origem na lenda de Ganimedes, um belo jovem troiano, carregado ao Olimpo por Zeus. Na cultura grega a sensualidade não era confinada apenas a heterossexualidade. Tanto entre os deuses como entre os humanos, a homossexualidade era considerada normal. Ganimedes tornou-se amante e copeiro de Zeus, passando a servir o néctar aos deuses. Em agradecimento por seus fiéis serviços, foi eternizado na constelação do Aquário, o aguadeiro, que rega o mundo com seu saber.

É regido por **Urano**, um dos chamados "embaixadores da Galáxia"[1], que representa nosso contato com o futuro, com a vanguarda, com a criação ilimitada. Radicalismo, originalidade, intempestividade são algumas das características deste signo. Sendo o elemento ar associado ao mundo das idéias, o aquariano pode fixar-se numa idéia ou ideologia, sendo difícil convencê-lo que existem alternativas. Aquário e Leão compõem o quinto eixo do Zodíaco, o eixo do Amor e da Irradiação.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

---

1 Os três últimos planetas do Sistema Solar – Urano, Netuno e Plutão – não são visíveis a olho nu. Situam-se depois de Saturno, e são assim chamados porque estão, aparentemente, mais próximos de outras galaxias.

# Urano

Para compreender o mito de Urano é preciso retornar às Divindades Primordiais, já referidas anteriormente.

*Segundo Hesíodo, "no princípio havia apenas o caos". Da reunião de suas partículas dispersas nasceu Gaia, a Mãe-Terra, que reinou plena e absoluta durante muito tempo. Cansada de sua solidão, ela criou Urano, o Deus Céu. Depois adormeceu. Urano contemplou-a do alto das montanhas e sobre suas fendas fez jorrar uma chuva fértil, que gerou as plantas, as flores, as árvores e animais. A mesma chuva fez correr os rios e, enchendo de água os recantos mais côncavos, originou os mares e lagos. Tornou-se seu celeste esposo e todas as noites seu abraço a envolvia completamente.*

Urano é o céu constelado, uma força impessoal da natureza, situado acima do plano da Terra. É Gaia, sua mulher e mãe, que equilibra sua natureza aérea e o mantém firme na realidade. Muitos aquarianos olham para o alto e contemplam, saudosamente, o universo infinito. Por vezes, tornam-se utópicos e têm grande dificuldade para lidar com a rotina entediante do trabalho, da agenda a ser cumprida, dos orçamentos e planos. Como diz Kathleen Burt, os aquarianos, e também as pessoas com Urano enfatizado em seus Mapas Natais, são personalidades "fixas", que precisam aprender a contemporizar e submeter-se às leis do plano da Terra, para sobreviver e funcionar aqui.

*Dessa união entre o Céu e a Terra foram geradas todas as criaturas. Os primeiros filhos tinham formas gigantescas. Eram os Cíclopes e os Hecatônquiros. Depois nasceram os Titãs e as Titânias, que povoaram o mundo com seus descendentes.*

"Terra primeiro pariu igual a si mesma
Céu constelado, para cercá-la toda ao redor
e ser aos Deuses venturosos sede irresvalável sempre.
Pariu altas Montanhas, belos abrigos das Deusas
ninfas que moram nas montanhas frondosas.
E pariu a infecunda planície impetuosa de ondas
o Mar, sem o desejoso amor. Depois pariu
do coito com o Céu: Oceano de fundos remoinhos
e Coios e Crios e Hipérion e Jápeto
e Téia e Réia e Têmis e Memória
e Febe de áurea coroa e Tétis amorosa.

E após com ótimas armas Cronos de curvo pensar,
filho o mais terrível: detestou o florescente pai."[2]

Simbolicamente, Urano representa a proliferação criadora ilimitada e indiferenciada que, sendo excessiva, acaba destruindo sua própria criação. Assim, ele simboliza a gênese de todas as ações, onde se alternam o impulso e a queda, a vida e a morte dos projetos. Este planeta, com seus impulsos elétricos, está sempre destruindo estruturas decadentes que precisam ser substituídas. A vida das pessoas regidas por este planeta, pode se tornar um processo constante de demolição de velhos modelos, de ruptura de padrões obsoletos e de recriação de tudo a partir do nada.

*A cada dia novas criaturas surgiam. Gaia, cansada de tanta fecundidade e para escapar ao abraço inexorável de seu esposo, pediu aos Ciclopes que a defendessem. Eles esperaram o pai adormecer e o atacaram, porém Urano acordou a tempo e, usando sua descomunal força celeste, lançou seus filhos rebeldes ao Tártaro. Na verdade, ele sentia repulsa por aquelas criaturas grotescas que ofendiam seu senso estético e aproveitou o pretexto para tirá-las de suas vistas.*

Essa divindade antiga e indistinta possui alguns aspectos relativos ao complexo signo do Aquário. Sua rejeição ao rude e ao grotesco, representado pelos Ciclopes, é semelhante à repulsa que sentem os aquarianos perante o primitivo, terreno e animalesco. Essa indignação pode estar na base de seu feroz instinto civilizador, que busca promover a evolução da espécie, reformando e redimindo a humanidade. Esse instinto civilizador tem um sentido gregário e acaba resultando na formação de núcleos comunitários, porém na sua essência predomina o aprimoramento individual, resultante da competição necessária à sobrevivência. Este é o grande paradigma deste signo. O aquariano, apesar de estar sempre voltado para o coletivo, é um individualista.

*A Mãe-Terra engendrou uma terrível vingança. Talhou, pacientemente, uma foice de sílex e pediu aos Titãs que a ajudassem a executar seu plano. Todos se recusaram, exceto Cronos. Sequioso de poder e com ciúmes da mãe, ele ficou de tocaia. Quando o pai aproximou-se para, mais uma vez, fecundar Gaia, atirou-se contra ele, dominou-o, cortou-lhe os testículos, lançando-os ao mar.*

*O sangue de Urano, derramado sobre a terra, novamente fecundou-a, dando origem às Meliades, ninfas dos carvalhos, e às Erínias, fúrias vingadores dos crimes consangüíneos. A espuma de seu sêmen misturou-se à água do*

2 Hesíodo. *Teogonia – A Origem dos Deuses*, p. 113, 2ª edição. Ed. Iluminuras, São Paulo, 1992.

*mar. Dela nasceu Afrodite, a deusa do amor e da beleza, que veio para introduzir no mundo a ordenação das espécies, impedindo a proliferação desordenada.*

O falo simboliza a criação reprodutora e também o poder. Assim sendo, Urano foi abruptamente mutilado e afastado de sua fonte de poder e criatividade. Na vida dos aquarianos esta é a sensação que experimentam quando precisam, por alguma razão, afastar-se do grupo a que pertencem ou de seus amigos de confiança. Às vezes, quando se afastam, perdem sua posição de poder dentro do grupo; ou são excluídos, sem mais nem menos, da função que exerciam no trabalho. Nesses casos é preciso sempre se reportar ao mito. A mutilação de Urano resultou no nascimento de Afrodite. Portanto, se os aquarianos perdem algumas de suas valiosas funções, geralmente abrem-se portas para novas oportunidades, novos grupos, novos caminhos.

Na esteira de mudanças que Urano detona, a quebra de antigas situações e o surgimento de novas oportunidades costumam ser concomitantes. Em seu livro *Astrologia do Destino*, Liz Greene cita o exemplo de Jung, que era do signo de Leão e tinha Aquário no Ascendente. Num piscar de olhos, ele caiu de sua posição de herdeiro da psicologia freudiana para o de *persona non grata* no grupo. Isolado pelas suas idéias inovadoras e pelo caminho que escolheu, Jung continuou seu trabalho sozinho. Depois de dez anos de estudo de Ocultismo, ele resgatou para o mundo ocidental as raízes alquímicas, astrológicas e o simbolismo esotérico. O Aquário ascendente lhe conferia uma habilidade uraniana, de espírito aberto, para buscar a verdade onde ela estivesse, desde os Vedas até os Índios, incluindo áreas que Freud considerava irrelevantes ou tabus. Essa mesma perspicácia uraniana que provocou a perda do grupo paradoxalmente levou à criação de um novo sistema de análise e compreensão do ser humano como um todo e de sua ligação com o Universo.

*Cronos passou a reinar, como Senhor do Tempo, armado de sua rígida e implacável foice, instaurando uma nova era de ordem e disciplina no lugar do caos. Urano, mutilado e impotente, tornou-se ocioso.* Segundo Mircea Eliade, essa seria a tendência dos deuses criadores. Concluída a cosmogonia, retiram-se para o céu e tornam-se ociosos.

> "Grande número de tribos primitivas, sobretudo as que se detiveram no estádio da caça e da colheita, conhecem um Ente Supremo: mas ele não desempenha quase nenhum papel na vida religiosa. Sabe-se, por outro lado, muito pouco a seu respeito, seus mitos são pouco numerosos e, em geral, bastante simples. Acredita-se que esse Ente Supremo criou o Mundo e o homem, mas que abandonou rapidamente as suas criações e se retirou para o Céu. Algumas

vezes, ele não chegou sequer a concluir a criação, e é um outro Ente Divino, seu 'Filho' ou representante, quem se incumbe da tarefa."[3]

A característica de criador ilimitado e de demolidor das velhas estruturas, presente no mito de Urano, manifesta-se através desse planeta no Mapa astrológico individual, independente do signo de Aquário. Por exemplo, uma pessoa nascida com Urano na posição ascendente, não importando o signo, terá essa capacidade criadora a sua disposição. Ela está presente nos inventores e artistas de todas as épocas. Para criar é preciso ser e/ou fazer diferente, romper com o estabelecido, ultrapassar os limites, e jamais adequar-se a um molde ou padrão. Tudo isto faz do "uranildo" um rebelde, um revolucionário, um anarquista. "Se hay gobierno soy contra" é seu grande lema. Não se preocupa nem com a criação, e nem com o destino daquilo que já criou. Tem uma compulsão criativa, cujo resultado chega a ser tão abundante que pode se tornar autofágico.

## Prometeu

*Prometeu era descendente dos primeiros Titãs, filho de Jápeto e Clímene. Seu nome grego significa o previdente, aquele que vê antes. Era gêmeo de Epimeteu, aquele que vê depois.* Aquário é o signo da vanguarda, que enxerga primeiro o futuro e tenta trazê-lo para o presente.

*Seus outros dois irmãos, Atlas e Menécio, lideraram a revolta dos Titãs, que resultou na Guerra de 10 Anos contra Zeus. Prometeu assumiu uma atitude de prudente neutralidade, até perceber que a vitória seria de Zeus. Colocou-se, então, ao lado dos olímpicos, e convenceu Epimeteu a acompanhá-lo. Como recompensa ganhou o direito de ir-e-vir ao Olimpo. Porém, no fundo, sentia um grande rancor contra os destruidores de sua raça. Tentava vingar-se dos deuses, favorecendo os homens sempre que podia.* Prometeu, como aquariano, faz a escolha pelo grupo com o qual se identifica. Como signo fixo, os aquarianos se preocupam profundamente com a lealdade, a fidelidade, a confiança. Neste signo encontra-se o arquétipo da amizade, portanto eles se identificam com o grupo que partilha seus ideais e nem sempre com sua família de sangue. Sua opção é pelos amigos e pela "tribo" que compartilhe suas idéias sobre a vida e sua visão de Nova Era.

---

3 Eliade, Mircea. *Mito e Realidade*, p. 86, 2ª edição. Coleção Debates, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1986.

*Segundo algumas versões, Prometeu é considerado o criador do primeiro homem, que moldou em barro e colocou nele uma centelha do fogo divino, a alma. Porque foram criados desta maneira, os homens se comprometeram a homenagear Zeus com sacrifício de animais. E, assim, podiam usar o fogo, até então privilégio exclusivo dos deuses.*

*Uma vez, numa cerimônia de sacrifício, Prometeu foi chamado para dividir o boi imolado. Separou-o em duas partes: numa colocou a carne e as vísceras, enroladas na pele do estômago do animal, e na outra os ossos dentro de uma generosa camada de gordura branca. Então, pediu a Zeus que escolhesse a parte que caberia aos deuses. O Senhor olímpico, atraído pela aparência mais volumosa, naturalmente escolheu a gordura. Ao descobrir que dentro dela haviam somente ossos, ficou enfurecido com Prometeu e com os mortais, que ele quisera favorecer. Para puni-los, decidiu privar os homens do uso do fogo. "Que eles comam sua carne crua". Prometeu foi condenado a viver na Terra, entre os humanos que ele tanto protegia.*

Prometeu pertencia à primeira dinastia dos Titãs e ganhou o direito de freqüentar o Olimpo. Seu primeiro castigo foi ser privado desse privilégio, tendo que viver na Terra entre os mortais, que ele protegia e beneficiava. Muitas criaturas do signo de Aquário têm a sensação que não pertencem a este planeta ou a esta dimensão. Dizem que é como se estivessem aqui para lutar por alguma causa, da qual nem sempre têm consciência. Sendo um signo de ar, apegam-se a suas idéias e defendem-nas com tenacidade, mesmo que paguem caro por isso. É somente assim que convivem com a privação de seu mais precioso bem, a liberdade.

*Privados do fogo, os homens começaram a passar frio e fome.* Simbolicamente foi-lhes tirada a luz da razão, da liberdade e do conhecimento. *Prometeu, penalizado com essa situação, foi imediatamente procurar Atena e pediu-lhe que o ajudasse a entrar secretamente no Olimpo. A deusa, que lhe ensinara as artes de ofício (Arquitetura, Astronomia, Artes Curativas, etc) que ele transmitia à humanidade, mais uma vez ajudou-o. Ao chegar no Olimpo, Prometeu roubou algumas sementes ígneas do carro de fogo do Sol e levou-as para a terra, escondidas num caule oco de férula. Assim, os homens recuperaram o poder do fogo e de tudo o que ele simboliza.*

A lenda de Prometeu é a que melhor representa o padrão mítico do Aquário. Sendo o "grande trabalhador social cósmico", rouba o fogo sagrado para doá-lo à humanidade, para que todos tenham acesso a seus benefícios, mesmo tendo que pagar um alto preço por sua ousadia. O aquariano usa sua rebeldia em obras que favorecem a coletividade. Isto, muitas vezes, é encarado como sua "missão" na Terra.

*Zeus, então, jurou vingar-se de Prometeu e da raça humana. Ordenou a Hefestos que criasse uma mulher de barro, na qual os Quatro Ventos insufla-*

*ram vida. Ela foi levada à Assembléia dos Deuses, onde cada um lhe deu um dom. Assim nasceu Pandora, cujo nome significa "cumulada de todos os dons". Recebeu de Afrodite o segredo da sedução e das artes do amor, de Hermes a capacidade de persuadir, e também a mentira e a astúcia. Todos os deuses contribuíram para torná-la fascinante, bela, sedutora, porém maldosa, tola e vaidosa.*

*Conta Hesíodo que Zeus entregou uma jarra de larga tampa a Pandora e enviou-a a Epimeteu, como presente divino. Prometeu, antevendo uma cilada, advertiu seu irmão no sentido de não aceitar presentes olímpicos. Epimeteu, então, desculpou-se com todo respeito e, a princípio, recusou o presente. Ainda mais enfurecido, Zeus ordenou que Prometeu fosse acorrentado no alto de um pico no Cáucaso – hoje, região da União Soviética – bem longe do Olimpo. Todos os dias, uma águia devorava seu fígado. À noite, o titã sofria terrivelmente com a neve e o frio, e seu fígado se reconstituía. No dia seguinte, a águia o devorava e seu sofrimento não tinha fim.*

*Epimeteu, apavorado com o fim trágico do irmão, apressou-se a aceitar e desposar Pandora. Logo após o casamento, os dois abriram a jarra e dela saíram todos os males que, desde então, passaram a afligir a humanidade como as doenças, as discórdias, a miséria, a fome, a decrepitude, a insanidade, os vícios, as paixões e a dificuldade na labuta diária. Os dois foram os primeiros a serem atingidos. Ela, imediatamente, fechou a jarra, nela encerrando a Esperança. Quando os males se alastraram, tomando conta de todos, os homens puderam perceber sua real condição de simples mortais. Foi então que a enganadora Esperança dissuadiu-os de um suicídio coletivo. Assim, completava-se a vingança de Zeus: os homens já não eram mais a imagem e semelhança dos deuses.*

Prometeu pode ser considerado um herói, porque trouxe o fogo divino aos homens. Porém, do ponto de vista dos deuses, ele cometeu uma transgressão, pela qual foi severamente punido. Primeiro, com a caixa de Pandora, que traz a consciência da limitada condição humana, e depois com o castigo no Cáucaso. Essa situação chamou a atenção de Jung: o senso de pecado que surge quando se faz qualquer esforço no sentido da realização individual.

> "O Gênese apresenta o ato da tomada de consciência como a infração de um tabu, como se o conhecimento significasse a ímpia ultrapassagem de uma barreira sacrossanta. Acho que o Gênese está correto, à medida que cada passo em direção à maior consciência é uma espécie de culpa prometéica: através do conhecimento é como se o fogo dos deuses fosse roubado, isto é, algo que era propriedade dos poderes inconscientes é arrancado do seu contexto natural e subordinado aos caprichos da mente consciente. O homem que usurpou o novo

> conhecimento, entretanto, sofre uma transformação ou ampliação da consciência, que já não se parece com a de seus semelhantes. Elevou-se acima do nível humano de sua época ("Serás igual a Deus"), mas assim fazendo se alienou da humanidade. A dor dessa solidão é a vingança dos deuses, pois ele nunca mais pode voltar à humanidade. Está, como diz o mito, acorrentado aos penhascos solitários do Cáucaso, abandonado por Deus e pelos homens."[4]

O isolamento de seus semelhantes é um paradoxo para a mente social do aquariano. Não por acaso, todos os campos de atividades consideradas, classicamente, aquarianas – a ciência, invenção, assistência social, psicologia e mesmo a astrologia – são mescladas pela solidão. Embora todo o trabalho seja feito para os outros, o profissional dessas áreas costuma ser, essencialmente, solitário. É como se "precisasse" desse tipo de tarefa, de promoção social e humana, para poder aliviar um pouco dessa intensa falta de compreensão, por se sentir um ser de outra dimensão.

*Trinta anos, ou trinta séculos, se passaram até que Hércules, no cumprimento de uma de suas Doze Tarefas, desceu aos Ínferos para enfrentar Cérbero, o Cão, e libertou Prometeu. Como Hades exigia outra alma para ocupar seu lugar, o herói lembrou-se de Quíron, seu velho mestre, e pediu a Zeus que permitisse a troca, livrando Quíron de sua dor e devolvendo a liberdade à Prometeu.*

Esta lenda marca a separação entre os homens, que se tornaram conscientes de sua condição humana, e os deuses que passaram a viver nas alturas olímpicas, não mais dividindo seus poderes divinos com os mortais. Prometeu representava a ameaça constante de que esse poder fosse restituído aos homens e, por isso, mesmo depois de sua libertação, passou a viver entre os humanos, sempre insistindo que o conhecimento é superior à fé cega. Para a índole iconoclasta aquariana não existe lugar para a devoção supersticiosa, para a autoridade sem sentido. Ele acredita que, no final, cada indivíduo será seu próprio juiz e, se for preciso, desafiará os deuses para obter seus segredos e regar com eles a humanidade!

Como o Aguadeiro, que rega o mundo com o seu saber, há uma ânsia nos aquarianos de expandir e divulgar suas idéias para todos. Signo de vanguarda, nem sempre as pessoas conseguem compreender e nem assimilar a mensagem que ele traz, o que, muitas vezes, resulta na sua fama de exótico. Na verdade, está tentando compartilhar as sementes do fogo, para que todos tenham acesso às informações.

---

4 Jung, C.G. "Two Essays on Analytical Psychology", citado por Greene, L., *A Astrologia do Destino*, p. 227. Ed. Cultrix, São Paulo, 1989.

# Deucalião e o Dilúvio

*Muito tempo havia se passado desde a divisão entre os deuses e os mortais e a criação do Olimpo. Na Terra, os homens viviam a Idade do Bronze, com suas guerras, injustiças e crimes, que tornavam a vida humana miserável e dura. Desgostoso e colérico com os vícios e maldades dos homens, e considerando a raça humana indigna da proteção dos deuses, Zeus resolveu destruí-la através de um dilúvio.* Todos os povos da Antigüidade possuíam seus mitos sobre a destruição do mundo, desde os africanos e asiáticos mais primitivos até os hebreus e, posteriormente, os cristãos. É através deles que conhecemos a versão diluviana da Arca de Noé. De acordo com Mircea Elíade, a imersão total da Terra nas águas, seguida pelo surgimento de uma Terra nova, simboliza a regressão ao caos e à cosmogonia. "O Dilúvio abriu o caminho para uma recriação do Mundo e, simultaneamente, para uma regeneração da humanidade. Em outros termos, o Fim do Mundo no passado, e aquele que terá lugar no futuro, representa a projeção gigantesca, em escala macrocósmica e com uma intensidade dramática excepcional, do sistema mítico-ritual da festa do Ano Novo."[5]

*Prometeu estava atento e, mais uma vez, protegeu a humanidade. Previdente como era, avisou seu filho Deucalião sobre o dilúvio e orientou-o sobre a maneira de salvar-se e a sua esposa, Pirra, filha de Epimeteu e Pandora. Sob as ordens do pai, Deucalião construiu uma grande arca e, quando a chuva começou, embarcou nela com sua mulher e provisões indispensáveis à vida.*

*Durante nove dias e nove noites, nuvens negras e pesadas derramaram, implacavelmente, água sobre a Terra. Os rios transbordaram e o mar avançou, arrastando consigo vidas e construções. Era o dilúvio. Toda a Terra foi coberta, com exceção do topo de algumas montanhas. Todas as criaturas terrestres pareciam ter morrido, exceto Deucalião e Pirra. Ao final de nove dias a Arca, finalmente, pousou sobre o Monte Parnaso, no meio do gigantesco mar. Os dois desembarcaram em terra firme e construíram um altar para oferecer um sacrifício a Zeus, agradecendo por terem sobrevivido.*

*Nada restou sobre o planeta, apenas um casal submisso aos deuses. Zeus, então, resolveu cessar o castigo e prometeu a Deucalião que atenderia ao primeiro pedido por ele formulado. Quando as águas começaram a descer, a terra reapareceu com suas árvores desfolhadas, os rebanhos mortos, a humanidade perecida. Diante da desolação, apenas um homem e uma mulher.*

5 Elíade, Mircea. Op. cit., p. 54.

*Pediram com humildade aos deuses que a raça humana fosse reconstituída. Zeus ouviu, de longe, suas preces e enviou Hermes para dizer-lhes que seu pedido seria atendido. A deusa Têmis, da Justiça, ordenou então que eles cobrissem os olhos e, à medida que fossem caminhando, atirassem para trás os "ossos de vossa mãe". Durante algum tempo os dois meditaram sobre isso e compreenderam que a "mãe", a que se referia a deusa, era a Terra – mãe de todas as criaturas – e "seus ossos", as pedras.*

*Os dois, então, juntaram pedras do chão e puseram-se a caminhar, atirando as pedras para trás. As pedras lançadas por Deucalião transformaram-se em homens; as lançadas por Pirra, em mulheres. Assim, a Terra foi repovoada e a cólera de Zeus arrefecida. Porém o homem continuou sua escalada de lutas e nunca mais houve paz no planeta.*

Deucalião simboliza a semente prometéica dando frutos em toda sua geração. Se Prometeu, de acordo com algumas versões, foi o criador do primeiro homem, então seu filho vem a ser o recriador, desta vez integrando com o feminino, que é Pirra, sua mulher. Aqui temos a representação do eterno ciclo nascimento-morte-renascimento que a natureza obedece e também o sentido da evolução. Deucalião e Pirra aparecem como os frutos já aperfeiçoados oriundos de dois Titãs primordiais, exemplos míticos da evolução que o signo de Aquário tanto busca.

Um dos temas dominantes no signo de Aquário é seu impulso de boa vontade com relação à humanidade, sempre buscando promover a fraternidade, a igualdade e a liberdade entre os povos. Afinal, Urano foi descoberto na época da Revolução Francesa e da Guerra Civil Americana, ambas com objetivos democráticos.

Como Prometeu, o aquariano sempre vê "a luz no fim do túnel" antes dos outros e assume a função de difundir essa luz, regando com ela o mundo, mesmo que não possa usufruir disso. Embora sabendo que o caminho é individual, ele volta sua energia para o grupo, buscando cumprir seu paradigma: pessoal *versus* coletivo. Sendo um signo de ideais altruístas, muitas vezes opta por colocar os ideais coletivos acima de seus próprios interesses e sua energia vital a serviço da evolução da espécie humana como um todo. Como se cantava nos Anos 70, celebrando o advento da Nova Era:

"When the moon is in the seventh house
and Jupiter aligns with Mars
then Peace will guide all planets
and love will stir the stars
This is the dawning of the Age of Aquarius,
Age of Aquarius, Aquarius...

Harmony and understanding
sympathy and trust above it
no more false, enjoyed derisions
golden living dreams and visions
mystic crystal revelation
and the mind true liberation
Aquarius...."[6]

6 Rado, James; Ragni, Gerome & McDermot, Galt. "Aquarius". In: Fifth Dimension & The Mamas and The Papas – Série Dois Astros, MCA, s/d.

# Dos Mitos do Peixes

E chegamos ao décimo segundo signo do Zodíaco: Peixes. Seu elemento é, naturalmente, a **água**. O signo de Câncer é representado pela água plácida, embora profunda e com traiçoeiras correntes submersas, dos lagos. Escorpião rege as águas subterrâneas e a lava dos vulcões. Peixes, o último signo aquático, é representado pelo imenso, infinito, desconhecido, mutante e caótico **oceano.** O mar, as embarcações, os tridentes e as redes são suas imagens metafóricas; e também os asilos, hospitais, manicômios e mosteiros são regidos por este signo. Os animais que o representam, além dos **peixes,** são os golfinhos, as baleias e os hipopótamos. No corpo humano, suas áreas são os pés, o tecido adiposo e o sistema linfático. Regentes dos pés e também do chacra coronário, simbolizam o princípio e o fim da eterna roda, do eterno círculo e ciclo cósmico.

O sexto eixo do Zodíaco: Virgem – Peixes é a Sabedoria Universal.

Seu planeta regente é o misterioso deus das águas, grande senhor dos oceanos: **Netuno**. Secretos, imperscrutáveis, ora tristes, ora alegres, paradoxais, os Peixes são um enigma para a maioria dos outros signos. Sendo o último signo, contém um pouco de cada um dos signos anteriores. Daí sua complexidade, e as diversas faces que apresentam ao mundo. Compreendê-los e, principalmente, conviver com eles não é tarefa fácil, porque eles representam toda uma dimensão da vida à qual não temos um acesso facilitado. Neste signo estão representados todos os sonhos, todas as esperanças e também as necessidades, o confinamento e a nossa impotência perante o Universo.

Seus mitos mais importantes são os seguintes:

## Poseidon

Pertence ao panteão das principais divindades olímpicas, embora existam representações muito antigas de divindades semelhantes a este senhor das águas. Como tudo o que pertence ao reino de Peixes, suas histórias são controversas, têm inúmeras versões e suas representações nas Artes perderam-se no tempo, restando poucas obras em comparação aos outros deuses olímpicos.

*Poseidon, chamado* ***Netuno*** *pelos romanos, era filho de Cronos e Réia, e havia sido devorado, como seus irmãos, pelo pai ao nascer. Também foi*

*libertado por Zeus, ao lado de quem lutou na Guerra dos Titãs. Quando Zeus dividiu o Universo em três partes, deu a Poseidon o reino das águas, tornando-o* ***Senhor de Todos os Mares.*** *A índole indomável de Poseidon muitas vezes revoltava-se contra Zeus, porém ele sempre reconhecia que este era mais poderoso.*

> "Somos três irmãos, filhos de Cronos, e de Réia, eu, Zeus e o terceiro, Hades, que reina embaixo da Terra. Todas as coisas estão divididas de três modos, e cada um de nós tem seu quinhão de honraria. Quando se tirou a sorte, a mim coube o mar cinzento, para nele morar para sempre, e Hades recebeu o nebuloso reino das sombras. A Zeus coube o alto céu, no meio do ar e das nuvens. A Terra e o alto Olimpo, porém, ainda são de todos em comum. Não viverei, portanto, seguindo o espírito de Zeus. Que ele, apesar de mais poderoso, viva em paz no terceiro quinhão que lhe coube."[1]

Arianna Stassinopoulos, em seu livro *The Gods of Greece*, faz uma descrição sintética e profunda da essência deste mito. De acordo com essa autora, Poseidon era deus dos oceanos e dos cavalos, incorporando dois antigos símbolos do inconsciente: as águas e os cavalos. A água evoca nos homens o mistério infinito, as possibilidades infinitas e também os infinitos perigos do nosso fluido inconsciente. A água não tem forma própria nem predeterminada, está sempre em constante movimento, nunca mudando e, ao mesmo tempo, nunca sendo a mesma por dois momentos consecutivos. O cavalo personifica, em sua potência primitiva, as pulsões instintivas da nossa natureza bruta. Poseidon era o mais primitivo dos deuses, sacudia a terra, provocava tormentas e terremotos; deus da devastação súbita, das ondas gigantescas – todos os perigos eminentes que surgem quando as forças adormecidas sob a superfície irrompem na consciência.

> "Essencialmente *ctônio*, o que não significa *infernal*, eis aí o Poseidon dos primeiros invasores gregos, que, não conhecendo e não tendo um vocábulo seu para designar *mar*, não poderiam ter trazido consigo um *deus do mar* (...) Desse modo, Poseidon, o 'sacudidor da terra', se tornou também o 'sacudidor do mar' e recebeu o duplo privilégio de domador de cavalos e salvador de navios. Bem mais que 'às crinas das ondas', às espumas das águas, e ao galope do cavalo é à natureza primitiva ctônica de Poseidon que se devem atribuir no mito e no culto seus vínculos freqüentes com o cavalo..."[2]

---

1 Homero. *A Ilíada*, p. 163. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.

2 Brandão, Junito. *Mitologia Grega*, Vol. I, pp. 323-4, 7ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

*Uma versão antiga deste mito atribui a Poseidon a criação dos cavalos, daí seu antigo nome "Poseidon Cavalo", em cuja homenagem os gregos construíram o famoso cavalo de Tróia. Conta a lenda que o próprio deus se manifestou através do animal de madeira e, usando as pesadas patas, derrubou a muralha de Tróia, dando aos gregos a vitória na guerra. Nessa guerra famosa, Poseidon colocou-se ao lado dos aqueus, para vingar-se do rei Laomedonte, a serviço de quem construíra as muralhas da cidade. Ao final do penoso trabalho, o rei negou-se a pagar o salário combinado, atiçando a cólera do deus que enviou um monstro marinho contra a região. Na verdade, Poseidon estava a serviço de Laomedonte porque participara da conspiração de Hera para destronar Zeus. O Senhor Olímpico castigou seu irmão, enviando-o como escravo para Tróia.*

*Era uma divindade de comportamento imprevisível. Conforme descrito na* Ilíada, *Poseidon morava sob as águas num castelo e, sempre que surgia em seu carro dourado, as tempestades eram amainadas e os monstros marinhos subiam à superfície dançando e brincando ao seu redor.*

> "...atingiu seu destino, Egaea, onde nas profundidades do mar está construída sua gloriosa morada, indestrutível, reluzente de ouro. Ali chegou e atrelou ao carro seus cavalos de patas de bronze e crinas de ouro, que voam ligeiro. Vestiu-se ele próprio de ouro, pegou um chicote todo trabalhado de ouro, subiu ao carro e avançou através das ondas. As criaturas do mar erguiam-se, por todos os lados, das profundidades e brincavam em torno dele, reconhecendo seu senhor. Jubilosamente, o mar se abria diante dele e os cavalos voavam velozmente: o eixo de bronze nem ao menos se umedecera..."[3]

*Poseidon era a única divindade olímpica que tinha acesso às profundezas abissais oceânicas. Ele podia mergulhar e lá permanecer o tempo que quisesse até que retornava – inesperadamente – em sua carruagem circundada pelas criaturas abissais.* Este aspecto é característico do pisciano que consegue adentrar profundamente no reino das águas (emoções) para, assim, ganhar acesso a tudo o que lá está guardado: a alma, a beleza, mas também a dor e os monstros das profundezas inconscientes, onde a luz é difusa e só conseguimos ver de forma nebulosa. Aqui entramos em contato com a imensidão profunda e infinita que jamais chegaremos a conhecer completamente. Exemplos deste aspecto são os poetas, romancistas, compositores, músicos e mesmo psicoterapeutas que estão sempre em contato com as profundezas do inconsciente pessoal

3 Homero. Op. cit., p. 138.

e coletivo, traduzindo suas metáforas. Estas pessoas costumam ter Netuno, ou o signo de Peixes, enfatizado em seus Mapas Natais.

*Todos os navegantes antigos temiam este deus, que parecia, às vezes, muito complacente e proporcionava boa viagem com águas e ventos calmos; outras vezes, sem que eles entendessem o motivo, provocava tempestades terríveis. Todos os povos da Antigüidade rendiam sacrifícios ao deus dos mares, para aplacar sua fúria e receber sua proteção, criando ritos para entrar com segurança nesse reino desconhecido e misterioso.*

> "O deus do mar pode dominar as vagas, provocar tempestades; faz estremecer os rochedos das margens, tocando-lhes apenas com o seu tridente; pode fazer jorrar fontes. O seu poder parece estender-se não só ao mar mas também aos rios e aos lagos (não obstante os rios terem as suas divindades próprias)."[4]

Os piscianos estão em contato direto com a imensidão oceânica, no nível interno mais profundo. Essa característica se manifesta na sua atitude que parece, aos olhos dos outros, imprevisível, ilimitada. Porque não tem limites em nada do que faz, suas reações intempestivas oscilam de um extremo a outro, e eles se apresentam com muitas formas e faces. Tanto pode ser um *glutão* que não conhece fastio, quanto um adepto da prática dos jejuns. Pode também ser um mergulhador *scuba diver* que vive dentro d'água, como pode passar anos sem nem chegar perto do mar.

*Poseidon tinha um desejo ávido de possuir reinos terrestres,* simbolizando a dificuldade dos Peixes de "pôr os pés no chão", enfrentando os limites da encarnação. *Porém, suas tentativas resultavam em fracassos. Foi assim na disputa pela cidade de Atenas, onde fez surgir, batendo com o tridente no chão, uma fonte de água salgada ou um cavalo selvagem, perdendo para Palas Atena, que fez nascer uma oliveira. Furioso, o deus provocou um maremoto que teria destruído a cidade, não fosse a proteção da deusa, que desde então fixou residência na Acrópole. Poseidon entrou, também, na competição por outras cidades: com Hélio disputou Corinto; com Zeus, Egina; com Dioniso, Naxos; com Apolo, Delfos; com Hera, Argos e, além de Atenas, também disputou Trezena com a deusa da Justiça e da Sabedoria.* "Talvez, por compensação, foi-lhe outorgada sem disputa uma ilha longínqua, mas paradisíaca: a Atlântida..."[5]

---

4 Grimal, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana,* p. 389. Difel, Lisboa, 1992.

5 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. I, p. 326.

*Como seu irmão Zeus, Poseidon também era um grande namorador, que usava todos os recursos para conquistar e seduzir, usando até mesmo a força com as mulheres que resistiam a seus encantos, e abandonando-as depois de satisfeito. Não criava vínculos e não se comprometia. Todos seus amores foram fecundos. Porém, sua atitude selvagem gerava filhos que aparecem nos mitos como criaturas violentas, disformes e terríveis. Com a ninfa Toosa teve o monstruoso Polifemo, o mais selvagem de todos os Ciclopes, celebrizado na* Odisséia. *Polifemo vivia isolado numa ilha e se alimentava de carne crua. Quando Ulisses passou por lá, foi feito prisioneiro junto com sua tripulação. O ciclope devorou seis dos marinheiros. Ulisses, então, para poder escapar, embriagou o monstro e cegou-o. Este ato despertou a cólera de Poseidon, que perseguiu o herói até a Ilha de Ogígia. De lá, Ulisses pôde retornar para Ítaca, porque o deus estava tratando de outros assuntos na Etiópia.* Os piscianos, geralmente, não são vingativos. Quando sentem raiva de alguém, expressam-na imediatamente, ou *engolem-na*. Em qualquer dos casos, eles não costumam ser implacáveis; se tiverem algo mais importante para resolver, esquecem a raiva e são capazes, talvez mais do que qualquer outro signo, de perdoar. Aos Peixes é atribuída a compaixão.

*Com Medusa, Poseidon gerou Pégaso, o cavalo alado, nascido junto às fontes do Oceano. Era associado às tempestades, pois* era "o portador do trovão e do raio por conta do prudente Zeus".[6] *Assim, Pégaso era uma espécie de fonte alada; com uma só patada fez brotar Hipocrene, a fonte do cavalo.* Os cavalos, tradicionalmente, simbolizam a impetuosidade dos desejos. Pégaso, em função de suas asas, ganhou elevação e tornou-se um símbolo da imaginação criadora sublimada, da criatividade espiritual e da inspiração poética. Todos atributos piscianos.

*Os outros filhos de Poseidon eram personagens de somenos importância, apesar de monstruosos: com Amimone teve Náuplio; com Ifimedia, os gigantes alóadas, Oto e Efialtes; e finalmente, com Hália, princesa de Rodes, teve seis filhos hediondos, que tentaram violentar a própria mãe e, por isso, o deus dos Mares escondeu-os no seio da terra. Seu filho mais humano foi Teseu. Porém, essa paternidade é discutível, uma vez que Etra, a mãe, na mesma noite teve relações com Egeu e foi violentada por Poseidon. Embora não participasse da educação dos filhos, Poseidon defendia-os sempre que eram molestados e atendia a seus pedidos.* Os piscianos vivem num mundo próprio, que mais parece outra dimensão, e têm dificuldade em lidar com o mundo concreto das formas limitadas. Sua ligação com as crianças se dá através da fantasia, da brincadeira

6 Ibid., p. 241.

e da imaginação. Geralmente delegam a tarefa da educação dos filhos a seus cônjuges, porém estão sempre prontos para defendê-los em qualquer animosidade e costumam ser generosos nos presentes que dão aos filhos.

*Um dia, Poseidon viu a nereida Anfitrite dançando e se apaixonou por ela. Tentou cortejá-la, porém ela o rejeitou com repugnância. O deus agiu de acordo com sua maneira habitual, impondo seu desejo, sufocando-a com sua intensidade e violentando-a. Apavorada, a nereida fugiu para bem longe do seu poder, escondendo-se no Monte Atlas. Assim, ele experimentou a perda da única mulher que amara realmente e compreendeu que precisava mudar sua atitude, senão jamais a teria de volta.* A maneira de amar dos piscianos tem as dimensões do oceano. Costumam invadir e ocupar todos os espaços da vida do outro, sem ter consciência disso e, muitas vezes, assustando a pessoa amada, que foge deles. Só então conseguem perceber que é a sua atitude que provoca a perda.

*Para conquistar Anfitrite, Poseidon sabia que precisava de ajuda; então pediu a Delfinus que a encontrasse e persuadisse a aceitá-lo como esposo. O delfim precisou usar toda sua delicadeza e charme para convencê-la a casar-se com o Senhor dos Mares e a viver em seu reino sob as águas. Segundo P. Commelin, dois golfinhos levaram Anfitrite para Poseidon. Em agradecimento, este obteve de Zeus um lugar para eles no Zodíaco, a constelação dos Peixes.*

Com freqüência, os piscianos descobrem que precisam desenvolver o lado *delfim* para poder sintonizar com a outra pessoa, entender e aceitar o desejo do outro e também para expressar o quanto eles sabem ser sensíveis, carinhosos, românticos e capazes de se comunicar no nível mais profundo. São estas as qualidades que os fazem tão atraentes aos olhos femininos e que tornam possível a convivência. Quando estes fatores estão presentes em suas uniões, seus casamentos costumam ser harmoniosos sem perder a profundidade emocional. *Da união destes dois seres da água, nasceu Tritão, metade homem, metade peixe. Mais tarde, Tritão aparecerá nos contos de fadas como o poderoso Senhor do Mar, que comanda as criaturas marinhas, porém é generoso e benevolente.*

*O casamento de Poseidon e Anfitrite seguiu o mesmo padrão de Zeus e Hera. Alcançado seu objetivo, Poseidon retomou seu comportamento conquistador. Suas aventuras amorosas envolviam ninfas, nereidas, mortais e até mesmo Afrodite — a deusa do Amor. Anfitrite lançava, como Hera, seu ciúme vingativo contra as amantes do marido e sempre o aceitava de volta e perdoava.* Sendo uma divindade de origem arcaica, Poseidon representa o lado violento e primitivo do reino das emoções — que tanto pode apresentar-se avassalador e selvagem, não reconhecendo a força do lado feminino e sua necessária integração, quanto terno, carinhoso e sedutor. Quando sua expressão é mal canalizada,

sua tendência é tentar dominar as mulheres, usando uma atitude patriarcal e o poder de sua intensidade emocional.

A Doutora Jean Shinoda Bolen, em seu belo livro *Gods in Everyman*, refere-se a Poseidon, o arquétipo, sugerindo que, para entendê-lo, é preciso visualizar uma cena de mar plácido e profundo, imaginando que uma criatura violenta, de muita densidade emocional, vive sob sua superfície e pode irromper em fúria destruindo tudo o que encontra no caminho. A imaginação visual é um dos poucos acessos para contactar e compreender as características mais importantes deste arquétipo.

O planeta Netuno – e também o signo de Peixes – está associado com o mundo das imagens: o cinema, a fotografia, slides, vídeos, etc. Imagens projetadas que possuem uma linguagem própria, onde o símbolo esclarece o que não seria acessível por outros meios. O mecanismo de projeção é quase uma necessidade para os peixes. Como o reino que habitam é caótico e, às vezes, incompreensível até para eles mesmos, projetam suas emoções e conteúdos inconscientes nos outros (ou num filme ou livro que criem) na tentativa de se verem melhor, de se conhecerem e integrarem. Este mecanismo também é usado para se livrarem de conteúdos que não conseguem transformar.

A figura de Poseidon nos diz alguma coisa sobre os Peixes. Este signo é associado ao que não tem fronteiras e nem profundidades mensuráveis. "É da água que surge a vida", dizem todas as tradições. E é nada menos do que a fonte da vida o grande segredo que os Peixes buscam.

## Tifão

Um aspecto menos conhecido de Poseidon é simbolizado pelas águas subterrâneas. É a profundidade emocional escondida embaixo da Terra, não expressa, oculta mas forte e presente, como as emoções introvertidas e profundas que devem ser domadas para serem expressas. Tifão representa a síntese da violência, cegueira e surdez de todas as forças primordiais.

*Conta a lenda que Gaia, a Grande Mãe-Natureza, que não quer ver seus filhos destruídos, ficou muito revoltada com o extermínio dos gigantes e, para vingar-se, uniu-se ao Tártaro e com ele criou Tifão, o maior de todos os monstros. Era mais alto que as montanhas, e sua cabeça tocava as estrelas. De seus olhos saiam labaredas de fogo, de sua boca rolavam enormes pedras, tinha cabeças de dragões no lugar dos dedos, asas imensas que cobriam o sol e seus braços estendidos alcançavam desde o Oriente até o Ocidente. Da cintura para baixo, seu corpo era recoberto por inúmeras cobras venenosas.*

*Seu nome significa aquele que gera nevoeiro, fumaça e obscuridade.* Estes elementos, que dificultam a visão e o discernimento, são característicos do reino dos Peixes.

*Tifão casou-se com Equidna, filha de Ceto e Fórcis, antigas divindades do mar. A metade superior de Equidna era uma mulher encantadora, a outra, uma serpente horrenda. Vivia numa profunda caverna da Cilícia, no país dos Arimas, onde comia vivos os homens. Deu a seu marido uma progenitura de monstros apavorantes:* "Cérbero, o cão tricéfalo dos Infernos; a Hidra, Serpente do mar com várias cabeças que vivia em Lerna; a Quimera, uma cabra com cabeça de leão e corpo de serpente que cuspia fogo; e Ortro, o cão de duas cabeças de Gerião, que se uniu com a própria mãe e dela teve a Esfinge e o leão de Neméia".[7]

Tifão, esta gigantesca e monstruosa criatura mitológica, e sua linhagem estão associado ao signo de Peixes, porque representam, simbolicamente, as forças obscuras, interiores, escondidas, instintivas e poderosas, características do caos emocional em que os piscianos vivem.

*Quando Tifão lançou-se enfurecido contra o Olimpo, todos os deuses fugiram — aterrorizados — para o Egito, disfarçados de animais. Zeus transformou-se num carneiro; Apolo, num corvo; Hera, numa bezerra; Ares, num javali; Afrodite, num peixe; Hermes numa íbis, Dioniso em bode, Ártemis em gato, e assim por diante. Só Atena não recuou e manteve sua forma habitual. Zombou de Zeus pela sua falta de coragem; este, então, retomando a sua verdadeira aparência, voltou para enfrentar a fera, usando seu raio e a foice de sílex, a mesma que castrara seu avô Urano. Na luta, Tifão conseguiu desarmá-lo, com a foice cortou-lhe os tendões das mãos e dos pés e arrastou-o para a gruta Coriciana. Embora Zeus seja imortal, desta vez estava incapaz de mexer sequer um dedo e enfrentar a serpente que Tifão colocara na entrada da gruta guardando seus tendões.* "A mutilação de Zeus é partícipe do 'sagrado-direito': visa, em última análise, prepará-lo para ser Um, para ser o rei, para ser ímpar, para ser o soberano, para ser o senhor."[8]

*A notícia da derrota de Zeus apavorou, ainda mais, os outros deuses, mas Hermes e Pã correram para libertar o grande deus. Pã deu um grito horrendo que assustou a serpente enquanto Hermes surrupiava habilmente os tendões colocando-os de volta aos membros de Zeus. Enquanto isso, Tifão descansava no Monte Nisa, onde as Três Moiras deram-lhe frutas envenenadas, dizendo que serviriam para recuperar suas forças, mas que ajudaram a enfraquecer o monstro, para que Zeus pudesse vencê-lo. Zeus, recuperado, perseguiu nova-*

7 Graves, Robert. *Os Mitos Gregos*, Vol. 1, p. 117. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990.
8 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. I, p. 337.

*mente Tifão lançando raios contra ele, que jogava montanhas inteiras contra o deus, que se esquivava fazendo as montanhas colidirem nos raios e voltarem contra o monstro, ferindo-o terrivelmente. Seu sangue, que jorrava sobre a terra, deu nome ao Monte Hemo. Tifão voou para a Sicília, onde Zeus o derrotou e enterrou-o sob o Monte Etna, que passou a expelir fogo, tornando-se um vulcão* "que até hoje vomita suas chamas, traindo lá embaixo a presença do monstro: essas chamas provêm dos raios com que o novo soberano do Olimpo o abateu".[9]

*Tifão foi a última tentativa de Gaia para impedir a instauração de uma nova ordem. Ao esmagar seu derradeiro inimigo, Zeus consolidou seu poder, tornando-se o pai dos deuses e dos homens.*

Este mito representa a fera indomável que habita o interior de todos nós, com quem precisamos conviver e não apenas reprimir. Também simboliza os "monstros assustadores" do inconsciente, associados com a Casa 12 do Mapa, regida pelo signo de Peixes, que também simboliza o lado oculto e as outras dimensões que temos medo de enfrentar, e que o mito representa como um monstro horrível. Os povos antigos acreditavam que o mundo era plano e que no seu final havia um abismo infinito, onde viviam terríveis monstros. Esse medo arquetípico continuou associado ao signo de Peixes, último do Zodíaco, e à décima segunda casa que representa o inconsciente pessoal, onde guardamos nossos medos mais antigos.

## As Sereias

*A origem destas criaturas míticas é controversa. Às vezes são tidas como filhas do deus-rio Aquelôo e de Melpômene; outras deste deus com Estérope, ou ainda Terpsícone. Outra versão diz que nasceram do sangue de Aquelôo, quando este foi ferido por Hércules. Na* Odisséia *de Homero, são apenas duas: Partênope e Lígia. Em versões posteriores é acrescentada Leucósia e elas aparecem, então, como três. Eram descritas como músicas virtuosas. Conta Apolodoro que uma tocava lira, outra cantava e a terceira tocava flauta.*

*Conta a lenda que elas eram, no princípio, jovens muito belas, integrantes do cortejo de Perséfone. Quando esta foi raptada por Hades, pediram aos deuses que lhes dessem asas para que pudessem procurá-la na terra, no ar e*

9 Ibid., p. 336.

*no mar, tornando-se assim, mulheres aladas. Deméter, furiosa por não terem impedido o rapto de sua filha, transformou-as em monstros.*

*Segundo outra versão, foi Afrodite que lhes tirou a beleza, transformando-as em mulheres-peixes, porque elas desprezavam os prazeres do amor e cultuavam a castidade. Quando transformadas em sereias, elas passaram a desejar o prazer mas, sendo frias da cintura para baixo, não podiam usufruí-lo.*

*Depois que Perséfone tornou-se Rainha dos Ínferos, as Sereias, que continuavam servas dessa deusa da Morte, foram encarregadas de levar-lhe almas. Privadas do acesso à própria sexualidade, as Sereias passaram a viver numa ilha do mar Mediterrâneo, para onde atraíam — com o poder enfeitiçante de seu canto — os navegantes que passavam por perto. Os barcos se aproximavam das costas íngremes da ilha, eram destruídos pelas rochas submersas e os marinheiros eram devorados pelas Sereias, que enviavam as almas para o Reino dos Ínferos.*

*Poucos conseguiram resistir aos seus encantos. Conta a lenda que, quando os Argonautas passaram pela Ilha das Sereias, Orfeu — que os acompanhava — tocou sua lira e cantou para eles. A beleza e melodia de sua voz se contrapôs à das Sereias, e os heróis não tiveram a tentação de abordar a ilha. Ulisses, na sua Odisséia, enganou as Sereias com a ajuda da feiticeira Circe, que o avisara sobre o perigo que corria. Disse-lhe para ordenar os marinheiros a taparem os ouvidos com cera e a amarrarem o herói ao mastro do navio, proibindo que o soltassem, apesar de suas súplicas. Quando ouviu o canto das Sereias, Ulisses sentiu um desejo incontrolável de ir ao encontro delas, porém seus companheiros, que não haviam sido enfeitiçados, o impediram.*

> "Aproxima-te daqui, preclaro Ulisses, glória ilustre dos aqueus!
> Detém a nau para escutares nossa voz. Jamais alguém
> passou por aqui, em escura nave, sem que primeiro
> ouvisse a voz melíflua que sai de nossas bocas."[10]

As Sereias, seres imaginários e criações do inconsciente, simbolizam a sedução mortal e seu elemento autodestruidor, que pode se manifestar quando seguimos cegamente, sem refletir, intuições e inspirações. Então, elas se manifestam sob a forma de sonhos aterrorizantes, onde se projetam as sombras obscuras e primitivas do ser humano. Se pensarmos na viagem (de Ulisses) como metáfora da vida e da estrada que percorremos, as Sereias representam as

10 Homero. "Odisséia", citado por Brandão, J., op. cit., vol. III, p. 309.

armadilhas geradas pelo desejo e pelas paixões, que tanto podem acelerar como retardar o processo. "Foi necessário, por isso mesmo, que Ulisses se agarrasse à dura realidade do mastro, que é o centro do navio e o eixo vital do espírito, para escapar das ilusões da paixão."[11]

*Outra face das Sereias é mostrada numa lenda onde elas ainda tinham asas. Conta-se que elas desafiaram as Musas para uma competição de canto. As Musas venceram e tiraram as asas das Sereias para fazer coroas de vitória. Foi assim que elas perderam sua forma de pássaro e se transformaram em mulheres-peixes, exiladas às margens de ilhas remotas.* Aqui estão colocadas as duas tendências básicas do impulso intuitivo. O aspecto harmônico é representado pelas Musas, que promovem as energias criativas e a inspiração. O lado negativo, autodestrutivo, que se manifesta quando distorcemos as intuições, é simbolizado pelas Sereias.

As pessoas do signo de Peixes costumam ter inclinação para alguma forma de arte, onde canalizam suas inspirações e fantasias. É comum encontrarmos piscianos no reino das Artes. Alguns se destroem por dar ouvidos a suas vozes espectrais, e se deixam arrastar pelas sereias do seu próprio inconsciente. Outros, entretanto, usam a intuição de maneira tão fluida que parecem derramar-se em energia criativa sobre suas obras. Estes têm as Musas como canais de ligação com a própria intuição. Outros ficam oscilando entre uma fase e a outra, ao longo de suas trajetórias.

*Também nos contos de fadas encontramos lendas que falam de figuras encantadoras e muito peculiares, chamadas sereias. São figuras femininas, com a metade inferior na forma de peixe e que vivem no fundo das águas dos mares, rios e lagos. Muitas são as versões, porém todas com o mesmo tema básico: a união de um mortal com um ser de outra dimensão. Claro que este encontro será cheio de obstáculos e desafios.*

*Uma das lendas dos contos de fadas conta a história de um jovem incauto, que podia ser um marinheiro, um soldado, um pescador ou um fazendeiro, foi até a praia para pescar ou admirar a paisagem. A sereia, ao vê-lo, apaixonou-se por ele, subiu à superfície e o seduziu com seu canto.*

*Eles pertenciam a mundos diferentes, portanto o casamento dos dois parecia um enorme dilema. Então, a sereia decidiu fazer o sacrifício: deixou sua condição aquática e foi morar em terra com seu amado. Porém, pediu-lhe que cumprisse uma condição irrevogável: que jamais ele perguntasse seu verdadeiro nome; ou que nunca abrisse uma caixinha dourada que ela guardava no armário; ou que ele jamais entrasse no quarto a uma determinada*

11 Brandão, Junito. Op. cit., Vol. III, p. 311.

*hora, isto é, ele deveria respeitar os mistérios dessa dimensão à qual ela pertencia.* Ninguém melhor do que os Peixes tem essa capacidade de auto-sacrifício, desde que seus segredos e mistérios sejam respeitados; se forem violados, o encanto se rompe e ele desaparece, refugiando-se em seu mundo mágico e oculto. Sua função é nos ensinar o respeito ao desconhecido e, mais do que isso, traduzir para a linguagem humana a mágica dimensão do Universo, oferecendo ao mundo a chance de compreender o desconhecido.

*Os dois viveram felizes por algum tempo. Um dia, o pobre mortal, levado pela curiosidade tipicamente humana, ou por falta de respeito ao mundo mágico em que ela vivia, transgrediu a condição estabelecida pela sereia. Então, o encanto quebrou-se, a sereia deu um grito terrível e desapareceu nas águas novamente. Em algumas versões leva-o consigo, noutras deixa-o triste e amargurado.* O tema do sacrifício, que podemos encontrar em vários mitos e lendas, tem um significado especial para o signo de Peixes. Sendo este o último signo, representa o fechamento de um ciclo. Tem pequenos traços de cada signo anterior e abarca, em seus domínios, todas as esperanças, saudades, sonhos, necessidades e também a impotência do ser humano perante o Universo. Tudo isso o leva a buscar uma fonte divina que só será alcançada, pensam eles, através de muito sacrifício.

O símbolo deste signo são dois peixes tentando nadar em direções opostas e ligados, inexoravelmente, por um cordão de ouro, representando o dilema do encontro entre suas duas dimensões. Têm um lado mortal, que eles usam para enfrentar o dia-a-dia: comer, dormir, fazer amor, trabalhar, morrer. E outro lado, sereia, que habita as profundezas e que, ocasionalmente, emerge das águas e encanta o mortal que está na praia. O rumo deste encontro e seu desenvolvimento é a história de vida dos piscianos. Alguns mergulham com a sereia, esquecendo que os seres humanos não sobrevivem embaixo d'água. E aqui encontramos os mendigos, os marginais, os desamparados, os alcoólatras e usuários de drogas, os loucos e os desesperados. Aqueles que o Cristo declarou abençoados; com seu sacrifício e sofrimento ganharam o acesso a um novo reino.

Para outros Peixes a lenda terá um final diferente. Eles fazem uso pleno da intuição e do acesso a outros reinos, canalizando para sua vida e obra. Aqui estão os gênios da humanidade, como Einstein – um expoente pisciano – que, usando sua plena conexão cósmica, quase incompreensível para a mente comum, traduziu a complexidade do universo para uma linguagem acessível a todos, oferecendo ao mundo um guia para adentrar as águas desconhecidas.

Claro que nem todo pisciano será um Einstein ou um mendigo, mas seu desafio é ir-e-vir dessa dimensão transpessoal e ter a coragem de mostrar aos outros o que vê. Este é o reino dos poetas, músicos, atores, escritores, visionários e místicos que conseguem trazer para o cotidiano um pouco desse mundo mágico

que habitam, traduzindo em suas obras temas universais, onde podemos identificar alguma coisa pessoal, que está sendo contada ali.

## Dioniso

*Dioniso, chamado* ***Baco*** *pelos romanos, era filho de Zeus com a princesa tebana Sêmele, a quem o deus seduzira na forma de mortal. Hera, ciumenta e implacável, descobriu a traição e jurou vingar-se da princesa e de seu filho. Então, apareceu perante Sêmele na forma de sua velha ama. Persuadiu-a a pedir a Zeus que aparecesse em sua esplendorosa forma divina, sabendo que nenhum mortal sobreviveria a tal visão.*

*Naquela noite, quando encontrou-se com Zeus, a princesa pediu-lhe a concessão de um desejo. Zeus, então, jurou – à beira do rio Estige, o que tornava sua promessa irrevogável – que atenderia a qualquer de seus desejos. Ela então pediu que ele mostrasse toda a sua majestade de chefe dos deuses olímpicos, sem saber que isso resultaria em sua morte. Preso por sua promessa, Zeus apareceu em toda a sua glória. O castelo incendiou-se, um de seus raios atingiu a princesa, matando-a e tornando o filho, que ela carregava no ventre, imortal. Zeus, auxiliado por Hefestos, arrancou-lhe a criança da barriga e costurou-a em sua própria coxa, para que completasse a gestação. Chegado o momento, Hermes serviu como parteiro e Dioniso nasceu.*

*Imediatamente, Zeus ordenou que ele fosse levado para o rei Átama, casado com a irmã de Sêmele, para que fosse criado como uma menina, e assim escapar da perseguição de Hera. Esse disfarce pouco ajudou. A Rainha do Olimpo logo descobriu, enlouqueceu o casal e tentou matar a criança. Desta vez, o próprio Zeus veio socorrê-lo. Ordenou a Hermes que o transformasse num carneiro e o levasse para ser criado pelas ninfas do Monte Nisa, um lugar mítico considerado divino e habitado por belas criaturas. Assim, Dioniso foi educado pelas ninfas e por seu tutor, Sileno, um velho sátiro, que lhe ensinou os segredos da natureza e da fabricação do vinho. Embora estivesse sempre embriagado, Sileno era tido como um grande sábio – conhecedor do passado e capaz de prever o futuro – qualidades atribuídas, pelos gregos, à euforia causada pelo vinho.*

"Único deus grego dotado de um poder de *maya*, está além de todas as formas, escapa a todas as definições, reverte todos os aspectos, sem se deixar encerrar em nenhum. Ao modo de um ilusionista, joga com as aparências, elimina as fronteiras entre o fantástico e o real. Ubíquo, não está nunca onde está, está sempre presente, ao mesmo tempo, aqui, alhures e em parte nenhuma. Quando

> aparece, as categorias precisas, as oposições nítidas confundem-se, fundem e passam umas nas outras: o masculino e o feminino aos quais se aparenta, juntos; o céu e a terra que une, inserindo, quando surge, o sobrenatural em plena natureza, exatamente no meio dos homens; o jovem e o velho, o selvagem e o civilizado, o distante e o próximo, o além e o aqui unem-se nele e por ele. Mas ainda: ele apaga a distância que separa os deuses dos homens, os homens dos animais."[12]

*Sendo filho de mãe mortal, Dioniso não era aceito como deus, assim ele precisava provar sua divindade aos homens e aos olímpicos. Sileno, as Ninfas, os Sátiros e também Pã e os Centauros formaram o cortejo dionisíaco e com ele, Dioniso viajou pela Grécia, pelo Egito, pela Índia e até pela Ásia Menor.*

*Em algumas versões, Hera o enlouqueceu e ele saiu pelo mundo, desvairado, cometendo crimes e atrocidades, sempre seguido por seu cortejo. Em outras, as pessoas que o rejeitavam é que se tornavam loucas e violentas. Diz ainda a lenda que, no seu retorno da Índia, sua avó Réia purificou-o de seus crimes, cometidos porque estava louco, e lhe ensinou os Mistérios e Ritos de Iniciação. Assim, ele se tornou um sacerdote da Grande Deusa sendo, ao mesmo tempo, ele próprio um deus.*

> "Dionísio é o único deus que não precisa mostrar-se viril, nem mesmo na guerra. Quando seu exército toma o caminho da Índia, parece um ruidoso cortejo de moças. O falo de Dionísio é alucinógeno antes de ser impositivo. Sua natureza o aproxima do fungo, do parasita, da erva tóxica colhida com a cavidade do tirso. Não conhece a fidelidade agrária, não se estende pelo sulco traçado (...) não abre caminho entre as searas floridas, só nos bosques mais ásperos. É uma ponta metálica oculta por inócuas folhas verdes. Não quer inebriar para fomentar o crescimento; porém, o crescimento sustenta a embriaguez, como a haste de um cálice. Dionísio não é um deus útil para tecer, dar nós, mas sim um deus que abre, dissolve. (...) Dionísio é a corrente da qual pressentimos o fluir a distância, incessante, como um trovão longínquo; e um dia pode transbordar sobre tudo, como se a condição não submersa das coisas, a sóbria delimitação fossem um breve parênteses logo anulado."[13]

*De suas perambulações pelo mundo decorre um grande número de lendas, extremamente variadas. Esta riqueza deve-se à grande popularidade do* ***deus do Vinho****, e também ao fato de nele terem sido incorporadas algumas*

---

12 Vernant, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*, p. 84. Ed. Papirus, São Paulo, 1992.

13 Calasso, Roberto. *As Núpcias de Cadmo e Harmonia*, p. 35. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

*divindades estrangeiras. Este deus era, provavelmente, uma divindade oriental assimilada pelos gregos e transformada em objeto de adoração, após vencer uma série de resistências. Quando encontrava obstáculos à implantação de seu culto, o deus utilizava o vinho como poderosa arma. A embriaguez não produzia apenas prazer e esperança, mas também selvageria e loucura. Usava a bebida para perverter as pessoas, sobretudo as mulheres, obscurecendo-lhes o raciocínio e levando-as a praticar os crimes mais atrozes.*

> "Todavia, Dioniso é um deus 'civilizador'. (...) o deus é para o elemento líquido, a bebida, o que a deusa Deméter é para o sólido e comestível. Uma, inventando o trigo e o pão, o outro, inventando a vinha e o vinho, introduziram entre os homens aquilo que os fez passar da vida selvagem para a vida culta. Entre o trigo e o vinho, porém, há uma diferença. O trigo está inteiramente do lado da cultura. O vinho é ambíguo. Encerra uma força de uma selvajaria extrema, um fogo ardente, quando é puro; traz à vida (...) uma dimensão suplementar e como que sobrenatural: alegria do festim, esquecimento dos males (...) a felicidade da festa."[14]

Como o vinho que ele rege, Dioniso é de natureza dupla. Pode ser terrível ao extremo e infinitamente doce. Sua presença no mundo pode assumir várias formas e manifestar-se por duas vias: uma é a evasão para fora dos limites racionais e cotidianos, numa união feliz em plena natureza; a outra é a queda no caos, na confusão, na loucura onde os crimes mais terríveis podem acontecer. Esta é também a natureza dos Peixes. Signo mutável que oscila entre o êxtase e o terror.

*Conta a lenda que Dioniso viajava com seu cortejo pela Grécia, propiciando aos devotos alegria e felicidade. Através do vinho, que o deus tornava abundante, os homens esqueciam as preocupações, perdiam o medo e enchiam-se de coragem e ousadia. A vida ganhava maior esplendor. Os males eram curados. E uma profunda confiança no próprio poder impulsionava para grandes atos. Ao menos enquanto embriagados, os homens sentiam dentro de si a presença de uma força superior e divina, e acreditavam-se dotados de poderes iguais aos dos deuses. Por isso, o culto de Dioniso era diferente daqueles prestados às outras divindades, porque estas existiam fora das pessoas, enquanto Dioniso muitas vezes tomava vida e atuava em seus corações. No culto ao deus do vinho era celebrada, pela primeira vez nos mitos gregos, a divindade interna, o "eu divino".*

---

14 Vernant, Jean-Pierre. *Figuras, Ídolos, Máscaras*, p. 184. Ed. Teorema, Lisboa, 1993.

Peixes, o último signo do zodíaco, corresponde à décima segunda área do Mapa Astral que é chamada a morada da alma, o reino da espiritualidade. Muitos nascidos sob este signo tornam-se, realmente, místicos ou devotos de alguma seita ou religião. Porém sua verdadeira busca é para dentro de si mesmo, para encontrar seu eu divino. Como os peixes nadam em círculos, é comum encontrarmos piscianos nas mais diversas igrejas, sempre buscando, sem saber exatamente o quê. Alguns se apegam e se fanatizam por alguma religião, outros seguem um caminho que leva ao autoconhecimento e à descoberta do deus interior.

O arquétipo de Dioniso está presente em todas as pessoas que vivenciam momentos de êxtase divino e intensos impulsos contraditórios. Uma das imagens que representa Dioniso é a criança divina. Quando entramos em contato com este símbolo, percebemos que os elementos humano e divino estão presentes na nossa psique. Geralmente, este contato ocorre quando entramos numa jornada de individuação e autoconhecimento ou numa senda espiritual. Os Peixes vivem este eterno contato (ir-e-vir das dimensões), porém em função da intensidade instintiva que este arquétipo representa, muitas vezes, se identificam com o deus-criança, querendo permanecer nesta dimensão e tendo dificuldades para lidar com a vida mundana. Quando isto acontece, tornam-se convencidos de sua divindade e esperam que os outros reconheçam e aplaudam sua excelência, eximindo-os de participar na rotina cotidiana.

Os piscianos, algumas vezes, agem como se fossem eternos adolescentes. Jung dizia que Dioniso e Hermes são os dois arquétipos que mais predispõem a pessoa a permanecer em eterna juventude – o *Puer eternus*. Independente da sua idade real, eles não aceitam tarefas e responsabilidades exceto as que lhes convêm. Difícil acreditar que serão capazes de se comprometer com qualquer coisa mais estável, seja um emprego, uma carreira ou mesmo um relacionamento. Entretanto, este aspecto não é comum apenas aos nativos de Peixes. Todos nós temos este signo em algum lugar do Mapa Astral e, dependendo da ênfase, teremos maior ou menor acesso a estas características.

Um exemplo da identificação com o arquétipo de Dioniso, que os Peixes vivenciam naturalmente, aparece na história recente do movimento Hippie dos anos 60. Paz e amor era o lema, o uso de drogas alucinógenas se disseminou entre os jovens, que celebravam a revolução sexual e abandonavam a escola, a família, o trabalho, para viver um grande sonho de paz e comunhão com todos. Os frutos desse movimento, presentes até hoje, deram origem à busca e descoberta de novas formas alternativas de viver e desempenhar tarefas. Porém, para muitos, tornou-se difícil a adaptação ao sistema social padronizado. Estes, como os piscianos, vivem a eterna luta entre o deus-criança que se recusa a crescer e a abrir mão de seus privilégios, e o deus que precisa ser aceito no

Olimpo, cumprindo – portanto – seu papel perante o grupo social a que pertence.

*As celebrações em homenagem a Dioniso eram chamadas de* Orgias *ou* Bacanais. *Seus devotos, predominantemente mulheres da Grécia Antiga, sentiam-se possuídas pelo deus nesses rituais. O vinho, ou outra droga sacramental, era bebido ao som de tambores, címbalos, gaitas e ao ritmo de muita dança, que levava os participantes ao êxtase, num estado totalmente alterado de consciência. O clímax das Orgias era a retalhação de um animal sacrificado, que era devorado cru pelos devotos, que acreditavam estar ingerindo uma encarnação do deus. Era um ato de comunhão, através do qual a divindade penetrava no interior de cada participante.*

*No Festival das Flores, chamado Antestéria, que marcava o começo da primavera no Mediterrâneo, era trazido um vinho novo que era abençoado perante uma máscara de Dioniso. Os olhos da máscara fitavam diretamente o devoto que oficiava a cerimônia, e este acreditava que o deus estava ali dentro da máscara.* De acordo com Karl Kerenyi, as celebrações Antestérias aconteciam no final de fevereiro, o que corresponde ao signo astrológico de Peixes. *A vida e a morte se misturam no mito e nos ritos a Dioniso. Seu templo ficava em Delfos, no santuário de Apolo, onde ele era celebrado todos os anos como a criança renascida. Era um deus adulto que morreu e renasceu, desceu aos Ínferos e ressurgiu, e era também a criança recém-nascida.*

*Diz a lenda que, na cidade de Tebas, onde sua mãe fora amada por Zeus, novamente o deus do Vinho encontrou obstáculos: Penteu, o rei, não admitia o cultivo da vinha em seus domínios, e proibiu os súditos de acolherem Dioniso. Entretanto, as mulheres de todas as idades juntaram-se ao séquito do deus e, triunfalmente, levaram-no para dentro da cidade. Vendo o crescente delírio que, através do vinho, tomava conta da população, Penteu, amante da ordem e da disciplina, mandou seus guardas expulsarem o cortejo embriagado.*

*A comitiva, então, se refugiou nas montanhas ao redor da cidade e Dioniso lançou um feitiço sobre todas as mulheres tebanas, que vieram juntar-se ao cortejo e lá permaneceram em orgias e festas, totalmente desvairadas, e não deram ouvidos às ordens do rei. Inúteis os esforços de Penteu, cada vez que enviava seus guardas para buscar as mulheres, eles eram também enfeitiçados e ficavam por lá.*

*Até que, um dia, o rei decidiu ir pessoalmente ver o que acontecia nas montanhas. Para isso disfarçou-se com peles de animais e escondeu-se atrás das pedras. Quando as mulheres, ensandecidas, perceberam sua presença, perseguiram-no como se fosse mesmo um animal, e quando o agarraram, despedaçaram-no a dentadas e cada uma carregou um pedaço como troféu. A mãe do rei, que também estava enlouquecida, arrancou-lhe a cabeça e passou*

*a ostentá-la. Sentindo-se vingado dos insultos e venerado como um deus, Dioniso devolveu às mulheres o discernimento. Horrorizadas, elas perceberam o que haviam praticado e reconheceram Dioniso como um deus. E a ele, entoaram:*

> "Os deuses vêm aos homens por caminhos estranhos e difíceis de reconhecer. Os deuses fazem muitas coisas que parecem sem esperança e aquilo que era esperado encontra um fim totalmente diverso. Este deus nos mostrou um caminho desconhecido para nós. É por esta razão que tudo isto aconteceu. Vinde e louvai a este novo deus."[15]

*Uma das lendas sobre Dioniso conta que ele quis ir até a Ilha de Naxos. Para isso, contratou um grupo de piratas e com eles seguiu para a ilha. Os piratas porém, dirigiram o navio para a Ásia, onde pretendiam vender Dioniso como escravo. Quando o deus percebeu a verdadeira intenção dos piratas, imobilizou a nau entre grinaldas de parreira, encheu-a de hera, transformou os remos em serpentes e fez ressoar flautas invisíveis. À essa altura, os piratas, enlouquecidos, lançaram-se ao mar e foram transformados em delfins. Desde então, os golfinhos tornaram-se amigos dos homens e se esforçam para salvá-los dos naufrágios, porque são piratas arrependidos.*

*Em Naxos, Dioniso encontrou Ariadne, que havia sido abandonada por Teseu, e em desespero tentava se suicidar. O deus do Vinho salvou-a e casou-se com ela. Muitas versões envolvem a história de Ariadne. De acordo com Pierre Grimal, depois do casamento Dioniso levou-a para o Olimpo. Antes de ascender aos céus, o deus desceu ao Hades para buscar sua mãe, Sêmele, de volta à vida. Também levou-a para o Olimpo, onde foi tornada imortal.*

Dioniso é o único deus da Mitologia Grega que resgata e salva as mulheres que ama, ao invés de raptá-las e dominá-las. Isso tem uma importância histórica, porque tanto Dioniso quanto Ariadne e Sêmele tinham representações antigas para os povos dominados pelos gregos. Através do deus do Vinho, eles são integrados ao panteão de divindades olímpicas, perdendo o *status* anterior e assumindo a cultura dominante. As relações de Dioniso com as mulheres revelam aspectos afetivos dos Peixes. Sua natureza sensível torna difícil sua convivência com os homens comuns, competitivos, "machões", portanto eles sempre preferem a companhia feminina, em todos os sentidos. As mulheres mais maternais o vêem como um homem vulnerável, que precisa de cuidados. Sua sensualidade

15 Homero. "Hinos Homéricos", citado por Ricci, A. (org.), *Mitologia*, Vol. I, p. 236. Ed. Abril, São Paulo, 1973.

fluida atrai as mulheres, algumas por amizade, outras buscando relações íntimas. Os relacionamentos com os piscianos, geralmente, trazem desde estados de êxtase e plenitude até a ruptura e o desentendimento completo, onde cada um fala uma língua diferente. Acreditar que o casamento pode torná-los monogâmicos é apostar na desilusão. Esperar que eles se tornem sérios e responsáveis senhores é em vão. Porém aceitá-los como são e predispor-se a viver, plenamente, toda essa riqueza de experiências dionisíacas pode levar ao êxtase e a uma nova compreensão da complexidade humana.

*Depois de espalhar seu culto pelo mundo, Dioniso ascendeu ao Olimpo, onde foi aceito como uma das Doze Divindades Olímpicas e pôde, finalmente, ocupar seu lugar à direita de Zeus.* "De acordo com Karl Kerenyi, Dioniso foi venerado durante 1.000 anos na Europa e no Oriente Médio. Seu culto foi depois substituído pelo de outra Criança Divina, Jesus Cristo, um Redentor que trazia uma mensagem mística semelhante à de Dioniso – compaixão, comunhão, graça, unidade com o Divino e redenção através do sacrifício..."[16]

E esta parece ser a sina dos Peixes: agir de forma sempre desconhecida e nos mostrar que é possível "navegar por mares nunca dantes navegados", desde que estejamos dispostos a enfrentar os desafios e perigos do vasto e caótico oceano que é a psique humana. Nessa viagem podemos encontrar, finalmente, a fera e a divindade que existem em cada um de nós e, nessa integração, vivenciar a plenitude do *ser* cósmico.

Na Fábula dos Doze Dons os Peixes recebem a mais difícil de todas as tarefas: "...deverás reunir todas as tristezas dos homens e trazê-las de volta para Mim. Tuas lágrimas serão Minhas lágrimas. Cabe a ti levar aos homens a Compaixão; e por essa tarefa Eu te concedo o mais alto dom: a Compreensão do Divino".[17]

16 Burt, Kathleen. *Arquétipos do Zodíaco*, p. 436. Ed. Pensamento, São Paulo, 1993.

17 Schulman, Martin. *Karmic Astrology*, Vol. I, p. 127. Tradução livre do autor. Ed Samuel Weiser, Nova Iorque, 1975.

# Bibliografia


ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia.* Tradução e Notas de Hernani Donato. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1979.

ARROYO, Stephen. *Astrologia, Psicologia e os Quatro Elementos.* Tradução de Maio Miranda. Ed. Pensamento, São Paulo, 1984.

ARROYO, S. & GREENE, L. *Jupiter-Saturn Conference Lectures.* CRCS Publications, Reno, 1984.

BAILEY, Alice. *Los Trabajos de Hércules.* Tradução de Edmundo Waisman e Zulema Gómez. Luis Cárcamo Ed., Madri, 1983.

_____. *Tratado sobre los Siete Rayos.* Tradução e Edição da Fundación Lucis, Buenos Aires, 3 vols. 1982.

BLAVATSKY, Helena P. *Glossário Teosófico.* Tradução de Silvia Sarzana. Ed. Ground, São Paulo, s/d.

BOLEN, Jean Shinoda. *Gods in Everyman.* Harper & Row Publ., Nova Iorque, 1990.

BOLEN, Jean Shinoda. *Gods in Everywoman.* Harper & Row Publ., Nova Iorque, 1985.

BONNEFOY, Yves et all. *Dictionnaire des Mythologies.* Ed. Flammarion, Paris, 2 vols., 1981.

BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega.* Ed. Vozes, Petrópolis, 2 vols, 1991.

_____. *Mitologia Grega. Vol I.* Ed. Vozes, Petrópolis, 7ª ed., 1991.

_____. *Mitologia Grega. Vol II.* Ed. Vozes, Petrópolis, 4ª ed., 1991.

_____. *Mitologia Grega. Vol III.* Ed. Vozes, Petrópolis, 3ª ed., 1990.

BULFINCH, Thomas. *Myths of Greece and Rome.* Ed. Penguin Books, Nova Iorque, 1981.

BURKHARD, Gudrun. *As Forças Zodiacais e sua Atuação na Alma Humana.* Ed. Ass. Ben. Tobias, São Paulo, 1987.

BURN, Lucilla. *Mitos Gregos.* Tradução de Geraldo Costa Filho. Ed. Moraes, São Paulo, 1992.

BURT, Kathleen. *Arquétipos do Zodíaco*. Tradução de Euclides Calloni e Cleusa Wasgran. Ed. Pensamento, São Paulo, 1993.

CABOT, Laurie & Cowan, Tom. *O Poder da Bruxa*. Tradução de Álvaro Cabral. Série Somma. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 3ª ed., 1992.

CALASSO, Roberto. *As Núpcias de Cadmo e Harmonia*. Tradução de Nilson Moulin Louzada. Companhia das Letras, São Paulo, 2ª ed., 1991.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. Ed. Cultrix, São Paulo, 1993.

_____. *As Máscaras dos Deuses. Mitologia Primitiva*. Tradução de Carmen Fischer. Ed. Palas Athenas, São Paulo, 1992.

_____. *As Transformações do Mito através do Tempo*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Ed. Cultrix, São Paulo, 1993.

CAMPBELL, Joseph & Moyers, Bill. *O Poder do Mito*. (org.) Betty Sue Flowers. Tradução de Carlos Felipe Moisés. Ed. Palas Athena, São Paulo, 1990.

CHALLAYE, F. *Pequena História das Grandes Religiões*. Tradução de Alcântara Silveira. Ed. IBRASA, São Paulo, 1962.

CLOW, Barbara Hand. *Quíron. Ponte de Ligação entre os Planetas Interiores e Exteriores*. Tradução de Constantino Kouzmin Korovaeff. Ed. Pensamento, São Paulo, 1992.

COMMELIN, P. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1993.

CUNNINGHAM, D. *Being a Lunar Type in a Solar World*. Samuel Weiser Ed., Nova Iorque, 1982.

DAVIDSON, Ellis. *Gods and Myths of Northern Europe*. Pelican Book, Great Britain, 1964.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*. Tradução de Rogerio Fernandes. Coleção Vida e Cultura. Ed. Livros do Brasil, Lisboa, 1960.

_____.*Mito do Eterno Retorno*. Tradução de José Antonio Ceschin. Ed. Mercuryo, São Paulo, 1992.

_____. *Mito e Realidade*. Tradução de Pola Civelli. Coleção Debates. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1986.

ÉSQUILO. *A Trilogia de Orestes*. Tradução de David Jardim Júnior. EDIOURO, Rio de Janeiro, 1988.

FARRAR, Janet & Farrar, S. *O Deus dos Magos*. Tradução de J. E. Smith Caldas. Ed. Siciliano, São Paulo, 1993.

FEINSTEIN, David & Krippner, S. *Personal Mythology. The Psychology of Your Evolving Self*. Jeremy P. Tarcher, Inc., Los Angeles, 1988.

FIRMINO, Nicolau (org.). *A Eneida de Virgílio*. Acadêmica de D. Felipa, Lisboa, 6ª ed., 1959.

FLACELIÈRE, Robert. *A Vida Cotidiana dos Gregos no Século de Péricles.* Tradução de Virginia Motta. Ed. Livros do Brasil, Lisboa, 1958.

FREIRE, Roberto. *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu.* Ed. Símbolo, São Paulo, 1977.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas.* Direção Geral da Tradução de Jayme Salomão. ESB Imago Ed., Rio de Janeiro, 23 vols., 1974.

GEORGE, Demetra. *Asteroid Goddesses.* ACS Publications, San Diego, 1988.

GONÇALVES, Ryokan. *Textos Budistas e Zen-Budistas,* Seleção e tradução. Clássicos Cultrix, São Paulo, 1967.

GRAVES, Robert. *Deuses e Heróis do Olimpo.* Tradução de Barbara Heliodora. Xenon Ed., Rio de Janeiro, 1992.

_____. *Os Mitos Gregos.* Tradução de Fernanda Branco. Publ. Dom Quixote, Lisboa, 3 vols., 1990.

GREEN, Jeff. *O Livro de Urano. A Libertação do Conhecido.* Tradução de Angela Perez de Sá. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 1991.

_____. *Pluto. The Evolutionary Journey of the Soul.* Llewellyn Publ., St. Paul, 1989.

GREEN, Landis Knight. *The Astrologer's Manual.* Ed. Arco Publ. Co., Nova Iorque, 1975.

GREENE, L. *A Astrologia do Destino.* Tradução de Carmen Youssef. Ed. Cultrix, São Paulo, 1989.

_____. *Relating.* Samuel Weiser Ed., Nova Iorque, 1984.

_____. *Star Signs for Lovers.* Stein & Day Ed., Nova Iorque, 1980.

GREENE, L. & SASPORTAS, H. *The development of the Personality.* Samuel Weiser, Nova Iorque, 1987.

_____. *Dynamics of the Unconscious.* Samuel Weiser, Nova Iorque, 2 vols., 1988.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana.* Tradução de Victor Jabouille. Difel, Lisboa, 1992.

HAMILTON, Edith. *A Mitologia.* Tradução de Maria Luísa Pinheiro. Publ. Dom Quixote, Lisboa, 3ª ed., 1983.

HAND, Robert. *Horoscope Symbols.* Ed. Para Research, Massachussets, 1981.

HESÍODO. *Teogonia — A Origem dos Deuses.* Estudo e Tradução de Jaa Torrano. Ed. Iluminuras, São Paulo, 2ª ed., 1992.

_____. *Os Trabalhos e os Dias (Primeira Parte).* Tradução e Comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. Ed. Iluminuras, São Paulo, 1991.

HILMAN, James (org.), *Encarando os Deuses.* Tradução de Cláudio Giordano. Ed. Cultrix, São Paulo, 1992.

HOMERO. *A Ilíada.* (em forma de narrativa). Tradução e Adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes. EDIOURO, Rio de Janeiro, s/d.

_____. *Homeric Hymns*. Tradução de Charles Boer. Spring Publications, Texas, 1979.

_____. *Odisséia*. Tradução e Notas de Cascais Franco. Publ. Europa-América, Sintra, 2ª ed.,1990.

JONES, M. E. *Fundamentals of Number Significance*. Sabian Publishing Society, Washington, 1978.

JOHNSON, Robert. *She. A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina*. Tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca. Ed. Mercuryo, São Paulo, 1987.

JUNG, C. G. *Aion. Estudos sobre o Simbolismo do Si-Mesmo*. Tradução de D. Mateus Ramalho Rocha. Ed. Vozes, Petrópolis, 1986.

_____. *Collective Works*. Vol 9. Bollingen Series. Princeton University Press, Princeton, 1971.

_____. *O Homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 5ª ed., 1980.

_____. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Tradução de Dora F. da Silva. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 11ª ed., 1975.

_____. *Psicologia e Alquimia*. Obras Completas, Vol XII. Tradução de Maria Luiza Appy, Margaret Makray e Dora F. da Silva. Ed. Vozes, Petrópolis, 1991.

LAMAS, Maria. *Mitologia Geral. O Mundo dos Deuses e dos Heróis*. Ed. Estampa, Lisboa, 6 vols., 1972.

LANZ, R. *Passeios através da História*. Ed. Antroposófica, São Paulo, 1985.

DE MASCHEVILLE, Emma Costet. *Elementos Básicos de Astrologia*. Escola Júpiter, São Paulo, 1980.

McLEAN, Adam. *A Deusa Tríplice. Em Busca do Feminino Arquetípico*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. Ed. Cultrix, São Paulo, 1992.

McNEILL, William. *História Universal. Um Estudo Comparado das Civilizações*. Tradução de Leonel Vallandro. Editora da USP, São Paulo, 1972.

MEUNIER, Mário. *Nova Mitologia Clássica*. Tradução de Alcântara Silveira. Ed. IBRASA, São Paulo, 7ª ed., 1994.

MÜLLER, Lutz. *O Herói. Todos Nascemos para ser Heróis*. Tradução de Erlon José Paschoal. Ed. Cultrix. São Paulo, 1992.

NEUMANN, Erich. *Amor e Psiquê*. Tradução de Zilda Hutchinson Schild. Ed. Cultrix, São Paulo, 1990.

_____. *História da Origem da Consciência*. Tradução de Margit Martincic. Ed. Cultrix, São Paulo, 1990.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarô. Uma Jornada Arquetípica*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Ed Cultrix, São Paulo, 1988.

NOLLE, Richard. *Chiron: The New Planet in your Horoscope*. AFA, Tempe, 1983.

OVÍDIO. *Trechos Selecionados*. Seleção e Notas Pe. Dr. Bernardo Harmsen. Ed. Vozes, Petrópolis, 1962.

QUALLS-CORBETT, Nancy. *The Sacred Prostitute*. Inner City Books, Toronto, 1988.

RICCI, Angelo (org.), *Mitologia*. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 3 vols., 1973.

RIBEIRO, Joaquim Chaves. *Vocabulário e Fabulário da Mitologia*. Martins Ed., São Paulo, 1962.

RUDHYAR, Dane. *Astrological Insights into the Spiritual Life*. Aurora Press, Nova Iorque, 1979.

_____. *The Planetarization of Consciousness*. Aurora Press, Nova Iorque, 1977.

_____. *Astrological Signs the Pulse of Life*. Shambala Publ., Colorado, 1978.

SCHULMAN, Martin. *Celestial Harmony*. Samuel Weiser Ed., Nova Iorque, 1980.

_____. *Karmic Astrology. The Moon Nodes and Reincarnation*. Samuel Weiser, Nova Iorque, 1975.

SCOTT, J. A. *Homero y su Influencia*. Ed. Nova, Buenos Aires, 1946.

STARCK, Marcia. *Earth Mother Astrology*. Llewellyn Publ., St. Paul, 1990.

STASSINOPOULOS, Arianna. *The Gods of Greece*. Ed. Abrams, Nova Iorque, 1983.

STEIN, Diane. *As Sacerdotisas*. Tradução de J. E. Smith Caldas. Ed. Siciliano, São Paulo, 1990.

STEINER, Rudolf. *Man as Symphony of the Creative Word*. Rudolf Steiner Press, Londres, 1970.

TRIMEGISTOS, Hermes. *"Corpus Hermeticum" e Discurso de Iniciação*. Textos escolhidos e traduzidos por Marcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. Ed. Hemus, São Paulo, 1978.

TYLER, Pamela. *Mercury. The Astrological Anatomy of a Planet*. Aquarian Press, Grã-Bretanha, 1985.

UYLDERT, Mellie. *Mãe Terra*. Tradução de Zilda Hutchinson Schild. Ed. Pensamento, São Paulo, 1989.

VERNANT, Jean-Pierre. *Figuras, Ídolos e Máscaras*. Tradução de Telma Costa, Ed. Teorema, Lisboa, 1993.

_____. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Ed. Papirus, São Paulo, 1992.

VIRGILIO M. P. *Opera*. Ed. Simonem Benard, Paris, 1682.

WAIBLINGER, Angela. *A Grande Mãe e a Criança Divina*. Tradução de Tatiana Tuermorezow. Ed. Cultrix, São Paulo, 1992.

WARAN, Marilyn. *O Livro de Netuno*. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 1991

WATSON, Lyall. *Onde Vivem as Lendas*. Tradução de Luiz Corção. Ed. DIFEL, São Paulo, 1979.

WATTS, Allan. *A Vida Contemplativa*. Tradução de Celso Mayer. Ed. Record, São Paulo, 1971.

_____. *O Budismo Zen*. Tradução de Carlos Grifo. Ed. Presença, Lisboa, 1970.

WHITMONT, Edward C. *Retorno da Deusa*. Tradução de Maria Sílvia Mourão. Summus Editorial, São Paulo, 1991.

WIRTH, Oswald. *El Simbolismo Astrológico*. Tradução de Emílio Somarí. Ed. Teorema, Barcelona, 3ª ed., 1982.

WOOLGER, Jennifer B. e Woolger, Roger. J. *A Deusa Interior. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. Ed. Cultrix, São Paulo, 1992.*

NOTA DO AUTOR: Esta Bibliografia refere-se às principais fontes de consulta para a confecção deste texto e não pretende encerrar a vasta literatura referente à Mitologia ou à Astrologia.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
**IMAGO EDITORA**
RUA SANTOS RODRIGUES, 201-A
RIO DE JANEIRO – RJ